

Lisa Marie Rice *Midnight Angel* *Midnight 3*

Os pesadelos não se detêm quando se abre os olhos...

Uma noite, a grande música e cantora Allegra Ennis perdeu a visão, seu pai e sua carreira musical, vítima de um brutal ataque que não consegue recordar. Agora está sozinha em um mundo de escuridão, com a única companhia dos pesadelos... e um assassino que espreita cada um de seus movimentos.

Cheio de cicatrizes e desfigurado pela guerra, o antigo Seal Douglas Kowalski nunca imaginou que uma beleza como Allegra pudesse amar alguém como ele. Acredita que só poderá desfrutar de uma breve aventura com ela. Mas quando a vida de Allegra é ameaçada, Kowalski se dá conta que fará qualquer coisa para mantê-la a salvo... e a seu lado.

Disp em Espanhol: Elloras Digital

Envio do arquivo: Gisa

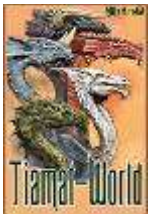
Revisão: Lucilene

Revisão Final: Lu Salvatore

Formatação: Lucilene e Gisa

Tiamat - World





Comentário Lucilene: O livro é lindo, fecha com chave de ouro a trilogia. O mocinho é do tipo rude, mas todo apaixonado pela mocinha, super dedicado. Um acha que não merece o outro: ela por ser cega e ele por ser feio. Vale a pena ler. Espero que a autora ainda escreva a história do Jacko.

Comentário Lu Salvatore: Livro maravilhoso, quero um desse para mim. O cuidado, a preocupação dele com ela, é algo emocionante e apaixonante. Realmente, o Douglas é lindo. Espero que tenha a história do Jacko.

Capítulo 1

Portland, Oregón

Sábado, 15 de janeiro.

Parks Foundation

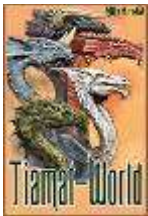
Cerimônia de abertura da exposição de “As Joias dos Czares”

—Fodido smoking. — resmungou John Huntington em voz baixa, puxando a gravata borboleta negra do smoking.

O major Douglas Kowalski, da marinha dos Estados Unidos, olhou como o ex-oficial e sócio atual na empresa, movimentava os ombros com inquietação. Kowalski não era de natureza sorridente, não tinha sorrido em anos, mas se viu tentado. Ele e John, aliás, Midnight, tinham passado quase vinte malditos anos juntos no lado oposto do planeta jogando com a vida sob as condições mais perigosas. Tinham mergulhado em águas próximas ao Círculo Polar Ártico, tinham passado quatro meses sob o sol do deserto do Afeganistão sem nenhum refúgio, uma vez tinham ficado presos sob o fogo em linhas inimigas durante uma semana sem mantimentos e com nem sequer quatro litros de água para os dois.

Medindo com esta escala de desconforto, um smoking, por muito apertado que fosse, era algo tão mínimo que não entrava nos registros. E aí estava esse enorme e perigoso Midnight grunhindo aborrecido por algumas roupas.

—Smoking de merda. Por que tenho que foder-me...? —A voz de Midnight se cortou de repente, silenciado pelo cotovelo delicado e bicudo de sua esposa, cravado a um lado de seu corpo.



O torso de John estava sulcado por uns enormes músculos iguais aos de Kowalski. Era impossível que sua linda esposa Suzanne pudesse machucá-lo. O mais provável era que Midnight nem sequer houvesse sentido o cotovelo. Entretanto, Kowalski tinha aprendido durante as duas semanas que passara sendo sócio de John na empresa, que Suzanne podia ferir Midnight de modos que não eram físicos. Por alguma razão que só conhecia o próprio Midnight, tinha dado a sua flamejante esposa um poder enorme sobre sua vida. O que ela queria, conseguia. Naquele momento o que queria era que ele se calasse, assim que isso foi o que o homem fez, apertou os lábios e manteve a boca fechada.

—Cale-se, John! —sussurrou ela olhando a seu redor, com um sorriso tão brilhante quanto falso em seu lindo rosto. Poderia ter economizado a preocupação. Não havia ninguém perto para ouvi-los. Todo mundo estava muito ocupado com os ohs e ahs de admiração ante a exibição das joias russas de um valor incalculável. Suzanne tinha desenhado as vitrines, e Kowalski tinha que admitir que eram impressionantes. Esta noite era um triunfo profissional para ela. A atrativa Suzanne era a única coisa sobre a face da terra que faria com que John se embutisse em um smoking.

Kowalski girou para olhar ao resplandecente auditório que se reuniu na magnífica mansão centenária do Parks Foundation. Ele se encontrava cômodo com seu smoking. Nunca teria podido alugar um que tivesse suas dimensões, assim mandou que fosse feito um à sua medida de altura e largura de ombros por um alfaiate de Singapura. Os dois estavam maravilhosamente adaptados, com um lugar arrumado sob a axila esquerda para levar sua pistola.

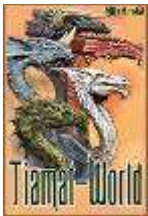
A que tinha tido que deixar em casa.

Quão único fazia que Kowalski se encontrasse incômodo era a falta de uma arma, algo no que Suzanne tinha insistido muito. John tinha protestado zangado, mas Suzanne havia plantado seu bonito e pequeno corpo e, ante o assombro de Kowalski, John tinha cedido. Era a primeira vez que tinha visto Midnight retratar-se em algo.

Um Midnight desarmado já era bastante mau, mas Kowalski quase tinha dado um ataque quando Suzanne insistiu em que ele também fosse desarmado na inauguração da exposição de joias. Além disso, a mulher tinha sido bastante específica sobre isso, o que queria dizer que aprendia com rapidez o que significava estar casada com John.

Nenhuma arma. Nenhuma. Nenhuma arma, nenhuma pistola, nenhum fuzil, nenhuma metralhadora, nenhuma automática. Nenhuma K-Bar. Nenhum Emerson CQC6 desdobrável. Nenhum outro tipo de faca. Nenhum pau, nenhuma arma paralizadora. Nada. Ponto final. Nada. Nada de nada.

Kowalski tinha olhado consternado para Midnight. John era o que estava preso, que tinha que agradar a esposa. Por que diabos tinha ele que aceitar ir desarmado? Por que não podia levar sua arma como fazia sempre? Odiava sair desarmado. O fazia sentir-se nu. Ele não estava apaixonado por Suzanne, assim, por que tinha que aceitar essa babaquice?



Kowalski tinha aberto a boca para dizer “sinto, mas não, certamente que não, que me fodam se aceitar” quando viu por um momento a súplica nos olhos de Midnight.

John tinha lhe salvado a vida três vezes e em 98 havia se interposto no caminho de uma bala que ia destinada a ele. Kowalski também tinha salvado sua pele, é óbvio. Os laços entre eles eram muito fortes e profundos para dizer não.

Com um silencioso suspiro, olhou para Suzanne Huntington e lhe disse, com a mandíbula apertada, que é óbvio se sentiria feliz de ir à inauguração da exposição de joias russas. Desarmado. Teria preferido que lhe arrancassem todos os dentes sem ajuda da anestesia.

Entretanto, John parecia agradecido. Isso era como uma dívida, e Kowalski a cobraria, com tempo.

Suzanne o olhou.

—Você está passando bem, Douglas?

Kowalski quase não respondeu até que se deu conta que se dirigia a ele. Douglas. Ninguém sobre a face da terra o chamava Douglas, exceto Suzanne. Tinha sido Kowalski, ou major, durante tanto tempo que quase esqueceu seu nome de batismo.

—É óbvio. —mentiu ele. — Uma exposição fascinante. Umas joias magníficas. Umas vitrines grandiosas.

—Bem, estou encantada que esteja passando por isso bem. Agora por favor, diga a meu marido que se divirta.

Kowalski olhou para John.

—Divirta-se Midnight. É uma ordem.

John o olhou com cenho franzido.

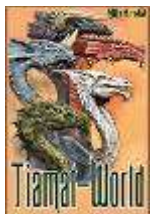
Suzanne dirigiu a Kowalski um resplandecente sorriso. Ele quase deu a volta para olhar a seu redor e ver para quem ela sorria.

As mulheres belas não sorriam para Kowalski. E não é que ele as culpasse já que sabia qual era seu aspecto. Parecia um valentão. Um valentão duro, perigoso e malvado. Provavelmente porque era duro, perigoso e malvado.

Era insólito que uma mulher sorrisse para ele. Fazia honra a Suzanne que conseguisse fingir que ele se parecia com todos outros.

E não era verdade. Tinha nascido grande, com traços rudes e irregulares e a vida não tinha suavizado nenhum deles. Tinham-lhe quebrado o nariz quatro vezes. Fazia dez anos que um terrorista tinha ido atrás dele com uma faca. O grande fodido tinha conseguido lhe abrir a mandíbula de um corte antes que Kowalski o deixasse fora de combate. Tinha ocorrido a uns mil quilômetros do hospital mais próximo e teve que costurar ele mesmo o profundo corte usando a folha da faca como espelho. A marinha tinha se oferecido para pagar a operação de cirurgia plástica para reparar o dano, mas ele a tinha rechaçado.

Ao Kowalski importava uma merda a cicatriz, — quanto mais áspero parecesse, melhor— e de todos os modos, já estava farto de facas.



Passou toda sua vida adulta sendo um homem duro. Treinando outros homens duros para enfrentarem à morte. E isso não se fazia sorrindo com amabilidade e com olhos resplandecentes. Esforçou-se tanto para que sua cara mostrasse severidade que se converteu em sua segunda natureza.

Sentia-se estranho ao sorrir, assim nunca o fazia.

—Suzanne! Aqui está! Que triunfo, querida! —Dois homens esbeltos com smokings brancos se aproximaram deles envoltos em uma nuvem de perfume e beijaram o ar que havia junto às bochechas de Suzanne. Eram muito elegantes e muito esqueléticos. Percorreram de cima a baixo Midnight com um olhar de aprovação, olharam para Kowalski, estremeceram, e voltaram a dirigir-se a Suzanne.

—Querida. — disse um dos homens tomando-a pelo braço. — Idealizou uns desenhos fabulosos. Asseguro a você que Nomura está morto de ciúmes. — Franziu os lábios. — O tem bem merecido essa víbora, imagina? Queria usar vidro e cobre. Não teria sido o mesmo absolutamente. Iremos almoçar com ele a semana que vem para desfrutar. Melhor ainda, vamos dar uma volta e desfrutar agora mesmo. Será delicioso.

O cenho de John se fez ainda mais profundo. Nem sequer ele poderia estar ciumento daqueles dois homens. Estava claro que nenhum deles havia fodido alguma vez a uma mulher, e também que não tinham querido foder. Kowalski pensou que o que John não via com bons olhos era que Suzanne não estivesse ao alcance de seus braços.

—Minha querida Suzanne, — disse o outro homem. — acabo de ver entrar Marvin Lipinsky. Tem que vir conosco agora mesmo e falar com ele. Sabe que está pensando em expor o ano que vem sua coleção pré-colombina? Aposto que faria um trabalho brilhante na exposição. Vamos, querida. Não o deixemos escapar.

John deu um passo para frente.

—Não. — disse. — Não vou a...

Suzanne pôs a mão em seu braço. Ficou nas pontas dos pés e o beijou na bochecha com suavidade.

—Volto em seguida. —disse enquanto seus olhos cor azul cinzento lhe enviavam uma mensagem bem clara *“Fique aqui quieto. E se comporte”*.

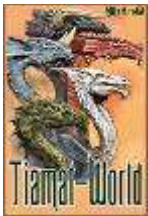
O olhar que dirigiu a Kowalski também estava muito claro. *“E você, você vai assegurar-se de que ele fique aqui e que não me envergonha”*.

Com um último olhar risonho a seu marido, Suzanne se afastou.

John ficou olhando com expressão sombria.

Um garçom com um elegante uniforme se deteve diante deles. Levava uma bandeja de prata maciça com taças altas de champanha. John agarrou uma e a bebeu de um gole.

O garçom vacilou um momento antes de oferecer uma a Kowalski. Kowalski apertou a mandíbula. Sabia que parecia um operário tosco, alguém mais cômodo junto a uma equipe de construção ou em um cais de carga que em um cenário elegante. Mas merda,



estava claro que era um convidado, com um perfeito comportamento e vestido para a ocasião com smoking e tudo.

Kowalski pegou uma taça da bandeja e bebeu um gole. O champanha era magnífico, seco e frio. Observou John que olhava como sua esposa ia de grupo em grupo, e tomou outro gole. Era melhor aproveitar o prazer lá onde pudesse encontrar. Estava condenadamente seguro que John não ia ser uma companhia divertida.

—Parece duro isso de estar casado. —disse por fim Kowalski.

—Não acredita. —respondeu John sem afastar o olhar de sua esposa. — Estar casado é fodidamente fácil. Merda, não tinha nem ideia, porque se chegasse a ter teria me casado antes. Vivo em uma casa magnífica. Minha esposa me desenhou um escritório fantástico. Minhas comidas são regulares e deliciosas. Tenho sexo habitual. A roupa lavada e engomada. Não, não é estar casado o que é duro. —John girou a cabeça para olhar Kowalski. E Kowalski viu algo no rosto de John que jamais pensou que veria. Medo. Vulnerabilidade. — O que é realmente duro é estar apaixonado. É dilacerador.

Esse era um John Huntington completamente novo e isto quase mata Kowalski de susto.

—Quase a perdi, major. —murmurou John, e seu rosto se tornou lívido.

Kowalski respondeu com brutalidade.

—“Quase não é suficiente”, Midnight. Sabe. —O mantra dos grupos de assalto. Quase nunca é suficiente. Como “quase não pode acertar no alvo”. Como “quase não pode apanhar um terrorista”. A ninguém preocupa se “quase” o mataram ao retornar à base sob o fogo inimigo, faz o que tenha que fazer e volta para o campo de ação.

Os músculos da mandíbula de John esticaram.

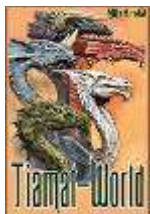
Kowalski tinha chegado a Portland fazia pouco mais de duas semanas como sócio da nova empresa de John. Bem a tempo para encarregar-se da Alpha Security International, quando John desapareceu. A mulher pela qual Midnight se apaixonou tinha sido ameaçada de morte por Paul Carson, um homem de negócios com conexões com o crime organizado. Ela tinha sido testemunha do assassinato da esposa de Carson, assim o homem a tinha estado caçando antes que pudesse depor como testemunha da acusação.

Quando Midnight desapareceu, Kowalski o tinha substituído temporariamente, recebendo um curso intensivo de como levar uma empresa de segurança de crescimento rápido.

Midnight reapareceu quatro dias mais tarde, quando o FBI liberou Suzanne da vigilância policial. O perigo tinha terminado. Paul Carson tinha tido um acidente mortal. Sua testa havia se interposto por acaso no caminho de uma bala de rifle de calibre 50 de um franco-atirador.

No dia seguinte, John casava com Suzanne. A Kowalski ainda parecia estranho que seu amigo estivesse casado. Os guerreiros não se casavam. Tinham sexo, claro, para desafogar-se. Era um fato que os soldados fodiam tanto como podiam, porque estavam acostumados a estar sob muita tensão e às vezes passavam meses sem poder fazê-lo. Sexo era um relaxante garantido aos músculos. Mas o amor? O matrimônio? Não no manual.

Negou com a cabeça e bebeu outro gole.



Suzanne abriu caminho para eles, balançando-se com graça pelos ladrilhos de mármore. John se endireitou, vigiando cada passo que dava.

Desapaixonadamente, Kowalski tinha que admitir que aquela Suzanne Huntington era na verdade uma mulher muito bela.

Ela sorriu ao chegar junto a seu marido.

—Já estou aqui, John, vê? Não foi tão mau, verdade? Fui, falei com algumas pessoas sobre o negócio, fiz alguns contatos e estou de volta. —Negou com a cabeça, fazendo que o cabelo loiro tomasse a forma de um sino ao redor de seu rosto. — E não aconteceu nada.

O cenho de John se fez mais profundo e Suzanne riu. Outra linda mulher se aproximou por detrás dela. De cabelo escuro, magra, com um vestido vermelho sem alças.

Kowalski sabia quem era. Claire Parks, herdeira da fortuna Parks e esta noite a anfitriã. Muito rica. Asquerosamente rica, de fato. Era também a mulher que tinha estado absorvendo a mente do amigo de John, o tenente da polícia de Portland, Bud Morrison.

Ela tinha rompido seu compromisso com Bud uns dias depois que Kowalski chegou, e após disso Bud tinha sido um cadáver ambulante.

Kowalski acabou a taça e pegou outra da bandeja de um garçom que passava. Mulheres. Tinha visto homens fortes, homens que nem o inimigo mais treinado podia derrotar, ficarem destroçados por uma mulher. Feitos pó. E não havia nada mais certo: as mulheres, particularmente as mulheres bonitas, davam-lhe um medo de morte. Entretanto nunca tinha estado escravizado por nenhuma. Graças a Deus, ele era imune.

Claire Parks pôs as mãos nos ombros de Suzanne.

—Olá. — murmurou lhe dando um beijo na bochecha. — Felicidades pelas vitrines. São magníficas. Quase tão lindas quanto as próprias joias.

—Obrigada, querida. —Suzanne sorriu e colocou uma mecha de cabelo loiro escuro detrás de uma orelha.

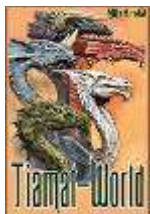
—Trabalhei muito nelas. Foi um prazer e um privilégio. As joias são de verdade deliciosas.

Sorrindo, Claire Parks olhou a seu redor e ficou gelada ao ver Kowalski. Ficou olhando com uma mistura de curiosidade e horror, e logo desviou os olhos olhando para longe. Suzanne se deu conta e suspirou.

—Claire. —disse com um sorriso forçado. — Eu gostaria de apresentá-la ao major Douglas Kowalski. É o novo sócio de John.

Era como se os pensamentos de Claire Parks estivessem sendo emitidos por radio em voz alta e clara. Esse é o novo sócio de John? Este valentão enorme e temível, que parece um capanga com smoking? Kowalski podia ler com toda clareza o que estava pensando Claire Parks. Suzanne tem que viver onde o vê continuamente? Pobre, pobre Suzanne.

A empresa de John, Alpha Security International, ocupava a metade de uma fábrica restaurada em uma área perigosa da cidade. Suzanne fazia um trabalho magnífico



restaurando o edifício, e ele que estivesse em uma área violenta da cidade era uma circunstância que satisfazia a natureza do negócio de ambos. A vantagem estava em que ela e John viviam na outra metade da fábrica.

A preciosa senhorita Parks cumpriu com seu dever. Não tremeu e não retrocedeu. Tinham-lhe ensinado maneiras. Estendeu a mão, olhou-o nos olhos durante um milésimo de segundo, e logo desviou o olhar para algum ponto por cima de seu ombro direito.

—Major Kowalski. —Os lábios se elevaram nos cantos. Não se podia dizer que fosse um sorriso, mais um pequeno vislumbre dos dentes. — En-encantada do co-conhecer.

Merda. Tinha a feito gaguejar e nem sequer se atrevia a olhá-lo à cara. Segurou-lhe a mão com delicadeza, uma mão que tremia ligeiramente. Em que diabos acreditava essa mulher? Que comia mãos femininas no jantar?

Kowalski odiava isto. Odiava que o olhassem como a um maldito animal de um zoológico. Tinha-lhe acontecido durante toda a vida, e era o motivo pelo qual se afastava dos civis.

Vir aqui esta noite tinha sido um engano, um que não voltaria a repetir. Já tinha tido o bastante. Ia apertar a mão de Claire Parks, desculpar-se ante John e sua mulher, meter-se em seu SUV e ir para casa.

Talvez o que precisava era foder. Talvez pudesse ligar para aquela mulher que tinha recolhido no Pearl a semana passada e fodê-la. Charlene alguma-coisa.

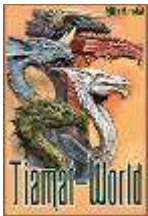
Merda, não. A tal Charlene o assustava. Não deixava de pedir sexo cada vez mais rude, inclusive quando já estava seguro que a estava machucando. Ao final ele partiu sem ter um orgasmo. Isso foi quando ela sugeriu que gostaria que a amarrasse e a fodesse com mais violência. Ele pesava pelo menos cinquenta quilogramas mais que a mulher. Sabia que tinha um aspecto aterrador, e em muitos aspectos o era, mas nunca poderia fazer mal a uma mulher, de nenhuma das maneiras. Foi só quando viu o brilho febril em seus olhos que compreendeu que talvez Charlene quisesse que a machucasse. A encantava ter sexo com alguém a quem considerava violento. Como uma droga, estava viciada no sexo violento.

Não, nada de sexo esta noite. De todas as maneiras Suzanne que, certamente, estava proibida para o senhor Monstro, era a única mulher que conhecia em Portland. Bom, iria para casa e escutaria o álbum novo de Norah Jones. Sim, decidido, ficaria cômodo no sofá com uma garrafa de uísque ao lado e escutaria e se envolveria nessa voz aveludada e se embabedaria. Era o mais perto que chegaria de uma mulher bonita.

Mas primeiro tinha que superar os seguintes minutos.

—Senhora. —disse. Apertou a mão de Claire Parks durante justo quatro segundos. Kowalski tinha as mãos grandes e fortes. Fazia muito tempo que tinha aprendido como evitar a fazer mal. Apertou suave e cuidadosamente. Escolheu as palavras, uma por uma, para que fossem o menos ameaçadoras possíveis. — Encantado. Este é um edifício muito bonito. Parabéns pela exposição.

Tinha uma voz excepcionalmente profunda e viu como os olhos da mulher se abriam muito ao ouvi-la. A mão de Claire Parks estremeceu e ele se conteve para não suspirar e elevar os olhos



ao céu quando a soltou. Pela milionésima vez, Kowalski se alegrou de não ter encontros com damas. As mulheres às que fodia não se fixavam em seu aspecto. Só queriam sexo com ele, forte e abundante. Exatamente o que podia lhes dar. Tudo voltaria a estar em seu lugar enquanto não esperasse nada mais da próxima festa. Foi então quando ouviu a voz. A voz de um anjo que vinha direto do céu.

Capítulo 2

Portland, Oregón

Sábado, 15 de janeiro

Instituto Psiquiátrico e Prisão de Spring Harbor

Estavam tocando aquela canção, a canção dela, em alguma parte do edifício. Alguém tocava aquela canção. Corey Sanderson não podia suportá-la.

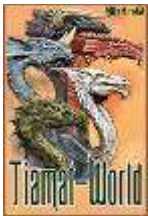
Tão debulhada, tão antiquada, com tão pouco ritmo, e isso só a melodia. A voz soava como se fosse do século dezenove.

Argh. Que merda.

Não era estranho que as vendas daquela cadela caíssem em disparada. Por que não o tinha escutado? Ele a tinha levado até o mais alto. Primeiro tinha conseguido um espaço no Show Today e logo uma apresentação no Vanity Fair, com fotos de nus artísticos feitas por Richard North, o célebre fotógrafo, nada menos. Tinha sido uma verdadeira façanha. Tinha levado semanas para consegui-lo. E quando anunciou a ela, a putinha o rechaçou. Rechaçou-o completamente. Rechaçou a ele! Ninguém dizia não a Corey Sanderson, ninguém.

Ela o havia dito com muita frieza, justo antes de cancelar o concerto de San Diego, onde ele tinha contratado uma banda de hip-hop como abertura. Tinha investido muito dinheiro naquela cadela, tinha pedido muitos favores. Favores que tampouco tinham sido fáceis de conseguir, porque já tinha um passado... um tempo desde que tinha sido o primeiro em sua atividade. Nada sério, só uns pequenos revés, mas o negócio da música se movia rápido, e era implacável. As pessoas começavam a falar dele no passado e isso era intolerável. Corey Sanderson era O Homem. Sempre tinha sido e sempre seria. E nenhuma cadela irlandesa poderia mudar isso.

A tinha escolhido como seu meio para retornar e em lugar de estar agradecida, o tinha... rechaçado. Ainda agora seguia estupefato. Ainda a via, aquela tarde, em seu apartamento de cobertura de luxo com a enorme hipoteca que poderia ter cancelado com aquela desastrosa excursão. Quando lhe tinha pedido um encontro, tinha estado seguro que era para desculpar-se. Para lhe prometer que faria melhor as coisas, para oferecer-se a



lhe fazer uma mamada como expiação. E estava decidido a aceitar tudo. A moça era uma preciosidade e ele tinha estado tentando meter-se em sua cama fazia um ano. Assim estava estava totalmente preparado para perdoá-la e fodê-la. E ela tinha aparecido com seu pai, com seu com seu pai! Para romper o contrato.

Acaso era estranho que tivesse perdido o controle?

Mereceu tudo o que lhe tinha acontecido, a grande cadela. Uma mandíbula quebrada e a cegueira eram um justo castigo, sobretudo porque ele tinha tido que vender o apartamento de cobertura para pagar um advogado.

De todos os modos, havia valido a pena vender o apartamento de cobertura, o apartamento em Aspen e o Mercedes para pagar Edwin Gossett, o advogado que o tinha mantido fora do cárcere. Sanderson tinha passado duas semanas na prisão antes que Gosset conseguisse convencer o juiz e os jurados que necessitava atenção psiquiátrica. Estremeceu com violência. Nunca voltaria para o cárcere. Sentiu um arrepio só de pensar nisso.

Não, suportaria ficar aqui durante nos próximos anos. Era o paciente favorito da doutora Serena Childers, e esta lhe permitia sua música, seus livros, e sua comida favorita. Serena era a diretora do instituto e estava meio apaixonada por ele. Ficaria aqui a não ser que a cadela irlandesa recuperasse a memória, nesse caso se veria em sérios problemas.

Aquele verão...

A cabeça começou a dar ferroadas ao ouvir a voz. Allegra Ennis, a mulher que tinha querido converter na cantora mais famosa da América e que lhe tinha dado as costas. E a responsável por sua queda em desgraça.

A música flutuou de alguma parte do corredor. Talvez um dos guardas tivesse ligado o rádio e sintonizado uma dessas fodidas estações locais, essas que emitiam velhas canções intercaladas entre a publicidade de comida para cães. E que outro tipo de emissora a tocaria?

Aquele verão, faz muito tempo...

Tremendo de raiva, Sanderson olhou a seu redor procurando algo para fazer ruído, mas não encontrou nada. Não algo que pudesse quebrar atirando contra a parede. A garrafa de água e o copo era de plástico. A cama estava cravada no chão. Os vidros eram inquebráveis, com um tecido metálico encaixado.

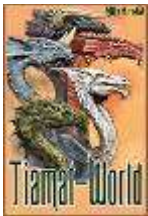
Sanderson agarrou os sapatos e os jogou contra a porta. Fizeram um ruído surdo e apagado.

Aquele verão, o inverno ficava muito longe...

Os livros! Dois livros pesados com encadernação rústica e um livro de capa dura. Lançou-os contra a porta. O som que fizeram foi satisfatório. O lombo do livro de capa dura rasgou e aterrisou no chão como um pássaro ferido.

Como íamos saber que o verão não voltaria...

Cadela! Gorjeando ao longe, como um pequeno e desprezível rouxinol irlandês. Ele tinha feito o possível para que sua voz soasse atual, moderna, mas não tinha conseguido nada. Tinha sido tão difícil formá-la. Resistir, sempre resistir. Essa putinha não sabia o que lhe convinha.



Abriu-se a porta e Alvin mostrou a cabeça.

—Senhor Sanderson? Necessita algo? —perguntou ao entrar com voz e atitude respeitosa. —Merda sim, já podia tê-la. Alvin sabia o que era ele, e o que podia fazer em seu benefício. Alvin era alto, muito alto, e também ruivo, como Doody Howdy, mas sem a voz, sem nenhum sentido musical. Mas queria converter-se em uma estrela, e Sanderson lhe tinha prometido que com ele conseguiria triunfar.

Em troca, Sanderson queria que matasse Allegra Ennis.

—Alvin, me consiga um gravador. —disse o olhando com um sorriso, ao mesmo tempo em que achava ridícula sua estatura e odiava a estúpida cara sardenta. — Começamos amanhã. Quando tiver acabado, entrarei em contato com algumas pessoas que conheço na Califórnia. Começaremos com uma fita de amostra do que fará.

A feia cara de Alvin se iluminou quando saiu correndo para conseguir um gravador. Já tinha a cabeça cheia de imagens de carros de luxo, mulheres de luxo — garotas boas brigando para meter-se em sua cama— e suas fotografias em todas as revistas de fofoca, com sua mansão ao fundo. Ia ser uma estrela.

Alvin estava sem fôlego quando voltou e pôs um gravador barato nas mãos de Sanderson que o girou pensativo. Era uma merda de gravador, mas seguro que poderia registrar uma voz com exatidão. Com isso bastava.

—Muito bem, Alvin, já pode ir. —precisava concentrar-se durante os seguintes minutos. — Dentro de meia hora traga aqui a doutora Childers, e não se surpreenda pelo que ver.

—Sim, senhor. —Alvin desapareceu. Quando trouxesse Serena tudo ficaria em marcha. Quão único tinha que fazer Alvin era deixar louca Allegra Ennis e logo matá-la, fazendo com que parecesse um suicídio. Sanderson sabia que nunca o poderiam atribuir a ele.

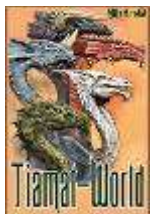
Allegra era mulher morta.

Kowalski era o mais alto de todos, assim tinha uma visão clara.

Uma mulher ruiva estava sobre um palco elevado. Uma linda ruiva, com um diáfano vestido de noite verde, tocando a harpa. Com uma voz de anjo.

Nunca tinha ouvido nada igual. A voz competia com a harpa em pureza. Não conhecia aquela canção, mas a música, o ritmo, se meteu em seu cérebro como se a tivessem gravando a fogo para que não a esquecesse jamais. Como se houvesse um lugar em sua cabeça esperando justo aquela canção.

Algo a respeito de um verão. Um verão perdido e um amor perdido. A melodia o estava enfeitiçando, introduzindo-se nos ossos através da pele e os músculos. Todo ele vibrava com as notas. Em toda uma vida escutando música, Kowalski nunca tinha ouvido nada nem a metade formoso.



A cantora também era linda. Não da mesma maneira que Suzanne ou Claire Parks. De um modo diferente. Melhor. Brilhava tenuemente sobre o cenário como se fosse metade deste mundo e metade não. A pele pálida resplandecia como se a luz viesse do interior, como uma pérola sob a água.

Se alguém houvesse dito que era um anjo, ele teria acreditado. Não precisaria muita persuasão com aquela voz que se elevava majestosamente. Mas era uma mulher de carne e osso. O cabelo comprido castanho-avermelhado lhe caía sobre as costas, brilhando, movendo-se enquanto os dedos dela flutuavam com graça ao tocar as cordas. Manteve os olhos fechados quando acabou a canção, apoiando-se na harpa como se fosse um amante. Sua voz foi se apagando em um sussurro, em um último “glissando¹” cristalino de acordes de harpa que se elevou no ar, logo levantou a cabeça e abriu os olhos ao ouvir o aplauso espontâneo.

Em nenhum momento olhou a audiência. Era como se tocasse para si mesma quando começou uma canção nova, sorrindo com suavidade, concentrada em seus pensamentos. Primeiro uma longa introdução musical, e logo começou a cantar. Outra vez era uma canção que Kowalski não tinha ouvido nunca, mas que reconheceu imediatamente, como se fosse parte de uma memória hereditária que tinha estado em espera até agora.

“Sol cruel”. Uma balada delicada, uma fusão de jazz e música celta. A crueldade do sol, que segue brilhando depois da morte de um ser amado. Saudade, dor, impotência, tudo estava ali, junto com a cáustica aceitação final de que o sol não se importava. Seguiu brilhando com crueldade.

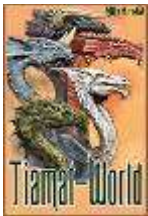
Kowalski ouviu vagamente um homem zangado discutir detrás dele. Reconheceu a voz de Bud, o amigo de John, brigando com Claire. Tinha querido lhes dizer que fechassem a fodida boca, mas para fazê-lo teria que girar-se. Não queria perder nem um segundo da música que surgia daquela extraordinária mulher.

As canções seguiram, uma atrás da outra. Não podia acreditar que não as tivesse ouvido antes, que nunca tivesse ouvido falar da cantora. Não tinha nem a menor ideia de quem era, mas sabia que estava ante um talento de categoria mundial. Tinha ouvido Pavarotti ao vivo, e esta de agora era uma experiência tão incrível como tinha sido aquela. Algo divino e comovedor.

Kawolski foi se aproximando do palco, aborrecido com as pessoas que havia a seu redor. Ao inferno com todos eles, com suas roupas e suas vozes estridentes, que abafavam a da cantora. Tinham começado de novo com seus estúpidos bate-papos, como se o que ouviam fosse música de fundo, ruído de fundo. Música ambiente para a exibição das joias. Estavam ouvindo magia pura e eram muito estúpidos para compreendê-lo.

A cantora não importava. Nem sequer parecia notá-lo. Estava cantado por e para ela. Em nenhum momento olhou para a audiência, tentando fazer contato visual. Quase todo o tempo teve os olhos fechados como se estivesse concentrada na canção, com os dedos voando sobre as cordas da harpa, e a voz cristalina e pura.

¹ Rápida execução de sequentes notas musicais.



Kowalski odiou à multidão, desejando que desaparecessem todos para poder desfrutar dela a sós. Ficou roçando a beira do palco, o mais perto que podia estar dela.

Cristo, era linda. Não era só a voz, embora continuasse sendo deliciosa se ela tivesse sete queixos e pelos em cada um deles.

Mas não tinha sete queixos, só um. Um muito bonito, e sem um só pelo. Tudo nela era pura magia, perfeição e delicadeza. Tinha a pigmentação de uma verdadeira ruiva, mas sem as sardas. O vestido verde esmeralda, comprido até os pés, era elegante, mas modesto. A pele que mostrava era pálida e cremosa, os traços do rosto quase desprovido de maquiagem eram perfeitos, acentuados por umas sobrancelhas de um castanho escuro. Inclusive sentada se via que não era muito alta, mas com pernas longas e um pescoço comprido e esbelto. Quando girou a cabeça ligeiramente para ele, Kowalski quase ofegou. Os olhos meio fechados eram de um muito belo verde escuro, o verde de oceanos tumultuosos, dos prados ao final da primavera.

Kowalski não podia afastar os olhos dela.

Depois de sete canções, inclinou-se para trás na bonita cadeira dourada onde tinha estado sentada, e deixou cair as mãos no colo. A primeira parte tinha acabado. Os ouvintes aplaudiram com educação e em seguida foram para a comida, que tinham colocado na parte de trás do vestibulo, sobre longas mesas com cavalete, enquanto ela cantava. Fluíram como um rio para a comida falando sem cessar em grupos de três ou quatro.

Idiotas, pensou Kowalski. Estavam na presença de um gênio musical e o único em que pensavam era em comer grátis.

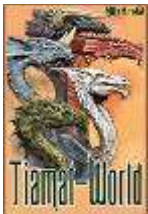
Pela primeira vez, Kowalski percebeu que Suzanne e John estavam ao lado do palco. Suzanne subiu os quatro degraus e foi para a cantora, lhe pondo uma mão no ombro. A cantora pôs uma mão sobre a de Suzanne e sorriu.

Kowalski reteve o fôlego durante uns segundos, logo o soltou.

Ela não tinha sorrido até agora. Tinha estado muito concentrada nas canções. Seu sorriso era tão mágico como a música, iluminando seu rosto. Suzanne tinha o braço ao redor da esbelta cintura da mulher e as duas atravessaram a plataforma de madeira. Suzanne murmurou algo em seu ouvido e a cantora assentiu. Desceram juntas as escadas e foram para onde estavam Kowalski e John.

Suzanne disse algo e a mulher riu, um som cheio de luz e de graça, uma continuação de sua música. Deus, aquele som penetrou até o centro dos ossos de Kowalski.

Era, em todos os aspectos, uma mulher tocada pela magia. A cantora e Suzanne caminhavam para Midnight e ele. Suzanne era linda, disso não cabia dúvida, mas Kowalski nem a olhou enquanto se aproximavam deles. Não podia afastar os olhos da cantora. Sua beleza era algo mais que traços regulares, uma boa pele e um cabelo brilhante. Havia uma luminosidade nela, como se houvesse um halo rodeando-a. Um anjo.



Kowalski quase soprou ante os pensamentos que lhe passavam pela cabeça. Precisava ter uma transa logo, desta vez com uma mulher normal. Não com algum monstro sado masoquista que só queria escravidão e dor.

Halos. Anjos. A vida civil o estava deixando louco.

De todos os modos não havia nenhuma dúvida sobre o talento da cantora. Kowalski amava a música. Qualquer tipo de música. Rock, jazz, clássica, ópera. Vocal e instrumental. O que estivesse tocando, ele escutava. Ia ser um prazer felicitar esta mulher por sua voz e sua maneira de tocar a harpa.

Suzanne pareceu vacilar. Teria que passar por seu lado para chegar até John. Não ia poder evitar apresentá-lo a cantora.

—Allegra, — disse Suzanne — eu gostaria de apresentá-la ao novo sócio de John, o major Douglas Kowalski. Douglas, apresento a minha amiga Allegra. Allegra Ennis.

—Major Kowalski. — murmurou ela, lhe estendendo a mão.

Merda, merda, merda! O luminoso e quente prazer por sua música desapareceu, o deixando vazio, abrindo uma brecha no seu peito. Allegra Ennis ficou olhando sua gravata. Nem sequer conseguiu o que tinha feito Claire Parks — um breve olhar aos olhos— antes de fingir que ele não tinha rosto.

Ao diabo com isso. Ao diabo com tudo.

Pela primeira vez, Kowalski se perguntou se adaptaria-se no mundo dos civis. Não podia retornar ao outro. Aposentou-se. Ninguém na marinha ou em qualquer corpo das forças armadas tinha tido problemas em olhar seu rosto. De acordo, ele não era bonito, mas era fodidamente bom em seu trabalho e isso era o que contava.

Tinha estado na marinha toda sua vida, mas já não. Era isso o que o esperava aqui fora? Passar o resto de sua vida com pessoas que com a maior educação se negaria a olhá-lo? Que se fodessem.

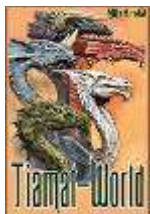
O intenso prazer da música de Allegra Ennis desvaneceu, tinha desaparecido com o olhar cortês e vazio de seu rosto. Bem, pensou a elogiaria e iria embora. Talvez esta noite bebesse toda a garrafa do Jim Beam.

—Senhora Ennis. — retumbou sua voz quando lhe agarrou a mão. Se tinha apertado a mão de Claire Parks durante quatro segundos, a de Allegra Ennis teria que soltar aos três. — Tem uma voz linda e as canções eram muito bonitas. Realmente deliciosas. Rogo-lhe que aceite meus parabéns.

Allegra Ennis fez algo estranho. Elevou a cabeça com rapidez e cambaleou ligeiramente quando elevou o olhar, tentando enfocá-lo, como um franco-atirador quando aponta para disparar. Havia algo naquele olhar fixo...

E então Kowalski sentiu como se lhe dessem um murro no estômago.

Allegra Ennis era cega.



Capítulo 3

—Por fim vai pagar pelo que me fez, putinha.

Sorrindo, Corey Sanderson desligou o gravador. Essa era a última das gravações. Bem, isso era tudo, quão único faltava era que Allegra Ennis morresse. Ele estaria a salvo só quando ela morresse. Enquanto estivesse viva, poderiam voltar a colocá-lo no cárcere. Se não fosse por Gosset, Sanderson estaria ainda ali, naquele negro pesadelo sem fundo.

Mas não ia voltar, é óbvio. Não ia permitir isso. Tinha cérebro e vontade para assegurar-se que a vida transcorresse em torno dele e suas necessidades. Não era por acaso que ele foi o produtor de música com mais êxito da história, com quatro platinas, dezessete ouros, e indústrias inteiras de música girando ao redor de seus gostos... Oh, sim, ele era um homem de ação e um revolucionário. Um criador, um artista. Prendê-lo em uma prisão era obscuro. Este lugar, com paredes cor nata, Mozart nos alto-falantes e bonitas enfermeiras, já era mau o suficiente.

Pôs o pequeno microfone que Alvin havia trazido em cima da mesinha de noite, uma mesinha art deco que substituíra a de plástico... uma coisa horrível que tinha encontrado ao chegar. Serena tinha compreendido que um homem com seus gostos e sensibilidades necessitava uma decoração melhor do que se estava acostumado a proporcionar aos pacientes, assim Sanderson tinha sua poltrona favorita, sua própria baixela de porcelana, faqueiro de prata, taças de cristal e trajes de caxemira. Nada de pratos de plástico nem de lúgubres batas de hospital para ele. Serena era muito boa ao lhe consentir o que queria, não, o que necessitava.

Sanderson sempre tinha duas grandes linhas de persuasão para qualquer ocasião. Uma era “Juntos faremos a música mais bonita” Os concertos vespertinos de Bach lhe proporcionavam um tratamento muito especial. Serena era bastante parcial no referente à Sanderson.

Tocou a campainha da cabeceira e dois minutos mais tarde, Alvin Mitchell mostrou sua cabeça ruiva pela porta.

—Senhor Sanderson?

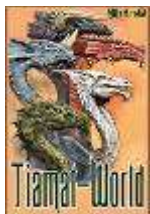
—Traga aqui a doutora Childers. Já chegou a hora.

A outra linha era: “Criatura, converterei você em uma estrela”.

Allegra Ennis lhe sorriu. Um sorriso cálido e sincero.

—Major Kowalski. Farei o mesmo elogio, mas referindo-me a você. Tem uma voz magnífica. — O sorriso se fez mais amplo. — Um verdadeiro “basso profundo”². Não é nada comum. Teria que estar cantando Falstaff.

² Uma voz profunda de baixo tenor.



Ele a olhou no rosto. Não havia nada ali exceto cordialidade e uma beleza devastadora.

—Falstaff em um bom papel para um baixo. —respondeu ele— Ou Boris Godunov. Eu gostei de Falchinette no papel de Boris. Ouvi-o no ano passado em Nova Iorque.

Aquele lindo rosto se iluminou.

—Sim, é verdade. É uma voz tão poderosa. Que privilégio deve ter sido ouvi-lo ao vivo. — acrescentou levantando a cabeça e com os olhos cegos fixos no rosto do homem. Ele compreendeu que a senhorita Ennis escutava sua voz com tanta atenção como qualquer perito em arte contempla uma pintura. — Sua voz seria perfeita para o Hagen. Tenho a interpretação gravada de Schumacher. E apostaria que você poderia cantar “Old Man River” como Paul Robeson.

A mão dela era como seda cálida. Notava a delicada estrutura sob a pele, essa combinação mágica de ossos e tendões nos dedos longos e esbeltos que lhe permitiam extrair aquela música tão bela das cordas da harpa. Ela não tinha retirado a mão, assim que a segurou um pouco mais.

—Eu também tenho o CD do Schumacher, mas não canto. —Soltou um bufo ao imaginar-se cantando. — Eu gostaria de cantar a pleno pulmão “Old Man River”, se pudesse cantar, o que não posso. Pode estar segura que não quereria me ouvir quando o faço, já que não consigo mais que cantar coaxo na ducha, e é uma sorte que as paredes dessa ducha não sejam de vidro, se não as quebraria.

Ela soltou uma risada divertida, que soou como prata líquida.

—Vamos, major Kowalski, isso conseguiria com uma C alta, e você não poderia conseguir nunca uma C alta. —Retirou a mão deslizando-a com suavidade como uma longa carícia. — E de todas as maneiras, o conceito de que uma nota quebre o vidro são contos de velhos. Nunca tenho quebrado nada quando subo a C alta.

—Douglas. — surpreendeu a si mesmo dizendo. Ninguém sobre a face da terra o chamava Douglas, exceto Suzanne. Mas não podia deixar que Allegra o chamasse major ou senhor ou nem sequer Kowalski. Em seus lábios isso soava... estranho. Ele era Kowalski ou major para todos a quem conhecia exceto Suzanne... e agora esta mulher. — Por favor, me chame Douglas.

—De acordo, Douglas. E eu sou Allegra. Assim se tranquilize e tome banho em paz. Não importa quão mal cante, não vai quebrar nada.

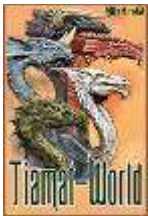
Kowalski era vagamente consciente de que John o estava olhando assombrado. Não sabia se porque tinha usado seu nome de batismo ou porque sabia de ópera. John não tinha nem ideia de que gostasse de ópera. Ninguém sabia.

John abriu a boca, sem dúvida para rir dele —Kowalski não conseguiria nunca que se esquecesse desta informação— quando um grupo buliçoso de gente tagarelando se aproximou de Suzanne, rodeou-a e a afastou dali. John ficou rígido e a seguiu.

Kowalski ficou sozinho com Allegra.

Ela estava sorrindo com o rosto girado para ele, esperando.

Kowalski compreendeu que poderia olhá-la tudo o que quisesse. Era algo que nunca tinha sido capaz de fazer com ninguém, e isso sem falar de mulheres bonitas. Se alguém como ele



olhasse fixamente, consideraria-se perseguição ou algo pior. Veria-se como algo arrepiante e de muito mau gosto.

Em troca, agora, poderia olhar até fartar-se. Estudar como seus traços expressavam cada emoção que sentia. Aquela mulher tinha um tom de pele delicioso, como o marfim mais pálido, emoldurado pelo cabelo suave, brilhante e de um profundo vermelho, sem dúvida nenhuma natural. Deus poderia ficar olhando-a para sempre, mas não se atreveu. Melhor seguir com a música.

—As canções eram muito bonitas. Quem as escreveu?

Um suave e encantador rubor lhe coloriu as bochechas.

—Obrigada. A verdade é que... hmm, eu. Ao menos a maior parte delas.

—Você? —Kowalski ficou olhando. Já ter aquela voz e essa mestria com a harpa já era uma riqueza de talento musical. Que ainda por cima fosse capaz de compor aquele tipo de música... — Faz gravações? Sai em excursão?

—Antes sim. —respondeu ela com suavidade, desaparecendo todo rastro de sorriso. — Mas depois... disto, — Levou os dedos aos olhos. — não tornei a ir. Esta noite estou aqui só porque Suzanne e Claire insistiram. É a primeira vez que canto em público depois do... acidente.

Oh, Deus. O coração dele encolheu. Ela tinha ficado cega adulta.

—Quando perdeu a vista? —perguntou sem rodeios.

—Faz uns cinco meses. —Um véu de tristeza cobriu seus traços quando baixou os olhos, desaparecendo toda diversão, animação e viveza de sua expressão. Era como se alguém tivesse apagado a luz. Allegra olhou ao longe durante um momento.

Kowalski teve que fazer provisão de toda sua autodisciplina para não tocá-la, para não consolá-la.

—Sinto muito. —disse ele. — Deve ser terrível perder a visão.

Allegra girou a cabeça para ele. Ficou em silêncio durante uns longos momentos, com uma expressão solene e absorta naquele rosto encantador.

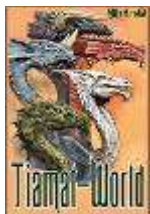
—Sabe, Douglas? —disse com suavidade. — Uma coisa boa de estar... cega, é que me vi obrigada a me concentrar nas vozes das pessoas. Escutar de verdade, de verdade. Aprendi como distinguir quando as pessoas dizem a verdade e quando dizem as coisas só por cortesia. Acredito que você de verdade o sente. Muito obrigada.

Jesus. O que podia responder a isto? Passou um garçom.

—Quer...? —pigarreou. — Quer algo para beber? Pode beber champanha em meio de uma atuação?

—Claro, um pouco de álcool nunca pôde evitar que uma garota cante. —respondeu ela, com um brilho travesso nos olhos, e com um sotaque na voz que recordava às bebidas de hortelã verde como o trevo que se bebia na Irlanda no dia de São Patrício.

—Connemara. —disse Kowalski. — A parte oriental do condado. — Durante os cinco anos que estive com os SEAL's tinha estado viajando ao norte da Irlanda em missões



secretas. Sempre que tinha algum dia livre ia à parte oriental. — Mas deve fazer tempo que não vive ali. Tem um sotaque americano muito forte em seu tom.

Kowalski fez um sinal ao garçom que passava para que lhes trouxesse duas taças altas de champanha. Com esta seriam já três taças, mas não acontecia nada. As taças só estavam um terço cheias. E de todos os modos, tinha toda a intenção de ficar até que Allegra Ennis abandonasse o edifício. Nesse tempo já teria queimado todo o álcool.

—Tem um ouvido maravilhoso, Douglas, e acertou em cheio. Quando morreu minha mãe, meu pai e eu viemos a Portland. Eu tinha dez anos. Mas quando retorno a Irlanda para visitar meus primos, em seguida volto a pegar o sotaque de lá. Nunca acreditaria que teria ido embora dali.

—Suponho que são os primeiros anos os que deixam rastro em uma pessoa. Dê-me a mão.
— O garçom se aproximava.

Com total confiança ela a deu. Ele a agarrou no mesmo momento em que algum safado que havia detrás dela a empurrou. Allegra deu uns tropeções para diante, sobressaltada. Kowalski passou um braço pela cintura para estabilizá-la enquanto fulminava com o olhar o homem que tinha dado o empurrão. O homem estremeceu, levantou a mão em um gesto de desculpa e escapuliu.

—Está bem? —perguntou-lhe. Tinha segurado suas duas mãos e as tinha levado ao peito. Com o braço ao redor dela, estavam unidos em um abraço.

—Sim, claro. Sinto muito. —disse ela com um ofego. — Fui muito lerda.

—Não, isso não é verdade. —respondeu ele sombrio. — Esse sa...idiota a empurrou.

Ela era tão suave e cálida, lá entre seus braços. Essa brilhante juba castanha avermelhada sobre seu braço, estendendo-se pela jaqueta e lhe fazendo cócegas na mão. Um aroma, algo leve e primaveril, flutuou até as janelas de seu nariz e ficou muito quieto farejando, como um cão.

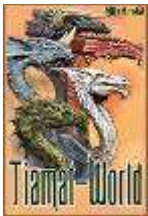
Quão único desejava era ficar ali para sempre, com aquela mulher entre seus braços. Apertando os dentes para resistir a tentação, assegurou-se que ela se mantivesse firme, e logo afastou o braço da cintura. Não, não podia ficar ali, colocando a mão nela. Por muito que o desejasse.

Sem mencionar o fato que tinha uma ereção, uma ereção de campeonato. E se ela se aproximava meio centímetro mais, daria-se conta.

Kowalski tinha um grande controle de seu corpo. Tinha passado toda uma vida o desenvolvendo. Poderia estar sem água, alimento, luz do sol, sono ou sexo durante mais ou menos o tempo que ele quisesse. E nunca tinha ereções não desejadas, sobretudo em público.

Mas ali estava bem duro, em uma sala em que havia ao menos duzentas pessoas. Teria o mesmo êxito detendo a reação de seu corpo ao tocar a esta mulher que ordenando a seu coração que deixasse de pulsar.

Ele ainda lhe segurava a mão. Com a outra estirou a jaqueta do smoking sobre a virilha, e pegou uma taça de champanha da bandeja que segurava com paciência um garçom, cujos olhos estudavam o teto. Kowalski colocou com cuidado a taça na mão, dobrou os dedos de Allegra ao



redor do caule e soltou a mão. Pegou uma taça para ele, e jogou ao garçom o olhar com olhos entrecerrados que estava acostumado a reservar para os novos recrutas. O garçom retrocedeu imediatamente.

Vá homem, só sustentando sua mão tinha feito que a ereção aumentasse até proporções dolorosas.

—Tem sua taça? —perguntou ela, com o rosto virado para ele.

—Sim. —Jesus, até sua voz o deixava duro. Clara, com aquele leve sotaque da Irlanda. Faria que até um morto se levantasse, e ele não estava morto. Com cuidado fez chocar as taças. O som foi o de cristal de verdade. — Saúde.

—*Slaintè*.

—*Moda saol agat*.

O sorriso se tornou mais amplo.

—Assim que você também passou um tempo na Irlanda.

—Bom, claro. Kowalski é um famoso nome irlandês, não sabia?

—Tenho que supor então que vem do County Cork Kowalskis?

—Do próprio. —Kowalski tinha um bom ouvido e trouxe à tona o sotaque dos York no momento oportuno.

Allegra riu e começou a beber golinhos de champanha. Quando acabou a taça, suspirou.

—Acredito que teria que voltar para o palco. Prometi a Claire algumas canções a mais. A vê ou a Suzanne?

—Parece-me que Claire partiu para brigar com Bud, e Suzanne... — Kowalski olhou por cima das cabeças das pessoas que havia na sala. — Suzanne está ao outro lado da sala, perto da mesa do bufê, falando com alguns caras com fraque.

—Oh. —O tom era de decepção.

—O que ocorre? Necessita Suzanne para algo? Se quiser posso ir e...

—Não. — disse ela negando com a cabeça. — Não, por favor, não o faça. Esta é sua noite. Tem que relacionar-se. Todos falam dela, vai ser muito bom para seu negócio. Trabalhou muito nas vitrines e merece recolher os frutos de seu esforço.

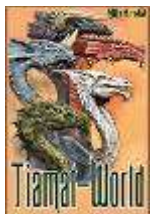
Allegra irradiava ansiedade. Kowalski não podia imaginar a razão, mas o ar ao redor dela vibrava de tristeza.

—Allegra? Algo está errado? Quer que vá procurar Claire?

—Não, não, por favor. Não a incomode. Espero que arrume as coisas com Bud. Claire foi muito infeliz desde que romperam.

Sim, talvez, mas era Bud quem andava com barba de uma semana e olhos avermelhados. Claire parecia resplandecente.

—Certo, não quer nem Claire nem Suzanne. Diga-me o que precisa. Talvez possa ajudá-la.



—Douglas... — Ela estendeu a mão, procurando com o tato até que encontrou seu braço e o agarrou. Sem uma palavra, Kowalski cobriu a mão com a sua e esperou que falasse.

—Diga-me, Allegra. — disse com suavidade, ao ver que ela não dizia nada.

—Odeio isto. —Sua voz de repente se converteu em um sussurro feroz e afundou os dedos em seu braço. — Odeio isso. —Mordeu o lábio e em seus olhos apareceu o brilho das lágrimas. Afrouxou um pouco os dedos e logo voltou a apertá-los sobre a manga do paletó. Ele sentiu aquele contato em cada célula de seu corpo.

—Odeia o que? —perguntou mantendo baixo o tom de voz.

—Temo que ne-necessito sua ajuda. —Inspirou profundamente. — Não posso subir ao palco sozinha. Poderia-poderia me acompanhar, por favor? —perguntou afastando o rosto, muito envergonhada.

Ela se envergonhava por não poder ver. Jesus. Fez-lhe um nó na garganta.

Se fazia apenas alguns meses que estava cega, o mais provável é que ainda não tivesse desenvolvido aqueles sentidos extraordinários que os cegos pareciam desenvolver como compensação a sua perda de visão. Tropeçaria em algo ou cairia pelas escadas. Machucaria-se. Meu deus, nem sequer queria pensá-lo.

—Certamente que a acompanharei. —Kowalski pôs um dedo sob o queixo e a fez girar o rosto. Alisou-lhe a ruga entre as sobrancelhas com o polegar. Não podia suportar nem um segundo mais ver sua dor e frustração. — Será um prazer. E isso significa que conseguirei um assento na primeira fila.

—Tolo. — ela aspirou pelo nariz e meio que riu. — Não há nenhum assento.

—Pois um posto na primeira fila. Estarei ali quando terminar. Assim não terá que se preocupar quando voltar a descer as escadas.

Allegra soltou um longo suspiro de alívio.

—Muito obrigada, não será muito tempo. Só umas canções mais.

—Não me importa quanto tempo precise. — disse ele com suavidade. — Sou um homem paciente e não tenho nenhum lugar aonde ir. Estarei aqui. Esperarei você. O tempo que precisar.

Allegra se deteve, com o rosto voltado para ele. Kowalski notava a intensidade com a que o escutava, com a que escutava suas palavras. O que ele dava a entender com as palavras. Ela não o via, mas o podia sentir.

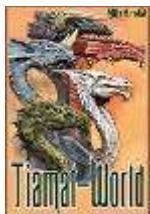
Algo estava ocorrendo ali. Ele sentia e ela também. E Allegra nem sequer fingiu não senti-lo.

Com a mão ainda apoiada sobre a manga, ela assentiu.

—Bem. —sussurrou.

Jesus. Sim. Bem.

Sentindo de repente um raio de alegria no peito, Kowalski deixou a mão em seu braço e a conduziu para as escadas. Dirigiu o olhar assassino que tinha aperfeiçoado a todo aquele que estava a menos de seis metros deles. E assim que viram o olhar em seu rosto se dispersaram. A multidão se separou ante eles como o Mar Vermelho ante Moisés. Kowalski teria jogado uma



granada para limpar o caminho. Chegaram às escadas sem incidentes e ele se deteve. Obedientemente, Allegra também se deteve.

—Estamos nas escadas. —disse Kowalski com voz baixa. — Se levantar o pé direito, estará sobre o primeiro degrau. Há quatro.

Ela assentiu e ele subiu acompanhando-a e a guiou para a harpa. Com uma mão apoiada em suas costas, ajudou-a com suavidade a sentar-se. Allegra estendeu a mão para acariciar a suavidade da madeira curvada, esboçando um sorriso ante a sensação familiar do instrumento.

—Obrigada. —sussurrou.

—Quando tiver acabado, virei buscá-la. Assim não se mova que estarei aqui. Pode contar com isso.

Allegra girou pouco a pouco a cabeça para ele, sendo óbvio que entendia o que havia detrás daquelas palavras. Voltou a assentir e girou para a harpa, inclinando-se para ela como uma criança se inclina para sua mãe. Kowalski deu a volta e enquanto abandonava o cenário soaram a suas costas as notas vibrantes de um “glissando”. Uma saudação para ele.

Os músculos da bochecha se moveram. Demorou todo um minuto dar-se conta de que estava sorrindo.

Alvin recebeu as ordens, e foram muito claras. Ele poderia cumprir qualquer ordem, sim, poderia. É óbvio que poderia. Qualquer coisa pelo senhor Sanderson, qualquer coisa.

O senhor Sanderson ia ajudá-lo a iniciar sua carreira musical. Ser um empregado, limpar a merda dos idiotas e esfregar os vômitos não era para ele. Não por muito tempo.

O senhor Sanderson se deu conta em seguida. Oh, sim.

Aquele homem era uma lenda. Dizia a Alvin que estava destinado a coisas melhores. E tinha um plano para lançar Alvin ao estrelato, mas não poderia fazê-lo se voltavam a enviá-lo a prisão. Não, o senhor Sanderson tinha que ficar em Spring Harbor até que dentro de uns anos lhe dessem a liberdade. Era impossível que pudesse ajudar Alvin do cárcere. A única pessoa que poderia voltar a enviar o senhor Sanderson ao cárcere era Allegra Ennis, e Alvin ia ocupar-se dela.

Allegra Ennis era só um pequeno obstáculo no caminho de sua carreira musical e sua ascensão ao estrelato.

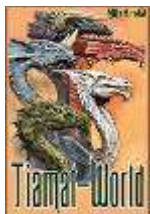
Alvin percorreu o corredor comprido e asséptico até chegar ao escritório da doutora Childers, e chamou com suavidade.

—Sim? —A doutora Childers parecia aborrecida.

—Doutora Childers... o senhor Sanderson necessita... ajuda.

Ela deixou a caneta com expressão alarmada e ficou em pé.

—Ajuda?



Alvin deu a volta e começou de novo a percorrer o corredor, ouvindo atrás dele os saltos da doutora Childers sobre o chão de piçarra. E ouvia algo mais, sons de destruição que se tornavam mais fortes quanto mais se aproximavam do quarto de Corey Sanderson. A doutora Childers também os ouviu e correu por volta do quarto. Alvin a seguiu. Já sabia o que ela encontraria.

Mas inclusive sabendo, se sobressaltou quando a doutora Childers abriu a porta. Em dez minutos o quarto tinha ficado destroçado, o muito caro equipamento de música estava no chão feito em pedaços, a porcelana chinesa do senhor Sanderson quebrada em mil pedaços, os CDs feitos pedacinhos. E o senhor Sanderson...

Ele estava gemendo, um gemido terrível, enquanto continuava com sua orgia destrutiva. Uma cadeira de hospital voou para o vidro antibalas das janelas, acompanhada de um grito que pôs Alvin de cabelos em pé.

A doutora Alvin fechou a porta bem a tempo. O som de outra cadeira batendo na porta fechada se pôde ouvir do corredor.

—Enfermeira! —gritou a doutora Childers. Era a primeira vez que Alvin a tinha ouvido expressar alguma emoção. — Enfermeira!

Era aterrador. Mas justo quando a doutora se moveu para fechar a porta de repente, Alvin viu por um momento o senhor Sanderson. Os olhos de ambos se encontraram e pôde ver a luz da razão nos olhos azuis do senhor Sanderson. Ele até piscou um dos olhos!

Alvin lutou com todas suas forças para manter uma expressão impávida. O senhor Sanderson era um gênio. Sabia o que estava fazendo. Estava preparando o caminho.

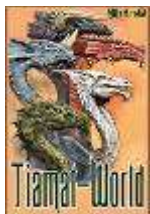
Amanhã tudo começaria.

Allegra acariciou sua adorada harpa, Dagda, chamada assim pelo feroz rei do Eire, antigo nome da Irlanda. Quando uma tribo rival lhe roubou a harpa, esta voltou voando a sua mão, matando a nove de seus inimigos.

Sua Dagda não era uma guerreira feroz. Absolutamente. Sua Dagda era pacífica. Era sua amiga, sua confidente, sua filha, seu amante e durante os passados cinco meses seu consolo. Dagda a tinha mantido viva e lúcida quando acreditava que ia tornar-se louca. Tinha perdido seu pai, sua carreira, sua memória e sua visão em uma só noite. Se também tivesse perdido sua música teria se atirado pela janela do hospital.

Suzanne e Claire tinham lutado ferozmente com os doutores e as enfermeiras para que lhe permitissem ter a Dagda em seu quarto do hospital. Tinham puxado alguns fios, tinham enrolado e tinham ameaçado. O pai de Claire, muito amavelmente, tinha recordado à Direção que no ano anterior Parks Foundation tinha doado doze milhões e meio para a nova ala de oncologia.

Assim Dagda tinha estado com ela o dia que por fim tinha sido capaz de sentar-se na cama. Tinham colocado a harpa ao lado da cabeceira onde poderia tocá-la. As enfermeiras se limitaram a limpar ao redor do instrumento cada manhã e cada tarde. Em qualquer lugar que houvesse



humanos, o insólito se convertia em normal com rapidez. E quando Allegra foi capaz de levantar-se da cama, ergueu-se se apoiando na coluna da Dagda.

No mesmo momento em que pôde sentar-se em uma cadeira, Suzanne tinha colocado a Dagda ao lado dos joelhos e Allegra tocado as cordas pela primeira vez no que parecia ser toda uma vida. Não necessitava a visão para tocar a Dagda. Suas mãos sabiam o que fazer por sua própria conta.

Aqueles primeiros sons, uns acordes indecisos, tinham bastado para saber que, depois de tudo, tinha conseguido. Tinha sobrevivido. A partir de então Dagda tinha sido sua companheira constante.

Talvez agora tivesse outro companheiro, além da escuridão.

Não, Deus, isso era uma loucura. Um desejo que provinha da dor e da solidão.

Não sabia absolutamente nada dele, exceto seu nome. Douglas Kowalski. Um bom nome irlandês. Oh, e sua graduação na marinha. Major. Não tinha nem ideia do que isto significava.

Sabia que era amigo do marido de Suzanne. E sócio. O mais provável é que fosse moralmente honrado, ou ao menos não ia desfalcas os recursos da empresa. Allegra só se encontrou algumas vezes com o novo marido de Suzanne, mas não lhe parecia que fosse um tipo crédulo e inocente. Qualquer um que ele escolhesse seria honesto e inteligente. O marido de Suzanne nunca escolheria alguém desonroso ou lerdo como sócio.

Que mais sabia dele?

Era solteiro. Como o tinha expressado? Não tenho nenhum lugar aonde ir.

Gostava da música. Tinha estado na Irlanda. Tinha senso de humor.

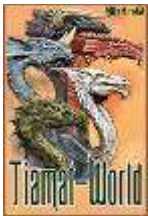
Tinha uma voz muito bonita. A mais profunda que tinha ouvido em sua vida, uma profunda voz de baixo que fazia com que o diafragma lhe vibrasse. Não era só o timbre, era a firmeza da voz. O tipo de voz em que alguém confiava imediatamente e de forma instintiva. O tipo de voz que se dizia que a lua era feita de queijo fresco, alguém se perguntava que sabor teria uma fatia.

Era alto. Muito alto. Recordou o instante de incredulidade no qual pela primeira vez ouviu sua voz por cima da cabeça. Por um momento se perguntou se ele estava em cima de uns degraus, ou inclusive, de algum modo, em outro andar.

Era forte. No segundo em que havia tocado seu braço, tinha notado os músculos sob a manga da jaqueta, como aço quente e em movimento. Tinha a segurado entre seus braços, durante só um momento, mas tinha sido suficiente para sentir-se segura e protegida por algo muito poderoso.

Sabia que ele estava ali de pé junto ao palco, escutando-a, esperando-a. Allegra não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Estava exatamente onde havia dito que estaria. Sabia com tanta segurança como sabia as palavras de "Sublime Graça".

Sentia-se unida a ele. Era loucura, mas assim se sentia. Como diabos, podia sentir-se unida a alguém que acabava de conhecer? Com quem só tinha trocado umas palavras?



Tocou um acorde para provar. A lista de canções foi decidida na semana anterior e deveria estar cantando “Flying”, mas saiu outra canção. Uma antiga toada celta que seu pai e seus irmãos estavam acostumados a cantar quando era menina. Estavam acostumados a cantá-la depois de tomar muitas cervejas, algo que faziam frequentemente.

“A alvorada”. Sempre a tinha relacionado com a felicidade, a alegria sem travas. Os barítonos e os tenores dos homens Ennis a tinham transformado em uma balada comovedora, um coro masculino cheio de um singelo júbilo, mas ela a havia tocado mais lenta, em uma clave menor. Appropriada para alguém que era indeciso e inseguro sobre a felicidade e a alegria.

Alguém que pensava que a alegria tinha desaparecido deste mundo. Que não estava seguro que ainda existisse. Mas que ainda tinha esperanças.

Seguro que Douglas não nunca tinha ouvido a canção. Não saberia que a tocava para ele, que lhe saía do coração.

Ou talvez sim.

Estava na metade da canção, alongando algumas notas quando ouviu exclamações da multidão que a rodeava. Um grito, um murmúrio de aborrecimento. A voz cheia pela dor de uma mulher. Passos movendo-se com brutalidade atravessando o chão de mármore.

E logo uma explosão fez oscilar seu mundo.

Capítulo 4

Kowalski estava apoiado no palco, olhando-a. Havia uma pequena ilha de espaço vazio a seu redor. Tinha jogado um olhar tão horripilante àqueles que estavam próximos e que não a escutavam, que tinham acabado por afastar-se.

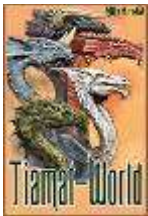
Que se danem. De todas as maneiras, alguém incapaz de escutar essa música maravilhosa, não merecia ouvi-la.

Esta canção também era bonita, embora não tivesse sido composta por ela. “A alvorada”. A tinha ouvido uma vez em uma cantina perto dos cais de Dublin. Recordou a cantina com carinho. Era uma verdadeira casa de jogo clandestino, os pisos de madeira antiga manchados por incontáveis litros de espuma de cerveja derramada e milhares de bitucas, e provavelmente algumas pintas de sangue de todas as brigas através dos anos.

“The Shanty”. Kowalski se perguntou se teria sobrevivido à proibição de fumar na Irlanda.

Alguns trabalhadores bêbados tinham cantado em coro um comovedor “A alvorada”, algo surpreendente considerando onde estavam. A Kowalski tinha encantado. Os operários irlandeses não tinham sido capazes de manterem-se em pé, mas sim de cantar maravilhosamente.

A versão de Allegra era muito mais bela, um “blues” lento, a mesma canção, mas com um significado diferente.



Entendeu muito bem o que ela fazia com a canção. Era um lamento pela felicidade perdida, mas com um tímido toque de esperança, como a primeira luz do amanhecer.

Estava mais ou menos na metade da canção quando as luzes se apagaram. O salão ficou completamente às escuras.

Isso era uma má notícia.

O catálogo da exposição explicava serviçalmente que o valor aproximado, calculando aproximadamente, das “joias dos czares” subia a 520 milhões de dólares. “Sem contar”, adicionava o catálogo com despreocupação, “seu valor como antiguidades e objetos históricos”. “Nesse aspecto, as joias não têm preço”.

Na porta centenária do Parks Mansion, que servia de escritório central da Parks Foundation, Midnight e ele tinham contado cinco guardas de segurança custodiando os arredores da exposição. O que significava que havia ao menos dez, contando aos de dentro. E não eram uns fracos, nem tampouco tinham problemas nos pés. Eram jovens, preparados e estavam de olho atento, armados com MP5s.

Quanto ao sistema de segurança, estava apoiado em raios laser e células infravermelhas que não dependiam da rede elétrica. Nenhum sistema de segurança que valesse algo se instalaria sem geradores autônomos. Se estes não se puseram em funcionamento ao falhar a rede elétrica, queria dizer que haviam fodido todo o sistema. Junto com os guardas de segurança.

Muito má notícia.

Kowalski foi tirar a arma por instinto antes de recordar que não a levava.

Muito, muito má notícia. A pior.

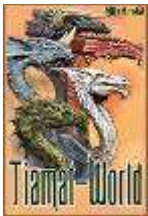
Ouviu vozes masculinas zangadas, o grito de uma mulher, os passos de um homem atravessando o piso de mármore. As notas da harpa de Allegra.

Merda, merda e merda!!!

Era impossível que Allegra soubesse que as luzes apagaram. Algo estava errado e ela estava ali exposta, necessitada e vulnerável. Completamente só e cega sobre um palco. Kowalski já estava subindo as escadas e atravessando o cenário quando a primeira granada explodiu.

As granadas eram pequenas bombas de mão que ao explodir provocavam como um estalo na mente, dois milhões de unidades de fluxo luminoso e cento e oitenta decibéis, mais uma onda expansiva de ar. O suficiente para bloquear o sistema central nervoso e cegar por uns momentos. Uma vítima de uma granada caía sentada no traseiro, atordoada, completamente incapaz de agir e inclusive de pensar.

Kowalski se livrou disso pelo fato de que quando subiu ao palco, estava de costas à entrada, de onde veio a granada, e também porque tinha tido milhares de sessões de treinamento com explosões reais de granadas. Tinha sido treinado para adiantar-se ao rápido estupor inicial. Já planejava seus movimentos enquanto corria, e quando o ruído e a



luz abriram a pressão, continuou por instinto, embora sua mente já não fosse capaz de um pensamento lógico.

Foi por instinto que levantou Allegra e saltou saindo à parte traseira do cenário com uma ligeira contorção no ar para que ela caísse sobre ele. Enquanto a sala estava ainda iluminada pela explosão, ele já os fazia rodar sob a plataforma de madeira.

Conseguiu que chegassem sob o centro do palco, mais ou menos debaixo de onde Allegra tinha estado tocando. Quando as luzes se acendessem, iluminariam os extremos do cenário, mas não chegariam até o centro que permaneceria na escuridão.

Allegra lutava desesperada debaixo dele, tentando golpeá-lo com os punhos, tentando acertar o joelho na sua virilha. Kowalski lhe sujeitou os braços com um punho sem nenhum problema e abriu as pernas para aprisionar as dela com os joelhos, imobilizando-a com todo o peso do corpo. Ela estava dominada por completo, incapaz de mover-se.

O corpo da mulher convulsionava com violentos tremores. Ele se inclinou aproximando-se de seu ouvido e lhe afastando o cabelo com suavidade.

—Allegra, deixa de lutar, sou eu, Douglas. —Ela se deteve imediatamente respirando com ofegos entrecortados.

O tom de voz de Kowalski era apenas um sussurro que sabia que não podia ouvir-se. Embora não tinha que preocupar-se muito. Ninguém os ouviria com todos aqueles gritos e disparos que agora vinham do salão.

AK-47s, pensou sombrio. Esses tipos eram profissionais.

Reacenderam-se as luzes e Kowalski girou a cabeça, para fazer uma ideia da situação.

No salão havia cinco homens cruéis armados até os dentes com gorros, o que significava ao menos quatro, ou talvez cinco, fora, controlando o perímetro. Todos os guardas de segurança que circundavam a área de exposição estavam mortos, e os guardas de fora também deviam estar.

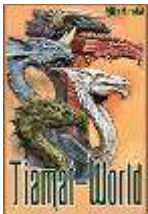
Os ladrões eram homens que já tinham matado, tinham o derramamento de sangue gravado na expressão de seus olhos. Não lhes importaria voltar a matar outra vez. Onde diabos, estava Midnight...?

O sangue de Kowalski congelou nas veias. Esses malditos filhos de puta tinham afastado um grupo de umas dez mulheres, as mantendo como reféns, e estavam ordenando a gritos que todo mundo jogasse seus celulares ao chão e se sentasse com as mãos na cabeça.

Todos se sentaram. Todos os celulares caíram ao chão como cartas em um quarto infantil.

Um dos ladrões estava de pé vigiando às mulheres, fazendo a única coisa neste mundo que poderia imobilizar John Huntington. O homem mascarado tinha compreendido a situação em um instante. Calculou que ameaçar às mulheres manteria os homens afastados, e tinha escolhido a mais atrativa como a melhor força dissuasiva.

O homem que vigiava às mulheres apoiava o canhão de sua metralhadora diretamente na linda cabeça de Suzanne Huntington. O cabelo loiro da mulher se frisava ao redor do canhão. John estava sentado contra a parede com as mãos em cima da cabeça e os olhos cravados no homem



que ameaçava a sua esposa. O ladrão não sabia que estava apontando com uma arma à cabeça da esposa de um dos homens mais perigosos do planeta.

Mas John estava desarmado, maldição.

Quanto a Bud e Claire, não os via em parte alguma.

—Douglas. — o sussurro de Allegra era fraco. Estava tremendo pela comoção. — O que está acontecendo? O que ocorre?

Ele a olhou. A situação seria bastante espantosa para uma pessoa vidente. Para Allegra devia ser aterradora. Tinha ouvido duas explosões fortes, disparos e gritos. Era impossível que pudesse fazer uma ideia da situação. Qualquer outra mulher estaria gritando, como estavam fazendo muitas no salão. Mas ela mantinha o controle. A única reação eram aqueles violentos tremores.

Kowalski pôs a boca ao lado do seu ouvido.

—Ladrões de joias. Armados. Mantêm a todos como reféns. — Ela abriu a boca e ele soube o que queria perguntar. — Bud e Claire não estão na sala. John e Suzanne estão sentados. Os dois estão a salvo. —Allegra teria que lhe perdoar pela mentira. Não queria que se preocupasse com Suzanne, a situação já era bastante aterradora para ela.

Um homem mascarado, armado, correu com rapidez para o palco e Kowalski se esticou, cobrindo Allegra tudo o que pôde. Colocou-lhe os braços para dentro.

—Aconchegue-se debaixo de mim, querida. Tenho muita massa muscular. Posso receber um balaço.

Obedientemente, ela juntou o mais possível ao corpo braços e pernas. Kowalski calculou que mais ou menos lhe cobria noventa e cinco por cento do corpo. Qualquer bala que os alcançasse teria que ser indiretamente, e já teria perdido força quando a acertasse. E era muito provável que pudesse evitar que ela recebesse um tiro.

O ladrão girou para a direita com um tamborilar de suas botas de combate.

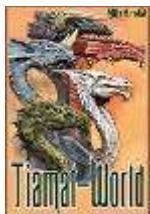
Um homem de cabelo grisalho ficou em pé de repente, discutindo a gritos com a voz arrogante dos muito ricos. Um dos ladrões levantou a metralhadora sem mediar palavra e disparou uma rajada de fogo. Grandes gotas de sangue apareceram no peito do ancião e a cabeça explodiu em uma nuvem de névoa rosada.

O corpo destroçado caiu a cinco metros de distância, deslizando enfraquecido até golpear contra a parede, deixando um rastro de sangue que ressaltava de forma macabra sobre o chão de mármore branco. O homem ficou encolhido em um amontoado sangrento, como um boneco quebrado. Fez-se um completo silêncio no salão. Uma mulher soltou um breve soluço e logo calou.

Allegra estremeceu.

—Eles...?

—Sim. —A voz do Kowalski era sombria. Pôs-lhe uma mão na cabeça e com a outra tirou o celular da jaqueta do smoking. Tinha o número que necessitava na lista de



chamadas rápidas. Larry Morton, antigo marinheiro, bom camarada de bebedeiras, um tipo sério quando era necessário.

Na atualidade chefe em Portland dos SWAT.

Marcou o número.

—Ei! Kowalski. —respondeu uma voz cordial. — No que anda? Apostaria...

—Parks Foundation. —disse Kowalski em voz baixa. — Tomada de reféns.

—Relatório da situação. —Gritou Larry imediatamente. Não houve vacilação, nem sequer um segundo de incerteza para assimilar o impacto do que havia dito Kowalski. Este ouviu ruídos de fundo. Larry tinha se colocado a caminho. Um tempo de resposta mínimo e uma habilidade para adaptar-se à situação em um instante era parte da estrutura mental de um membro dos SWAT, a equipe de Armas e Táticas Especiais.

—Cinco ladrões no salão principal. Certamente há mais no exterior. Armados com AK-47s. Duas armas diferentes cada um. Mataram a todos os guardas de segurança.

—Reféns? —A voz de Larry soou amortecida. Estaria vestindo a blindagem pessoal.

—Ao menos duzentos. Um dos homens aponta com a arma a um grupo de dez mulheres no centro da sala. As joias estão no lado leste do edifício, onde estão os ladrões. Eu estou debaixo do palco com a cantora.

—Não tente nada, já estamos a caminho. Quinze minutos no máximo. —E desligou.

Não precisava que dissessem a Kowalski que se tentasse algo, ainda no caso de estar armado, seria um ato suicida. E, além disso, não tinha a menor intenção de deixar desprotegida Allegra. Nem por um maldito segundo.

Que roubassem as joias. Importava-lhe uma merda. A fim de contas o que eram? Pedras bonitas, só isso. O que lhe preocupava era que os ladrões poderiam encher o salão de balas antes de irem, para evitar que os que estavam ali os seguissem.

Seria a tática mais inteligente. Deixar atrás um montão de gente gravemente ferida que seria o foco de atenção, e escapar sem contratempos com quinhentos milhões de dólares.

Kowalski envolveu a cabeça de Allegra com os antebraços.

—O que está ocorrendo agora? —perguntou ela girando um pouco para ele.

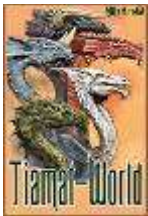
Tinham a tática do saque planejado. Suzanne tinha desenhado as vitrines com fortes serviços de segurança, com muita colaboração de John, por isso lhes estava custando destroçar as vitrines e pegar as joias. À velocidade que iam, ainda estariam ali quando os caras do SWAT chegassem.

O sacana que apontava à cabeça de Suzanne não se moveu.

—A situação está igual. —respondeu ele com um sussurro. — A ajuda está a caminho. Quão único temos que fazer é esperar.

Allegra assentiu com uma leve inclinação de cabeça e pouco a pouco foi subindo a mão até colocá-la no pescoço dele. Um gesto tranquilizador para ele ou para ela, não estava seguro.

Kowalski não elevou a cabeça. Tinha a boca perto do ouvido e a cabeça apoiada na suave e abundante cabeleira da mulher. A fumaça acre das granadas e a munição das metralhadoras ainda



flutuava no ar do salão, mas ali onde estava ele, em cima de Allegra com o nariz a um centímetro de sua têmpora, ao único que cheirava era a primavera.

A situação era perigosa. Havia nove, talvez dez filhos da puta com AK-47 com quase toda munição. Não tinha havido tantos disparos, as granadas tinham subjugado a multidão. Cada um daqueles sacanas tinha duas armas suplementares pendurando de uma capa atada ao cinturão. Cada arma tinha trinta cartuchos. Isso somava perto de novecentos fodidos cartuchos dentro do edifício, nas mãos de homens que já tinham mostrado muita boa disposição para matar.

Mas ainda mais perigoso era o que acontecia com seu corpo. Todo ele estava em cima de Allegra, e notava cada centímetro da parte frontal do corpo da mulher. Cada delicioso centímetro.

E na parte frontal de seu próprio corpo estava crescendo uma ereção. Maldita seja, tinha uma ereção. Em questão de cinco segundos tinha passado de ser o guerreiro que avaliava a situação com sangue-frio na cabeça, ao cara excitado com o nariz colado ao ouvido de uma beleza e cada gota de sangue de seu corpo fluindo como ardente lava para o pênis.

Seguro que ela notava. Tinha ficado muito grande e muito duro, justo entre as suaves coxas. E não havia nada que ele pudesse fazer para remediá-lo. Não faria nada para remediá-lo. Até que tivesse uma condenada boa razão para fazê-lo, ou até saber que Allegra estava a salvo, não tinha a menor intenção de descer de cima dela.

Cada pequeno movimento de Allegra só servia para aumentar ainda mais a ereção. Sua respiração, Deus, fazia com que o contato com os seios fosse mais íntimo. Seu fôlego lhe chegava ao pescoço em pequenos ofegos, e o pênis pulsava com cada um deles. Embora ela tentasse permanecer imóvel, ele sabia que era pesado e que a esmagava. Allegra fazia pequenos ajustes para encontrar uma postura mais cômoda. Moveu os quadris e o condenado pênis ficou ainda mais duro, apertado ali entre os dois.

Era impossível que ela o seguisse ignorando.

—Sinto muito. —sussurrou Kowalski.

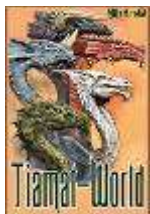
Para seu assombro, na boca feminina apareceu um tênue sorriso.

—É uma reação um pouco... incomum.

Não, em realidade não. Montões de pênis ficavam duros quando o sangue ardia. Kowalski sabia que havia homens que tinham uma ereção quando entravam em combate, embora ele não fosse um deles. Um médico lhe disse uma vez que os cirurgiões no campo de batalha frequentemente se constrangiam enquanto operavam.

Allegra não precisava inteirar-se disto.

—É a tensão. — sussurrou ele, embora não fosse verdade. A causa era ter a mulher mais desejável que tinha visto em sua vida a um beijo de distância.



Que boa ideia. Diabos, por que não? Se não fosse pela roupa, na posição que estavam seu pênis estaria dentro dela. Foi aproximando a cabeça, pouco a pouco. Queria que Allegra tivesse tempo suficiente para lhe dizer que se afastasse para trás.

Mas ela não fez nada. Estava seguro que Allegra notava como ia aproximando-se, que notava seu fôlego no pescoço, que notava seu pênis. O mais seguro é que soubesse o que vinha depois. Mas não afastou a cabeça, nem ficou rígida, nem sussurrou “Pare”.

A mão que antes tinha colocado no seu pescoço, abriu-se como uma flor ao sol e aqueles dedos longos e magros o acariciaram. Ohhh! Só aquela suave carícia quase o faz estalar, como se tratasse de um cabo elétrico entre o pescoço e as bolas. Colocou-lhe a boca no pescoço, não era um beijo, a não ser um suave contato com os lábios. A boca se entreteve ali por uns instantes. Ela suspirou e fechou os olhos.

Lambeu-a, justo onde uma veia pulsava com força e rapidez. Também o coração pulsava a toda velocidade. Sentia-o sob o tecido diáfano e elegante de seu vestido. Medo? Desejo?

Moveu a mão até lhe cobrir um seio, deixando que o peso quente da mão o moldasse. Ali estava o mamilo, duro e pequeno. Ela também estava excitada. Sem dúvida nenhuma. Tinha o mamilo rígido e duro. E sempre que o pênis pulsava, levantava um pouco os quadris indo a seu encontro. Podia ser que ela não fosse consciente disso, mas ele sim. Cristo, ele sim. Podia sentir todos e cada um dos movimentos do corpo feminino.

Beijou-a no pescoço e ela suspirou. Essa era a boa-vinda que queria, a que tinha estado esperando. Foi deslizando os lábios pelo pescoço, pela mandíbula, e por fim se centrou na boca.

Allegra a abriu imediatamente, uma boca suave e ardente, lhe dando a boa-vinda com a língua. Foi o beijo mais eletrizante de sua vida. Moveu a boca para encaixar melhor, e colocou a língua, até o fundo, medindo, saboreando-a.

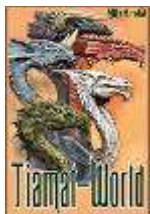
Certamente era muito melhor beijá-la que foder com alguma outra. Isso de beijar era genial. Por que tinha ignorado os beijos durante todos aqueles anos? Um beijo se dava no princípio, como uma preliminar para o sexo que viria depois. Poucas vezes beijava enquanto estava transando, e as mulheres poucas vezes pediam.

Mas era tão delicioso. Cada terminação nervosa que não conectava diretamente com seu pênis, o fazia com sua boca. Sentia tudo nela, em suas respostas, com os lábios e a língua. Encaixavam à perfeição. Quando aproximou os lábios, Allegra foi a seu encontro, impaciente, até que o sentiu por inteiro em sua boca. Era tão íntimo como sexo, e quando sua língua se encontrou com a dela que lhe dava a boa-vinda, o pênis ficou ainda mais duro, morrendo por estar dentro da mulher.

As línguas de ambos se acariciavam e os quadris de Allegra se elevaram, roçando-o. Jesus, estava tão duro quanto uma pedra.

Kowalski rompeu o beijo por uns momentos. Tinha que respirar e tinha que comprovar a situação antes que lhe derretesse a mente. Girou a cabeça e tentou concentrar-se em algo que não fosse a pele perfeita de Allegra, seu sabor. E ficou gelado.

Merda! Oh merda, merda, merda!!!



Enquanto ele estava ocupado com a boca de Allegra, a situação tinha mudado drasticamente. Para pior.

Claire Parks tinha aparecido pela parede da frente, em que se apoiava Midnight. Seu brilhante vestido vermelho era como uma bandeira para qualquer um que quisesse vê-la. Sentou apoiando-se na parede, igual a Midnight, e as pessoas tinham que fixar-se bem para ver que ia deslizando pouco a pouco para ele.

Por sorte, aqueles miseráveis estavam muito ocupados destroçando e roubando, pondo as joias em bolsas de ginástica de lona. O sacana que tinha o canhão apoiado na cabeça de Suzanne ia olhando alternativamente a ela e a seus companheiros. Não olhava para a parede de trás, onde de repente tinha aparecido Claire Parks. A avareza tinha cegado a todos.

Kowalski já tinha visto isto antes, sobretudo na África. Um leve indício de diamantes em algum conflito podia converter guerreiros endurecidos pelas batalhas e centrados em sua missão em animais estúpidos. Nunca, nunca tinha que deixar de concentrar-se na missão. A avareza, a luxúria e a vingança eram emoções às que se podia sucumbir uma vez à missão tivesse acabado.

Estes estúpidos já estavam cegos pela névoa da avareza. Viam centenas de milhões de dólares em suas mãos e não podiam ver Claire avançando e aproximando-se pouco a pouco de Midnight.

Kowalski estava acostumado a prever os possíveis movimentos e agora ele estava vendo tudo em sua mente, como se estivesse lendo um livro, saltando um par de páginas para saber o que ocorreria depois.

—Merda. —ofegou.

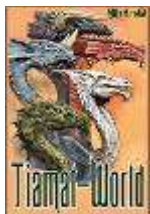
Claire seguia aproximando-se de John. Kowalski teve que admitir que estava fazendo um bom trabalho. Se não soubesse que ela não estava ali antes, não teria se dado conta de que se movia. Mas Claire o fazia. Deteve-se uns centímetros de Midnight e Kowalski viu que movia o braço.

Estava deslizando algo.

Bud estava vivo. Se não estivesse, Claire não estaria aqui. E se Bud estava vivo, cumpriria com sua obrigação. Kowalski só tinha encontrado com ele umas quantas vezes, mas sabia como era o homem. Bud, e agora Midnight, iam enfrentar sozinhos aos ladrões de joias. Não sabia o que Claire tinha deslizado para o John, mas já fosse uma pistola que tivesse encontrado em alguma parte ou uma faca, não havia dúvida que John aproveitaria a distração que Bud ia criar para encarregar-se do cara que apontava com uma arma à cabeça de Suzanne.

Ficando completamente a descoberto.

—Douglas? —Allegra lhe aferrou os braços. Tinha captado sua tensão. Olhou-a por uns instantes. Estava pálida, como uma aflita figura mitológica, com aquela preciosa boca,



úmida por seus beijos, rígida pela tensão. Seus olhos tentavam encontrá-lo, falhando, e compreendeu aturdido quão horrível devia ser a cegueira.

—Shh. — murmurou ele e se inclinou para lhe dar um beijo muito breve. Justo uma carícia nos lábios e se afastou porque a tentação de continuar, de ficar lá em sua boca, era quase esmagante.

—O que está ocorrendo? —Allegra lhe tocou a bochecha com a mão. — O que acontece?

Tinha que dizer a ela. Kowalski se inclinou para seu ouvido mantendo os olhos no que estava ocorrendo no salão. Havia tensão nos ombros de Midnight. Logo começaria a ação.

—Acredito que John e Bud vão fazer algum movimento. —disse em voz muito baixa. — Tenho que os ajudar.

—Não, meu Deus, está louco? O que acontece com você? Não pode sair ali! Esses homens têm armas e você não! —Parecia desesperada e fez um visível esforço para recuperar o controle. — Fique aqui. — suplicou com um sussurro rouco.

—Não posso, querida. — Havia um verdadeiro pesar em sua voz, enquanto com cuidado afastava suas mãos da lapela do smoking. — Não posso deixar que façam isso sozinhos.

—Mas você chamou a polícia! Ouvi a voz do homem, ele disse que viria logo. —O sussurro era feroz quando se aferrou a seus bíceps.

Kowalski quase soltou um suspiro.

—Sim, mas John não sabe. Tenho que ir. Não posso deixar que Bud e ele enfrentem sozinhos a estes canalhas. — Observou o rosto precioso de Allegra, aprendendo-o de cor. Se o matavam, queria morrer com sua imagem na cabeça.

Os guerreiros profissionais não faziam ilusões sobre a batalha. Não importava o bom que fosse ou o duro que se treinou, às vezes as coisas saem errado. E a maioria das vezes ocorria quando menos se desejava. Tinha visto homens eliminados dois dias antes de retirar-se, no dia do nascimento do primeiro filho, uma semana antes do casamento...

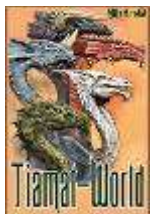
Kowalski estava preparado para morrer, se era necessário, cada vez que entrava em combate. Todos os guerreiros estavam se não fosse assim não poderiam fazer o que faziam.

A lei de Murphy estava mais que comprovada na guerra. O fato de que acabasse de encontrar à mulher mais desejável sobre a face da terra, e que ela parecia também sentir a mesma faísca, só fazia mais provável que o eliminassem, como se enfrentar desarmado cinco AK-47s, talvez mais, não fosse já bastante mau.

Daria seu ovo direito para poder ficar ali, em cima de Allegra, beijando-a, até que os bons chegassem e salvassem a situação. Mas não tinha aquela opção.

A vida é dura. Aceite-a. O Credo dos Guerreiros.

—Escute-me com atenção, querida. —Ela ficou quieta, tentando o seguir com os olhos cegos quando ele se moveu. Kowalski se endireitou e tirou a jaqueta do smoking. Colocou-a em sentido vertical sobre ela. Quase a cobriu toda. — Não se mova até que venha buscá-la. Se não vir, espera que a polícia a descubra. Não se mova. Larry Morton, o homem que chamei, sabe que há



alguém sob o palco. —colocou-lhe as bordas da jaqueta por debaixo do corpo. —Coloquei minha jaqueta em cima de você, é escura, assim te servirá de camuflagem. Recorda, aconteça o que acontecer, não se mova até que alguém venha buscá-la.

—Não vá. —sussurrou ela com a cabeça voltada para ele. Uma lágrima solitária deslizou pela pálida pele de sua bochecha. — Por favor, não vá.

Kowalski fechou os olhos, atormentado. Jesus, era a coisa mais difícil que jamais tinha feito.

—Tenho que fazer isso, querida. —sussurrou olhando para trás.

Os ombros de Midnight estavam rígidos. Quem não conhecesse John não notaria nada, mas Kowalski o conhecia como um irmão. Seja o que for que John planejasse fazer, ia fazê-lo já.

Kowalski se inclinou para dar um rápido beijo em Allegra, apanhando a lágrima com a boca, e lhe colocando os braços sob o amparo da jaqueta.

—Volte para mim. —sussurrou a mulher com urgência, tirando os braços para rodear seu rosto com as mãos.

—Claro, conte com isso. —ele disse com pressa, afastando-se dela. Midnight tinha começado a hiperventilar pouco a pouco, absorvendo o oxigênio necessário para a explosão de energia necessária para começar o combate. — Agora fica quieta. — murmurou por cima do ombro.

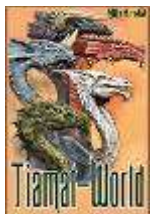
Começou a rodar para o final do palco, começando a hiperventilar. A encenação de uma operação era sempre o momento mais perigoso. Uma vez que o combate começava, sabia exatamente o que fazer e como fazê-lo. Aqui ia às cegas. Não podia começar nenhum movimento que fosse para não sabotar um ataque surpresa, tampouco podia permitir atrasar nem um segundo esse movimento depois que Midnight e Bud fizessem o seu. Tinha que cronometrar-se ao segundo. Respirou fundo e esperou, tenso e preparado.

—Boa sorte. —O som foi mais um movimento de ar que um sussurro. Ele assentiu. Ela não podia vê-lo, mas não se atrevia a arriscar a fazer qualquer som. Os ladrões já estavam acabando com o saque. E estavam tendo êxito. Tinham matado os guardas de segurança e tinham neutralizado os homens do salão, ou isso acreditavam. A idade média dos velhos ricos da sala era de sessenta anos, quase todos. Nenhuma ameaça.

Os saqueadores já deviam ter dançando pela cabeça visões de quinhentos milhões de dólares. Todas as mulheres, álcool ou cocaína — ou coisas como fretar seus próprios iates— que pudessem desejar durante o resto de suas vidas estavam metidas nas quatro bolsas de ginástica de lona que tinham a seus pés. Já estavam extasiados só com a ideia.

Inclusive o homem que tinha retido as mulheres tinha baixado a guarda, esquecendo a regra mais importante na batalha. Não acabou até que não tenha acabado. A última bala mata com tanta facilidade como a primeira.

Kowalski teria que usar a arma desse tipo, porque se havia algo seguro, era que John começaria com ele. Memorizou as posições dos outros ladrões de joias. Imaginou



quinze situações hipotéticas, calculando como se apropriar da arma do sacana que vigiava às mulheres quando estivesse morto. Se John tinha uma faca, a lançaria direto à garganta, e o mais provável é que o tipo caísse no chão de costas. Ou isso esperava. Era sua única possibilidade de apropriar-se com rapidez da arma. Se tivesse que girar de costas um morto para conseguir a arma, usaria uns segundos preciosos.

Já começa!

As enormes portas duplas na parte de trás do salão se abriram de repente e entrou Bud. Midnight se levantou, enviando uma imagem imprecisa de aço que atravessou o salão como um raio. O homem que apoiava a arma na cabeça de Suzanne saiu jogado para trás com os pés no alto, enquanto com movimentos frenéticos se agarrava à faca que tinha surgido no pescoço.

Kowalski pôs-se a correr agachado, logo começou a rodar para não ser um alvo tão grande, e se elevou para agarrar o AK—47 do tipo, fazendo fogo com explosões curtas e controladas, abençoando as centenas de milhares de rondas que tinha disparado nos treinamentos de combate. Não havia nada suave nas práticas de tiro dos Seals. Nada de dúvidas ao avistar o objetivo pela mira do canhão, imóveis, ambidestros. Não, eles treinavam para enfrentar à realidade, correndo, rodando enquanto disparavam em um alvo em movimento difícil de acertar, oito horas ao dia, vários meses ao ano.

Disparou a um ladrão na cabeça antes que o homem nem sequer tivesse tempo de disparar, e a outro — com um certeiro duplo disparo à cabeça— enquanto se movia agachado. Os dois ficaram desabados no chão com a imobilidade inconfundível da morte.

John tinha se encarregado de outros dois com facas antes de agarrar Suzanne. Bud acertou um ladrão no braço e na cabeça, e depois cambaleou e caiu ao chão. Com um grito, Claire foi correndo para ele. A frente da camisa de Bud se tingiu de um vermelho brilhante, estava ferido, e grave a julgar pelo sangue. Midnight segurava com força Suzanne entre seus braços, com a cabeça enterrada em seu cabelo.

Merda! Ainda ficavam os que vigiavam fora. Bud estava fora de combate e Midnight estava fora de si, aterrorizado por Suzanne.

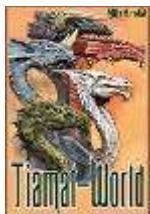
Kowalski girou e levantou a arma ante o som das portas laterais que abriram com violência devido aos explosivos. Já tinha o dedo no gatilho quando reconheceu a figura alta e forte de Larry Morton sob a armadura corporal.

Dez membros da SWAT entraram na sala com movimentos rápidos e precisos. Estavam bem treinados. Aos cinco segundos tinham cada centímetro do salão coberto, sobrepondo a cobertura dos setores. Mantiveram as armas levantadas e a ponto, embora fosse óbvio que o perigo tinha passado.

Kowalski foi até Larry, deixando o canhão do AK-47 apontando para o chão.

—Por que diabos demorou tanto? Nós tivemos que fazer tudo sozinhos.

—De verdade? Acreditava que havia dito que esperasse. —As palavras de Larry foram dirigidas a ele, embora seus olhos, escuros e penetrantes, dissecavam todo o salão. Mas já não



havia perigo ali. Quão únicos estavam de pé armados eram sua equipe e o próprio Kowalski. Os maus estavam todos mortos. Ao menos os que haviam ali dentro.

—E os homens de fora?

Larry deu de ombros.

—Já nos ocupamos deles.

Kowalski indicou com a cabeça a parte de trás do salão.

—O tenente Morrison vai necessitar assistência médica.

Os agudos olhos de franco-atirador de Larry se abriram assombrados.

—Bud? Está aqui?

—Sim, ocupou-se de uns desses tipos, mas está ferido. Já devia ter levado um tiro porque nenhum dos canalhas daqui teve tempo de disparar.

—De acordo. —Larry girou e falou pelo microfone de seus auriculares com voz baixa e urgente. Assentiu com gravidade olhando Kowalski. — Bem. Os médicos estão fora. Entrarão em poucos...

Uma equipe de médicos irrompeu na sala. Larry levou dois deles para onde estava Bud desabado no chão, inconsciente, cuidado por Claire. Outros médicos se desdobravam em leque, tocando os pescoços de cada ladrão, e logo continuando com o seguinte. Um deles comprovou o convidado que tinham matado. Negou com a cabeça e se levantou. Duas mulheres desmaiaram e estavam sendo reanimadas pelos médicos.

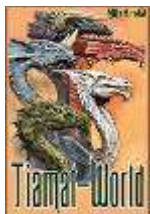
Midnight se aproximou de Kowalski e de Larry, com o braço fortemente apertado ao redor dos ombros de Suzanne. Ela estava tremendo, algo que Kowalski já esperava posto que quase a tinham matado com um tiro na cabeça. Mas Midnight também tremia, e isso deixou totalmente aturdido Kowalski. Nunca tinha visto John Huntington mostrar nenhuma emoção absolutamente depois do combate. E aqui estava ele, pálido e tremendo.

—Vou para casa. —disse Midnight, olhando para Larry. — Sei que têm que me interrogar, e a dois desses, — olhou os ladrões mortos no chão de mármore com olhos frios e sem interesse. — eu os matei. Com uma faca na garganta. Encontrará minhas digitais nas lâminas. Irei amanhã ao centro se precisar de mim, mas agora mesmo levo minha esposa para casa.

Larry assentiu.

—De acordo. Parece-me que aqui está tudo sob controle. Queremos uma declaração, mas isso pode esperar. Os do CSI chegarão a um minuto. Estaremos ocupados durante um momento limpando o chão e identificando aos mortos. Entraremos em contato. — olhou mais à frente. —Você também, Kowalski. Chamarei você logo.

Os médicos tinham posto Bud em uma maca e o tiravam da Fundação. Claire ia ao lado de Bud, mantendo uma mão na maca enquanto caminhava. Alguém, provavelmente uns dos convidados, tinha-lhe dado uma jaqueta e ela a segurava com força a seu redor. Larry foi comprobar como estava Bud.



A mandíbula de John esticou. Apertou com mais força o braço ao redor dos ombros de Suzanne.

—Venha, meu amor. Vamos para casa.

Suzanne tinha estado chorando, tinha a maquiagem desfeita e tinha um enorme rasgão na saia do vestido, e ainda assim estava bonita. Murmurou assentindo, logo se deteve e olhou para cima.

—John, onde está Allegra? Não podemos ir sem ela. Veio conosco. Como vai para sua casa...?

—Ela está a salvo. —disse Kowalski. — Fiz com que se escondesse sob o palco. —Olhou para Midnight com dureza. — Eu cuidarei dela. Assegurar-me-ei de que chegue sã e salva em sua casa.

Midnight ficou olhando durante uns longos instantes, logo assentiu.

—De acordo. Vamos, amor.

—Não, não vamos. Allegra é nossa responsabilidade. Veio conosco e nós temos que levá-la para casa. — Suzanne se manteve firme. — Não vou partir sem ela.

Kowalski estava exasperado, mas ao mesmo tempo não ficou mais remédio que admirar Suzanne. Estava pálida e tremendo, tinha estado a ponto de que os miolos saíssem voando, era muito provável que desejasse a segurança e tranquilidade do lar e dos braços de seu marido, mas não ia mover-se dali sem sua amiga.

—Já disse que eu me encarregarei disso, Suzanne. —disse ele com voz baixa.

—Humm... não sei. — Olhou a seu marido e logo voltou a olhar Kowalski. — Tem que me prometer que a acompanhará até a porta, Douglas. É cega e se assustará. A verdade é que me sentiria melhor se nós a levássemos a sua casa.

Kowalski assentiu uma vez.

—Entendo você, Suzane. Mas não tem por que preocupar-se por Allegra. Cuidarei dela.

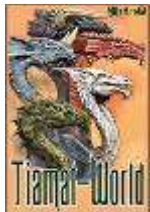
—Pobre Allegra... — sussurrou ela. Olhou a Kowalski nos olhos, procurando algo, e o queixo começou a tremer. Umedeceram-lhe os olhos. Quando caiu uma lágrima, Midnight estendeu a mão para enxugá-la. A tensão começava a romper as defesas de Suzanne.

—Pode confiar em Kowalski, meu amor. Não deixará que lhe aconteça nada. —murmurou Midnight no seu ouvido. Logo jogou a Kowalski um olhar que dizia com toda clareza, *se ocorrer algo a amiga de minha esposa, arrancarei sua pele.*

Tinham passado muito tempo juntos sob as condições mais perigosas e tinham aperfeiçoado uma comunicação tácita. Kowalski o olhou nos olhos, *Allegra agora está comigo e não lhe ocorrerá nada.* Midnight assentiu e se dirigiu a sua esposa.

—Vamos querida, tudo está bem, prometo-lhe isso. Allegra está bem. Kowalski sabe o que tem que fazer. Vamos já. —Girou Suzanne para a porta e ela foi sem protestar.

Kowalski pôs a trava na arma, a deu a um da equipe da SWAT e correu para o palco. Agachou-se para olhar embaixo e a viu.



Como sempre, estava se restaurando a ordem com a rapidez incomum que os soldados tinham aprendido em tempos de combate. Seus homens e ele estavam tão bem treinados que o que parecia aos civis com uma confusão atemorizante era em realidade uma série de movimentos peritos repetidos tantas vezes que poderiam fazê-los com os olhos fechados. Embora parecesse que tinham passado horas, sabia que não tinha transcorrido mais de quinze minutos desde que tinha deixado Allegra.

Embora quinze minutos só e cega na metade de uma ação violenta devia ter sido aterrador.

Ela jazia de costas tal como a tinha deixado, com o brilhante cabelo vermelho ressaltando sobre o chão de mármore branco. Os longos dedos de uma mão se agarravam à jaqueta. Tinha o rosto voltado para o salão, mortalmente pálido e esgotado. Parecia tão perdida e tão vulnerável, como um anjo abandonado na terra, tocado pela tragédia. O coração deu um tombo no peito.

—Allegra. —disse com suavidade.

Capítulo 5

Os gritos, o sangue, o terror... aquela cara cruel zombando dela, olhos meio enlouquecidos, ele de pé ao lado do corpo imóvel de seu pai.

Sangue, tanto sangue. Rios de sangue que se estendiam sobre a bancada de vidro da mesa, como rio fluindo. O tapete branco e as paredes cor nata estavam salpicadas de brilhantes gotas vermelhas. O sangue da cabeça destrocada de seu pai deslizando como uma maré vermelha pela borda da mesa, detendo-se tremente na borda biselada para logo transbordar e ir caindo pouco a pouco, em grandes gotas, sobre o tapete. Caindo, caindo, caindo...

Seu pai ficou imóvel, oh, tão imóvel, com aquele amado rosto voltado para ela. Seu sorriso permanente já não estava, não estava o humor em seus olhos, não estava a suavidade de seus bonitos traços irlandeses.

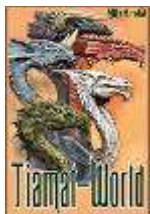
Ele não estava. Seu pai não estava. Morto. Para sempre.

E então sua cabeça, esmagada com tanta crueldade, moveu-se. Girou para ela. As pálpebras estavam abertas e viu os olhos azuis esverdeados de seu pai. A boca morta também estava aberta e, oh Deus, ele falou, de maneira surpreendente, com uma voz profunda, muito profunda, diferente à voz de tenor ligeiro de seu pai.

—Allegra. —disse.

Seu pai falava de além da tumba. Deus santo, estava morto e se dirigia a ela.

—Allegra. — repetiu a voz profunda que não era a de seu pai, mas que saía da boca morta de seu pai.



Seu pai nunca a chamava Allegra. Estava acostumado a chamá-la de “Allie”. “Allie, querida minha”, quando tinha bebido. E sua voz era luminosa como a Irlanda, não profunda como a noite.

Sua boca morta se abriu de par em par, de maneira antinatural, com os lábios e os dentes manchados de sangue.

—Allegra. — a voz profunda repetia seu nome pela boca de seu pai, e era como se saísse das vísceras do inferno...

A respiração de Allegra se cortou pelo horror, erguendo-se de repente. Bateu muito forte na cabeça com algo duro e metálico, e caiu de costas outra vez, atordoada.

—Cristo! —exclamou a voz profunda e uma mão forte a arrastou pela frieza do chão. Alguém a levantou e a segurou com força.

—Médico! —bramou alguém por cima de sua cabeça. — Que alguém traga aqui um maldito médico!

Allegra se sobressaltou ante aquele bramido. Piscou ante a escuridão, logo recordou — com um cruel e selvagem estremecimento do coração. — que a piscada não a ajudaria a limpar a visão. Nada no mundo o faria.

Perdeu o sentido da realidade, ficando desprotegida, afundando-se no desespero, deslizando em um mundo de pesadelo. Não podia ver! Onde estava? Tinha havido disparos, gritos...

—Afasto-se. — disse uma voz masculina nova, e acrescentou com mais brutalidade. — Escute senhor, solte-a. Tenho que examiná-la.

Tinha estado apoiada no corpo forte de Douglas, eram seus enormes braços os que a seguravam. Não queria deixar aquele refúgio seguro, nunca. Apertou-se com mais força contra ele.

—Deixe-a ir agora, tenho que olhar se o golpe foi forte. —O médico parecia exasperado.

Os braços afrouxaram e outra mão masculina, menor, tocou-lhe com cuidado a testa.

—Senhorita, vê duplo? —perguntou o homem.

—Não vê nada absolutamente, é cega. —disse aquela voz profunda, e de repente tudo encaixou. Parks Foundation, a noite da estreia, ladrões de joias...

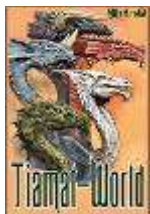
—Douglas! —quase gritou ela, afastando a mão que tocava sua testa com tanto cuidado. Inclinou-se para diante até que encontrou Douglas, moveu as mãos sobre o peito enorme, até os ombros largos, descendo pelos braços.

—Está bem? Ouvi disparos. Oh, meu Deus. Está bem?

—Estou bem. —retumbou ele. Voltou atraí-la para seu peito, abraçando-a com força. — E você? Recebeu um bom golpe.

Ela enterrou o rosto na calidez do torso masculino e negou com a cabeça.

—Não tem importância. —resmungou sobre a frente da camisa engomada. — Estou bem, só me arde um pouco. — Alguém tentava girá-la e ela afastou os ombros. — Não necessito ajuda. Diga-lhe que parta.



—Senhorita, acredito que deveria ir ao hospital e que a tenham em observação esta noite. —Outra essa vez segunda voz. — Tem uma pancada bastante feia.

O coração de Allegra começou a pulsar aterrorizado.

—Não! —exclamou com brutalidade. — Nada de hospitais.

Nada de hospitais, nunca mais. Só o aroma de hospital fazia com que o estômago lhe revolvesse tanto que quase doía. Passara meses em uma cama com aqueles aromas, cega e atada a tubos intravenosos como uma prisioneira.

—Não irei a nenhum hospital, de maneira nenhuma. Só quero ir para casa. — Levantou a cabeça. Não podia ver o Douglas, mas ele sim podia vê-la. Sabia que o desespero se refletia em seu rosto. — Por favor, quero ir para casa. —sussurrou com voz trememente. — Suzanne e John me podem levar...

—Já se foram. —disse Douglas.

Ela soube que seu rosto mostrou a consternação que sentia. Tinha vindo com Suzanne. Nem sequer lhe tinha ocorrido que sua amiga a deixaria ali, que se esqueceria dela. Allegra perdeu um pouco mais do escasso controle que ficava.

—Oh, meu Deus, e como...

—Eu disse a Suzanne que eu a levaria para casa. —acrescentou Douglas com rapidez. — Ela queria esperá-la, mas estava muito afetada, assim John a levou para casa. Não se preocupe, Allegra. Levarei você em meu carro. Mas não acha que primeiro você deveria ver um médico? Talvez o doutor que a examinou tenha razão. Talvez tenha que ir ao hospital.

Allegra tentou parecer racional e tranquila, oh, não, não acreditava que precisava, quando o que de verdade queria era gritar. Só de pensar em um médico e em um hospital fazia com que deslizesse em um buraco negro do qual nunca poderia voltar a sair.

—Não. — sua voz tremia. Esperou um momento para assegurar-se que voltava a tê-la firme. — Estou bem. Só levei uma batida na cabeça, nada sério. Não perdi os sentidos nem nada parecido. Estarei bem.

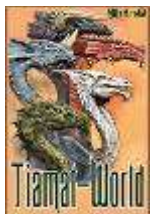
Olhou para cima, ansiosa, sabendo que estava nas mãos daquele homem, tentando com desespero adivinhar o que decidiria. Não tinha nenhuma outra forma de voltar para casa, exceto chamar um táxi. Estava completamente segura que ele não o permitiria. Se acreditava que precisava ir ao hospital, levaria-a ali. O coração começou a pulsar com força só de pensá-lo.

—Por favor. —sussurrou.

—De acordo. —Douglas parecia resistente. — Mas tem que me prometer que se ficar enjoada me dirá.

Ela sempre estava enjoada. Pela manhã, ao meio dia e de noite. Tinha estado enjoada desde que tinha perdido a visão.

—Prometo. —disse isso com ardor.



—Se não vai ao hospital, assegure-se que não se encontra enjoada. —indicou o médico. — E deveria levá-la se tiver dor de cabeça, dificuldade em concentrar-se, desmaio ou ansiedade.

Assim era mais ou menos como se sentia cada minuto em que estava acordada de cada dia. Nenhum golpe na cabeça ia mudar isso.

—Você...

—É óbvio. —mentiu ela. — Prometo.

—Bom, se estiver segura. —disse o médico à contra gosto.

—Encarregarei-me que se faça assim. — A voz de Douglas era tão calma. Tranquilizava-a e também devia ter tranquilizado ao outro homem porque ouviu passos que se afastavam. Douglas a atraiu para ele uma vez mais.

—Onde está Claire? Encontra-se bem? —A voz soou amortecida contra o peito masculino, uma enorme mão lhe rodeou a nuca, abraçando-a com força. Foi um abraço surpreendentemente íntimo, quase mais íntimo que o beijo sob o palco, porque estavam à vista de todos. Mas não lhe importava.

Havia uma confusão enorme no salão. Recordou o grande salão de Parks Foundation de antes. De quando podia ver. Claire havia dito que esperavam que viessem ao redor de duzentas pessoas na inauguração. E aparentemente quase todos estavam ali falando de uma vez. Lá perto distinguia os soluços de umas mulheres e duas agudas vozes masculinas que falavam cada vez mais zangadas, vozes que ecoavam no alto teto. As interferências de uns rádios formavam um desagradável ruído de fundo e de vez em quando se ouvia uma voz que parecia a de um funcionário dizendo a alguém que continuasse.

Era impossível saber de onde procediam os sons, era um enorme muro de ruídos impaciente e descontentes, de sons que ricocheteavam nas paredes até misturar-se de tal maneira que mal podia adivinhar de onde vinham. Desde o acidente, nunca tinha estado em uma sala com mais de duas ou três pessoas. Passava dias e dias só em seu silencioso apartamento, com apenas um pouco de música para lhe fazer companhia. Em nenhum momento desde que tinha perdido a visão tinha sido incapaz de localizar a fonte de um som.

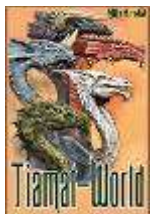
Aquele completo caos a desorientou e a atordoou. O único seguro e sólido era Douglas Kowalski, alto, largo e forte, imóvel, o tranquilizador centro de seu mundo. Quando se aferrou a ele, a vertigem foi desaparecendo pouco a pouco até que os ruídos se transformaram em vozes individuais. A multidão caminhava arrastando os pés para a saída. O coração deixou de golpear com aquele pulsar frenético de pânico.

Respirou fundo uma vez, depois outra.

—Melhor? —perguntou ele em voz baixa.

Ele sabia. De algum jeito sabia.

Allegra engoliu saliva. Afastou a cabeça de seu peito de repente, envergonhada de si mesma. O inesperado momento de pesadelo, os disparos, os gritos, tudo a tinha deixado bastante desorientada, como se caísse em um profundo buraco que não sabia que estava aí. Geralmente seu controle era maior do que parecia agora.



Franziu o cenho, preocupada.

—Não me disse onde está Claire. —Se agarrou com força a seus braços, dominada de repente pelo medo. Douglas não se esqueceu de lhe dizer onde estava Claire, o que fazia era ocultar algo. — Onde está? Está bem? Oh, meu Deus, espero que não lhe tenha acontecido nada. —Allegra girou a cabeça, como se pudesse ver Claire na sala.

—Suponho que estará no hospital. — respondeu Douglas com calma, segurando-a quando ela tentou separar-se de um puxão. — Com Claire não aconteceu nada, não se preocupe. Mas dispararam em Bud no peito. Os médicos o levaram e ela foi com ele.

—Oh, Deus, pobre Claire... Podemos averiguar se Bud está bem? A quem o perguntamos? —Bud tinha que estar bem, por favor, que estivesse bem. A alternativa — que Bud estivesse morto, assassinado ao tentar salvá-los — era algo que Allegra não podia nem imaginar. Claire estava desesperadamente apaixonada por Bud. Claire já tinha sofrido muito em sua vida. Tinha sacrificado muito de si mesma. Dez anos sacrificados à leucemia. Como poderia suportar a perda do amor de sua vida só umas poucas semanas depois de encontrá-lo?

Antes — em sua reencarnação anterior como Allegra Ennis, a cantora e harpista feliz— Allegra teria estado absolutamente segura de que Bud estaria bem. Teria uma ferida superficial que serviria para arrumar as coisas entre Claire e ele. Essa era a maneira em que transcorria a vida. Algumas coisas erradas aconteciam uma e outra vez, mas não muito mal. Só o justo para apreciar o que se tinha. E logo tudo voltava a ir bem imediatamente.

Mas agora era mais sábia. Coisas terríveis e aterradoras ocorriam constantemente, coisas que não tinham acerto, nunca. O mundo estava cheio de sofrimento e dor, as perdas nunca poderiam recuperar-se. A dor era infinita.

—Por favor, averigua se Bud está vivo. —sussurrou ao Douglas, estremecendo ante a possibilidade que Bud estivesse morto e que o coração de Claire tivesse quebrado.

—De acordo. —Douglas a soltou e deu um passo atrás. — Mas primeiro vista isso. Abriram todas as portas e faz frio. Logo irei perguntar se alguém tem notícias do hospital.

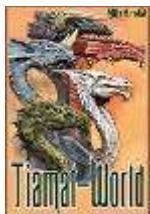
Um segundo mais tarde pôs sua jaqueta sobre os ombros. Reconheceu-a pelo aroma e o tamanho. Emanava um fraco aroma de naftalina e sabão. Nada de loção pós-barba, já que ele não parecia usar. E era enorme. Havia a coberto quase como uma manta enquanto esperava impotente sob o palco.

Ela a colocou bem, agradecida por aquele calor extra. Pendurava-lhe quase até os joelhos, mas a esquentava. Quando se envolveu nela os tremores mais fortes desapareceram. Ficou ali esperando as notícias, estremecendo, mas não de frio.

Passos que voltavam.

—Bem. —disse Douglas lhe tocando o braço. — Isto é o que averiguei. Foi ingressado no hospital Laurel Park e agora mesmo está na sala de cirurgia. Tenho um número para ligar e pedir mais informação.

—Eu também tenho o número do celular de Claire, se é que o leva consigo.



—De acordo, pois já está. Não há nada mais que possamos fazer aqui. Quero levá-la a sua casa e fazer que tome algo quente. —Uma enorme mão a agarrou pelo braço, que se perdia na manga da jaqueta. — Vamos, querida.

Não tinham dado mais de dez passos quando Allegra se deteve sobressaltada pelo que tinha estado a ponto de esquecer.

—Oh, meu Deus! Dagda! Estava a ponto de ir sem a Dagda.

Ele também se deteve.

—Quem? Dagda?

—Não quem, o que. —Embora para ela Dagda estivesse tão viva como qualquer um de seus amigos. — Minha harpa. Não posso deixá-la aqui. É insubstituível. —O fabricante de harpas mais importante da Irlanda fizera a Dagda à mão. Charlie McKerron tinha morrido de um enfarte dois anos atrás enquanto tocava em um pub mais bêbado que um gambá. Nunca poderia fazer outra Dagda. — Necessitará o estojo para levá-la. Está no guarda-roupa. Mas Dagda pesa muito. Ao redor de vinte e sete quilos. — Allegra pareceu ouvir um pequeno bufo.

—De acordo. —Douglas puxou um pouco seu braço para afastá-la a um lado. Deviam estar parados nas enormes portas abertas que davam à rua porque as pessoas a empurravam ao sair. Soprava um vento gélido e notou pequenas agulhas de água e neve no rosto. Ao longe, os motores ficavam em marcha. O aroma dos escapamentos dos carros encheu o ar.

— Isso é o que vamos fazer. Vou levá-la até o carro e ligarei a calefação. Logo deverei buscar a Dagda.

—Metida no estojo.

—Metida no estojo.

Ela elevou o rosto para ele, preocupada.

—Dagda é muito delicada. Tem que estar cuidadosamente coberta com uma manta. Está dentro do estojo. O frio é muito ruim para ela, curva sua madeira.

—De acordo. —Havia uma nota de humor na voz profunda. Alisou-lhe o cenho franzido entre as sobrancelhas com o polegar. — Então retifico. Vou levá-la ao carro e ligarei a calefação. Logo deverei buscar a Dagda e o estojo. Agasalharei Dagda com a manta para que esteja confortável e quente e a colocarei no estojo, e se for necessário porei uma garrafa de água quente, logo a trarei para o carro que já estará quente. Como isso parece?

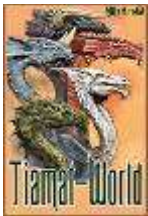
Foi uma pobre tentativa de humor, mas a fez sorrir.

—Muito obrigada.

—É um prazer. —disse ele, e a agarrou nos braços.

—Oh! O que faz?

Levava-a com tanta facilidade como levaria a uma criança a maioria dos homens, descendo primeiro pela elegante escada de granito e caminhando depois pelo caminho de cascalho de entrada à Fundação. Ouvia o som dos sapatos sobre o cascalho e quando ele falou também sentiu na lateral do corpo as vibrações de sua voz profunda.



—Há neve no chão e placas grandes de gelo. Seus sapatos são muito bonitos, mas não servem para a neve.

Ela usava umas sandálias abertas de cetim com salto plataforma.

—Bom, as botas não combinam com os vestidos de noite.

—Não, certamente que não. Nem sequer iriam bem botas de cetim verde. —A segurava entre seus braços, a grande altura. A única maneira de conservar o equilíbrio era passar os braços pelo pescoço. Ambas as bochechas ficaram unidas e Allegra o sentiu mover músculos da face quando sorriu.

Nunca a tinham levado nos braços desde que era adulta. Agora entendia por que esta cena saía tanto nos livros e nos filmes. Era uma sensação deliciosa, com um romantismo de outra época. Era como ser transportada a outro lugar, a outro tempo. E, além disso, ele estava fazendo muito bem. Nem resfolegava, nem ofegava, nem cambaleava. Respirava com normalidade e seus passos eram firmes e constantes, como se estivesse dando um passeio noturno. Aqueles músculos tão fortes que tinha notado não eram para impressionar, usava-os de verdade.

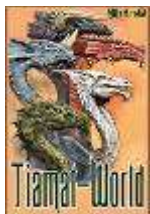
Douglas era forte e valente. Embora vivesse mil anos nunca poderia esquecer sua voz dizendo que podia receber um balaço em seu lugar. E havia dito muito a sério. Havia a coberto tanto como tinha podido, deixando bem claro e sem lugar a dúvidas que ele estava decidido a receber a bala.

Só a tinha deixado quando viu que seus amigos iam enfrentar sozinhos aos ladrões. Poderia ter salvo a si mesmo com facilidade. Quão único tinha que fazer era ficar sob o palco com ela, sabendo além que a ajuda estava a caminho. Mas tinha decidido ajudar a seus amigos, desarmado. Estava segura que não tinha tido nenhuma arma. Havia sentido cada centímetro dele quando o teve em cima. A lembrança da única arma letal que ele tinha o pênis ardente, duro e enorme, a fez avermelhar.

E beijava como no cinema. Essa também era uma arma bastante poderosa.

A verdade é que tinha esquecido o perigo, tinha esquecido tudo, enquanto a beijava. Perdeu-se em um mundo de fogo e poder vital, aferrando-se àquele corpo tão forte como se estivesse aferrando à própria vida. Em um instante, o beijo tinha passado de ser uma doce união de lábios a sexo puro e forte. Uma pronunciada elevação de paixão ardente. Havia-o sentido enorme em cima dela, pressionando com força contra o monte de Vênus. Seu corpo se preparou para ele abrindo-se como uma flor. Uma vez que o pênis fez lugar entre os lábios do seu sexo, roçando-os, ela tinha começado a estremece, arqueando-se contra ele para absorver mais aquele fogo e poder vital. Cada vez que se arqueava, ele se tornava maior até sentir as ondulações da ereção nos lábios abertos do sexo. Tinha sido o mais excitante do mundo.

Quando ele se afastou já estava quase a ponto de chegar ao clímax.



Que homem tão extraordinário. Tinha a feito sorrir, tinha-lhe dado coragem e proteção, e a tinha excitado como nenhum outro homem antes. E agora a levava nos braços para que não molhasse os pés.

Já tinham chegado ao carro. Ou ao SUV, a julgar pela altura. Ouviu o “whump” das portas ao abrir a trave com o controle remoto e ele deu um jeito para abrir a porta do passageiro e colocá-la dentro sem sacudi-la. Uns segundos mais tarde já estava no assento do condutor, pondo em marcha o motor. O assento rangeu quando girou para agarrar algo detrás dele. Uma manta suave a cobriu por inteiro e logo umas mãos colocaram as bordas por debaixo do corpo. O carro estava esquentando.

—Isso, se sua harpa merece uma manta, você também. Isto esquentará em um minuto. Irei procurar a Dagda e logo a levarei para casa.

Allegra estendeu a mão e lhe tocou o antebraço. Douglas só levava posta a camisa apesar do intenso frio porque lhe tinha dado a jaqueta.

—Quer a jaqueta? Eu estarei bem com a manta.

—Não. Fique vestida com ela. Volto em seguida.

Ela meteu a mão em um bolso diminuto costurado ao sutiã do vestido.

—Aqui está à chave do estojo de Dagda, e minha bolsa está dentro do estojo.

—Certo.

Ela ainda tinha a mão em seu braço. O braço era quente e duro, igual ao resto dele. Quando Douglas se moveu, ela o agarrou com mais força.

—Douglas?

Ele ficou imóvel.

—Sim?

—Obrigada por tudo.

O homem pigarreou.

—Não há problema. Não se mova. —Um segundo mais tarde a porta se fechou detrás dele.

Fiel a sua palavra, a cabine esquentou com rapidez. Os calafrios foram desaparecendo pouco a pouco enquanto esperava pacientemente envolta na enorme jaqueta e reconfortada pela suavidade da manta.

Ouviu que abria a porta traseira.

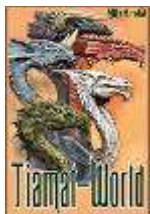
—Aqui está Dagda. —disse Douglas— Sã e salva, e muito cômoda no estojo.

Ela girou.

—Colocou...

—Sim, coloquei. Não tem frio, prometo-lhe isso. —A porta fechou e Allegra não pôde evitar sorrir ao pensar em Dagda a salvo e, como ela mesma, bem envolta. O SUV pareceu afundar um pouco sob o peso de Douglas que se inclinou para ela, passou-lhe o cinto de segurança e o fechou. Logo lhe pôs no colo a bolsinha de noite. — Bom, e agora teria que me dar seu endereço.

Allegra podia vê-lo em sua imaginação, com as mãos no volante, voltado para ela. O que daria para saber como era. Desde que tinha perdido a visão, só tinha saído com amigos próximos,



sobretudo Claire e Suzanne, o pai de Claire, a governanta dos Park, Rosa, e a família de Rosa. Não era capaz de relacionar-se com alguém cujo rosto não pudesse imaginar.

—1046 Adams Drive. Está ao outro lado da cidade, perto de...

—Sei onde está. —O SUV ficou em movimento com as rodas chiando no cascalho do caminho.

—Acreditava que era novo em Portland. Que acabava de se mudar pra cá.

—Sou, mas um bom soldado sempre explora o terreno. Está cômoda? Quer que ponha a calefação mais forte?

—Não, estou bem, obrigada. Quando chegarmos a minha casa poderemos ligar para o hospital? Ou talvez possa tentar ligar para o celular de Claire. Tenho que saber o que acontece. —Não podia suportar a ideia de que Claire estivesse sozinha no hospital, talvez chorando pela morte de seu homem. Allegra ainda chorava pela morte de seu pai cinco meses atrás. Ainda tinha o coração destroçado.

—Não precisa que esperemos para chegar a sua casa. — Ouviu os assobios eletrônicos ao marcar um número em um celular.

—Kowalski? —disse uma voz metálica. O carro tinha mãos livres. — O que acontece?

—Larry, sabe como está o tenente Morrison?

—Bud? Espera um segundo, vou verificar. —Houve alguns ruídos surdos, logo a voz voltou a estar na linha. Soava sombria.

—Negativo, Kowalski, não há notícias. Bud está ainda na sala de cirurgia.

—Mantenha-me informado, Larry.

—Farei isso.

Allegra se aconchegou mais dentro das camadas de roupa que a envolviam. Os tremores haviam tornado a começar. Douglas apertou um botão e uma rajada de ar quente saiu do painel de controle para lhe esquentar os pés.

—Melhor?

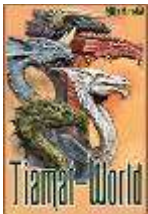
—Muitíssimo melhor, obrigada. Na próxima vez me assegurarei de usar botas de cetim. —O sorriso que tinha aparecido em seu rosto, desapareceu. A próxima vez... talvez a próxima vez, Claire teria o coração destroçado. — O que acha que acontecerá com Bud?

—Se uma ferida de bala não é mortal no momento de recebê-la, há noventa por cento de possibilidades de recuperação. Se Bud tiver chegado vivo à sala de cirurgia, continuará vivo o tempo que ficar.

A voz profunda soava tão pragmática, tão segura, que Allegra notou como lhe relaxavam os músculos.

—É verdade ou está inventando isso para me fazer sentir melhor?

—Inventaria isso se isso fizesse que se sentisse melhor, mas acontece que é verdade. Nunca vi morrer um soldado que tenha conseguido superar o transporte em



helicóptero até o hospital e chegar a sala de cirurgia. Com cada minuto que passa, as possibilidades de Bud são maiores.

Talvez fossem tolices, mas fez com que se sentisse melhor.

Seguiram o trajeto em silêncio. Em um determinado momento Douglas pôs em funcionamento o limpador de para-brisas. Ouvia-os movendo-se para cima e para baixo.

—Neva?

—É, mais chuva e neve. Não coalhará, mas as ruas estão geladas.

Allegra não podia ver como conduzia, mas sabia que Douglas era um bom condutor. Inclusive embora as ruas estivessem escorregadias com o gelo, a marcha do veículo parecia estável, as freadas e as curvas eram suaves. Dois dias antes teve que tomar um táxi para ir ao neurologista e o homem tinha conduzido como um maníaco, quase a matando de susto.

—Obrigada por me levar. Alegro-me de não ter tido que chamar um táxi para ir para casa.

—Nunca teria permitido que pegasse um táxi.

Allegra girou a cabeça para Douglas ao ouvir isto, mas ele não disse nada mais. Agora fazia calor no carro, e estava começando a sentir os efeitos da violência vivida. Era um trajeto de carro para sua casa de quarenta minutos. O silêncio, a sensação daquela máquina enorme e poderosa retumbando sob ela e o sussurro constante do movimento dos limpadores de para-brisas a deixavam sonolenta. Allegra estava ficando adormecida quando a campainha aguda de um telefone despertou de repente.

—Sim? —ouviu Douglas dizer.

—É Larry, grandalhão. Escuta, acabamos de saber que Bud saiu da sala de cirurgia. Vai se irritar muito quando despertar tem buracos onde não é habitual, vai sentir dor e vai ter tubos entrando e saindo de seu corpo durante uns dias, mas sairá desta.

Ela ouviu como Douglas inspirava profundamente.

—Essas são boas notícias. Muito boas. Obrigado por ligar, Larry.

—De nada. Escuta, o detetive Swanson diz que tem que vir na segunda-feira pela manhã. Necessitamos uma declaração. De você e de John Huntington. A de Bud esperamos que possa falar, mas vocês dois, caras, têm que vir.

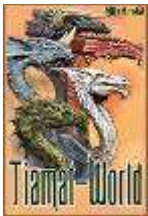
—De acordo, então o verei na segunda-feira pela manhã.

Allegra deixou escapar um longo e trememente suspiro de alívio.

—Oh, graças a Deus! Estava tão preocupada. Claire teria ficado tão desolada se tivesse ocorrido algo a Bud. —Levou as mãos trementes ao rosto, quase aturdida pela felicidade que sentia por Claire. Outra perda teria sido insuportável.

—Sim, foram umas notícias realmente boas. —Ele agarrou a mão esquerda de Allegra com uma das suas, muito maior, e a levou aos lábios. Beijou-lhe a palma, fechou-lhe a mão em um punho e a voltou a pôr no colo. — Escuta, se quer dormir um pouco, durma. As ruas estão muito geladas para que vamos depressa. Pelo menos passarão outros quarenta e cinco minutos até que cheguemos a sua casa.

Allegra girou para ele.



—Onde vive Douglas? —Procurou manter a voz firme, como se não estivesse afetada pelo beijo. Porque ela estava. A palma da mão ardia enquanto a mantinha fechada no colo, como uma cálida flor.

—Encontrei um apartamento em East Meadows.

Ela se sobressaltou.

—Isso está do outro lado da cidade. —Parks Foundation, sua casa e o apartamento dele faziam um triângulo enorme. — Sinto muitíssimo tê-lo desviado tanto de seu caminho.

Giraram uma esquina e o movimento a inclinou para ele.

—Nem sequer pense nisso. Descansa agora, a despertarei quando chegarmos. Aposto o que quiser que está cansada.

Que ela estava cansada? Não tinha sido ela quem tinha entrado em combate, movendo-se com rapidez para salvar a situação como algum super herói. Allegra abriu a boca com indignação para dizer:

—Não, eu não estou... — começou, mas a palavra se converteu em um enorme bocejo, tão repentino e incontrolável que nem sequer teve a oportunidade de cobrir a boca. —... cansada. —terminou com remorsos.

—Tudo bem. — Ele apertou algo e o respaldo do assento se reclinou vários graus. — Descansa de todas as maneiras.

—Bom. —resmungou ela. O assento era muito cômodo. Deu a volta ligeiramente para ele e fechou os olhos. Notou como as bordas da manta se metiam ainda mais sob ela e sorriu... O carro se deteve e Douglas desligou o motor.

Allegra se sentou ereta, piscando.

—O que há? O que aconteceu?

—Já chegamos. —disse Douglas com toda tranquilidade.

—Chegamos onde?

—A sua casa. Estacionei justo diante de sua porta.

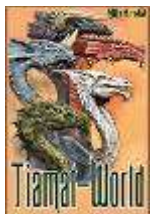
—Minha casa? Oh, meu Deus, dormi de verdade! —jogou o cabelo para trás enquanto se sentava. — Eu sinto muito.

—Não tem que se desculpar. —Desabotoou-lhe o cinto de segurança e pôs no seu ombro uma mão reconfortante. — Bom, já sabe o procedimento. O mesmo de antes. Coloco você em casa e logo volto a procurar a Dagda. Parece bem a você?

—Muito bem.

—De acordo. Dê-me as chaves de sua casa. —No tempo que levou tirar as chaves da bolsa, ele já tinha chegado à porta do passageiro. — Dê-me as chaves e logo se incline para frente. —ele disse, e ela o fez, com uma fé absoluta que ele a seguraria. Douglas a segurou nos braços, com manta e tudo, e se dirigiu para a casa. Outra vez com aqueles passos longos, tranquilos e poderosos.

O tempo se tornou muito frio, quase ártico. A neve caía em cada um dos poucos centímetros de pele exposta. Douglas a tinha envolto bem, mas as mãos e as bochechas



ficaram imediatamente intumescidas pelo frio. Inclusive envolta na jaqueta dele e a manta, começou a tremer, mas ele não. Talvez ele não tivesse frio. Era possível, considerando a enorme enorme quantidade de calor que irradiava aquele corpo tão grande. Todo o lado direito, ali onde onde tinha contato com ele, estava quente.

Havia trinta e cinco passos da grade à porta de sua casa. Tinha-os contado. Tinha tido que contá-los para não dar de cara com a grade ou tropeçar com os degraus do alpendre dianteiro. Que Douglas tinha subido sem nenhuma dificuldade. Só tinha levado vinte passos chegar à porta.

De alguma forma conseguiu abrir a porta sem problemas, inclusive com ela nos braços. Entrou na casa e a soltou com suavidade. Não deixou de segurá-la até estar seguro que ela se mantinha ereta. Enquanto a deixava no chão, ela teve que deslizar para baixo, o roçando, e ficou surpreendida uma vez mais de quão alto era. Pelo menos uma cabeça mais alto, provavelmente mais.

—Vou trazer a Dagda. —A porta se fechou sem ruído detrás dela, e ficou sozinha.

Depois da cálida temperatura do SUV e do calor de seu corpo, a casa estava fria. Vazia. Morta. Escura.

Como sempre.

O pânico e a bÍlis lhe subiram do estômago à garganta.

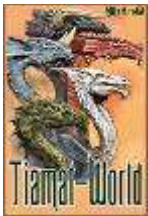
Allegra não sabia em que lugar estava da sala de estar. Não tinha prestado atenção quando Douglas tinha entrado na casa, muito distraída pela sensação de uns músculos muito duros que se moviam sob ela enquanto a levava, pelo calor tão intenso que desprendia, até tal ponto que quão único queria era aconchegar-se mais contra ele. Ao entrar, tinha girado um pouco à esquerda ou à direita?

Ficou bloqueada, completamente desorientada em sua própria casa. Onde a tinha deixado? Se a tinha deixado perto do sofá, tropeçaria com a almofada que tinha colocado à direita. Por outro lado, se estava perto da janela, um movimento à esquerda significaria que bateria contra o abajur de pé de ferro forjado em forma de pétalas com bordas afiadas.

Suzanne teria decorado a casa “a prova de cegos”. Bendita fosse Suzanne fizera uma exaustiva investigação de arquitetura para cegos e se entusiasmou ante a ideia de pôr faixas de orientação tateante no chão, sinais acústicos sensíveis ao movimento em todos os cômodos, grades em todas as portas.

Allegra a tinha parado. Não, de maneira nenhuma. Não ia ficar cega para sempre. Acreditava de todo coração. Os médicos haviam dito que havia uma operação. Algo novo, experimental, inclusive potencialmente perigoso, tinha acrescentado, mas já se sabia quão rápido avançava a medicina. Se a técnica era experimental em setembro, agora seria um pouco de prática comum. Maldição, não ia acostumar-se a ser cega. Não o faria.

Não ia aprender Braille. Não ia comprar uma bengala branca. Não ia ter um cão guia. E, sobretudo, não ia destroçar sua casa trocando-a de cima a baixo.



E agora estava completamente perdida em sua sala de estar, com nada que pudesse orientá-la. Da única maneira que poderia mover-se era de cima a baixo, e isso sem separar os pés do chão. Todo o resto era um abismo negro.

O pânico apareceu, o pânico cego e opressivo que lhe nublava a razão e a invadia várias vezes ao dia, deixando-a perdida e tremendo, chorando. Não podia ver.

Frequentemente tinha pesadelos. Cenas que mal recordava ao despertar aterrorizada, com o coração pulsando a toda velocidade e as lágrimas deslizando pelas bochechas. De vez em quando os sonhos eram que se afogava às vezes que a tinham enterrado viva. Às vezes a tinham golpeado. Mas fosse o que fosse, sempre, sempre, o coração se encolhia horrorizado.

Já tinha tido um pesadelo esta noite, antes, quando tinha visto seu pai. O que significava que podia começar a acostumar-se à ideia de que voltaria a ter outro particularmente horrível, esta mesma noite.

E como sempre estaria sozinha. No silêncio opressivo e escuridão de sua casa. Tropeçando com os objetos que tinha esquecido voltar a colocar em seu lugar habitual. Aterrorizada com a ideia de sair a dar um passeio.

Com pesadelos espantosos, despertando aterrada em uma escuridão sempre sombria, procurando aos tocos uma luz que nunca reacenderia-se.

Allegra começava a sentir como o pânico ia invadindo-a enquanto esperava imóvel, no mesmo lugar porque tinha medo de mover-se. Quase tinha medo de respirar, o coração pulsava freneticamente no peito, como um pássaro que se visse de repente enjaulado.

Esta noite ia ser uma má noite, pressentia. O terror e a violência no Parks Foundation tinham minado suas defesas. Por isso tinha tido aquele pesadelo quando estava acordado e tinha visto seu pai. Morto e ensanguentado.

Esta noite seria aterradora.

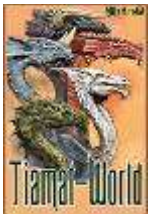
Detrás dela se abriu a porta, deixando entrar um redemoinho de frio. Ouviu como Douglas deixou a Dagda no chão. De forma instintiva tinha escolhido o lugar habitual da Dagda, no canto dianteiro direito. Passos detrás dela, rodeando-a. Movia-se em silêncio por ser um homem tão grande, mas os ouvidos dela se adaptaram ao silêncio.

Sentia sua respiração, seu calor.

Quase podia ler sua mente. Tinha a acompanhado em casa, Dagda estava a salvo. Tinha outro trajeto de carro de ao menos meia hora, ou mais, com aquele tempo tão mau. Queria partir rumo a sua casa.

De repente, Allegra compreendeu que não poderia passar esta noite, de entre todas as noites, sozinha. Não poderia. Preferiria morrer antes de despertar suarenta e tremendo, com um grito afogado na garganta. Sozinha, na escuridão.

Retorceu as mãos, reunindo coragem. Tentou que a voz saísse calma, mas não conseguiu. Pensava que poderia tirar o assunto de uma maneira indireta, mas foi incapaz.



O que sentia era muito forte, muito aterrador para ir escolhendo as palavras. Saiu-lhe uma súplica cheia de desolação.

Tentou adivinhar onde estava ele, mas não conseguiu. Quão único sabia era que estava na mesma sala.

As palavras saíram a fervuras, breves e sem disfarces.

—Douglas, — disse com voz tremente, sem saber para onde falar. — por favor, não me deixe sozinha esta noite. Acredito que não poderia suportá-lo. Por favor.

Ele estava diante dela. Uma enorme mão lhe tocou o cabelo, e logo a rodeou com seus braços. Apoiou a cabeça nele e sentiu as palavras vibrando em seu peito quando respondeu.

—Não, claro que não irei. — A apertou mais entre seus braços. — Não há força neste mundo forte o bastante para fazer com que a deixe esta noite.

Capítulo 6

Por favor, não me deixe sozinha esta noite.

Allegra estava ali, no centro de sua sala de estar, desesperada e molhada, com a enorme jaqueta e a manta do carro em cima, e uma mão pálida fora da roupa, prendendo-a a seu redor.

Estava lívida e o golpe na testa, que ia obscurecendo-se, destacava-se em um contraste estremecedor. O brilhante cabelo ruivo, que ele tanto gostava, caía-lhe sobre os ombros em um matagal de cachos vermelhos. A pouca maquiagem que tinha usado tinha desaparecido já fazia tempo. Nos olhos verdes desfocados já não ficava nada de rímel e os exuberantes lábios estavam pálidos.

Estava desalinhada, assustada e perdida.

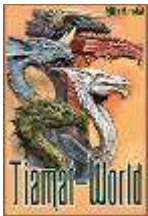
E tão linda que machucava olhá-la.

Kowalski a abraçou ainda mais forte. Havia dito a verdade direta. Não havia poder na terra forte o bastante para fazer com que se fosse. Durante toda a viagem através da cidade tinha estado procurando a maneira de ficar com ela e conseguir ao final tê-la entre seus braços.

Era muito bom planejando, estratégias e táticas, antes da ação. Tinha tudo planejado na cabeça.

Faria-lhe um pouco de chá, tomando seu tempo, talvez inclusive lhe preparasse algo para comer. Diria-lhe que tinha que ficar para assegurar-se que não tinha uma comoção cerebral. Diria que dormiria no sofá.

Já veria o que aconteceria na manhã seguinte. Já veria se conseguiria uma repetição daquele assombroso beijo seguido de algo mais.



E ao final resultava que não tinha que fazer nada, e a razão disso era sua própria maldita estupidez. A tinha assustado com sua atitude de merda. A tinha deixado ali de pé e se foi porque queria pegar a harpa e voltar para seu lado o mais rápido possível.

E como o estúpido tosco que era, tinha esquecido por completo que era cega. Que era possível que não soubesse onde a tinha deixado. Em que diabos estava pensando? Tinha-a deixado e tinha desaparecido. Ao voltar a tinha encontrado exatamente no mesmo lugar onde a tinha posto. Tão linda, e tão perdida.

Acaso tinha se incomodado em lhe dizer onde estava? Não. Tinha muita pressa. Resultado? Ela não tinha nenhum indício de sua situação. O que havia feito para tranquilizá-la? Nada. Quão único tinha que fazer era dizer, está ao lado do sofá, a sua direita há uma almofada, e diante está à mesinha de centro.

Merda, se ela tivesse feito um movimento equivocado teria tropeçado com a almofada e teria caído sobre o vidro da mesinha. E teria se ferido, talvez com gravidade. O sangue gelou nas veias só de pensar nisso e a apertou mais entre seus braços.

Os braços dela apareceram de debaixo da jaqueta e da manta para abraçá-lo. Era enlouquecedor o modo como lhe respondia. Cada movimento dele era correspondido por outro igual por parte dela.

—Está tremendo. —disse Kowalski, e ela assentiu apoiada em sua camisa. Percorriam-na pequenos estremecimentos. E não era pelo frio. A casa estava quente e ela ia coberta com várias camadas de roupa. — Tem uma reação à tensão.

—Isso é o que tenho?

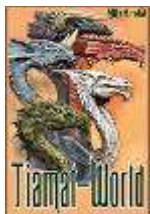
—Sim. Passará. Embora enquanto dura não seja nada divertido.

Tinha visto com frequência aqueles tremores que vinham depois de uma ação violenta. Ela tinha sido valente — incrivelmente valente considerando sua condição— e não se derrubou até agora, mas no final a tensão nervosa a tinha vencido. Agora estava tremendo. As lágrimas chegariam depois.

Não falhava. Pura fisiologia. Os hormônios do estresse eram liberados pelos condutos lacrimais.

Seus homens não choravam depois do combate, geralmente bebiam até esquecer, metiam-se em brigas, ou fodiam até não poder mais se estava disponível alguma mulher. E se não, sempre ficava a própria mão.

Kowalski tinha tentado todos, qualquer maneira que soubesse para aliviar a tensão, exceto as lágrimas. Fodendo, bebendo, brigando, masturbando-se. Uma vez, depois de um confronto armado especialmente perigoso onde tinha perdido quatro homens, não tinha servido o mínimo nenhum dos remédios habituais, assim vestiu um moletom e correu toda a noite. A base tinha uma pista de obstáculos de cinco quilômetros e ele a fez correndo uma e outra vez durante horas, até que as pernas se dobraram, até que lhe ardiem os pulmões ao respirar, até que entre as pernas ardia pelo suor. Correu até que o céu começou a clarear com a alvorada e logo voltou correndo a seu beliche, deixou-se cair na



cama e ficou com o olhar cravado no teto rachado de madeira até que começou um dia mais de tantos outros.

Brigar, beber, foder... sabia o que queria fazer agora mesmo, e se não se movesse, ela notaria justo no estômago.

Afastou-se e deu um passo a um lado, mantendo o braço na pequena cintura. À esquerda, um aparador tinha uma coleção pequena, mas muito atraente de uísques irlandeses.

—Isso que vejo aí em seu aparador não é algo do melhor que tem a Irlanda? —perguntou com seu melhor sotaque do Cork.

—Sim. —Allegra engoliu as lágrimas. — Quer um pouco?

—Oh, é claro que sim. —respondeu Kowalski com ardor. Um uísque soava perfeito naqueles momentos. Talvez lhe intumescesse o cérebro o suficiente para que o pênis relaxasse.

Ela girou a cabeça para ele e lhe dirigiu um sorriso tão lacrimoso que quase lhe dobraram os joelhos. O sangue voltou a precipitar-se para baixo, e ele quase suspirou.

—Por aqui. —Com uma mão nas costas, levou-a ao sofá e a sentou. — Você também tomará um uísque.

—Eu? —Pareceu assustada ante a ideia.

—Oh, sim. Confia em mim nisto.

Allegra se colocou no sofá como uma rainha. Kowalski não podia entender como alguém com um aspecto tão desalinhado parecia ainda tão régio. O cabelo emaranhado, sem maquiagem, com lágrimas secas nas bochechas pálidas, com sua jaqueta que poderia lhe dar duas voltas e a manta velha em cima. E apesar disso estava sentada toda afetada, com as mãos brancas e magras cruzadas no colo, como se estivesse vestida de cetim e ouro, com uma tiara de diamantes, mostrando-se ante todos como a maldita rainha Allegra, preparada para saudar seus súditos.

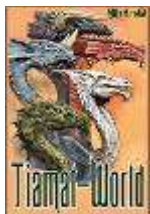
Encontrou os copos, serviu um dedo para ela, outro tanto para si mesmo e se sentou a seu lado, franzindo o cenho. Algo não estava bem no quadro. Pôs os copos na mesinha.

—Venha aqui. —murmurou, levantando-a e colocando-a sobre seu colo. Allegra se revolveu um pouco sobre ele, movendo-se até ficar cômoda e acabando com a cabeça apoiado sobre seu ombro direito e o suave quadril justo ao lado do pênis bem duro. Agora. Perfeito—Dê-me a mão.

Como antes, ela a deu sem duvidar e lhe agarrou os dedos colocando-os ao redor do copo de cristal.

—Agora beba. —Ele engoliu a metade do copo de um gole, desfrutando do calor e do sabor fragrante da turfa enquanto o álcool se deslizava para baixo e se assentava formando uma pequena bola quente no estômago. Ah, nada como o uísque irlandês. Em sua opinião o uísque escocês não podia se comparar. Allegra também estava bebendo o seu a sorvos.

Kowalski esperou. A bebida a esquentaria e começaria a minar suas defesas. Ela não queria chorar diante dele, mas o uísque anularia a parte de sua mente que não a deixaria fazer o que necessitava, derramar lágrimas.



Allegra acabou o copo e o estendeu com uma mão tremente. Ele o pegou, deixou-o ao lado do dele e a puxou pela mão, que seguiu tremendo dentro da sua. Levou-a aos lábios e beijou seu dorso, maravilhando-se com a pele acetinada, delicada que era.

—Pode chorar se quiser. —Lhe disse com voz baixa, e sua cabeça girou um pouco para o som da voz. Ela não tinha sabido onde estava seu rosto, até que com aquelas poucas palavras, os olhos cegos o olharam.

De repente compreendeu, em um brilho de perspicácia que penetrou em sua cabeça dura, que ela tinha que ouvir sua voz para orientar-se. E quase não tinha falado com ela.

Não era muito falador com ninguém, e muito menos com as mulheres. Tal como ele o via, nunca convenceria a uma mulher para ter sexo com conversas doces. As mulheres com as que se deitava não necessitavam nem queriam conversa. Queriam ser fodidas e a maioria das vezes elas o propunham sem que ele tivesse tido que esforçar-se muito. Não precisava convencê-las.

As mulheres bonitas nem sequer lhe dariam a hora. A verdade é que nunca tinha tentado dirigir-se a uma mulher bonita, à exceção de Suzanne.

Mas Allegra necessitava que ele falasse. Precisava poder ancorar-se na escuridão de seu mundo através de sua voz. Os pequenos tremores aumentavam, apesar de que era óbvio que tentava contê-los.

—Se quer chorar, faça isso, ficará bem. —Kowalski moveu um pouco o braço para que apoiasse as costas— Chorar libera um montão de hormônios de tensão. Depois se sentirá melhor.

Ela moveu a cabeça com brutalidade, negando.

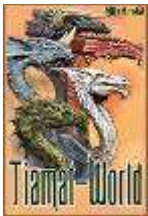
—Não quero chorar. Chorar não serve para nada.

A voz estava cheia de lágrimas. Uma pequena linha franzida apareceu entre suas sobrancelhas castanhas. Kowalski esperou.

Ela de repente enterrou a cabeça em seu ombro. Um estremecimento lhe percorreu todo o corpo e rompeu a chorar. Por fim. Era o que ele tinha estado esperando. Os braços esbeltos de Allegra se enroscaram ao redor de seu pescoço, apertou mais o rosto sobre seu ombro e chorou em prantos. Ao princípio eram violentos e pequenos soluços enquanto tentava reprimir as lágrimas, logo estalou em um grande soluço, dando rédea solta a uma inundação. Sua pequena caixa torácica se estremecia com a força do pranto.

Kowalski compreendia muito bem que ela não só chorava pela tensão da tarde, mas também pela tensão da perda de seu mundo. Não sabia o que lhe tinha acontecido —e agora não era o momento para perguntar-lhe mas tinha perdido muito.

Um acidente, havia dito ela. Um acidente de carro? Tinha escorregado e caído? Seja o que fosse, devia ter sido um acidente grave para deixá-la cega. Estaria começando uma carreira maravilhosa, com aquela voz, seu virtuosismo com a harpa e uma beleza tão incrível. Não tinha ouvido falar dela, mas tinha passado a maior parte dos últimos dez anos



no estrangeiro. Enquanto isso esta mulher bela e com um talento incrível tinha gravado, fazia excursões e sua carreira e sua vida se deteve em seco por um acidente, deixando-a cega.

Chorar era o menos que podia fazer.

Continuou abraçando-a em silêncio, dando-lhe o calor e a comodidade de seu corpo. Ela foi acalmando-se, esgotada. Kowalski baixou o olhar para olhá-la. Inclusive depois de uma tormenta de lágrimas, continuava igualmente linda. Afastou-lhe uma mecha de cachos que tinha caído diante dos seus olhos. Aquele cabelo brilhante era de um vermelho tão ardente que sempre se surpreendia de que estivesse frio ao tato.

Tinha os olhos fechados, com os grossos cílios castanho avermelhado sombreando a pele branca das bochechas. Tirou-lhe as últimas lágrimas com o polegar.

—Estava tão assustada. —sussurrou ela ao final.

É óbvio que se assustou. Tinha ouvido as explosões das granadas, o fogo da metralhadora, o grito das pessoas. Tudo sem ser capaz de ver o que acontecia. Devia ter sido aterrador para ela.

—Sei, querida. —lhe disse ele— Eu sinto muito. Mas já terminou. Não há nada que possa assustá-la agora. Esquece isso. Está a salvo.

—Estava tão assustada de que pudesse acontecer alguma coisa com você.—continuou Allegra, como se ele não tivesse falado. Kowalski ficou boquiaberto— Não podia acreditar que tivesse saído sem nenhuma arma. E logo ouvi tiros e-e gritos... —a voz tremeu e calou uns instantes até voltar a recuperar o controle. — Acreditava que lhe tinham disparado e estava morto. —murmurou com voz cheia de lágrimas. — Estavam todos esses disparos... e o ruído... e ninguém vinha me procurar. Sabia que voltaria para mim, mas não o fez. Pareceu passar uma eternidade até que ouvi sua voz. Foi tão horrível não saber o que acontecia. Imaginava-o em meio de um atoleiro de seu próprio sangue. —A percorreu um estremecimento e, Kowalski esticou os braços.

Meu Deus. Quanto tempo tinha passado enquanto falava com Midnight, Suzanne e Larry? Quinze minutos? Para ele não era muito tempo, mas para ela deve ter parecido uma eternidade.

Tinha estado preocupada com ele.

Kowalski não recordava nenhuma época em sua vida em que alguém se preocupasse com ele. Preocupar-se com seus homens em combate era seu trabalho. Ninguém se preocupava com o major. Todo mundo dava por certo que o chefe podia valer-se por si mesmo.

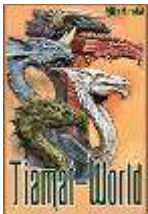
—Tudo estava sob controle. —disse ele por fim. — Bud me deu uma oportunidade e eu a aproveitei.

—O que aconteceu?

—Havia cinco canalhas no salão. Bud se ocupou de um dos ladrões. John tinha facas e as atirou a dois dos maus e ambos ficaram fora de combate. Agarrei uma pistola e me encarreguei dos outros dois. Larry e os SWAT se ocuparam dos que havia fora. Não tiveram nenhuma oportunidade, nem sequer conseguiram dar um tiro.

Ela franziu o cenho.

—O que quer dizer com que não conseguiram dar um tiro? Feriram Bud.



—Feriram-no antes que entrasse no salão. Assim não tinha que preocupar-se por mim.

—Pois claro que tinha que me preocupar. —Sua voz era suave, vacilante. Afrouxou a pressão com a que lhe agarrava o pescoço, descendo um braço. Com a mão lhe acariciou a mandíbula. Graças a Deus que a cicatriz estava no outro lado. Era tão desagradável ao tato como à visão— Rezava para que conseguisse.

Kowalski a olhou. Jesus, era tão fodidamente bela. Nunca teria imaginado que poderia ter entre seus braços a uma mulher tão bela. E além disso o olhava com admiração, o que ainda o tinha mais confuso. Bom, olhar não. Mas algo assim.

Uma pequena covinha aparecia no lado direito da boca de Allegra quando sorria. Apareceu agora.

—É muito valente. Acredito que não conheço ninguém que vá atrás de homens armados sem levar nenhuma arma —Um pequeno sobreceixo apareceu entre as sobrancelhas— Bom, pode ser que o marido de Suzanne, John. Trabalharam juntos, verdade?

—Sim, durante quase vinte anos. E não fomos tão valentes.

Allegra soltou um bufo muito pouco apropriado para uma dama.

—Sim, claro.

—Não, não havia nenhuma dúvida quanto ao resultado.

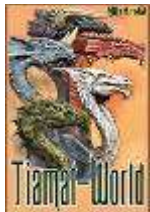
E era verdade. John e ele enfrentaram a inimigos muito, muito piores em seus tempos nas Forças de Assalto. E Bud tinha sido marinheiro. Por muito que os SEALs zombassem dos marinheiros, respeitavam-se mutuamente. Os marinheiros eram duros, ásperos e perigosos, e faziam seu trabalho à perfeição. Os três enfrentaram profissionais em seus tempos, homens que treinaram dia e noite para matar, como eles. Em comparação, os ladrões aos que tinham matado eram uns amadores de merda, procurando dinheiro fácil, pensando que eram uns homens duros porque estavam armados. Os ladrões não tinham tido nenhuma possibilidade contra Midnight, Bud e ele.

O que tinha aterrorizado Midnight era o homem que apontava com a metralhadora à cabeça de Suzanne. Era para estes casos para que se inventou a fodida lei de Murphy. O tipo poderia ter apertado o gatilho por equívoco, ou tropeçar, ou poderia ter decidido celebrar sua riqueza recém-adquirida fazendo voar os miolos da cabeça de Suzanne. Quão único precisava era uma pressão de pouco mais de um quilograma e meio. A mesma quantidade de energia que se necessitava para abrir uma lata de cerveja, e a parte mais importante do mundo de Midnight se faria em pedaços.

Este tinha sido o único perigo real.

—Pois eu acredito que é você que foi bastante valente esta noite.

—Eu? —Ficou de boca aberta pela surpresa. — Por Deus! Não fiz nada mais que me esconder e tremer. Isso não é ser valente.



—Não sei. Há muitos tipos de coragem. Subir em um palco, tocar um instrumento e cantar diante de centenas de pessoas. — Se estremeceu de forma tão exagerada que não ficou mais remédio que notá-lo, sentindo prazer ao vê-la sorrir. — Teria me cagado...er, morrido de susto.

O sorriso se fez mais amplo.

—Pode dizer. Ouvi a palavra antes. Frequentemente.

—De verdade? —A voz dele ficou rouca. — Isso está bem.

Meu Deus, quando ela sorria, era algo devastador. Inclusive se esqueceu do que falavam. Moveu-a com um braço até que esteve completamente voltada para ele e com um dedo da mão livre a acariciou. Tinha que tocá-la, tocar toda aquela suavidade.

Com ternura, mal roçando sua pele, deslizou o dedo pela maçã do rosto, descendo, descendo, passando pelo contorno dos lábios.

Ele tinha as mãos ásperas, cheias de calos. Deu-lhe um medo atroz arranhar essa pele incrivelmente delicada. Ela deixou de sorrir quando ele passou a ponta do indicador ao redor dos lábios, ficando absorta como se concentrasse na sensação de sua mão acariciando-a. Allegra se moveu um pouco e o quadril deslizou justo sobre seu pênis. A ele cortou a respiração enquanto o pênis ficava duro.

—Posso te fazer uma pergunta pessoal? —Perguntou com a voz suave quase sem fôlego.

—Certamente. —A resposta saiu estrangulada. Esperava poder responder. Tudo em sua cabeça se foi para baixo e pareceu quase impossível concentrar-se em outra coisa que não fosse a sensação de sua pele.

Ela balançou um pouco sobre sua ereção e Kowalski teve que morder os lábios para impedir um gemido.

—Isto é... — Com o quadril esfregou de um lado a outro, deixando-o ainda mais duro. —...isto é um estado permanente em você?

A profunda respiração se converteu em uma explosão de risada.

—Aparentemente, sim. Ao menos quando estou com você. Pelo visto não há diferença em que situação esteja, disparos, perigo... fico duro quando está perto. Embora para falar a verdade, geralmente, faz mais ou menos o que eu lhe digo. Exceto com você.

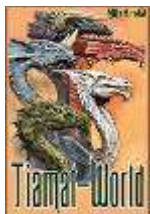
—Sinto-me... adulada. —A covinha voltou a aparecer. — Acredito.

—Hmm...

Filho da puta, diga alguma coisa!

Mas o que queria sair de sua boca não era algo que pudesse dizer a ela. Jesus, como ia dizer que não podia imaginar-se nem por um momento que seu pênis baixasse estando ela na mesma sala? Na mesma casa. Diabos, na mesma cidade. Apertou os lábios com força para evitar que as palavras saíssem a fervuras.

O que tinha que fazer era falar com normalidade, sem que a voz soasse estrangulada e sem que ela se desse conta que já não ficava nada de sangue na cabeça. Allegra tinha que saber que não era um maníaco sexual, embora assim fosse como se sentia agora mesmo.



Havia conversas que podia manter com uma mulher bonita. Havia montões de coisas das quais falar com ela. A música era uma. Ele gostava da música, sempre tinha gostado, mas nunca tinha tido a oportunidade de falar com um músico de verdade. E certamente não com um com tanto talento como ela. Ou poderiam falar sobre o acidente, de como ficou cega. O que gostava de ler, isso estaria muito bem. Havia toneladas de livros na sala, provavelmente de antes do acidente. Era possível todo tipo de táticas coloquiais.

O mais seguro é que fosse sua única oportunidade nesta vida de manter uma conversa com alguém como Allegra. O mal é que não lhe saía nenhuma palavra. Mal podia recordar seu próprio nome.

Kowalski inclinou a cabeça enquanto o braço que a segurava, elevava-a para ele. Quando pouco a pouco a fez levantar a cabeça, aproximando-a da sua, o sorriso dela se desvaneceu e os olhos se fecharam. Quando os lábios de ambos roçaram, ela já estava preparada. Abriu-se imediatamente a ele e foi como antes, sob o palco. Como inundar-se em um lago quente, perfumado e tropical. Queria ficar ali para sempre, com as línguas enredadas. Allegra apertou o braço com o qual lhe rodeava o pescoço e ele aprofundou o beijo, atrasando-se em sua boca, com a língua colocada até o fundo. Seu sabor era doce e excitante, totalmente embriagador.

Nada de malvados com armas roubando joias, nada de tiros, nada de distrações exteriores, nada de nada, só eles dois na quietude da noite nevada, com o único som na sala dos suspiros e gemidos. Dos sons úmidos de suas bocas unidas, do sussurro de roupas quando ela se moveu entre seus braços.

Kowalski afastou um momento a boca para olhá-la, assombrado uma vez mais de estar abraçado a Allegra. Observá-la era quase voyeurismo. Sempre afastava o olhar das mulheres bonitas. E ainda assim, no mais profundo de seu ser, em uma parte dele que ninguém tinha visto nunca, ou inclusive suspeitado que existisse, amava a beleza. Ninguém pensaria nele como alguém com sentido de estética, e mais quando seu aspecto parecia com um tosco descarregador de cais e havia passado a vida treinando homens duros para matar. Não havia muita beleza nisso. Mas a verdade era que a beleza o comovia.

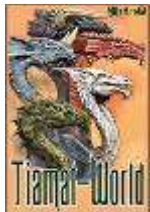
E agora estava comovido. Ela era bonita, mas era mais que isso. Allegra era algo mais que um rosto bonito. Havia humor, caráter e inteligência nela. Coragem, também, se não desmoronou ao ficar cega.

Podia olhá-la tanto o quanto quisesse, e seu olhar vagou pelos finos traços, pela pele branca como uma delicada pérola, por toda aquela suavidade e aprimoramento. Allegra deve ter notado que a olhava absorto porque esboçou um leve sorriso e disse:

—O que?

—É tão fodidamente linda. —sussurrou Kowalski, e logo se sobressaltou. Muito bem!, pensou, muito elegante. — Sinto muito.

Por sorte, aquele sorriso não vacilou.



—Também ouvi essa palavra. Não sou feita de algodão doce. Não me derreterei só por ouvir um palavrão.

Talvez não, mas sim parecia que era feita de algodão doce. Tinha a pele tão pálida e tão delicada. Observou, fascinado, como aparecia um ligeiro rubor lá onde a tocava. Para comprovar, deslizou o dedo pela pele, da maçã do rosto alta até o queixo, com um golpezinho na pequena fenda dali, logo pelo pescoço longo e magro, e através das delicadas clavículas. Tudo era fascinante, puro prazer lá onde tocasse.

Kowalski não tinha nem ideia de se o que eles faziam ia conduzir ao sexo. Só de pensar fez com que seu coração pulsasse mais rápido, mas tinha que ser realista. O que faria na cama com ele alguém como Allegra?

Se lhe dizia que parasse, ele faria. Faria-o, faria-o.

Esperava.

A ereção que tinha não ia desaparecer, mas bom, não desapareceria embora fodessem. Pelo caminho que ia, poderia estar com ela três dias e continuar duro.

E de todos os modos, o que fazia agora era quase tão bom como foder.

Quase. Talvez.

Só de pensar em estar dentro de Allegra fazia com que a ereção pulsasse e que ficasse a tremer, e compreendeu que estava a ponto de gozar nas calças. Mordiscou-lhe o lábio inferior e os quadris dele se elevaram em um movimento incontável.

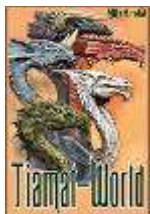
Allegra notou e ruborizou.

Ele a observou fascinado. Os sentimentos que o atravessaram foram tão intensos que foi quase como entrar em combate em câmara lenta. Tanto que de repente ficou com a mente em branco. E a sensação dela, a coisa mais suave que jamais havia tocado. As cores, da pérola mais pálida dos ombros e a parte superior dos seios até o fraco rosado das bochechas e o rosado mais intenso dos lábios. Inclinou-se para beijá-la, lhe mordendo os lábios com suavidade, levantando a boca para encaixar melhor, e logo a beijando profundamente uma e outra vez.

Pôs-lhe os dois braços ao redor do pescoço, suspirando com suavidade. A mão direita de Kowalski lhe rodeava a cintura. Abriu a mão para passar a palma ao longo de sua caixa torácica, deleitando-se pela sensação suave e delicada dela sob o tecido. Não fugia dele. Ao contrário, apertou ainda mais os braços a seu redor.

Rodeou-lhe o seio com a mão. Era pequeno, perfeito, cabia à perfeição na enorme palma. Notou como inchava sob a mão, como ela estava fazendo a seu pênis. De repente tocar seu seio por cima daquele material suave e diáfano não era suficiente. Precisava tocar sua pele, precisava ver como eram os mamilos. Era um verdadeiro viciado nos mamilos rosa pálido, seus favoritos.

Kowalski pôs as mãos nas costas e pouco a pouco abriu o zíper do vestido. O som que fez ao abrir-se não foi muito forte, mas Allegra devia tê-lo notado, devia ter notado como abria o vestido e o ar mais frio da sala na pele das costas repentinamente nua. Se quisesse protestar, agora era o momento para fazê-lo.



Mas não protestou, absolutamente. O que fez foi suspirar e separar a boca o suficiente para murmurar “Douglas” e voltar a beijá-lo outra vez.

Estava o beijando. Kowalski era um bom estrategista e nesse momento elétrico se deu conta que iam ter sexo e logo.

Cada músculo esticou enquanto lutava consigo mesmo. Uma parte dele queria levantar-se — já, agora mesmo — e levá-la ao dormitório, lançá-la sobre a cama e se deixar cair diretamente sobre ela. Agora que o vestido estava desabotoado por completo, não teria que arrancar, só deslizá-lo para baixo com um movimento das mãos. O que fosse que usasse debaixo teria que desaparecer. Conseguiria lhe tirar a roupa íntima da forma usual... ou a arrancaria. De uma ou outra maneira, não estava disposto a esperar mais de dois segundos para tê-la nua.

E um segundo depois, estaria dentro dela, fodendo-a forte. A toda velocidade, com toda sua força, amassando seu púbis, fazendo que a cama sacudisse ao fodê-la. Mantendo suas pernas erguidas e abertas enquanto enfiava nela e tirava tão forte como pudesse.

Aquela imagem o horrorizou. De fato deu um salto do susto.

—O que? —sussurrou sem abrir os olhos. — O que acontece?

—Nada. —murmurou ele e voltou a inclinar-se para beijá-la outra vez.

Merda partiria-a em dois se fizesse isso. Ele era grande e estava mais excitado do que tinha estado em sua vida. O pênis era como uma bola de beisebol. Allegra tinha um corpo delicado, estava seguro que seria pequena e estreita. Essas duas coisas juntas não iam funcionar na cama sem machucá-la, a não ser que se assegurasse que estava preparada.

Uma vez deitados teria que ter muito cuidado. Kowalski estava acostumado a transas um pouco violentas e o mais provável era que, inconscientemente, tivesse escolhido companheiras que queriam isso, porque nunca ninguém se queixou. As mulheres com quem tinha compartilhado a cama não procuravam mais que um pênis grande que pudesse estar duro tempo suficiente para lhes dar prazer. Isso era exatamente o que ele tinha para oferecer, nem mais nem menos.

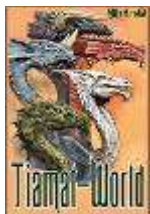
Isto de agora era algo mais.

Allegra era uma dama e tinha que ser tratada como tal.

E era cega. Estava indefesa. Aquela ideia também o sobressaltou.

Kowalski não fazia nenhuma ilusão sobre como tinha acabado com aquela beleza entre seus braços. Não era por seu encanto e estava condenadamente seguro que não era por seu aspecto. Allegra tinha passado esta noite por uma experiência traumática e tinha medo de ficar sozinha. Era muito provável que esta fosse à única noite que conseguiria estar com ela. Tinha que fazê-lo bem. Não podia perder o controle e esquecer que era cega.

Quão último ele precisava era transar com ela muito forte e assustá-la, lhe dar medo.



Kowalski sabia de estratégia militar. Era sua especialidade. A parte da estratégia em que alguém fica na pele do inimigo. Neste caso Allegra não era o inimigo, certamente, mas de todos os modos durante um segundo poderia ficar em sua pele. Podia imaginar bem a sensação de estar na cama com alguém como ele, com sua rudeza. Ele pesava cento e oito quilogramas de puro músculo, um homem que treinou as artes marciais durante toda sua vida adulta. Ela não poderia com ele em nenhum caso, nenhuma mulher poderia. Mas uma cega...

Jesus. Allegra estaria a sua mercê. Completamente. Seria incapaz de defender-se de qualquer maneira. Incapaz de pegar algo para bater nele se a assustava. Incapaz de telefonar a alguém.

A propósito suavizou o abraço, decidido a que ela não duvidasse nem um segundo dele, que não se inquietasse nem por um momento. Esta noite tinha que ser puro prazer.

Entreteve-se em sua boca durante um longo momento, riscando brandamente com a mão o contorno de seu seio sobre o tecido diáfano. Allegra se moveu outra vez e o vestido se abriu totalmente.

Kowalski pôs a mão sob o sutiã do vestido, sobre a curva superior do seio, e a deixou ali, pesada e quente, enquanto deslizava a boca pela mandíbula com beijos suaves. Os cantos dos lábios de Allegra se curvaram para cima. Seguiu deslizando a mão para baixo, deleitando-se com a sensação de seda da pele na palma da mão e o tecido de seda no dorso.

Jesus, tudo isto é puro deleite, tocá-la, os sons que fazia, seu aroma.

Apoiou a mão no seio e o mamilo, pequeno e duro, cravou no centro da palma da mão. Oh, sim.

Esfregou-lhe o mamilo e ela ronronou. Era a única palavra que podia definir aquele som. Merda, Allegra não deveria fazer isso. Ele estava tentando ir pouco a pouco, mas estava a ponto de explodir. Tinha as bolas tensas, quase na virilha.

Foi deslizando a boca para baixo, para baixo, por toda aquela pele suave, segurando seu seio. Abriu os olhos o tempo suficiente para olhar um momento para baixo, encantado com a visão. Ali estava ela e —siiimm— o mamilo era pálido, de um rosa pálido, seu favorito.

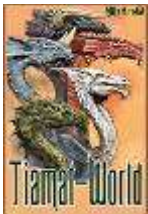
Allegra também tinha sabor de rosa pálida, como alguns morangos em um cone de baunilha. Chupou, tentando ser suave. Quando levantou a cabeça, o rubor lhe tinha dado um ligeiro tom de rosa mais profundo e o mamilo e a auréola brilhava de umidade. Uma mecha de cabelo de um vermelho profundo tinha caído sobre o ombro e ele a afastou, beijando a pele que ficou descoberta.

—Seguimos com isto no dormitório? —perguntou ele com voz tranquila.

Allegra sorriu, e lhe rodeou a cabeça com ambas as mãos, graças a Deus que pulou outra vez a cicatriz. Acariciou-lhe o pescoço com o nariz e foi subindo até o ouvido.

—Oh, sim, Douglas, desejo-o tanto. —lhe sussurrou no ouvido, fazendo com que o pelo da sua nuca arrepiasse. Então girou a cabeça e beijou sua orelha e —bam!— ele sentiu como lhe vinha o orgasmo.

Quase.



Maldição! Tinha estado perto! Foi capaz de retê-lo no último momento, apertando todos e cada um dos músculos que tinha, mas teve que ficar quieto ali durante uns segundos, tremendo.

Levantou-se do sofá com ela nos braços e a levou ao dormitório.

Quando Douglas a levantou nos braços, para Allegra foi como se a libertasse dos odiados grilhões.

Cada instante de cada dia desde que ficou cega requeria um esforço insuportável, segundo a segundo tinha que planejar cada movimento que fazia para não cair ou não bater contra algo ou machucar-se de alguma forma. Quando de noite ia à cama estava esgotada, só para ficar acordada durante horas, tensa e desalentada, olhando cegamente o teto.

E quando por fim dormia, tinha pesadelos.

Agora era como ter voltado para a vida.

Estava nos braços fortes de Douglas, deixando que a levasse aonde ele quisesse. Onde os dois queriam estar, no dormitório.

Nunca tinha estado tão excitada como nesse sofá, beijando-o, sentindo sua mão enorme e forte no seio, tão suave como uma pluma. Era tal o contraste, o profundo poder, os enormes músculos, os membros grandes e largos e essa suavidade, inclusive ternura, quando a tocava.

Allegra relaxou por completo nos braços de Douglas. Não tinha que pensar, não tinha que planejar, não tinha que preocupar-se, podia ser ela mesma. Nada mal ia ocorrer a ela, não enquanto ele a abraçasse. Não enquanto estivesse com ela. Nesse aspecto confiava completamente nele.

Soltava-a, assim deviam estar no dormitório. Allegra ficou de pé, agarrando-o pelos braços.

—Não vou acender a luz. —disse ele com sua voz profunda e grave, que parecia lhe penetrar até o núcleo dos ossos.

—Obrigada. —sussurrou ela. Allegra derreteu. As luzes acesas a deixariam em desvantagem, assim que ele se privava da luz. Era um gesto tão atento que as lágrimas fluíram de seus olhos.

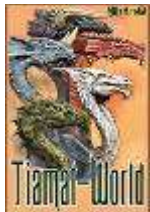
—Ei! —retumbou ele. Um enorme polegar lhe secou a pele sob os olhos. — É que quer as luzes? É isso?

Allegra esboçou um sorriso úmido.

—Não, não quero as luzes acesas, tolo. O que de verdade quero é que me beije.

—Oh, sim. —o sussurro na noite era ardente.

Ela ficou nas pontas dos pés e suas bocas se encontraram na metade do caminho. Oh, Deus, sua boca. Dava uns beijos magníficos, beijava com tanta habilidade que o calor a alagou concentrando-se no estômago e mais abaixo. Cada vez que a língua dele tocava a



sua notava como esticavam os músculos do estômago, como esticava a vagina. Estremeceu e se aferrou a ele com mais força.

Era tão, tão delicioso, muito mais do que tinha sentido ao excitar-se ou inclusive fazer amor com outro homem. Tanto fogo, tanto poder. Derreteu-se e teria caído se ele não a tivesse segurado.

Allegra se perdeu na boca de Douglas, contorcendo-se para sentir mais dele, com os braços elevados a grande altura para lhe rodear o pescoço.

Era tanto o calor que se desprendia dele que demorou um momento em dar-se conta que lhe tinha baixado o vestido dos ombros e o tinha enroscado nos quadris sem poder chegar a cair ao chão por causa da força com que a abraçava. Separou-se um segundo, o tempo imprescindível para que o vestido caísse ao chão, e logo voltou a aferrar-se a ele e Douglas voltou a beijá-la, e a beijá-la, e a beijá-la. Um beijo longo, perfeito e eterno.

Os seios nus estavam esmagados contra a camisa do traje, mas sob o tecido notava as superfícies duras de seu torso. Deus, quanto poder, queria sentir sua pele na dela e despi-lo o mais rápido possível. Desabotoou-lhe a camisa e para deslizá-la pelos ombros teve que esforçar-se tanto pelo alto como pelo lado. O tecido resistia e ela gemeu de impaciência.

Ouviu um som baixo como um trovão, encantado por sua intensidade. Douglas estava rindo.

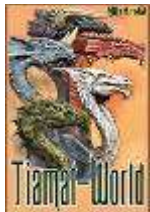
—Espera querida. Deixe comigo. —A voz era grave com tons quentes. Afastou-a um momento e ela se sentiu gelada e abandonada. Sussurros de tecido, o roce de roupa caindo ao chão e logo, ele voltava a estar a seu lado, completamente nu, beijando-a e, oh, sim! Pele nua contra pele nua. A sensação de Douglas era tão deliciosa, tão poderosa como tinha imaginado.

Estirou os braços para tocá-lo. Com as palmas das mãos percorreu os ombros amplos e fortes, e seguiu subindo até o pescoço. Estava nas pontas dos pés, apertada contra ele. O pênis ereto lhe apertava o estômago, duro e ardente, como aço quente. Tudo nele era como aço peludo e quente. Douglas levantou um momento a cabeça, abraçando-a com força. Estavam ali de pé, com o coração pulsando a tanta velocidade e tão forte que acreditou que sairia do peito.

O seu coração já tinha pulsado assim antes, sob o palco, de medo. Seu coração estava tendo esta noite uma boa sessão de aeróbica, terror e sexo em vez de uma corrida de oito quilômetros. Bom, não lhe importaria ter sexo quando fosse se parecer com isto. Estava tão excitada que mal podia manter-se em pé, e nem sequer estavam juntos na cama.

Senti-lo era tão delicioso. Afastando as mãos do pescoço de Douglas, Allegra as desceu até o peito, entretendo-se nos mamilos planos, tão diferentes aos dela. Eram muito pequenos e estavam duros, como uma bala. Quando moveu o polegar sobre um dos mamilos, perguntando-se de que cor seria, o pênis se moveu entre eles, aumentando e ondulando.

Que delicioso! Ela tinha feito isto! Cantarolando de prazer, Allegra deixou o dedo no mamilo direito para poder encontrá-lo com a boca e o beijou, lambeu-o e o chupou. Muito por cima de sua cabeça ouviu um gemido, os pulmões do homem retumbaram e um ligeiro brilho de suor cobriu o peito masculino.



Oh, já não era a pobre, cega e necessitada Allegra. Não, não, era a grande e poderosa Allegra, reduzindo a este homem enorme a uma massa tremente. Mordeu-lhe o contorno do mamilo com suavidade e ele soltou um grito. Quase se pôs a rir de prazer. Mordiscando-lhe os músculos duros do peito, deixou cair uma mão até sua virilha. O pênis era enorme, duro como a pedra, com grandes veias se sobressaindo tanto que inclusive podia senti-las. Passou a mão por todo o comprimento, os dedos mal podiam rodeá-lo, e acariciou com o polegar a cabeça grande e protuberante. Gotejava sêmen, sabia que isso era um sinal de excitação masculina incontrolável.

Perfeito, ela também estava muito excitada, molhada e quente, em uma parte mais íntima de seu corpo.

As mãos de Douglas a rodeavam, uma por detrás da cabeça e outra ao redor da cintura. Ele rompeu o silêncio da noite enquanto a guiava pouco a pouco de costas para a cama.

—Não se preocupe por nada, querida. Trago proteção.

Só mover-se com ele já era tão atrativo. Allegra estava encantada do movimento de seus músculos contra ela quando se movia. Custou-lhe um momento a seu deslumbrado cérebro entender as palavras. Proteção? Que...? Oh.

Era algo atrevido e provavelmente arriscado, mas a sensação de sua pele era tão maravilhosa que não queria renunciar nem a um centímetro de contato de seu corpo com o dela. Nem dentro dela.

Estremeceu de antecipação. Um último toque dos dois corpos e já se decidiu. De todas as formas, este homem não estava doente.

—Você, hmm, não necessita camisinhas.

Ele ficou imóvel. Tinha-a estado beijando no pescoço, mas agora levantou a cabeça. Allegra sentiu o pescoço frio e vazio.

—O que?

—Disse que, hã, não necessitará camisinhas. Estive no hospital... muito tempo, e tiveram que me receitar a pílula.

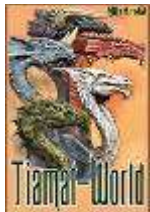
Uma lenta exalação de ar.

—Posso gozar dentro de você? Sem uma borracha?

Bom, não era exatamente assim a maneira em que ela o tinha expressado, mas...

—Sim.

Em um segundo a levantou, umas mãos trementes lhe tiraram as calcinhas e as meias e a depositaram com cuidado na cama e logo Douglas estava em cima dela, duro e pesado, beijando-a profundamente. Eram beijos ferozes, absorventes, como se Allegra tivesse algum elixir secreto que ele necessitasse com desespero e que só pudesse conseguir dela. Segurava-a com força pela cabeça, inclinando-a para um lado e para outro para poder beijá-la em todos os ângulos possíveis.



Apesar dos maravilhosos que eram seus beijos, Allegra estava distraída pela sensação do corpo nu que tinha em cima. Já tinha estado assim antes, sob o palco da Fundação, mas isto era diferente. Lá tinham tido capas e capas de roupa, e cada segundo tinha sido tempo roubado. Agora era como se tivesse deslizado a alguma dimensão diferente, onde o tempo era como o mel, dourado e lento.

A percepção do homem era tão deliciosa que queria aferrar-se a ele com força. Cada vez que ele se movia, cada vez que respirava, esfregava-se contra ela, com todo seu peso e sua dureza, aumentando a sensualidade a cem por cento. Nunca antes o sexo tinha sido tão... sensual, onde cada sentido além da visão despertava e cheirava a rosas.

Uma das mãos se separou da cabeça e foi descendo pouco a pouco por um lado. Ele se moveu justo o imprescindível para lhe tocar o seio e foi tão apaixonante como antes. Mais, porque sabia que logo iam fazer amor e cada carícia a preparava para aceitar o corpo masculino.

Era tão assombroso. Seu corpo tinha assumido por completo o controle. Estava fazendo coisas sem que ela o dirigisse. Agora se dava conta que em certo modo, com amantes anteriores tinha tido que excitar a si mesma. Sua mente tinha tido que enviar sensações eróticas aos seios e a vagina porque não tinha existido esta conexão com o homem. Mas agora não. Oh Deus, agora não. Agora seu corpo se derretia em qualquer parte que Douglas tocasse sem que sua mente tivesse nada a ver com isso.

Ele afastou a boca e foi descendo pelo pescoço, pouco a pouco, até o seio. Allegra estremeceu ao sentir seus lábios percorrendo-a.

Um toque no seio e a boca no mamilo, e se excitou além do imaginável. Os mamilos estavam ficando muito duros, enquanto a boca dele parecia lhe tocar o peito e entre as coxas ao mesmo tempo. Cada puxão da boca desembocava em uma profunda contração da vagina.

Notava o quão úmida estava, o suave que se sentia. Também notava quão úmido estava ele, ligeiramente suado, com a ponta do pênis molhada pelo sêmen.

Por ela.

Douglas era tão cuidadoso, tocando-a como se parecesse do mais fino cristal, capaz de romper-se com o mais leve dos toques. Ela não era delicada e estava mais excitada do que tinha estado nunca. O homem necessitava um ligeiro empurrão.

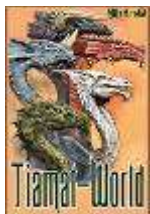
Movia a mão pouco a pouco, muito pouco a pouco para a virilha. A este passo levaria toda a noite. Allegra rebolava sob ele, lhe percorrendo as amplas costas com as mãos.

—Estou preparada, Douglas. Agora. —As palavras sussurradas soaram estridentes e pareceram ecoar em sua cabeça.

O enorme corpo ficou quieto exceto pelo peito que se movia como um fole. Os fortes ofegos ressoaram no silêncio da noite.

—Não quero machucá-la.

Sim, notava-o. Na forma que a tocava que era um reflexo exato das palavras. No modo óbvio como se continha, na maneira como nunca, jamais usava sua força contra ela... Não, ele não queria machucá-la.



Como resposta, Allegra abriu as pernas, as levantando junto às coxas masculinas. Estava completamente aberta a ele, úmida, inchada e preparada. Douglas tinha que notá-lo.

Oh, sim, notava-o. O homem gemeu, e se moveu um pouco até que esteve situado na entrada. Era grande, enorme. Sabia por que o havia sentido e tocado, mas de certa forma era mais real agora que se dispunha a penetrá-la. Não usava a mão. As duas estavam agora lhe rodeando a cabeça, e com a língua lhe acariciava profundamente a boca, repetindo o que queria fazer mais abaixo.

Alguns dos homens com os quais tinha compartilhado a cama tinham que usar as mãos para ajudar-se a penetrá-la porque —agora o compreendia— não tinham estado de tudo eretos. Não era o caso presente. Douglas poderia ter estado feito, sem lugar a dúvidas, de aço quente. Tinha o pênis completamente ereto e perfeitamente capaz de penetrá-la sem ajuda de ninguém.

Sentiu o movimento dos músculos das costas quando começou a penetrá-la. Pouco a pouco. Não doía porque era muito cuidadoso, mas teria podido doer. Introduzia-se nela devagar, criando com aquela fricção um calor incrível, e beijando-a com intensidade, e só isso já foi o melhor sexo que tinha tido em sua vida. Era como se a penetrassem pela primeira vez, tocando partes delas que nunca antes tinham sido tocadas. Quando por fim se deteve, estava tão profundamente metido que ela estava estirada ao máximo.

Allegra lhe percorreu outra vez as costas com uma mão, notando a ondulação de cada resistente músculo, até que chegou à carne rígida do traseiro. Quando o tocou ali, ele gemeu outra vez e fez rodar os quadris em um movimento circular. O pelo púbico, curto e áspero, parecia rígido ao roçar a carne super sensibilizada.

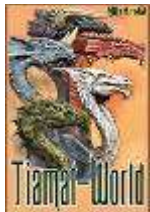
A grande base do pênis investia contra os lábios inchados de seu sexo e se sentiu atravessada, completamente tomada. Tremiam-lhe as coxas pelo esforço de mantê-las muito abertas e pelo orgasmo que já começava a notar.

As mãos de Douglas se separaram de sua cabeça e baixaram até a curva dos quadris, segurando-a forte, penetrando-a ainda mais, e Allegra conteve o fôlego em uma lenta queda livre que a aproximava inexoravelmente ao orgasmo. Ele não se movia, mas seu peso, a ferocidade com que a segurava, a profundidade da penetração foi quase muito. Mas quando separou os lábios e percorreu beijando a mandíbula até o pescoço, e a mordeu ali, justo ali, onde os garanhões mordiam a suas éguas, foi como aproximar um fósforo a um fusível. Com um grito selvagem, Allegra explodiu, contraindo-se com brutalidade ao redor dele enquanto ele se incrustava ainda mais profundo.

Douglas aproximou a boca ao seu ouvido.

—Agora começa. —Lhe sussurrou misteriosamente.

Kowalski acreditava que era muito bom fodendo. Tinha que sê-lo. Os homens feios tinham que saber mais se queriam ter uma transa com regularidade. Ele necessitava muito



sexo, assim tinha aprendido a fazê-lo bem. A própria mão ia bem quando era necessário, mas as mulheres eram melhores, e tinha aprendido a lhes dar prazer.

Assim sabia como controlar as investidas, sabia ler os sinais que dava o corpo de uma mulher sobre se queria uma fodida lenta e profunda, ou forte e rápida, ou uma mistura. Sabia que fazia bem, porque geralmente elas lhe pediam segundas e terceiras partes.

Dar prazer a uma mulher significava utilizar a cabeça e não só o pênis. Kowalski era capaz de manter vivo em sua mente um olhar de consciência enquanto transava, observando a quem quer que estivesse com ele e ajustando os movimentos para satisfazer seus desejos. Havia sempre um pouquinho dele, contendo-se, olhando. Nunca perdia do todo o controle.

Sabia como manter-se frio no combate, e na cama.

Assim que nada em sua experiência pessoal o tinha preparado para o prazer ardente e cru de abrir as suaves malhas de Allegra com o pênis, o prazer que sentiu da ponta da cabeça à ponta dos pés. O prazer feroz, abrasador que o atravessou, um segundo antes de gozar. O prazer que apagou quase todo pensamento racional de sua cabeça e o reduziu a um animal agindo por puro instinto.

Nunca havia transado sem camisinha e quando ela havia dito que podia, tinha estado a ponto de atirá-la em cima da cama e lhe colocar a pênis o mais rápido possível. Por dois motivos, porque seria a primeira vez para ele e porque era Allegra, a mulher mais linda e desejável que tinha visto em sua vida.

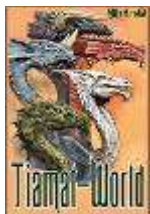
Mas não o tinha feito. Agarrando-se a seu controle com unhas e dentes, inclusive ao resistir à convulsão inicial ao penetrá-la. Tinha sido como colocar o pênis em uma tomada, a convulsão tinha sido colossal.

Um último vestígio de razão, em alguma parte no mais profundo de sua mente, recordou-lhe que tinha que ir devagar, porque cada instinto que possuía pedia a gritos que empurrasse com força com investidas duras, rápidas e profundas, que a fodesse com violência.

Não podia fazer isso a Allegra. No mesmo momento em que colocou a pênis nela, inclusive só a cabeça, compreendeu que faria mal se deixasse levar. Ela estava excitada, estava molhada — isso não era um problema— mas era pequena e talvez com pouca experiência. Assim empurrou devagar, suando por toda parte. Não podia brocá-la com o pênis, mas podia fazer estragos em sua boca, e isso foi o que fez. Desejou ter cem línguas e uns mil pênis, tudo dentro de Allegra.

Dentro de Allegra era o lugar mais fabuloso do mundo para estar. Ardente, acolhedor, a fonte de um prazer enlouquecedor.

Mordeu-lhe os lábios, logo lambeu com a língua todo o interior da sua boca, inclinando um pouco a cabeça dela para um lado para conseguir um contato mais íntimo. O sabor dela era celestial. Apostava o que fosse a que a vagina também teria um sabor celestial, mas o deixaria para mais tarde, quando a excitação tivesse cedido um pouco, quando a tivesse tido umas cinco... dúzias de vezes. Oh Deus, só de pensá-lo...



Ter a língua dentro de sua boca era tão excitante como ter o pênis dentro da vagina, e ali estava, em sua boca, notando como se aproximava o primeiro clímax de Allegra.

Por fim tinha todo o pênis colocado dentro dela, mas não se atrevia a mover-se. Apenas se atrevia a respirar. Empurrou um pouco, justo um pouco, e notou como a boca dela se suavizava, soltava um pequeno gemido que sentiu em sua própria boca, e chegava ao clímax, assim sem mais.

E assim sem mais, ele também chegou.

Isto era inaudito. Kowalski durava horas, mas à primeira contração daquela pequena vagina ao redor da carne nua do pênis, tinha explodido. Devorou-lhe a boca, segurando sua cabeça com as mãos porque se lhe segurasse os quadris a machucaria. E ambos seguiram beijando-se, gozando, tremendo e gemendo durante uma eternidade. Ao menos isso era o que tinha parecido. Kowalski perdeu todo sentido do tempo enquanto gozava dentro de Allegra, a primeira vez que gozou dentro de uma mulher e não dentro de uma borracha.

Isto fez com que qualquer pensamento coerente desaparecesse de sua cabeça. Aferrou-se a sua boca, ofegando e gemendo, mantendo-se rígido dentro dela enquanto cada gota de líquido saía a jorros do pênis. E o pouco líquido que não saiu por ali o fez pelos poros do corpo. Ao final, estava molhado por toda parte, pela boca dela, por seu próprio suor, e pelos jorros do orgasmo.

Tinha sido o clímax mais intenso de sua vida. A verdade é que tinha visto estrelas detrás das pálpebras, e ainda estava muito longe de acabar com ela, ainda estava duro como uma pedra e tão excitado que mal podia respirar.

—Como está? —sussurrou ele sobre os lábios de Allegra. Sentiu em sua boca o sorriso dela, levantou a cabeça e, com um esforço, abriu as pesadas pálpebras.

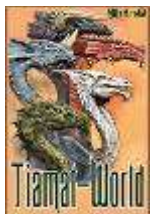
Tinha-a deixado escolher se queria as luzes acesas ou apagadas para lhe dar um pouco de controle, mas ele tinha uma visão noturna excelente e via bastante bem com a luz dos faróis que se infiltrava pela janela. Ela ainda estava gozando, notava-o nas contrações da vagina. Pela experiência que tinha, as mulheres ficavam tensas quando gozavam, os músculos ficavam rígidos e o rosto crispado como se sofressem. Mas Allegra não. O rosto de Allegra era suave, sonhador, delicado. Tinha a boca inchada e molhada por seus beijos. E sorria com os olhos cegos entreabertos.

Ela tinha posto a mão em sua bochecha, acariciando-o com os delicados dedos.

As contrações foram diminuindo e as coxas deslizaram de seus quadris onde tinham estado obstinadas com força.

—Como estou? —suspirou ela— Uau. Assim é como estou. —Elevou a cabeça e o beijou, com estupidez, fora do destino inicial do beijo, chocando-se com um lado da boca. — Obrigada. —disse com suavidade.

O peito de Kowalski fez um nó e lhe esticaram os músculos. O beijo tinha sido terno, comovedor. Não estava acostumado à ternura enquanto fodia. Deixou-o assombrado e



inquieto. Nada do que passava ali era o que ocorria normalmente a transar. Tudo era novo e um pouco intimidante.

—Não me agradeça ainda. —grunhiu— Não terminamos.

—Não? Oh! —gritou ela, assustada, quando ele inverteu as posições de repente, dando meia volta com ela em seus braços até que a teve em cima dele. Uma suave cortina de cabelo vermelho fragrante lhe rodeou a cabeça e caiu sobre os ombros como uma manta quente e viva. Precisava começar a mover-se e se ele ficava em cima, sabia que seria rude.

Ao menos isso era a teoria, colocá-la em cima para lhe dar um pouco de controle do que ele fazia. Na prática, ainda a segurava com força, seios contra peito, boca com boca, mãos nos quadris que ainda segurava para as investidas que já não podia evitar. O ato se tornou forte e rápido porque estava perdendo o controle. Ao colocá-la em cima ao menos se assegurava que não tinha que suportar seu peso além das investidas.

Allegra estava quente e molhada com sua própria excitação e o sêmen dele. Era muito provável que o pênis fizesse ruído ao entrar nela, mas era impossível que Kowalski o ouvisse por cima de seus próprios grunhidos, o ranger da cama e o troar do coração em seus ouvidos.

Rodeou-lhe o traseiro com suas enormes mãos, apertando e adotando um ritmo instintivo, duro e rápido, os movimentos que normalmente se faziam justo antes do clímax. Não tinha nem ideia de quanto tempo passou, só sabia que se precipitava a outro orgasmo com uma força incontrolável, lançando o sêmen dentro dela e gritando ao mesmo tempo.

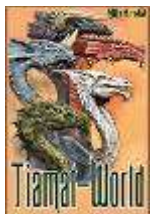
Kowalski estava acostumado a usar relógio, embora não o necessitava. Tinha um relógio muito preciso na cabeça e podia dizer a hora exata que era, da noite ou do dia, sem olhar o relógio. O relógio de sua cabeça sempre estava funcionando lá no fundo e lhe dizia quanto tempo tinha durado algo. Exceto agora. Agora não tinha nem ideia de quanto tempo tinha passado dentro dela até que explodiu.

Kowalski, tremendo, aferrou-se a ela ao gozar. Seguiu fodendo-a, incapaz de parar, com arremetidas pequenas e rápidas, o pênis ardendo, gozando com tanta força que quase perdeu os sentidos. Quando o orgasmo tinha espremido a última gota que ficava, foi capaz de pensar... um pouco.

Ela também gozou, graças a Deus. Quando ele deixou de mover-se, pôde sentir suas contrações, um presente do universo porque ele não tinha feito nada para merecer aquele orgasmo. Comportou-se como um animal. Tinha sorte de que ela não estivesse ali de pé, lhe ordenando que saísse de sua cama, que era o que ele merecia.

Allegra gemeu e ele se deteve, ofegando, elevando-a um pouco para poder ver seu rosto. Tinha os olhos fechados e tentou sorrir.

—Douglas. —murmurou. Ela também suave não como um porco, que era o modo como ele suave, era mais bem um orvalho sobre o lábio superior e na testa. Parecia esgotada e não respondia às pequenas investidas exploratórias que fazia com o pênis. Ele ainda não estava satisfeito, nem muito menos, mas ela sim.



Kowalski a beijou no pescoço e na boca, com suavidade —sua boca era uma doce armadilha de mel— e a levantou afastando a dele ao retirar-se dela. Os músculos de Allegra estavam relaxados, flexíveis, não ofereciam nenhuma resistência.

Deixou cair à mão a seu lado, maravilhado de quão bela estava sob aquela luz tênue, como uma princesa em um conto de fadas. Uma princesa cansadíssima. Beijou-a na bochecha. *Dorme agora.* —e observou como ela ficava adormecida imediatamente.

Olhou-a durante muito tempo enquanto o suor ia se esfriando sobre sua pele. Tinha suado uma barbaridade. Os lençóis estavam molhados por todo esse suor e pelo sêmen. Tinha bombeado o que parecia vários litros ao gozar dentro dela e se perguntou se teria desidratado.

Allegra estava sobre um lado, com a perna de baixo mais aberta, tinha as coxas úmidas e em seus cachos púbicos se viam gotinhas nacaradas que reluziam como pequenas joias.

Estava tão linda ali, com o cabelo comprido cheio de cachos sedosos caindo sobre os ombros e os seios, e um fio de cabelo entre seus lábios. O fio se movia com suavidade cada vez que respirava. Kowalski o afastou com um dedo, tentando não lhe tocar a pele. Agora que a tinha tido entre seus braços, se a tocasse, embora fosse um leve toque, queria mais. A tentação de inclinar-se e beijá-la na boca outra vez era tão grande que quase tremia.

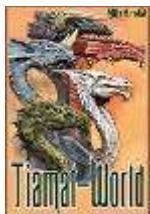
Kowalski não estava acostumado a reprimir-se na cama. Quando uma mulher estava ali, ele entendia que era porque queria e que ele podia ter tanto dela como quisesse, e ainda não se equivocou. Mas Allegra estava cansada e estressada pela violência e o sexo. Embora a desejasse mais do que tinha desejado a qualquer outra mulher, também queria que descansasse.

Olhou-se, o pelo do peito e do púbis estava mais escuro pela umidade, o pênis a ponto de fazer estalar a pele. Não mostrava nenhum sinal de que fosse baixar. Nem sequer tinha começado a tirar essa mulher do organismo. Bom, só havia um remédio para uma ereção quando não podia ter uma mulher. Com um suspiro se dirigiu à ducha, onde poderia solucionar dois problemas ao mesmo tempo.

Mas uma vez na ducha, levou um susto, o último de toda a maldita série de sobressaltos que levou aquela noite. Estava se ensaboando com o sabão que cheirava a Allegra enquanto a mão ia de maneira reflexiva para o pênis. O punho mal fechou ao redor do pênis quando afastou de repente a mão, como se o pênis fosse radioativo.

Kowalski tinha mãos ásperas, mãos de alguém que trabalhava muito com elas ao ar livre. Assegurava-se de levar as unhas limpas e curtas, mas isso era tudo. A pele das palmas estava cheia de calos e nunca tinha pensado nem duas vezes nisso até que agarrou o pênis, e este quase uivou como protesto.

O pênis não queria que o envolvesse com sua mão. Queria que o envolvesse Allegra. Queria suas malhas suaves, rodeando-a com calor úmido, não sua mão.



E o fodido era que só a queria a ela. A Allegra. Outra mulher não serviria.

Kowalski olhando para baixo observou, desconcertado, como lhe caía a água quente pelo corpo, como corria em riachos e girava em torno do deságue. Ficou ali durante um longo momento, sob a água que saía a pressão. Olhou o pênis excitado e vermelho, não, não baixaria. A masturbação —seu remédio infalível— não funcionava. O único remédio em toda a face da terra era Allegra, e isso fazia que estivesse condenadamente assustado.

Apertando os dentes, fechou o grifo, secou-se e voltou para o dormitório.

Ali estava ela, estirada em cima da cama, esbelta, deliciosa e pálida. A princesa das fadas, o anjo, a concertista e cantora mágica, tudo em um. Moveu-se, abraçando a si mesmo. Talvez tivesse frio. O pensar em que Allegra estivesse incômoda, embora fosse só um pouco, era inquietante.

Meteu-se na cama, agarrou-a entre seus braços, puxou a manta e a cobriu, lhe colocando as bordas por debaixo dos ombros. Ela suspirou profundamente e se apoiou nele com um joelho em sua virilha.

Jesus. Diretamente sobre o pênis inchado.

Afastou-lhe o joelho com cuidado e ficou com o olhar cravado no teto, a mão esquerda com os seios dessa mulher maravilhosa e a direita desejosa de descer até sua própria virilha e fazer algo, qualquer coisa, e acabar com aquela ereção. Mas não havia nada a fazer.

Resignado, colocou a mão direita detrás da cabeça e começou a contar ovelhas.

E assim ficou, com o olhar cravado no teto e escutando Allegra respirar até que o céu se tornou da cor cinza pérola.

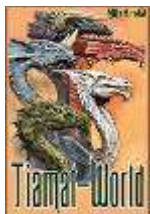
Capítulo 7

Pela primeira vez em cinco meses, Allegra despertou feliz. O normal era que despertasse com as bochechas cheias de lágrimas. Tinha pesadelos quase cada noite, a julgar pela opressão que tinha no peito cada manhã. Só os muitos ruins despertavam de noite, os demais eram como fragmentos breves e desiguais de horror que lhe deixava restos opressivos e aterradores na mente. Nunca recordava o conteúdo dos pesadelos, só a sensação de pânico e terror. Frequentemente lhe custava a metade da manhã voltar a controlar suas emoções.

Mas esta manhã não. Esta manhã despertou sobre uma superfície dura, quente e peluda. O peito de Douglas, para ser exato. Os lábios se curvaram em um sorriso quando moveu a mão por aquele peito peludo. O homem era tão grande e tão forte, que não deixava de assombrá-la.

Estava acordado. Havia algo no ar ao redor dele que o dizia. Estava desenvolvendo as capacidades extra-sensoriais que haviam dito os médicos? Afastou a ideia no mesmo momento que lhe ocorreu.

—Olá! —sussurrou sobre a pele firme e cálida dos bíceps.



—Bom dia. —Oh, Deus, quase tinha esquecido quão deliciosa e profunda que era sua voz. Uma voz que lhe retumbou no peito.

—Sim. —disse ela com simplicidade e um sorriso na cara. — É um muito bom dia.

—Está... bem? Ontem à noite me deixei levar um pouco. Espero não tê-la machucado. —Allegra não se incomodou em fingir que não sabia do que falava. Douglas tinha perdido o controle, investindo-a com força até que ao final tinha estado muito esgotada para continuar. Quando ele se deu conta, tinha se retirado dela, ainda duro como uma pedra tinha-a abraçado lhe passando um enorme braço ao redor da cintura e a tinha beijado na bochecha úmida de suor.

“Dorme” havia dito com aquela voz tão profunda e ela dormiu de repente. E tinha dormido sem sonhar pela primeira vez em cinco meses.

Allegra se espreguiçou e se pegou despreparada ao sentir todos os músculos doloridos. Doía-lhe por toda parte, sobretudo entre as coxas, onde ainda parecia que sentia Douglas. Ali estava dolorida e pegajosa. Os mamilos estavam hipersensibilizados onde ele tinha chupado com força. Inclusive tinha os braços doloridos de segurar-se aos amplos ombros.

Cada sentido que tinha —exceto a visão— tinha uma sobrecarga sensorial. Podia cheirá-lo e —suspirou— também a si mesma. Inclusive distinguia seus diferentes aromas, uma mistura de almíscar masculino, algo metálico — que imaginou que seria a pólvora da arma que tinha disparado, embora sobreposto estivesse o aroma de seu sabão, assim que talvez ele tomou banho durante a noite— e seu próprio aroma, colônia e suor. Também havia o aroma de sexo, uma combinação do aroma de ambos e da quantidade assombrosa de sêmen que tinha bombeado ontem à noite dentro dela.

Ouvia o batimento do coração nas profundidades do peito de Douglas, lento e poderoso. Sentia-o em cada centímetro do corpo, quente e forte.

Douglas a sacudiu com suavidade.

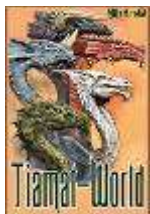
—Allegra. —a chamou com a voz profunda cheia de preocupação e os músculos de repente tensos. — Diga-me que não a machuquei. Diga-me que está bem.

—Oh, sim. —suspirou ela, e girou a cabeça para que ele pudesse ver seu rosto. Os músculos tensos do ombro relaxaram ao vê-la sorrir. Estava dolorida, mas era como uma sensação longínqua, como se acontecesse com outro corpo. — Estou bem. —Se moveu um pouco e lhe roçou o pênis. Enorme e erguido, como na noite anterior. — E você também parece estar bem. Outra vez.

—Outra vez não. —a enorme mão lhe acariciava a nuca. — Ainda.

—Ainda. —Allegra, ao ouvi-lo, levantou a cabeça boquiaberta. Tinha estado ereto toda a noite?— Isto é... isto é normal? Está tomando algo?

Houve um profundo som retumbando no amplo peito. Demorou um momento em compreender que Douglas estava rindo. Sorriu. Nunca, nem em seus sonhos mais selvagens, imaginou despertar com este homem. Com este homem enorme e forte em sua



cama. A noite passada ele tinha feito arder sua habitual angústia noturna. A pena, a tristeza, o medo, o pânico, tudo ardeu no fogo da paixão.

—Algo? Como o que? Refere-se a algo como Viagra?

—Bom, algo assim. Não sabia que fosse possível que os homens continuassem, hum, eretos tanto tempo.

Outra risada profunda.

—Não, não tomo Viagra. Não tomo nada. Em realidade, tecnicamente falando, estou tomando você.

Allegra sorriu.

—Assim sou eu. —Esfregou com a ponta do pé a tíbia do homem e lhe acariciou os ombros amplos e fortes com as mãos.

—E a pergunta esta manhã é, o que vai fazer a respeito?

—Fazer? —Allegra levantou a cabeça, surpreendida. — O que quer dizer?

Como se fosse uma boneca, Douglas a levantou pelo torso elevou-a e, lhe abrindo as pernas com as suas, sentou-a escarranchada sobre ele.

—Isso oh, era o que queria dizer.

Ela rebolou, experimentando. Tinha-a colocado — estava bastante segura que a propósito — para que seu sexo ficasse sobre o pênis. Quão único precisou foi um pequeno movimento e os lábios do sexo se abriram sobre ele. Era eletrizante. Ele ficou ainda maior, Allegra notou as ondulações do pênis sob a carne sensível da vagina.

Ruborizou-se profundamente. Tinha a pele muito pálida e até o mais mínimo rubor era visível. Devia estar vermelha como a beterraba. As mãos do homem lhe rodearam a cintura e ela se inclinou para diante para apoiar as mãos em seu peito. Quando o pênis se moveu, houve uma reação instantânea em seu próprio sexo.

Allegra estava derretendo, ardendo por toda parte, mas ainda dolorida.

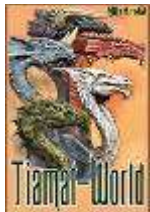
Douglas levantou os quadris, os movendo para diante e para trás para acariciá-la. Ela notava cada centímetro dele, os sulcos e as grossas veias. Isso a excitou, mas...

—Douglas. —murmurou quando ele esticou as mãos em sua cintura. Estava a ponto de levantá-la outra vez, e colocá-la para a penetração. Ela não podia fazê-lo. — Eu sinto tanto, mas acredito que não posso. Agora não.

Estava muito dolorida. O pensar em voltar a tê-lo dentro, movendo-se duro e rápido, seduzia-a em teoria, mas não poderia tomá-lo. Ainda não.

Douglas ficou quieto imediatamente. Estava enorme e muito duro entre os lábios do sexo, com as mãos apertando a cintura. Era como estar sentada sobre um poderoso motor, acelerando ao máximo e a ponto de separar.

Durante justo um segundo, uma fração de segundo, Allegra teve medo. Havia dito que não. E não a qualquer um, mas sim a um homem muito forte, muito excitado e com os músculos tensos de necessidade.



Não tinha pensado dizer que não, sem pensar lhe tinham saído os sentimentos mais profundos. Justo neste preciso momento, embora estivesse excitada, não o queria dentro dela. Como uma nebulosa, um vislumbre de lembrança lhe veio à memória, um pensamento fantasma, que desapareceu inclusive antes de poder retê-lo. Só ficou uma emoção breve, mas era suficiente.

Não pode dizer que não. Não pode mudar de opinião. Não provoque. Em caso contrário ficou a tremer, gelada de repente.

—Sinto muito. —sussurrou tensa— Não pretendia... se você quiser, certamente que pode... hum...

Ele estava imóvel, uma estátua de mármore imensa, excitada e peluda.

—Assim também está bem.

Allegra tinha as mãos sobre os peitorais e sentiu a vibração daquela voz tão profunda.

—Não, não, sinto muito. —disse a toda pressa. Agarrou-lhe o pênis com a mão, movendo os joelhos para poder elevar-se e ficar em cima. Estava tão rígido que mal podia afastá-lo do estômago. Este homem estava muito, muito excitado. Talvez doesse se não pudesse ter sexo. — Está bem, não importa. De verdade. —Se preparou para a penetração, embora não estava bastante excitada. Esperou que não lhe doesse.

—Para. —disse ele com voz calma. Todos os músculos masculinos relaxaram, exceto pelo grande que tinha entre as pernas. Permaneceu incrivelmente duro. Suas mãos a seguravam agora com gentileza. Não, seguravam não, tocavam-na. Deslizou-as com suavidade pelas costas, acima e abaixo, com suavidade, mais para tranquilizar que para excitar. — Não há nenhum problema, querida. Não temos por que fo... fazer amor agora.

—Não, de verdade, não importa.

—Assim está bem. —As mãos subiram pelas costas, acariciaram-lhe os ombros, e voltaram a percorrer a espinha dorsal até a cintura. — Mais que bem. Tem sua própria magia.

Ela não podia vê-lo, mas havia diversão em sua voz.

—Sinto muito. —murmurou ela, triste, logo mordeu o lábio inferior. — Não queria provocar. É só que estou um pouco...

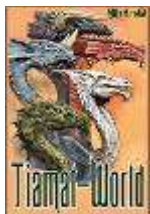
—Dolorida? Tinha imaginado que podia estar. — a sacudiu, só um pouquinho. — Perguntei-lhe isso. Lembra-se?

Era tudo tão complicado. Ela não se deu conta com precisão de quão dolorida estava até que se sentou em cima dele, até que estiveram a ponto de fazer amor.

Douglas lhe massageou os ombros com delicadeza.

—Oh. —Allegra, derretendo-se, apoiou-se nas enormes mãos. Foi muito difícil não converter-se em uma massa gelatinosa. — Isso é muito agradável.

—Mmm. Oh sim — Ronronou ele. Era a única palavra que descrevia aquele extraordinário som. Como um leão na savana, repousando ao sol. Aquelas mãos tão



grandes, ásperas e cálidas deslizavam pelas costas fazendo desaparecer de algum modo a tensão dos músculos. — É maravilhoso. Eu gosto de tocá-la.

Douglas não tentou transformá-lo em algo sexual. Não lhe tocou os seios, ou o sexo. Mas embora não fosse sexual, era sensual, um presente de simples e quente contato humano na paz da manhã.

—Não quero que nunca faça algo comigo que não queira, querida. Prometa-me isso. — A profunda voz era tão firme, tão segura.

Allegra fechou os olhos. Não para fechar-se ao mundo, o mundo já estava fechado para ela permanentemente. Só queria saborear este momento de confiança absoluta e calidez humana.

—Allegra... responda-me. —Os fortes músculos abdominais do Douglas se esticaram quando ele se dispôs a levantar o torso. — Quero sua promessa.

—De acordo. —murmurou ela, suspirando. — Eu prometo isso.

—Essa é minha garota. Não tem que se sentir obrigada a fazer algo comigo. Não finja nunca. Não quero isso, não necessito. Só estar com você assim já é um prazer incrível. Agora relaxe para mim.

O último foi quase uma ordem. Bom, o mais provável é que na marinha se acostumou a dar ordens. E seguro que também era obedecido imediatamente, porque todos os músculos de Allegra relaxaram ainda mais, um por um.

Era tão delicioso.

Douglas não lhe pedia que agisse, se animasse, que fizesse algo exceto estar ali com ele, desfrutando de senti-lo entre as coxas, desfrutando de suas mãos sobre sua pele.

O mero contato humano era tão maravilhoso. Não havia tocado ninguém desde o acidente. Bom, não, para ser exato se agarrou ao braço de Claire e Suzanne, mas só para contornar algum obstáculo. Nunca tinha dado longos passeios com elas. Não podia orientar-se e lhe dava medo que se esquecessem de avisá-la de algum meio-fio ou algum buraco na calçada. Quão único tinha tido era uma mão no cotovelo coberto pelo casaco. Um beijo na bochecha. Um abraço rápido. Isso era tudo.

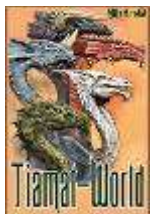
Só agora se dava conta de quão sozinha tinha estado, da necessidade que tinha tido de contato humano.

Bom, estava-o compensando ao máximo. Havia muito que tocar em Douglas Kowalski.

Com delicadeza, esperando que ele não confundisse com um avanço sexual, Allegra lhe pôs as mãos nos ombros. Havia-o tocado durante toda a noite, mas isto era diferente. Não se aferrava a ele em meio de uma paixão selvagem. Queria —precisava— tocá-lo, chegar a conhecê-lo.

Os músculos sobre os ossos do homem eram profundos e duros. Não havia a menor possibilidade de perceber o osso de debaixo. Como diabos podia um ser humano desenvolver músculos assim? Cada dia devia passar horas levantando pesos.

Cada característica de seu corpo era completamente diferente do dela.



Músculos largos, poderosos, marcados, inclusive em repouso. Os contornos esculpidos e delineados de um corpo masculino em toda sua plenitude. As texturas de pele suave e pele áspera pelo pelo.

Na atualidade estava na moda que os homens depilassem o cabelo do peito, mas era óbvio que Kowalski não se inteirou, porque havia uma capa de pelo grosso, encaracolado e áspero lhe cobrindo o peito, dos músculos peitorais até o final do estômago. Seguiu a linha do pelo e, sobressaltada, roçou o pênis com a mão, justo debaixo do umbigo. Afastou de repente as mãos, no mesmo momento em que Douglas deixava escapar um suspiro. —sussurrou ao ouvi-lo engolir saliva.

—Toque o que quiser, querida. O tempo que quiser. —Sua voz era baixa, tranquila. Tão incrivelmente reconfortante.

As mãos de Allegra voltaram para o peito, estendendo os dedos para chegar aos ombros.

Não tinha ido à cama com muitos homens e todos tinham sido músicos, como ela. Recordava corpos carentes de forma e certamente com músculos sem marcar. Seu último amante, Steve, era como um palito. Não recordava o que lhe pareceu. Mal recordava como era.

Tinha a cara alargada, recordou de repente, com uma barbicha bastante despovoada.

Como era Douglas?

O médico lhe havia dito que os cegos aprendiam a visualizar mentalmente a uma pessoa tocando-a. Também tinha visto em filmes. Como faziam? Talvez devesse ter praticado com Suzanne e Claire, cujos rostos lhe eram tão familiares como o seu próprio. O tocar narizes e testas, o perfilar bocas, ajudaria-a a aprender a “ver” um rosto?

Tinha que tentá-lo agora. Era quase angustiada a necessidade de ter uma imagem de Douglas na mente. Em só umas horas, significava mais para ela que qualquer outro homem que tinha conhecido, mas não tinha nem ideia de como era.

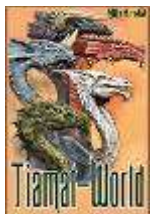
Tinha que saber como era, já.

Sabia como era seu corpo. Sabia que era alto e muito, muito largo de costas. Tinha membros muito compridos. Os braços pareciam ser o dobro de comprimentos dos dela. Sabia por experiência própria a força que continham os enormes músculos. Sabia que suas mãos eram ásperas, com a pele cheia de calos, mas que acariciavam com muita suavidade.

E o rosto?

Allegra deslizou os dedos com suavidade pelas clavículas e pelo pescoço. Havia um indício de barba. Começava pela metade do pescoço, deixando só um breve espaço de pele suave entre o peito e o pelo facial. Os dedos começaram a subir para...

Douglas lhe agarrou as mãos, fechando os dedos ao redor dos pulsos como algemas cálidas e vivas. Não a machucava, mas não podia mover-se.



—Douglas? —sussurrou e puxou com suavidade. A sujeição não cedeu nem um ápice. — Quero saber como é. Deixe-me tocá-lo.

Aquele som devia ser cabelo ao esfregar o travesseiro ao negar ele com a cabeça. Não precisava ver para saber o significado, não.

—Douglas? —Tentou de novo liberar-se da pressão implacável sobre os pulsos.

Das profundidades do peito do homem saiu um som afogado.

—Não. —A palavra ressoou no ar, severa e decidida.

—Por quê? —perguntou ela com suavidade.

—Sou... feio. — Desta vez as palavras saíram baixas, ásperas e guturais. Como se tivesse os dentes apertados. Como se viessem de algum lugar de seu interior cheio de desespero.

—É feio?

—Muito.

A ideia a deixou impactada. Como Douglas ia ser feio? Ele parecia o próprio epítome da atração, um verdadeiro macho alfa.

Tinha o físico de um deus. Estava quase superdotado em todos os aspectos, pensou sorrindo mentalmente enquanto rebojava sobre ele.

Em resposta, Douglas se arqueou sob ela, ardente, duro e enorme. E se deixou cair imediatamente.

É obvio. Ela havia dito não e ele a respeitava. Era um homem honorável. Isso era atrativo.

Gostava da música e também era um entendido nela.

Possuía uma espécie de cavalheirismo antiquado, preferindo levá-la nos braços até o carro antes que molhasse os pés.

Tinha estado disposto a morrer por ela. E por seus amigos. Graças a sua coragem, não tinha havido um banho de sangue no Parks Foundation. Bud e Claire, John e Suzanne estavam vivos porque ele tinha sido o bastante valente para enfrentar sem arma alguma a homens armados.

Tinha a voz masculina mais deliciosa que tinha ouvido em sua vida. Depois de uma conversa de dois minutos, tinha estado a ponto de apaixonar-se por ele só pela voz.

E era feio?

—Deixe-me tocá-lo, Douglas. Não pode ser feio. Não para mim.

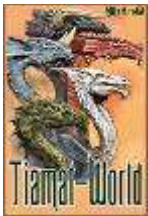
Ele guardou silêncio, com os dedos ao redor de seus pulsos, incrivelmente imóvel. Era como se inclusive tivesse deixado de respirar.

—Por favor, Douglas. —suplicou— Tenho que tocar seu rosto. Não sei como é. Fizemos amor. Estamos juntos na cama, nus e... e não tenho sua imagem na mente.

Allegra não tinha nenhuma possibilidade de obrigar Douglas a fazer algo que não queria fazer. O único era perguntar e esperar.

Os dedos ao redor do pulso se esticaram e logo a deixaram ir, baixando os braços aos flancos e apoiando-os nas coxas dela.

—De acordo. Toque-me se quiser. —A profunda voz era inexpressiva, impassível— Adiante. Indecisa, Allegra se inclinou para ele.



De todas as maneiras, como eram as caras das pessoas? Basicamente eram todas iguais, a menos que estivessem desfiguradas. Dois olhos, duas orelhas, um nariz, uma boca. Sobrancelhas e cílios. Barba e bigode, algumas vezes, se fossem homem. E algumas vezes inclusive se não era.

Allegra pensou em Rosa Mancino, a governanta dos Parks. A irmã de Rosa, Elena, estava bem provida em questão de barba e bigode.

Como se sentiria ao tato alguém que você gostasse?

As mãos se moviam sem rumo, com suavidade, acumulando impressões sensoriais.

Os dedos, como plumas, percorreram-lhe o pescoço, onde destacavam tensos, músculos e tendões. Logo passou um dedo com delicadeza por uma veia que se sobressaía, depois pela parte inferior da mandíbula e volta atrás outra vez. Por toda parte havia veias que se sobressaíam, igual a nos atletas olímpicos. Tinha lido em algum lugar algo de que levavam mais oxigênio aos músculos.

Sentia o sangue da vida pulsando pela veia, ao mesmo ritmo que o do coração, tranquilo e lento sob a mão direita que tinha apoiada em seu peito.

Agora levou ambas as mãos para a mandíbula.

Voltou-lhe a agarrar os pulsos com aquela sujeição suave e inquebrável. Allegra não tentou puxá-las ou empurrá-lo, só esperou.

—Tenho... uma cicatriz. —confessou com os dentes apertados.

—Ah sim? —perguntou ela com suavidade. Tinha sentido. Tinha sido um soldado, certamente que teria cicatrizes. — Sabe o que? Não me importa.

Ela tinha sua própria cicatriz, por Deus. A diferença era que a sua não se via.

Esperou pacientemente com as mãos presas. Era ele quem tinha que permitir aquela intimidade. Fizeram amor, tinham tido sexo, corrigiu-se. Não havia nenhuma parte de seu corpo que ele não houvesse tocado, mimado, acariciado. E apesar disso, estava aborrecido porque ela ia tocar seu rosto.

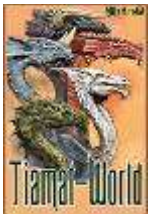
Não podia fazer nada mais que esperar enquanto Douglas lutava contra esses demônios que tinha dentro dele.

Ela sabia tudo sobre lutar contra demônios. É o que fazia todos os dias, cada dia.

Havia um completo silêncio no quarto, exceto o fraco som de sua própria respiração. Douglas estava tão quieto, tão silencioso, que bem poderia ter estado morto. Se não fosse porque sentia entre as pernas como lhe dilatava o peito com cada respiração, teria que perguntar-se se seguia vivo.

—Adiante. —A soltou com um pequeno suspiro, e as mãos voltaram a pousar com suavidade em seu pescoço para prosseguir a viagem de descobrimento.

Em efeito, tinha uma cicatriz no lado esquerdo da mandíbula, grande e feia. Era como um mapa de caminho de dor, ampla e larga, lhe percorrendo todo o comprimento da mandíbula, sem pelo, muito grossa e uniforme, com uma grande borda sobressalente.



Cruzavam-na linhas irregulares. Pontos de suturas? Se fosse assim, o cirurgião tinha sido muito incompetente.

—Deve ter doido muito.

Ele não respondeu, só fez um leve movimento ao encolher os ombros.

Allegra sabia que ela tinha tido a melhor assistência médica possível. Passara quase três meses com as mandíbulas protegidas com arame, e, entretanto lhe haviam dito que não tinha nenhuma marca no rosto.

Essa cicatriz devia ver-se muito no rosto de Douglas.

—O preocupa? A cicatriz?

—Não. —A voz foi brusca, despojada de qualquer emoção.

Allegra percorreu a profunda cicatriz com o dedo, para baixo e para cima, enquanto ele ficava completamente quieto baixo ela. Era como se tentasse apagar as lembranças da dor que deve ter sentido, absorvendo-o através da ponta do dedo.

Por fim, Allegra passou à tarefa de criar a imagem do rosto de seu amante. Como fazê-lo? Rodeou com delicadeza os contornos do rosto. Era amplo e de mandíbula quadrada, a metade inferior arranhava pela barba incipiente.

Passou-lhe os dedos pelo cabelo. Levava-o curto, mas não o curto típico das Forças Armadas, mas sim com um corte à navalha.

— Qual é a cor do seu cabelo?

—Loiro escuro.

—E os olhos?

—Castanho claro.

Era provável que a cor se devesse a sua ascendência eslava, como as maçãs do rosto altas e largas que apalpava. Tinha a testa alta e grande com algumas rugas muito profundas. Também as tinha na extremidade dos olhos.

—Quantos anos têm?

—Trinta e oito.

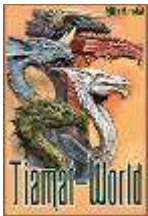
Então as profundas rugas que tocava eram as de um homem que tinha passado muito tempo ao ar livre, não as de alguém que já vai aproximando-se da velhice.

Allegra seguiu tocando. Seguindo as linhas dos traços, sentindo as texturas da pele, percorrendo as sobrancelhas, descendo para os lábios. O nariz era grande, amplo e com a cartilagem torcida.

—Já quebrou o nariz.

—Sim, algumas vezes.

Era-lhe impossível unir todas as sensações para formar uma imagem em sua cabeça. Mas havia algo que tinha claro e que ia mais à frente do aspecto e a forma do rosto. O que estava claro era que tinha o rosto que correspondia à força de seu corpo, sem adornos, pura e simplesmente um homem.



Sentou-se ereta, muito consciente da nudez de ambos. Consciente que, de algum modo, o leve contato ao tocar seu rosto se converteu em carícias. Embora ele não se movesse enquanto o tocava, ao passar os dedos pela boca notou como o pênis, situado entre os lábios do sexo, se fazia muito maior. A fricção também a excitou, umedecendo-a e suavizando-a.

Em algum lugar muito dentro dela, estava se preparando para ele. Talvez em uns momentos poderia...

Mas primeiro, havia algo que tinha que fazer.

—Douglas?

Os dedos do homem se esticaram sobre suas coxas quando passou o indicador pelo lábio superior.

—Sim?

Allegra se inclinou para frente a fim de que os seios se apoiassem sobre o torso do homem, com o pênis, um cilindro duro, entre ambos os ventres. Baixou o rosto até que os narizes se encontraram. Com as mãos lhe emoldurou o rosto, notando a dureza das maçãs do rosto, as rugas profundas dos olhos, a barba áspera. O fôlego no rosto, a quietude absoluta e completa.

Quanto desejou poder vê-lo.

—Para que conste, Douglas, não acredito que seja feio. —disse Allegra com suavidade— De fato acredito que é bonito.

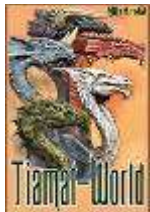
Ele se arqueou, uma vez, com força. De repente, a beijava como um louco, sem nenhuma delicadeza, segurando sua cabeça enquanto lhe devorava a boca, dentes contra dentes, a língua empurrando até o fundo. Entre seus ventres, o pênis pulsou e inchou. Douglas gemeu profunda e asperamente na boca dela enquanto alcançava o orgasmo. Allegra ficou ensopada pelo sêmen que saía a jorros entre os dois estômagos, e com um grito de excitação, também ela chegou ao clímax.

Capítulo 8

Allegra estava cantando algo sob a ducha. Algo complicado, embora de estranha maneira também singelo, dolorosamente belo. Fascinante e inquietante. Sedutor como a canção de uma sereia, tentando-o.

De maneira nenhuma. Merda, não.

Kowalski não ia aproximar-se de jeito nenhum do banheiro. Não ia aproximar-se dela. Em realidade, se tivesse o mínimo bom senso, iria embora daquela casa em seguida. Maldição deveria sair de Alpha Security já e mudar-se à outra ponta do país porque inclusive estar na mesma cidade da mulher era perigoso para sua saúde mental.



Deveria ir longe, o mais longe possível desta mulher.

Kowalski tinha tido uns cinco mil orgasmos em sua vida, mas nada — nada! — teria podido prepará-lo para a emoção em forma de bola de fogo explosivo —totalmente descontrolado— que tinha no peito quando gozou. E nem sequer estava transando com ela. Tinha sido muito poderoso, e por um segundo tinha chego acreditar que tinha morrido.

Comoveu-se até limites insuspeitados ao observar a tentativa de Allegra de formar uma imagem lhe percorrendo o rosto. Tinha estado tão absorta, tão concentrada, tentando aprender a ver com os dedos. Era óbvio que nunca tinha feito antes. O seu rosto era o primeiro que havia tentado ver desde que tinha ficado cega.

A qualquer outra mulher ele teria detido imediatamente, não havia nenhuma razão para que ninguém lhe percorresse o rosto. Mas, como ia dizer não a Allegra? Ela tinha toda razão, tinham tido sexo e tinha certo direito de tentar averiguar como era ele.

Depois tinha se inclinado para ele, lhe golpeando o nariz com seu próprio nariz, com tanta estupidez, tão cativante.

Ele tinha estado se esforçando para ignorar o fato de que ambos estavam nus e que ele tinha tido uma boa ereção durante a metade da noite e que não mostrava sinais de baixar.

Não agarrá-la, não colocá-la debaixo e entrar nesse corpo suave e pequeno tinha sido uma das coisas mais difíceis que tinha feito em sua vida.

Logo tinha segurado seu rosto, rodeando-o com as delicadas mãos, com os enormes olhos cegos brilhando com tanta intensidade que nunca poderia esquecê-lo, e havia dito a ele que era bonito.

Gozou por tanto tempo e com tanta força que era um milagre que ficasse algo de líquido no corpo.

Demorou uns longos momentos em recuperar o fôlego, em que seu coração deixasse de tentar lhe sair do peito, em voltar a ver, em não sentir-se envergonhado. Os estômagos dos dois tinham ficado bem lubrificados com o sêmen e ele se sentiu como um adolescente gozando nas calças. Isso não tinha acontecido com ele desde que tinha quinze anos e uma ereção perpétua.

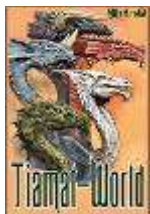
Estava envergonhado. Mas era a sensação de atordoamento, de ter perdido por completo o controle que o assustava.

Tinha trinta e oito anos e no transcurso desses anos havia fodido um batalhão de mulheres e nunca tinha tido aquela sensação de estar à beira de um precipício.

Aterrorizou-se.

Com a desculpa que tinha que lavar-se, tinha saído da cama o mais breve possível, colocou-se na ducha e vestido um moletom. Da segurança da porta, fora do alcance da mão, disse-lhe que prepararia o café da manhã enquanto ela tomava banho e tinha fugido à cozinha.

Desejou estar em seu apartamento. Era grande e estava quase vazios, com uma cozinha funcional, uma cama de grande tamanho, um sofá e um equipamento de informática de tecnologia avançada, tudo o que necessitava. Quando fazia algum ruído, havia eco, mas o tinha tudo sob controle.



Escuta, pensou ele, aproximando-se da porta do banheiro. Isto, escuta. Era uma fodida magia. Agora tentava as escalas, de cima a baixo, tão puras como uma cascata. Ao cabo de um momento, voltou para a melodia original, um pouco mais complexa já que estava um pouco mais segura dela.

A água da ducha se deteve e Kowalski voltou para a cozinha. Fazer o café da manhã tinha sido muito difícil. Allegra tinha uma geladeira muito bem sortida e um congelador cheio de recipientes de plástico com comidas caseiras prontas para comer. Em cima da tampa das vasilhas tinham sido anotados com pontos letras C, A e J. Café da manhã, almoço e jantar. Quando abriu um com a letra C viu que estava cheio de madalenas³ caseiras de arándano. Justo ao lado havia outro recipiente com a letra D com uma omelete de queijo. Também o poria para tomar o café da manhã.

Tomaria o café da manhã e sairia daqui, sairia da vida de Allegra Ennis, tão bela e com tanto talento. Não por ela, mas sim por ele. Tudo isto fazia que estivesse foddidamente assustado e poderia derrubar-se a qualquer momento. Ele era alto, forte e resistente, tinha sido assim toda a vida. Não havia um homem vivo na face da terra ao que temesse.

Mas Allegra o aterrorizava.

O café estava filtrando na cafeteira, o micro-ondas tinha soado e o pelo da nuca arrepiou.

Ela estava aqui.

Sentia-a, cheirava-a, inspirou aquele tênue aroma da primavera.

—Olá. —disse ela com suavidade.

—Ei! —respondeu Kowalski dando a volta com lentidão. Pôs-se uns jeans descoloridos e um pulôver de um verde brilhante. Levava o cabelo solto ao redor dos ombros e estava descalça.

Era tão condenadamente bela. Não era justo. Por que tinha que ser tão bonita?

Ela olhava para ele, titubeando na porta, com um pé dobrado sobre o outro.

Kowalski foi para ela pouco a pouco, assegurando-se de que ouvisse seus passos. Podia mover-se sem fazer ruído quando tinha que fazê-lo, mas queria que o ouvisse aproximar-se.

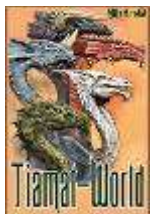
Se a mulher cuspiisse em seu rosto, o teria bem merecido pela forma como tinha saído da cama e tinha fugido para a ducha sem nem sequer um beijo.

Quando esteve tão perto dela que o aroma primaveril lhe encheu as fossas nasais, Allegra se endireitou.

—Douglas — disse ela e sorriu lhe estendendo a mão.

A Kowalski o coração deu um tombo e esfregou o peito, distraído, antes de segurar sua mão e colocá-la no antebraço. E então sentiu o estalo quase audível! Como se todo o

³ Bolo pequeno redondo feito com farinha, açúcar, ovos, azeite e leite, assado no forno sobre um molde individual, geralmente de papel.



universo se alinhasse, como copos em um distribuidor automático. O braço dele estava feito para a mão dela. A mão dela pertencia a ele. Assim era como tinha que ser.

Allegra Ennis ia romper-lhe o maldito coração, e ele não podia fazer absolutamente nada para evitá-lo.

—O café da manhã está preparado. Espero que tenha fome porque fiz muito.

—Maravilha. —Ela inspirou profundamente, abrindo com delicadeza as janelas do nariz. E embora Kowalski fosse incapaz de cheirar nada que não fosse ela, soube que Allegra cheirava o café, as madalenas, a omelete e as torradas. — Morro de fome.

Guiou-a para a mesa da cozinha e separou uma cadeira para ela com a mão livre.

—Aqui, querida.

—Espera um momento. —Se deteve um instante, franzindo o cenho, e afastou os dedos da manga. — Isto não é um smoking. Que diabos usa? Não há nada meu que caiba em você.

Ele a sentou na cadeira e colocou diante dela um prato com uma madalena quente. Ela procurou com lentidão a faca. Uma vez que a encontrou, cortou a madalena em quatro partes iguais e começou a comer uma com delicadeza.

Kowalski se sentou a seu lado se por acaso necessitava que a ajudasse.

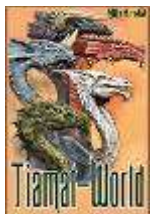
—Levo uma bolsa de ginástica no carro com duas mudas de roupa, uma escova de dente e a navalha de barbear se por acaso quero sair durante um fim de semana sem passar por casa. Também levo um moletom. Se não se importar, mais tarde sairei para correr um momento. Estou acostumado a fazer muito exercício.

—Magnífico. Eu também necessito tempo para praticar com a harpa. —Sorriu quando deu outra dentada à madalena. — Suponho que é algo que temos em comum, os dois somos bastante disciplinados.

A ideia o sobressaltou. Até esse momento, só se tinha dado conta das diferenças entre eles. Sua beleza, seu aspecto delicado, sua voz incrível e o talento musical. Seu encantador sorriso e o trato fácil com as pessoas. Ela era seu polo oposto. Mas olhando além de tudo isso, agora se dava conta que em outros aspectos se pareciam muito.

As mulheres com as quais até agora Kowalski teve encontros — bom, fodido melhor dizendo — não sabiam muito de disciplina, trabalho duro e determinação. Tinham sido o tipo de mulheres que esperavam pegar a algum Seal nas barras dos bares — por alguma condenada razão os Seals estavam na moda e tinham suas próprias fãs — ou ao menos ter com eles um encontro ardente entre os lençóis. Eram mulheres que não tinham um trabalho aceitável e que viam as outras mulheres como competidoras, que não lhes interessava nada mais que festas noturnas cheias de cerveja.

Allegra era completamente diferente. Tudo nela era uma amostra de disciplina e trabalho duro, de uma forma de vida sóbria. Sua casa estava cheia de livros — de quando podia ler— e CDs. Tudo estava limpo e era de bom gosto. Sua amizade com Suzanne e Claire era de verdade. Nunca esqueceria o desejo de não incomodar a nenhuma das duas quando necessitava com desespero



sua ajuda para que a acompanhassem ao palco. Depois de uma experiência próxima à morte, o primeiro pensamento de Suzanne tinha sido para a Allegra.

—Quantas horas pratica ao dia? —perguntou ele.

—Depende. —Com delicadeza pegou outro pedaço de madalena. Kowalski já tinha comido quatro. — Se tiver um concerto logo ou uma gravação, posso chegar a fazer oito horas ao dia. —Girou a cabeça para ele. — Se vivêssemos juntos o deixaria louco. Garantido. O coração de Kowalski deu outro enorme tombo no peito ante a ideia de compartilhar a vida com aquela mulher. A este passo ia ter um enfarte.

—Olhe. — ela estendeu a mão e ele a pegou. — Olhe meus calos. Surpreendeu-me que não dissesse nada quando tocava seu rosto.

Kowalski segurou sua mão, delicada e de longos dedos, tentando averiguar do que ela estava falando. E então os viu, uns calos circulares e diminutos nas pontas dos dedos. Eram calos pela harpa, incrivelmente bonitos.

—Eu tenho a pele bastante curtida, querida. Seus calos teriam que ser maiores para que eu os notasse. Olhe, toca os meus. —Levou-lhe a mão à área entre o polegar e o indicador da mão direita, à pele em que havia uma grossa cicatriz.

—Oh, Deus. —A expressão de Allegra mostrou tanto alarme como cautela. — Como fez isso?

—Quando começamos a treinar com armas curtas, nos formam calos. Estas armas têm um retrocesso muito grande. Quando disparamos, a mão absorve a energia cinética. Forma-se uma boa bolha na parte da mão onde a arma tem mais impacto. A bolha sangra e se abre todas as noites porque disparamos centenas de rondas ao dia. Milhares à semana. Ao final a bolha cicatriza formando um calo bastante grande. É como a medalha de honra de um atirador. Nota-o? —Ofereceu-lhe a mão esquerda, tocando-a ligeiramente para lhe deixar saber que a mão estava ali.

Também lhe percorreu com delicadeza aquela mão.

—Tem as mesmas cicatrizes nesta mão. É canhoto ou destro?

—Dá a casualidade de que sou destro, mas isso não significa nada. Ao disparar não pode se decidir por uma mão. O que aconteceria se está em meio de um tiroteio e lhe ferem a mão boa? Temos que ser capazes de disparar com ambas e praticamos com ambas.

Allegra esfregou aquela área das mãos.

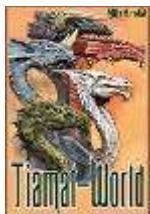
—Deve ter doído.

Uma barbaridade, pensou.

—Um pouco, ao princípio. —se permitiu admitir.

Ela sorriu.

—Outra coisa que temos em comum. Os calos. — Soltou-lhe as mãos e ele, imediatamente, sentiu falta daquele contato, como se tivesse apagado a luz. — Por favor, me diz onde está o leite?



Assustava-o que seu contato pudesse afetá-lo tanto. Pensava o quanto gostaria de ficar assim para sempre, a seu lado, na luminosa e tranquila manhã, bebendo café e falando. E também pensava que se tivesse um mínimo de bom senso, meteria-se no SUV e iria embora a toda velocidade. O que lhe tinha perguntado? Ah, sim. Onde estava o leite.

—Bravo vermelho, onze. —disse ele, distraído.

—Perdão? —Allegra girou a cabeça para ele com tanta rapidez que grossos e suaves fios de cabelo ardente se enredaram no zíper do blusão do moletom. A exuberante boca formou um O.

—Sinto muito. —Que idiota era. Tinha falado sem pensar. — O sinto querida. É a linguagem dos franco-atiradores. O leite est...

Um momento pensou ele, enquanto com cuidado desenredava o cabelo do zíper antes que pudesse machucá-la. Tinha que pensar nisto com atenção.

O trabalho de Kowalski na marinha era quebrantar homens fortes e duros, amassá-los até fazê-los mingau, arrebatá-los sua confiança em si mesmos, reduzi-los a nada. Para ficar lá não podiam ser intimidados, e se eram, estavam fora. Kowalski tinha sido o pior pesadelo dos recrutas porque sabia muito bem que enfrentariam a coisas terríveis na batalha, piores inclusive que as mais terríveis que ele pudesse lhes pôr no caminho.

Fazer trabalhar os homens até fazê-los sangrar nos campos de treinamentos para que não sangrassem em combate não era agradável. Tinha sido ameaçado de morte três vezes por homens que estavam desesperados para entrar nos Teams, mas que desabaram sob sua pressão brutal e implacável.

Kowalski tinha visto homens bons, homens fortes, que ao final tinham abandonado sua ambição mais alta, seu sonho mais querido, porque ele lhes tinha exigido quase o impossível e não puderam fazê-lo. Kowalski não estava particularmente orgulhoso disso, mas era o que fazia. Era um perito em homens que vinham abaixo até tocar o fundo. Que se levantassem era problema deles, mas se o faziam, eram inquebráveis.

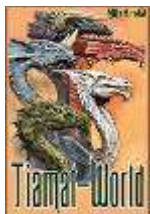
Agora tinha a oportunidade de fazer o contrário, de dar a essa maravilhosa mulher um pouco de confiança em si mesma, ensiná-la a enfrentar seu mundo de escuridão um pouco melhor. Ela não se ajustava bem com sua cegueira. Ele podia ajudá-la.

—Ouça, querida. —Aproximou mais sua cadeira da ela. — Quando os soldados observam algo em seu campo de ação, necessitam uma linguagem para dizer a outros o que veem. Têm que dar a informação rápido e tem que ser correta. Assim ideamos um código que permite que um companheiro saiba exatamente onde está algo. A coisa vai assim. Imagine um edifício, qualquer edifício. Imagine-o na cabeça.

—Certo. —Allegra fechou os olhos ao concentrar-se. Sorriu. — A casa da avó na Irlanda.

—Quantos andares tem?

—Três. Meus avós tinham onze filhos. Minha segunda prima Moira a transformou no ano passado em uma pensão de muito êxito. Passei muito tempo ali quando era criança. Sempre havia reuniões familiares. Reuniões grandes e ruidosas, onde todos cantávamos e dançávamos.



Kowalski tentou imaginar grandes e ruidosas reuniões familiares com canções e danças, e fracassou. Ele tinha crescido com um pai triste e bêbado e uma mãe que os tinha abandonado quando ele tinha oito anos.

—Tinha seu próprio dormitório?

—Não. Sempre dormia com as duas filhas mais velhas de Moira, Catherina e Sinaid.

—Onde estava seu dormitório?

—No terceiro andar. Olhando à fachada, a janela do canto direito.

—Bem. O primeiro que precisa é um sistema de pontos de referência para um edifício. Chamamos isso de relógio de cor. Cada lado do edifício tem um código de cores. A frente é branco, detrás é negro, o lado esquerdo é vermelho e o direito verde. Pode repeti-lo?

—O da frente branco, detrás negro, esquerda vermelho e direita verde. —recitou ela imediatamente.

—Boa garota. — disse Kowalski, e ela lhe dirigiu um sorriso resplandecente, satisfeita consigo mesma.

Merda, o coração voltou a dar esse enorme tombo. Oh, Cristo.

—Comecemos outra vez. Cada andar tem uma letra e nós usamos termos militares. Alfa, Bravo, Charlie...

—Então eu teria estado dormindo no Charlie verde?

—Sim! Você já sabe disto. Assim estive na marinha e não me disse. Isso é contrário às regras. —Kowalski disse em um tom de suspeita bastante exagerado, e Allegra ficou a rir a gargalhadas.

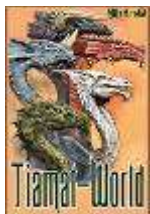
—Não acredito que pudesse estar na marinha. Pode-se estar na marinha se não se pode nadar?

—É um pouco difícil. —pegou sua mão e a levou aos lábios. — Mas é inteligente e valente. Se alguém pode fazê-lo, eu apostaria em você.

—Ah, Douglas Kowalski, dos Kowalski do condado de Cork, você beijou a Pedra da Eloquência⁴ muito frequentemente. — pôs-lhe a mão no braço, algo que ele já começava a reconhecer como seu modo de orientar-se. De ter uma referência do ambiente através dele. — Mas bendito seja por isso, meu rapaz.

—Não, não, tem talento. —Kowalski adorava tudo aquilo. A terna paquera, a sensação de poder ajudá-la a ganhar confiança em si mesma. A sensação de que ela dependesse dele para algo no que podia ajudá-la. — Bem, agora escuta. Digamos que falamos de uma superfície, como esta mesa. Debaixo da mesa é Alfa. A mesa em si mesmo é Bravo, em cima da mesa é Charlie. Agora vamos a outro relógio, desta vez um de verdade. Imagine a superfície da mesa como a esfera do relógio. Você a pegando como

⁴ A Pedra da Eloquência, pedra do Blarney ou Blarney Stone é um bloco de pedra no alto do Castelo do Blarney nos subúrbios do Cork, na Irlanda. Segundo conta a lenda, beijando a pedra pela parte de baixo se obtém o Dom da eloquência.



ponto de referência, onde você está são as seis, o outro lado da mesa são as doze, a sua direita são três e a sua esquerda...

—As nove. —Moveu a cabeça de um lado a outro como que gravando dentro dela. — Certo, comecemos de novo. Onde está o leite?

—Bravo vermelho onze. —disse ele, e a mão dela foi direta à caixa de leite.

—Oh! Oh, meu Deus! —O rosto de Allegra se iluminou quando pegou a caixa de papelão. Não havia outra descrição para defini-lo, simplesmente brilhou cheia de orgulho, e encantada e surpreendida. — Outra vez! Diga-me algo mais que possa encontrar!

—A cafeteira Bravo verde três.

Ela estendeu a mão para a cafeteira e Kowalski a ajustou para girar a asa para ela para que não se queimasse, amaldiçoando-se por não havê-lo previsto. Merda, ele sempre estudava as coisas atentamente, indo com vários movimentos de adiantamento, mas Allegra consumia uma grande parte de seu raciocínio.

—Bingo! —exclamou ela, agarrando-a.

—Espera, querida, deixe que eu a sirva. —Havia limites no que ia deixar que fizesse. Que derramasse café fervendo no colo não estava no programa. Enquanto ela bebia, Kowalski observava os pensamentos que lhe passavam pela cabeça ao dar-se conta de todas as novas possibilidades. Apalpou o pires, colocou com delicadeza a xícara em cima e girou para ele com os enormes olhos brilhando.

—Outra vez. —sussurrou ela.

—Madalenas. Bravo branco doze.

Madalenas, comprovado. Açúcar, comprovado. Omelete, comprovado. O garfo dele, comprovado. O garfo dela, comprovado. Abrangeram todos os objetos da mesa.

Por fim, Allegra se recostou na cadeira com um sorriso radiante no rosto.

—É genial. —disse— Agora tenta você. —Com a mão esquerda foi subindo por seu braço direito e se deteve, colocando-a no ombro e lhe dando uma suave massagem. — Charlie vermelho.

Kowalski colocou sua mão sobre a dela.

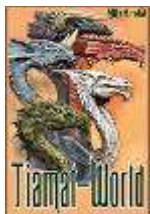
—Já está. —indicou com voz rouca.

Allegra subiu pouco a pouco a mão direita pelo outro braço até o ombro.

—Charlie verde.

Ela o abraçava desajeitadamente, inclinada para frente na cadeira. Kowalski a levantou e a sentou escarranchado em cima dele.

Ficaram sentados em silêncio durante um momento, amoldando-se às sensações de estar ela sobre ele, das mãos de Kowalski descansando sem apertar na pequena cintura. O cabelo caiu sobre os braços dele em uma brilhante cascata. Kowalski a observou com atenção. Ela olhava para frente, ao nível do queixo. Seu fôlego lhe beijava o pescoço. Suas mãos acariciavam seus ombros, pouco a pouco, o conhecendo uma vez mais através do contato.



Allegra, devagar, inclinou-se para diante até que com a testa lhe tocou o queixo, movendo o rosto de um lado a outro como se pudesse chegar a conhecê-lo através da pele. Logo girou um pouco a cabeça para beijá-lo na mandíbula. Exatamente no lugar onde estava a feia cicatriz, e logo afastou a cabeça para lhe dirigir um olhar cego.

O coração de Kowalski se encolheu. Não era possível confundir a expressão de Allegra, uma mistura de admiração e afeto. Nem sequer tentou mentir a si mesmo sobre isso porque era a primeira vez que uma mulher o olhava assim.

As mulheres o olhavam com duas expressões, repulsão ou luxúria. Nunca um meio termo, e certamente nunca algo parecido ao que via agora mesmo no rosto de Allegra.

Ela baixou pouco a pouco a mão direita pelo peito até pousá-la sobre o coração. Um coração que pulsava com rapidez sob a mão feminina, como o de alguém com fibrilação, a ponto de um enfarte.

Kowalski era um atleta, tinha-o sido toda a vida. Tinha um pulso lento, de sessenta e cinco batimentos, mas agora não. Agora o coração pulsava o triplo de rápido, com as pulsações retumbando por todo o corpo, enlouquecidas.

Ele era um homem cujo ritmo cardíaco descia de velocidade em situações de perigo, como o de uma cobra. O coração não lhe palpitava assim nem sob fogo inimigo.

—Seu coração. —O roçou. — Charlie branco. —disse em voz baixa. Os cantos da boca se curvaram ligeiramente para cima. Tinha que estar dando-se conta de até que ponto o afetava.

Ela elevou o olhar e seu sorriso se fez mais amplo, enchendo o horizonte dele, até que não pôde ver nada mais. Até que não pôde pensar em nada mais exceto naquele rosto encantador.

—Oh, Douglas. —sussurrou ela, com a mão sobre seu coração.

Foi muito para Kowalski, transbordou-lhe. Não tinha nome para o que estava acontecendo dentro dele e não sabia como reagir ante Allegra. Como podia enfrentar a suave expressão de seu rosto, àquele sorriso que era só para ele, a evidente ternura de sua voz?

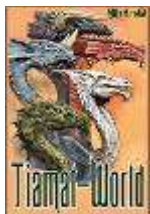
Estava começando a tremer e se aterrorizou. Tinha que trocar isto a algo que reconhecesse e tinha que fazê-lo já, se não voaria em pedaços. Tinha que reduzi-lo a algo ao que pudesse enfrentar.

Luxúria. Podia fazer que fosse luxúria.

Não o que via no rosto dela.

Pegou-a com força, tirando de propósito toda a suavidade do contato. Agarrou-lhe o cabelo com a mão, e puxando-a com brutalidade, beijou-a. Devorou-lhe a boca com desespero, colocou-lhe a língua até o fundo, inclinando-a para um ataque o mais duro e profundo possível, embora soubesse que arranharia sua pele com a dele ainda mais áspera pela barba.

Não lhe importava. Só queria estar dentro dela.



Separou a boca e a olhou, a cabeça um pouco jogada para trás por sua própria mão e uma veia que pulsava no pescoço branco e esbelto. Allegra tinha os lábios molhados e inchados, os olhos muito abertos e desfocados, e um rubor de excitação nas maçãs do rosto. Kowalski lhe tirou o suéter pela cabeça, com brutalidade, em um movimento deliberado para tê-la nua o mais rápido possível, não para excitá-la. Não usava sutiã. Bem. Kowalski a elevou, deixando-a de pé o tempo suficiente para abrir seus jeans e tirá-lo junto com as calcinhas.

Allegra ficou ali quieta, como uma bonequinha, com o olhar cego fixo por cima de seu ombro esquerdo. Despir-se para ele não era nenhum problema porque não se incomodou em vestir roupa íntima. Quão único tinha que fazer era baixar o zíper do blusão e descer as calças do moletom. Ele fazia tudo com uma mão, porque a outra estava deslizando-se entre as pernas dela, separando as suaves dobras de carne, explorando.

Se não estava molhada, a coisa não ia funcionar. Mas —Simm!!!— ela estava. Não tanto como ele teria gostado, mas teria que bastar porque se não a penetrasse agora mesmo, primeiro lhe explodiria a cabeça e logo o pênis, e inclusive talvez se queimasse por combustão espontânea pelo calor que de repente o alagava como um fogo incontrolado.

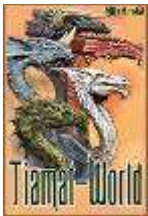
Acabar de despi-la levou só uns segundos e logo a levantou do chão com um braço. Com a outra mão mantinha separada o pênis do estômago enquanto colocava Allegra sobre ele. Gemeu quando, com um só movimento, todo seu Bravo branco íngreme deslizou duro e rápido no Bravo branco suave e molhado dela.

Douglas estava ofegando, suando e com o coração pulsando a toda velocidade. Quase fora de controle. Allegra deveria estar assustada — algo profundo e escuro a espreitava no mais profundo da consciência que tinha a cor e a forma de um homem descontrolado— mas por algum motivo estranho não estava.

A forma em que a segurava não era dolorosa, não fazia com que se sentisse em perigo, era como uma sensação de desejo ardente, incrivelmente erótico em si mesmo. Nunca a tinham desejado assim. Tinha-a beijado como se fosse morrer se não o fizesse. Tremiam-lhe as mãos. Allegra não acreditava que as mãos de um pistoleiro experiente, de um guerreiro, tremessem em muitas ocasiões.

E isso ela fazia com ele. Ela, Allegra Ennis, harpista e cantora muito formal, fazia com que esse homem incrivelmente forte e duro estremecesse e perdesse o controle.

Allegra podia chegar a afetar às pessoas. Antes, quando via, dava-se conta que entre a audiência sempre havia a quem escapavam as lágrimas ao ouvir sua música. Sobretudo mulheres, nas baladas do amor encontrado e o amor perdido, mas também alguns homens. Homens que provavelmente tinham ascendência irlandesa, enfeitiçados pela dor e a tragédia de outros irlandeses que se infiltrava pela beleza enfeitiçante da música celta. De todos os modos era a música a que os afetava, não ela.



A Douglas, ela afetava, como mulher. Era embriagador e emocionante. Pela primeira vez desde o acidente se sentiu poderosa, capaz de segurar o homem mais forte que tinha conhecido em sua vida e reduzi-lo a um ser suarento e tremente.

Estavam nus, e ele metido dentro dela até o fundo. Doía somente um pouco. Ela tinha se excitado ao tocá-lo. Era tão emocionante ter a liberdade de percorrer todo aquele corpo enorme e forte. Ele não podia ter deixado mais claro, ela podia fazer o que quisesse com ele. E tinha se excitado.

De todos os modos, era tão grande e a tinha penetrado com tanta rapidez que se sentia um pouco incômoda. Douglas pareceu entendê-lo, porque não se movia. Estavam ali sentados como um desenho erótico vivente pensou.

—Deus, está tão apertada. —murmurou ele, com aquela voz profunda e um pouco rouca retumbando, abrasando. — Não me atrevo a me mover. Não quero machucá-la.

Allegra se meneou, estava um pouco incômoda, um pouco... não. Abraçava-a com força e lhe passou os braços pelo pescoço, deixando as mãos pendurando por detrás. Pouco a pouco, com cuidado, tocou-lhe os músculos das costas, excitando-se uma vez mais com seu tamanho e sua força. Deixou que as mãos percorressem os profundos espaços da espinha dorsal, as omoplatas, a nuca e o cabelo.

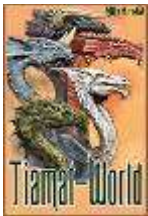
Com indecisão, amaldiçoando-se por sua lerdeza, Allegra procurou a boca dele. Quando a encontrou, deixou-se cair sobre ele, aturdida pelo prazer quando Douglas tomou o controle do beijo lhe colocando a língua até o fundo. Deus, era tão apaixonante. Agarrou-o pela nuca quando ele afastou a boca, inclinou a cabeça e voltou a beijá-la, tão profundamente que foi como se caísse em um interminável e muito doce templo de prazer.

Allegra estava tão cativada pelo beijo que lhe custou uns momentos dar-se conta que ele se movia dentro dela com breves golpes rítmicos. Não lhe doía nada. Talvez Douglas tivesse esperado até notar que estava mais molhada. Conhecia-a melhor do que ela conhecia a si mesma. Porque certamente a coisa funcionava muito bem.

Embora tecnicamente ela estivesse em cima, não tinha que fazer nada, só abraçá-lo enquanto ele a beijava e fazia amor com ela.

As investidas foram fazendo-se pouco a pouco mais profundas, mais fortes. Douglas continuava segurando seus quadris com as mãos. Quando ele se arqueou para cima, pareceu-lhe como se chegasse até as áreas mais profundas de seu corpo, onde havia pontos de prazer que nunca tinha imaginado. Oh, Deus, o prazer era eletrizante. Ele a segurava com força e cada vez se arqueava com mais força, com investidas ainda mais fortes. Allegra gemeu enquanto se beijavam, incapaz de falar, incapaz de mover-se, incapaz de pensar.

Agora estava tão molhada que faziam ruídos, ruídos embaraçosos quando seus quadris se encontravam. Ela soltava um pequeno grunhido com cada investida, como se convulsionasse. Eram o contraponto aos grunhidos baixos dele. Isto era sexo puro e forte, em seu aspecto mais básico, mais animal.



Estava ficando difícil manter os lábios colados aos dele. As investidas a moviam com força para cima e para baixo. E embora estivesse muito molhada, devia haver fricção já que havia um calor enorme ali onde estavam unidos.

Douglas afastou uma mão do quadril e a deslizou para onde ela estava completamente aberta lhe rodeando a ereção, fazendo avançar um dedo áspero e cheio de calos até que a tocou... ali.

Allegra soltou um grito, com o corpo esticado ao redor dele. Quando começaram as intensas contrações, os movimentos dele foram mais fortes, mais profundos, mantendo-a em um delicado equilíbrio entre o prazer e a dor. O clímax foi interminável fazendo que o mundo desaparecesse. Allegra só era consciente de Douglas movendo-se dentro dela, com força e rapidez, lhe cravando os dedos nos quadris, devorando sua boca.

Quando acreditou que já não poderia resistir mais, quando estava relaxada pelo esgotamento, ele inchou dentro dela e com um grito chegou ao orgasmo, esvaziando-se com ferocidade em suas profundidades.

Parecia impossível, mas Allegra sentiu as intensas contrações de outro clímax. A sensação era tão intensa que ficou a chorar, afundando o rosto em seu pescoço quando o organismo assumiu o controle. Douglas seguiu movendo-se dentro dela, inclusive enquanto ele mesmo chegava ao orgasmo, deixando-a escorregadia e suave com o sêmen.

A ambos levou bastante tempo tranquilizar-se. Quando Allegra pôde por fim respirar outra vez, pensar outra vez, deu-se conta que desabou sobre Douglas, pegajosa e molhada. As lágrimas banhavam suas bochechas, e estava coberta de suor, não sabia se era dela ou dele já que estava colada ao corpo do homem e tinha tanto a virilha como o sexo molhado pela excitação e o sêmen.

Allegra esboçou um sorriso, secou os olhos com o ombro nu de Douglas e se afastou.

—Rogo a Deus que essas lágrimas sejam de alegria. —retumbou a voz dele por cima de sua cabeça.

—Sim. — Allegra fungou pelo nariz com muito pouca elegância. — Tudo foi, hmm, bastante intenso.

—Sim, foi.

Por incrível que parecesse, Douglas ainda estava duro dentro dela. Não de aço como antes, mas certamente estava ereto. Ela rebolou e notou a quebra de onda de sangue percorrendo o pênis.

Inspirou profundamente.

—Espero que isto não signifique que está preparado para a terceira rodada, porque estou segura que eu não.

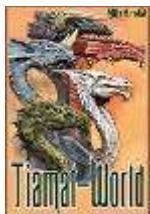
Silêncio. Ela elevou o olhar.

—Douglas?

Era horrível não ver a expressão de alguém.

Abraçou-a um momento, deu-lhe um beijo na cabeça e suspirou ao levantá-la.

—Posso esperar. Ei! Devagar.



As pernas de Allegra cambalearam ao tentar manter-se em pé. Teria caído se ele não a tivesse segurado. Um segundo mais tarde, Allegra estava em seus braços a caminho do banheiro.

Douglas manteve um braço ao redor dela enquanto abria o grifo da água quente da ducha. O calor e o vapor foram enchendo o pequeno banheiro. Pouco depois, Douglas lhe passava uma luva quente por todo o corpo, incluindo entre as pernas.

Já a tinham lavado antes, no hospital, mas isto era completamente diferente. Não era impessoal, um trabalho que alguém tinha que fazer. De vez em quando Douglas se inclinava para ela para beijá-la na bochecha, na orelha, na ponta do nariz. Era muito, muito mais agradável que ser lavada por uma enfermeira. A cobriu com uma toalha quente que devia ter posto sobre a calefação e a secou com delicadeza.

—Espera um segundo, querida. —disse ele e a deixou. A porta do banheiro se abriu e se fechou, deixando entrar um redemoinho de ar mais frio. Um segundo mais tarde ele havia retornado com a roupa e a ajudou a vestir-se.

Douglas enxaguou a luva e o ouviu lavar-se com energia e o sussurro do tecido ao vestir-se. Aproximou-a dele e a abraçou e Allegra se apoiou nele, em um mar de contentamento. Poderia ficar assim para sempre. Não havia demônios em nenhuma parte da casa nem em sua cabeça, só o quente brilho da felicidade.

Inspirou e se armou de coragem. O sexo tinha sido ardente e selvagem, mas isto também era tão agradável. Também gostava disto, a doçura e a paz, ou só estava ali pelo sexo? Não havia mais que uma maneira de averiguá-lo. Jogou a cabeça para trás embora não pudesse vê-lo.

—Pode... Pode ficar todo o dia?

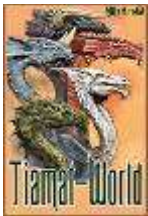
—Oh, sim. —A profunda voz era baixa e suave. — Tente me jogar fora. Mas tenho que ir correr. Tem um jogo de chaves que possa me dar e assim não terá que ir abrir a porta quando voltar?

—Há uma em um vaso de cristal no aparador à direita da entrada. Enquanto isso eu praticarei.

—De acordo. Guiarei você até onde está Dagda e logo irei correr. Voltarei dentro de uma ou duas horas.

Allegra sorriu. Um domingo com Dagda e Douglas. Como dizia a canção, quem poderia pedir algo mais?

Capítulo 9



Kowalski correu, correu e correu. Correu até estar ensopado de suor, até que lhe estalavam os pulmões, até que deixou de ouvir o ruído dos carros sobre a neve por cima do trovejar do coração.

Portland era uma cidade bastante pequena, circular e compacta. O bosque começava nos subúrbios. Kowalski poderia ter corrido sem problemas até os limites da cidade e continuar mais à frente. Talvez isso fosse o que deveria fazer, sair correndo da cidade.

Mas por muito duro e rápido que corresse, era-lhe impossível escapar de Allegra. Levava-a na cabeça, nas fossas nasais, nas próprias células.

Correr sempre lhe esclarecia mente e ao final da corrida, tudo o que o incomodava se desvanecia e desaparecia. Tinha solucionado o problema ou tinha decidido que, depois de tudo, não era um problema.

Mas Allegra era um problema que não podia solucionar, de maneira nenhuma. Os problemas eram algo exterior, coisas ou situações que se podiam racionalizar. Kowalski era muito bom com essas coisas e situações, capaz de dirigi-las até que ficavam sob seu controle.

Nunca tinha problemas consigo mesmo. Sabia o que era, sabia o que podia fazer e o que não. Sabia o que podia conseguir desta vida e o que não e nunca misturava ambas as coisas. Sempre sabia o que queria e o que não podia ter não queria. Isso fazia com que tudo fosse simples.

O problema de agora não era simples nem fácil. Não era nada que pudesse solucionar pela força ou inteligência. Não tinha forma de enfrentar seus sentimentos que deslizavam escorregadios ao pensar em Allegra.

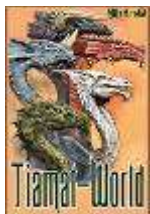
Era algo mais que a excitação de uma nova companheira sexual, embora o sexo fosse mais intenso do que nunca teve antes. As novas companheiras de cama se convertiam com rapidez em antigas companheiras de cama, mas isso não ia ocorrer com Allegra.

De repente caiu uma nevasca e Kowalski se deteve, correndo sem mover-se para não esfriar-se. Inconscientemente, dirigiu-se para sua casa como se tratasse de um refúgio ou santuário. Um santuário grande, frio e vazio. Ali não haveria nenhum desses sentimentos tão fortes que não sabia como dirigir. Não haveria nenhum sentimento absolutamente.

Mas não queria ir a sua casa. Queria estar no lar de Allegra, com ela dentro, ouvindo-a falar com sua voz suave e o leve sotaque irlandês, ouvi-la cantar e tocar a harpa. Não, tinha que ser honesto consigo mesmo. Não queria isso, desejava-o com todas suas forças.

De repente compreendeu, enquanto saltava primeiro com um pé e logo com o outro, enquanto o fôlego formava um bafo no ar diante dele, que nunca voltaria a estar contente sozinho em seu apartamento. Tinha ficado para trás o modo de vida que tinha tido até agora, de repente tinha desaparecido, e a nova vida em que necessitava Allegra tanto como respirar tinha tomado seu lugar.

Era uma verdadeira merda. Nem sequer quando era criança tinha dependido de alguém, e agora, de repente, em um descuido, uma mulher se fez essencial para seu bem-estar. Era um



condenado desastre, mas era o que havia. Kowalski não se escondia da realidade, e agora a realidade era que necessitava Allegra em sua vida durante todo o tempo que ela quisesse

Com uma mistura de fatalidade e espera, girou à direita e voltou a percorrer o mesmo caminho pelo qual tinha vindo. Se ele se apressasse, poderia estar outra vez com Allegra em meia hora. Aumentou a velocidade.

Ouvia-o a meio bloco de distância. Ao princípio era um som celestial e imaterial que vinha das profundidades dos redemoinhos de neve, tão amortecido que não tinha nenhuma origem que não fosse aparentemente os próprios flocos de neve. Como se a neve fosse a portadora da música, floco após floco, nota após nota. Foi só quando viu as janelas iluminadas da sala de estar que se deu conta que a música vinha da harpa que tocava Allegra.

Kowalski se deteve um momento no alpendre coberto para recuperar o fôlego. Ofegava e estava suando, e queria tranquilizar-se um pouco antes de entrar.

Agora podia distinguir o som da melodia que atravessava a porta e os vidros. Reconheceu a melodia que ela tinha estado cantarolando na ducha, só que agora não havia indecisão nem dúvida. Agora era uma melodia em toda a extensão da palavra, fascinante e preciosa, complexa embora dolorosamente singela, o tipo de música que se metia até nos ossos. Ela cantava ao ritmo da melodia embora não podia distinguir as palavras.

Estava-a vendo pela janela, franziu o cenho. Merda. O primeiro que faria ao entrar seria fechar as cortinas. Allegra estava tão absorta que não quis interrompê-la. Queria ouvir a canção.

Utilizando a chave que lhe tinha dado, Kowalski abriu a porta sem fazer ruído, somente uma fresta. Ela estava no canto mais apartado, assim não deveria sentir o ar frio.

Quando abriu a porta, as palavras da canção foram como uma martelada no coração.

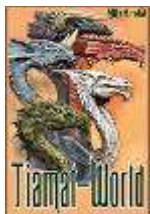
Um novo amor estava cantando, palavras que repetia uma e outra vez em um estribilho perturbador de tão belo. Encontrei um novo amor, para o vazio de meu coração. Um novo amor...

Em Kowalski o pelo de todo seu corpo arrepiaram.

Um novo amor. Essa canção falava dele. Ele era o novo amor.

Com os joelhos fracos de repente, Kowalski fechou a porta sem fazer ruído, cambaleou até a beira do alpendre e se deixou cair nos degraus, sentando-se ali, aturdido, olhando como caía a neve, mal ouvindo a música por cima do batimento do coração.

A canção era tão bonita. Sabia o bastante de música para compreender que se converteria em um clássico imediatamente. A música bonita sempre era. Nunca morria. Dentro de cem anos, mil anos, as pessoas continuariam cantando *Um novo amor*, e um pouco dele seguiria vivendo quando seus ossos embranquecidos apodrecessem na terra fria.



Nunca, nem em seus mais remotos sonhos imaginou que uma mulher como Allegra comporia uma canção que falasse de seu amor por ele. Ou — sua mente se mostrava resistente a aceitá-lo— que uma mulher como Allegra pudesse amá-lo.

Kowalski ficou ali sentado enquanto ela ensaiava a canção, enquanto ia aperfeiçoando-a com cada canto, até que ao final lhe parecia tão perfeita como uma sonata de Mozart ou um Picasso ou um pôr do sol no mar.

Quando esteve seguro que as pernas o sustentariam e a voz não tremeria, levantou-se assegurando-se de fazer ruído ao caminhar. Deteve-se ante a porta, tocou duas vezes e usou a chave.

A música tinha parado. Allegra estava sentada na cadeira, apoiada no respaldo, com as mãos descansando no colo e o rosto girado para a porta.

—Douglas?

—Sim... — a voz saiu rouca. Pigarreou. — Sim, já retornei da corrida.

Ela tinha estado movendo a cabeça, até que localizou sua voz. Dirigiu-lhe um sorriso resplandecente, e ele deu um passo atrás ante aquela boa-vinda e a calidez de sua expressão. Ninguém em toda sua vida o tinha recebido assim.

—Alegro-me que esteja de volta. Senti sua falta.

Ele ficou ali de pé, apertando os dentes com força, apertando os punhos com força, com o coração encolhido, até que ela disse:

—Douglas?

Teve que obrigar-se a mover-se.

—Pois foi uma sorte que tivesse a Dagda para te fazer companhia. —Caminhou para ela e estendeu a mão para lhe tocar o rosto. Deslizou o indicador pela bochecha, maravilhando-se da suavidade aveludada. — O que estava tocando?

Ela se ruborizou e tocou uma escala com a mão esquerda.

—A verdade é que nada. Tinha uma ideia para uma canção e estava provando para ver se estava tudo bem. É um processo um pouco caótico, me alegro que não estivesse por aqui para ouvi-lo.

Kowalski rodeou seu pescoço com uma mão e se inclinou para lhe dar um rápido beijo nos lábios.

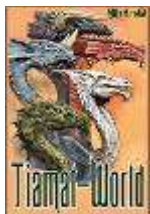
—Quando a tiver acabado de compor, quando estiver satisfeita com a canção, me deixará ouvi-la?

—Claro. —A mão de Allegra agarrou a seu pulso. — Como foi a corrida? Parece que está molhado, está nevando?

—Bastante, mas agora já amaina. Há uns oito centímetros de neve na rua.

Ela suspirou e se levantou, apoiando-se em seu braço.

—Eu adoro a neve. — disse com tristeza. — Era uma das coisas de Portland que mais eu gostei quando nos mudamos para cá. Na Irlanda não neva muito, só chove. Eu gostaria de sair. Além de ler, é o que mais tenho saudades depois do acidente. Não ir passear.



—Não há problema. —Kowalski a sentou no sofá, foi até as janelas para fechar as cortinas e logo voltou onde estava ela. Agarrou-lhe a mão e a levou aos lábios. — A levarei para passear sempre que quiser, querida. Quão único tem que fazer é pedi-lo.

—Obrigada. —respondeu ela com um amargo sorriso. — Mas é que é... É difícil. Às vezes as pessoas não sabem quando me avisar de um meio-fio da calçada ou de um buraco, e tropeço. Ou me dizem isso muito tarde ou muito cedo e sempre tropeço. Ao princípio eu caía muito. E, além disso, acredito que também... Também me assusta sair para passear com você não cairá, garanto. —disse ele. — Não deixarei que tropece ou caia.

—Não. —esteve de acordo ela, lhe acariciando o antebraço com a mão. — Pode ser que não.

Doeu-lhe pensar em tudo aquilo do que se viu privada. Cinco meses sem ir passear. Estremeceu só de pensar.

Kowalski se aproximou mais dela, perguntando-se como dizer isso, tentado escolher com cuidado as palavras.

—Sabe carinho. Um de meus homens perdeu a visão no Afeganistão. Por uma mina terrestre. —Scotti tinha perdido mais que a visão. Tinha perdido um braço e o baço. Apesar disso, mais tarde se casou e tinha encontrado um trabalho em uma emissora de rádio. A vida depois da catástrofe era possível. — No hospital de Veteranos, tinham cursos de reabilitação. Ensinaram-lhe a ler em Braile e usar uma bengala...

—Não! —Allegra se levantou com brutalidade. — Não necessito... — se calou e mordeu o lábio.

Kowalski guardou silêncio. Sim, necessitava-o, é óbvio que necessitava. Precisava aprender Braile e usar uma bengala. Necessitava um cão-guia. Precisava mudar toda a casa. Pelo que via a casa não estava absolutamente adaptada para uma pessoa cega. Havia milhares de modos nos quais podia machucar-se.

Como agora, por exemplo. Estremecia de angústia, era óbvio que desejava caminhar de um lado a outro da sala para acalmar os nervos, mas estava desorientada. Um movimento equivocado e se chocaria contra a mesinha de centro de vidro. Uma mesa de vidro não era algo adequado para que uma pessoa cega tivesse em sua casa.

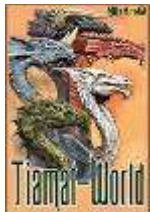
—Sente-se. —Kowalski a puxou pela manga do suéter. Ela se afastou.

—Não tem que tomar uma ducha depois de ir correr? —Disse-o de forma agressiva, e levantando aquele queixo precioso e pequeno.

—Com certeza que sim. —respondeu Kowalski com serenidade— Cheiro como um porco. Agora se sente.

—Céus. —Uma inspiração rápida. — Sinto muito. —Moveu a cabeça negando, mordendo o lábio. — Oh, Douglas, não queria... não pretendia...

Kowalski se pôs a rir. Não pôde evitar. Allegra acreditava que tinha ferido seus sentimentos. Tinha mencionado a ducha para tirar de cima dela um homem suscetível.



Bem, era um bom momento para uma reflexão. Necessitava-se algo mais que a sugestão de uma ducha para ofendê-lo, quando se tinha passado vinte anos na marinha recebendo cada insulto e blasfêmia que os recrutas mais imaginativos e zangados pudessem imaginar. E pela mesma razão precisava mais que uma mudança de conversa para distraí-lo quando queria informação.

—Não, tem razão, necessito uma ducha, mas antes tenho que me esfriar. —mentiu. — Sente-se. Agora. — Este último o disse com voz de comando e ela se deixou cair com brutalidade no sofá, amaldiçoando-se por sua obediência instantânea.

—Falávamos de aprender a se desenvolver bem quando a gente está cega.

—Não, não falávamos. —O bonito lábio inferior de Allegra se sobressaiu ligeiramente. A boca estava a ponto de fazer bico. — Você falava disso.

—Uh-uh. —ele segurou sua mão. — Nós falávamos disso. Como estava dizendo, posso falar com esse cara que conheço no hospital de Veteranos e lhe perguntar se sabe de alguém por esta área que seja bom em reabilitação. Podemos...

—Não. —Allegra afastou a mão e ficou olhando à frente, sem intenção de escutá-lo. Estava-o deixando fora. Esta era uma conversa que ela não queria manter.

Estava-lhe dizendo que não.

Não. A ele.

Kowalski apertou os dentes com tanta força que foi um milagre que não saísse o esmalte pelas orelhas.

Ele tinha ideias muito precisas sobre como deviam ser as coisas, e tinha passado a maior parte de sua vida conseguindo o que queria. E mais concretamente, passou os últimos vinte anos sendo obedecido imediatamente.

A marinha estava cheia de homens realistas que sabiam o que queriam, o que seria uma receita excelente para o desastre se não fosse pela palavra mágica que fazia que tudo funcionasse, que fazia que todo o sistema desse certo: hierarquia. Kowalski dava ordens aos homens de categoria inferior e ele a sua vez acatava as ordens de seus superiores. Durante os últimos doze anos o oficial sob seu comando tinha sido John Huntington, algo que tinha sido genial porque ele e Midnight estavam de acordo na maioria das vezes.

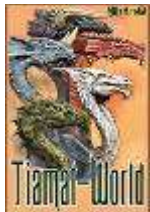
Kowalski não tinha nem ideia de como enfrentar a um não.

Allegra não era uma recruta a quem pudesse dar ordens. Nem sequer era sua namorada ou — Deus! — sua prometida, embora se fosse por ele, seria sua ante os olhos de todo o mundo. Mas não era. Ainda. Não tinha nenhum direito a lhe dizer o que fazer e ainda mais, não tinha que obedecê-lo. Inclusive se, tal como levava ela o assunto, estava destinada a machucar-se cedo ou tarde, e a só ideia o deixava louco. Não podia fazer nada para protegê-la dela mesma.

Kowalski não se sentia capaz de usar um tom de voz razoável, mas o tentou.

—Escuta querida, a verdade é que necessita...

Ela girou para ele com o queixo ainda mais levantado.



—Falando de necessidades, eu gostaria que se apressasse em tomar banho, porque está me dando fome. —o presenteou com um brilhante sorriso com covinhas. — Se tiver sorte deixarei que me prepare algo de comer enquanto termino de praticar, acha que assim aprenderei a ser uma incapacitada?

Kowalski apertou outra vez com força a mandíbula. Ela havia devolvido a bola.

—De acordo. —rendeu-se ele de momento, levantando-se a contra gosto. Teria que ser muito persuasivo, mas não ia ser fácil. Não estava acostumado a usar a persuasão. Aparentemente, com Allegra, ia receber um curso intensivo sobre o assunto. — Vou tomar banho e depois olharei o que há no congelador.

Ela tinha se girado para a harpa e tinha começado a tocar *From the Halls da Montezuma*, o hino da marinha dos Estados Unidos com um sorriso diabólico.

—Vá, vá.

Capítulo 10

Estou desenvolvendo esse sexto sentido do que todos falam, pensou Allegra, enquanto praticava as escalas. Virtualmente havia sentido a força de vontade de Douglas tentando dominá-la. Era um homem muito enérgico, mas ela era uma mulher teimosa. Inclusive às vezes tinha chegado a exasperar o seu pai.

—Allie, querida — havia dito seu pai uma vez, levantando as mãos—, poderia dar lições de obstinação a uma cabra montesa.

Piscou para conter as lágrimas ante a lembrança, afastando uma mão da Dagda para levá-la ao rosto.

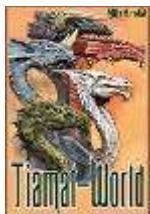
Douglas queria que pusesse a casa a prova de cegos, que caminhasse com bengala, que aprendesse Braille. Tudo isso já tinha ouvido antes mais de cem vezes, dos médicos, das enfermeiras, de Suzanne e Claire com suas vozes suaves, do pai de Claire, e não digamos de um bom grupo de Mancinos que se alternavam para cuidar dela.

Era uma total perda de tempo, porque não ia fazer isso. De maneira nenhuma.

Allegra não seria cega sempre. Acreditava nisso com cada célula de seu corpo. Tinha medo — muito medo, um medo supersticioso— de que se cedia e se adaptava, a cegueira a prenderia para sempre. Não se atrevia nem a pensá-lo.

Os médicos de Boston tinham deixado bem claro os perigos da operação, mas não lhe importava. A medicina avançava com muita rapidez e logo a intervenção cirúrgica estaria aperfeiçoada e a vida voltaria a ser como tinha sido antes de... antes.

Algo escuro e doloroso lhe roçou a mente, perturbando-a.



Moveu a cabeça de um lado a outro para fazer menos opressiva a sensação, e se inclinou sobre a Dagda. Provou uma ou duas escalas, e logo relaxou e se concentrou na música. Começaria com o The Cliffs of Moher, decidiu.

O ataque veio, como sempre, sem avisar, golpeando-a, deixando-a cair imediatamente no mais negro dos buracos negros.

... você, putinha estúpida! Eu a ensinarei a falar de romper contratos!

... não pode falar assim com a minha filha!

Não papai!

Sangue. Oh Deus, quanto sangue! Muito, emanando da cabeça dele, formando um escuro lago negro... As pernas de papai estremeando, e logo, de repente, ficando imóvel...

Ela girando, retrocedendo, mas não havia escapatória. Vinha atrás dela.

Tentou correr, mas a agarrou pelo cabelo, puxando com tanta força que saíram as lágrimas. Um puxão cruel que a enviou contra a parede que manchou com gotas de sangue, oh Deus, ela também ia morrer, igual a papai...

Allegra se endireitou, aturdida, afligida pela corrente de imagens que lhe atravessava a mente, surgindo de um inferno escuro e frio. Era como se um monstro tivesse tomado conta da sua cabeça.

Havia uma nota nova, escura e satânica nos pesadelos que tinha quando estava acordada. Cheirava o perfume metálico e acobreado do sangue e o aroma fétido da morte. Ainda estava em suas fossas nasais, inclusive quando as imagens desapareceram, retrocedendo ao horrível lugar de onde tinham vindo, como uma escura onda gigante e infernal que deixava em seu caminho partículas partidas de horror na borda.

Allegra ficou em pé de repente e logo ficou congelada, paralisada, com o coração pulsando aterrorizado e sem poder mover-se. Tinha perdido por completo o senso de orientação, exceto acima ou abaixo.

Os sons que vinham da direita deviam ser de onde estava a cozinha. Deu a volta agradecida, e de repente recordou que não estava sozinha. Instintivamente estendeu a mão para tocá-lo, embora ele estivesse em outro cômodo.

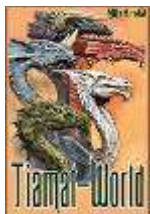
—Douglas?

A voz saiu chiante e fraca, tinha a garganta obstruída pelo terror que a tinha paralisado durante o ataque de pânico.

Como ia ouvi-la? Tremendo inspirou para tentar voltar a chamá-lo quando de repente ele estava ali, e as mãos tocavam os sólidos músculos do antebraço. Como tinha podido ouvi-la quando ela mal ouviu a si mesma? Mas o tinha feito, e a opressão do peito devida ao pânico começou a desaparecer. Uma mão grande e cálida cobriu a sua.

—Estou aqui, querida. —disse com calma aquela voz profunda. — Está bem.

Não, não estava bem, mas ao menos a horrível sensação de que um passo em qualquer direção a inundaria em um abismo profundo e escuro tinha desaparecido. Se ele não tivesse estado ali, ela teria ficado imóvel até que o pânico tivesse diminuído e pudesse dar alguns passos



pequenos e inseguros antes de tropeçar com o primeiro obstáculo que ela mesma tinha deixado no meio. Em lugar disso tinha encontrado o equilíbrio no forte antebraço de Douglas.

Allegra se inclinou para frente com os braços abertos e imediatamente se viu envolta em seu abraço. Aconchegou-se aterrorizada, apertando-se contra ele com todas suas forças. Aquele homem era tão valente e sólido, quando tudo ao redor dela era tão frio e escorregadio. — sussurrou com voz tremente. — Oh, meu Deus, Douglas, o sangue.

— Tudo está bem. — repetiu, abraçando-a mais forte e lhe cobrindo a nuca com a mão. — Que sangue, querida?

Ela se apertou mais, tentando recuperar o fôlego, tentando deter os intensos tremores que lhe percorriam o corpo.

— Querida? — A voz profunda de Douglas estava justo em seu ouvido. — Que sangue? Não está sangrando, prometo-lhe isso.

Não, onde se pudesse ver não. Allegra secou os olhos com o suave tecido do moletom, ainda aterrorizada.

Este pesadelo se parecia com os que tinha de noite, só que agora estava acordada. Era ver-se imersa em algum horror, provocado por Deus sabe o que, que a deixava tremendo, chorando e perdida. E tanto dormindo quanto acordada, era incapaz de recordar o que acontecia no pesadelo. O ataque vinha de nenhuma parte e estava impotente enquanto durava. Logo ia desaparecendo em uma maré que deslizava deixando-a desolada e abandonada em algum canto solitária.

Desta vez não tinha sido tão mau porque se agarrava a Douglas. Ele era tão firme como uma rocha. Ajudou um pouco poder empurrá-lo, afastá-lo, porque isso lhe dava uma sensação de controle.

Era provável que parecesse uma selvagem. Parecia uma selvagem, com os olhos vermelhos pelas lágrimas, balbuciando. O cabelo, que nem nos melhores momentos podia dominar, devia estar apontando em todas as direções.

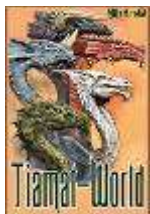
Allegra empurrou com mais força o largo peito de Douglas. Quando ele a soltou, ela secou o rosto com as mãos.

— Sinto muito. — ofegou ela, inspirando uma enorme quantidade de ar. Era como se não tivesse respirado durante uma hora.

Tudo era tão horrível. Se pudesse ver, desculparia-se com serenidade, apressaria-se até o banheiro e molharia o rosto e os pulsos com água fria. Maquiaria-se e se pentearia tudo isso que fazem as mulheres para compor-se, para poder enfrentar o mundo depois de algo devastador. Mas nestes momentos, se corresse ao banheiro, daria contra uma parede e quebraria o nariz.

Estava, como sempre, presa.

— Allegra? — Aquela voz tranquila outra vez, com um leve tom de preocupação.



—Sinto muito. —voltou a dizer ela. Não havia palavras para descrever o que tinha acontecido, não sem parecer uma louca varrida. — Tive, hum, um ataque de pânico. Tenho, hã, de vez em quando. Nunca sei quando. Sinto muito.

—Não se desculpe. Não pode controlar os ataques de pânico. —Oh Deus, só o som de sua voz já fazia que se sentisse melhor. Era tão tranquilo, tão profundo, tão poderoso. Deus quisesse pudesse agarrar aquela voz e segurá-la a ela como se segurava a seu braço. Com todas suas forças. Nada errado poderia lhe acontecer enquanto escutasse aquela voz e se segurasse naquele braço.

—Venha comigo. — O braço de Douglas estava ali, e como se fosse ferro e a mão dela um ímã, encontrou-o de forma infalível. Os dois foram juntos à cozinha. — Sente-se e farei para você uma xícara de chá. O que te parece?

Parecia-lhe maravilhoso.

—Maravilhoso. Espera! —Fungou pelo nariz. — O sinto, mas necessito um... — antes de poder acabar a frase, encontrou-se com um guardanapo de papel na mão. Allegra secou os olhos, assoou o nariz e se sentiu um pouco melhor. Embora certamente estivesse se parecendo uma bruxa não parecia que ele fosse fugir horrorizado. Esse era um bom sintoma.

Souo algo —o micro-ondas— e ouviu o ruído de alguma coisa sobre a mesa diante dela. Chá de baunilha cheirava-o. Seu favorito.

Allegra esboçou um sorriso.

—Fez o chá no micro-ondas?

—Sempre faço assim, é mais fácil e mais rápido. E há menos que limpar. Meu Deus. — Uma pausa e ela quase ouvia como se moviam as engrenagens na sua cabeça... junto com os dentes. Pensou que inclusive o ouvia franzir o cenho. O homem tinha uma personalidade fortíssima se sua desaprovação lhe chegava do outro lado da mesa. — Por favor, por favor, não me diga que esquento a água do chá nos fogões.

—Bom, hmm... sim. Faço isso. —O que pensava, que soprava sobre a água para esquentá-la? Que agitava uma varinha mágica por cima do chá?

—Tem cozinha a gás. —inspirou mais que disse, em um tom igualmente horrorizado como se houvesse dito, *você come crianças para tomar o café da manhã*.

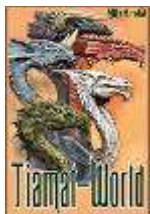
—Sim, tenho. Tenho uma cozinha a gás. Sempre a tive. A comida se cozinha melhor com gás. —afirmou Allegra, desconcertada. Pegou a xícara pela asa e a levou a boca. Era como um ritual para ela. Primeiro cheiraria o aroma maravilhoso da baunilha e do chá, deixando que lhe chegasse até os ossos, logo começaria a beber pequenos sorvos. O chá de baunilha era possivelmente a única coisa de sua vida que tinha melhorado desde que estava cega. — É que é um delito?

—É cega. —disse ele com sua voz profunda cheia de desagrado e desaprovação.

Allegra ficou rígida.

—Olhe, ser cego não significa ser inútil ou estúpido. Fique sabendo...

A voz profunda se sobrepôs a dela.



—Um engano de cálculo e sua put... condenada manga pode pegar fogo. Ou se esquece de apagar o gás pode queimar a mão, com gravidade. Uma cozinha de gás é um desastre seguro. Tem que instalar uma dessas bancadas de vitrocerâmicas⁵. Ter fogões com chama quando não pode ver é loucura.

Bem, tinha ficado bastante claro. Allegra odiava que a criticassem isso tirou o pior dela e já tinha soltado as palavras antes de poder detê-las. Encolerizada, disse o que não havia dito a ninguém, nem sequer a Suzanne e Claire.

As palavras foram saindo a fervuras, elevando o tom até que ao final estava gritando.

—Escute-me bem. Não quero uma vitrocerâmica, não quero aprender Braille, não quero um cão guia. Não quero andar com uma bengala branca, não quero reorganizar minha casa. Não quero lições para cegos porque fará muito bem em acreditar que não estarei sempre cega.

Allegra levou a mão à boca, mas já era muito tarde. Tinham-lhe escapado as palavras, e agora estavam ali, entre os dois, veementes e sinceras.

Era possível ouvir o silêncio? Douglas era um homem excepcionalmente tranquilo, parecia que nunca estava inquieto ou que fizesse ruídos aborrecidos, mas agora estava absoluta e completamente quieto. Não notava em nada sua presença. Era como se tivesse evaporado da cozinha.

O momento se estendeu Allegra com a mão tampando a boca e Douglas aparentemente desaparecido. Não havia nenhum ruído na cozinha, nem sequer os habituais do tráfego que chegavam do exterior. O único som que ouvia era o de seu coração, que pulsava três vezes mais rápido que o normal.

Por fim, Douglas se moveu. A cadeira chiou sobre os ladrilhos da cozinha quando estendeu a mão e pegou a dela. Como sempre, o contato a conectou a terra, fez que se sentisse ligada ao resto do mundo através dele.

—Isso é verdade? Vai recuperar a visão?

Allegra assentiu, tinha a garganta muito fechada para falar.

—Está segura? Os médicos disseram isso?

Em realidade não, mas Allegra assentiu de todos os modos.

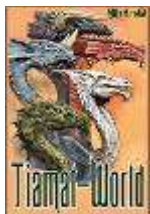
—Conte-me. — disse ele, com sua voz profunda cheia de ternura.

Ela esperou um momento para aliviar a opressão no peito e tranquilizar-se. Isto ia ser algo difícil e teria que evitar algumas coisas com a esperança de que ele não o notasse.

—Já sabe que tive...tive um acidente. Um trauma cerebral. Estive em coma durante um breve período de tempo. A razão pela qual perdi a visão é que tenho um micro-hematoma que pressiona o nervo óptico principal. Um hematoma é um inchaço...

—Sei o que é um hematoma. Continue.

⁵ Cerâmica que tem as propriedades do vidro e que é muito resistente a altas temperaturas e mudanças bruscas..



—De acordo. —Inspirou profundamente. Essa era a parte difícil porque tudo era muito pouco convincente e apoiado em esperança e orações. — O hematoma é estacionário. Não cresce, mas pelo mesmo motivo tampouco se faz menor. O primeiro exame que me fizeram ao me hospitalizar mostra a mesma forma e dimensões do que me fizeram faz três semanas. Isto são boas e más notícias. As boas notícias é que minha vida não corre perigo. Poderia viver para sempre com isto... Esta coisa em minha cabeça. —Allegra tentou que não notasse a aversão na voz, que soasse como um mero relatório médico: *há um coágulo de sangue que pressiona os nervos ópticos, mas sim! Nenhum problema, não vou morrer por isso*, quando o que queria fazer era gritar até ficar rouca. — As más notícias é que não diminui de tamanho. Serei... Serei cega enquanto o coágulo estiver aí. Outra má notícia é que o coágulo está em um lugar quase inacessível em termos de extração cirúrgica. Os médicos me explicaram isso tudo em uns termos técnicos que seria difícil repetir, mas a ideia essencial é que teriam que atravessar tanto tecido que poderia acabar como um vegetal com uma visão excelente.

A mão de Douglas apertou a sua com tanta força que quase a esmagou.

—Mas? Há um “mas” em algum lugar. Estou seguro.

—Sim, há. Existe uma técnica cirúrgica. É, ah experi... — Calou-se. — É... é nova —calou-se. — Mas acreditam que podem aproximar-se cirurgicamente o suficiente da área inflamada para usar um instrumento novo que elimina só certos tipos especiais de tecidos. Os coágulos são um deles. Os médicos me encheram com termos científicos, mas o essencial é que há um novo tipo de raio concentrado de micro-ondas que queimará o hematoma sem afetar o tecido que tem que atravessar. E então, voilà! —terminou com um sorriso brilhante. — Adeus coágulo de sangue e eu poderei... — sua voz tremeu e engoliu convulsivamente, embora não tinha nada de umidade na boca. — poderei voltar a ver.

Por favor, por favor, Deus.

Cada vez que Allegra pensava em recuperar a visão, ficava a tremer. Era uma ideia tão temível e enorme que às vezes pensava que a cabeça explodiria pela força da mesma. O desejo a corroia até devorá-la totalmente, deixando uma fina casca rodeando um buraco vazio de desejo.

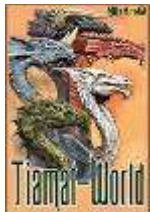
As lágrimas apareceram em seus olhos e se separou de onde estava ele. De onde ela acreditava que estava ele. Uma pessoa cega nunca poderia esconder-se, nunca lhe concederia a dignidade dos videntes que podiam dar a volta e ir embora. Ela se sentia despojada de tudo, com todas suas emoções em carne viva e expostas.

Seu medo, suas amalucadas esperanças, sua vulnerabilidade, tudo estava aí, para que Douglas o visse.

—Vão agredir seu cérebro com micro-ondas? —Havia incredulidade e desaprovação em sua voz.

Com isso obteve que lhe saísse o gênio.

—As micro-ondas se usam em medicina. É como a radiação. Controladas podem ser benéficas.



—Certo. —A cadeira chiou quando se aproximou ainda mais a ela. — E é muito nova esta operação? Quantas pessoas a fizeram?

Allegra se manteve em silêncio.

—Querida? —Uma mão grande e pesada lhe rodeou o ombro. — É muito nova a operação? —É nova. Já lhe disse isso. —disse ela afastando a mão.

—De acordo, é nova. E quantas pessoas fizeram essa operação?

Allegra se afastou girando para outro lado a cabeça e permaneceu com os lábios fechados. Silêncio. Silêncio completo e total, exceto pelo som de sua própria respiração. A ele não ouvia respirar. Mas o ouvia pensar.

—Certo. Já faço uma ideia aproximada. Farei um pequeno resumo da situação e se me equivocar, diga-me onde. Parece bem para você?

Allegra deu de ombros. Não queria ter esta conversa. Não havia nada que ele pudesse fazer ou dizer que a fizesse mudar de ideia.

—Pelo que isso deu a entender, essa operação da qual falou não só é nova, mas sim ainda está na etapa experimental. Sei que não sou médico, mas recebi treinamento médico e a medicina me interessa. Nos Teams às vezes alguém se fere com gravidade e sempre sigo a evolução de meus homens quando se ferem. Temos uma assistência médica bastante boa, uma das melhores que há. Acredito que sei bastante de tecnologias médicas avançadas, mas nunca ouvi falar de raios micro-ondas que apontem a um determinado tecido sem danificar o tecido intermediário. O que acredito é que foi feito alguns estudos em animais e agora estão enrolando as pessoas para conseguir voluntários humanos. O que, como já sabe, é uma insensatez na cirurgia programada.

Allegra fechou os olhos e inclinou a cabeça.

A voz dele era serena, inclusive razoável.

—Sabe a verdade, querida? Não tem uma enfermidade de vida ou morte...

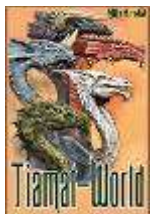
—Não é verdade! —disse ela de repente— É de vida ou morte! Já não tenho vida, em nenhum sentido! Não tenho nenhuma razão para viver!

—Não, aí é onde está errada. —segurou-lhe as mãos e continuou com aquela voz lenta e profunda. — Tem uma vida maravilhosa. Está sadia, tem um talento incrível, é formosa, tem amigos que a amam, tem... — calou-se, como se reprimisse uma reflexão. — Tem todas as razões para viver. E dentro de alguns anos, quando a técnica se aperfeiçoar, quando for algo rotineiro, pode decidir se a operam.

Douglas tinha “Aquele Tom” em sua voz. Quantas vezes o tinha ouvido?

Senhora Ennis, não quero que tenha falsas esperanças. Talvez devesse começar a aprender a viver com sua condição. E logo, dentro de alguns anos, quando a técnica tiver sido aperfeiçoada, podemos voltar a falar.

Ela não queria escutar a voz da razão. Sabia com exatidão o que queria, e queria ver já! Queria-o com tanta intensidade que nem a ideia de morrer sob o bisturi do cirurgião a fazia desistir.



Não era decisão de ninguém mais, só dela. Não queria falar disso e não queria nenhuma interferência.

—Sabe o que? Tenho fome. —disse com um sorriso brilhante. — Estou muito, muito faminta, e já que não quer que eu cozinhe, e que é chefe na marinha, nomeio você chefe de cozinha. —Sorriu com o falso sorriso brilhante de um cenário, o que podia pôr em seu rosto em qualquer momento do dia ou da noite. Os intérpretes aprendiam o truque logo e bem. — Assim ponha mãos à obra, chefe.

Silêncio, logo uma forte exalação de ar, que em um homem menor teria sido um suspiro.

—De acordo. O almoço.

Ouviu-o levantar-se, abrir a porta do congelador e um pequeno redemoinho de ar gelado cruzou a cozinha.

—Aqui dentro tem uma enorme quantidade de mantimentos. —retumbou ele. — Poderia alimentar bem a uma equipe dos Seals durante um mês com o que há aqui, e isso é muito. Vamos ver. — Sons de vasilhas de plástico arranhando o gelo. — Temos, hmmm, parece sopa minestrone. E aqui, caramba!, um de meus favoritos, berinjelas ao queijo parmesão. Pão de massa fermentada congelado, bolo de maçã. É assombroso. Espero que tenha um sabor tão bom como parece. Tem uma fada secreta que cozinha para você durante a noite ou algo parecido?

Melhor que uma fada secreta.

—Os Mancinos. —sorriu Allegra.

—Os o que?

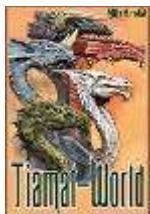
—A governanta de Claire se chama Rosa Mancino e pertence a essa enorme e maravilhosa família. Durante anos cantei em seus casamentos, enterros, festas de graduação e batismos. — Por não mencionar a festa selvagem do divórcio, só para mulheres, que tinha organizado a sobrinha de Rosa depois de se desfazer “do vagabundo”, como chamava a seu ex. — Desde, uh, o acidente, tive que mantê-los afastado com um pau. As mulheres se alternam para vir limpar e sempre deixam comidas preparadas no congelador. De fato, Francesca, a irmã de Rosa, vem na segunda-feira. Todas são magníficas cozinheiras. A verdade é que sou muito afortunada. E os homens também cuidam de mim fazendo reparos e essas coisas. Tão logo acabe de nevar, um Mancino aparecerá por aqui para tirar a neve da calçada com uma pá, espera e verá.

—A partir de hoje, eu tirarei a neve da sua calçada e farei os reparos, não precisa deles. — disse Douglas. — Avisa aos homens Mancino que agora eu estou aqui.

—Oh. Certo.

Allegra não sabia se o faria. Faria isso? Para os homens Mancino era questão de honra que um e outro passassem por sua casa a cada dois ou três dias se por acaso necessitava algo. E ela sempre necessitava algo. Desde que tinha ficado cega era como se a casa a avisasse com ruídos que estava caindo em pedaços. Sempre havia algo que necessitava um ajuste. Seria uma loucura dizer aos Mancinos que não viessem quando ela não sabia quanto tempo ficaria Douglas.

Agora estava aqui. Tinham tido um sexo maravilhoso, e talvez ele quisesse ficar um pouco mais. Mas em longo prazo, que queria um homem tão vital com alguém como ela?



O micro-ondas soou e dois segundos mais tarde teve uma tigela diante dela. Não tinha que ver para saber o que era. O aroma o delatava.

—Mmm. —Aspirou profundamente a fragrância. — A sopa minestrone da Rosa. Divina. Você também se serviu?

—Pelo menos o dobro do que coloquei para você. —A voz do Douglas soava divertida. — E além disso esquentei berinjelas à parmesiana para mim, talvez te dê um pouco se me pedir isso com amabilidade. Por certo, abri uma cerveja, sirvo uma para você?

—Reservo o álcool para as noites. Prefiro água, obrigada. —Era uma sorte que o álcool não a tentasse. Se fosse bebedora, se tivesse herdado o gen bebedor dos Ennis em vez do caráter moderado de sua mãe, teria desaparecido dentro de uma garrafa depois do acidente, e nunca teria saído dali. Uma taça de vinho de noite era mais que suficiente. — Se olhar bem encontrará em algum lugar uma vasilha com tiramisú de verdade, não o mingau dos falsos restaurantes italianos, e sorvete caseiro.

—Sim, antes explorei um pouco e os vi, isto e muito mais. Aí dentro tem uma seleção muito interessante. Come melhor que alguém que conheça.

—Os Mancinos são pessoas muito doces.

—Isso parece. E também parece que se preocupam muito com você. Esforçam-se por você. Aposto que gostariam de fazer algo mais efetivo que gravar um D, um A ou um C nas tampas. Se aprendesse a ler Braille, aposto que se esforçariam para conseguir uma máquina que marcasse com Braille as tampas das vasilhas, pondo o que contém cada um, e assim saberia o que escolher para comer, em vez de adivinhar.

Tinha aproveitado o assunto para voltar a falar dela. Bem, os dois podiam jogar o mesmo jogo.

Allegra elevou o queixo.

—Estava brincando quando disse antes que me acompanharia para dar um passeio? Ou está muito cansado depois de correr? Que tempo faz lá fora?

Outra exalação de ar. Um lento tamborilar das unhas sobre a mesa. Uma tensão evidente.

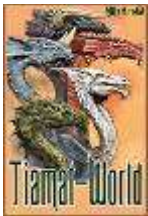
Ela o exasperava. Bem, exasperava a muita gente. Muito. Mas ele já era um homem grande, muito grande, podia suportá-lo.

Na cozinha voltou a reinar o silêncio enquanto as engrenagens giravam na cabeça de Douglas.

De repente, notou uma diferença na pele do lado direito do corpo. Girou-se e notou a luz no rosto. Era uma sensação inconfundível.

—Saiu o sol. —disse ela.

—Sim. —falou por fim Douglas. — Deixou de nevar e faz um pouco de sol. Se quiser ir dar um passeio, agora é o momento. O mais provável é que volte a nevar mais tarde, quando baixar a temperatura. Tem roupa apropriada para o frio? E botas com sola de borracha?



—Sim. A tudo. E só porque ontem à noite usava um calçado inadequado não significa que seja uma estúpida, major Kowalski. Fique sabendo...

—Certo, certo. —Allegra não tinha que vê-lo para saber que tinha elevado as mãos com as palmas para fora.

A qualidade do ar a seu redor mudou, fez-se mais denso, e compreendeu que ele estava de pé a seu lado. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, Allegra lhe ofereceu a mão e não se surpreendeu que ficasse apoiada no firme antebraço.

—Acompanharei você ao quarto e pegaremos essas botas e a roupa para o frio.

—O agradeço muito, major. —disse ela, com sua melhor e mais melosa imitação de Tara, uma beleza sulina em Scarlett O'Hara⁶. Moveu os cílios ao mesmo tempo em que movia um imaginário mirinaque⁷— É tão gentil por sua parte. Ah, é você um cavalheiro da velha escola.

Houve um pequeno bufo por cima de sua cabeça, risada ou exasperação. Um das duas coisas, dava no mesmo. Era tão excitante. Ia sair para dar um passeio pela primeira vez no que lhe parecia toda uma vida.

Capítulo 11

Nunca lhe tinha passado antes, mas Kowalski não era tolo. Reconhecia o fato pelo que era. Estava se apaixonando por Allegra Ennis. Diabos, como andar pelo um fio. Já estava apaixonado por ela, tinha estado no instante em que a ouviu cantar na primeira nota. Ao princípio tinha sido fácil confundi-lo com luxúria porque seu corpo tinha sentido luxúria antes, muitas vezes. Só agora sua cabeça compreendia o que acontecia na realidade.

Grande piada. Passara trinta e oito anos sem nenhuma relação emocional séria, nem algo que parecesse a isso, e agora se apaixonava por uma mulher que tinha a palavra “problemas” escrita por todo seu lindo rosto.

Não eram exatamente o que se dizia de um casal ideal. Qualquer agência de contatos que se respeitasse pensaria que era uma aberração juntar aos dois, seus arquivos seriam cancelados no ato.

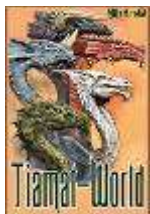
Não tinham nada em comum.

Allegra era dez anos mais jovem que ele, falando em anos humanos, e ao redor de um milhão de anos mais jovem se fossem anos Seals. Ele tinha visto e feito coisas que ela não poderia nem imaginar sem fugir apavorada.

A mulher era tão, tão bonita que fazia virar as cabeças a seu caminho.

⁶ Tara e Scarlett são personagens do filme E o Vento Levou

⁷ Vestimenta feminina de tela rígida e muito engomada, armada com aros, que dava volume às saias.



As cabeças também se viravam quando ele passava, mas para o outro lado.

Ela provinha de uma família feliz e se dava bem com as pessoas. Tinha facilidade para fazer amigos e parecia que sua vida estava cheia de gente que se preocupava com ela.

Kowalski tinha os piores antecedentes familiares imagináveis e inclusive sociais. Suas habilidades para relacionar-se com pessoas eram insignificantes. Tinha companheiros, não amigos, possivelmente com a única exceção de Midnight.

Se por acaso fosse pouco, a muito bela e talentosa Allegra Ennis, que tinha o poder de deixar sua mente bem fodida, tinha uma veia de obstinação de um quilômetro de largura, e Kowalski era incapaz de abrir uma brecha.

Ele era um homem valente. Enfrentou à morte muitas vezes. Havia poucas coisas que o assustavam, mas agora estava condenadamente assustado. Quando ela tinha levantado esse bonito e pequeno queixo para lhe dizer que estava considerando submeter-se a uma operação cirúrgica experimental, estilo Frankenstein que certamente só foi testada em cães cockers e macacos da Índia, teve que apelar a todo seu autocontrole para não gritar e vociferar e lhe proibir que nem sequer pensasse nisso.

Por desgraça, não tinha nenhum direito de proibi-la de nada. Embora o tivesse. Oh, sim. Ficaria ali até que compreendesse que era dele, e logo teria esse direito.

E como se o da cirurgia não bastasse, Allegra se negava prontamente a enfrentar a sua cegueira, ficando em perigo cada maldito segundo de cada maldito dia.

Tinha estado a ponto de ter um enfarte na cozinha quando compreendeu que cozinhava com gás. Alguém cego, cozinhando com gás, era um desastre seguro.

A partir de agora teria pesadelos imaginando-a sob a faca de algum cientista que acrescentaria seus dados a sua própria estatística ou —pior ainda— totalmente queimada.

Estava todo trêmulo e estressado quando ela saiu do quarto vestida para enfrentar o frio, feliz e bela, e sorrindo para a direita por cima dele. Kowalski esfregou o peito, lá onde lhe doía.

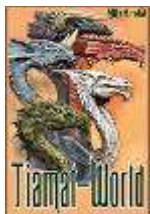
—E bem, major? —girou-se como uma modelo. — Estou aceitável?

Oh, sim. Usava um casaco de penugem longo, verde escuro, com um capuz forrado de pele branca que emoldurava o rosto em forma de coração, luvas grossas, calças térmicas e forradas, e botas impermeáveis.

Elevou a cabeça para ele, um pouco desfocada. Tinha que dizer algo para que ela se orientasse, mas as palavras tinham ficado presas à garganta.

—Douglas? —disse ela, franzindo o cenho e estendendo a mão. Quando aquela mão lhe tocou o braço, foi como se acendesse um interruptor, liberando-o de um feitiço.

—Sim, aqui estou. —Ela localizou a fonte da voz e girou um pouco, com os olhos radiantes ainda fixos um pouco por cima dele. Kowalski lhe colocou um cacho vermelho rebelde dentro do capuz e logo beijou a ponta do seu nariz. — Parece uma linda esquimó. Preparada para ir dar uma volta?



—Completamente. Oh, Douglas, não posso esperar. —Estava tremendo de entusiasmo. — Ainda faz sol?

Ele olhou através da janela para o céu azul. O sol pálido e dourado tinha começado o percurso descendente para a noite. Tinham por diante várias horas de clima suave e aceitável.

—Sim, é um bom momento para ir passear, mas fará frio. Tem certeza que está bastante abrigada?

—Sim. Deus, sim. —Ela quase saltava pela energia reprimida. — Vamos, vamos, não posso esperar mais, venha.

Fora no pórtico, Allegra elevou o rosto ao céu. Com os olhos fechados, as delicadas janelas do nariz se abriram para aspirar ao aroma limpo e frio da neve. Parecia tão feliz que o fez feliz. Rodeou-a com o braço direito, desejando lhe tocar a pele em vez daquela enorme quantidade de plumas de pato.

Tocou-lhe o agasalho impermeável.

—Assim também tinha um agasalho impermeável no SUV. Estou impressionada. Parece que tem previstas todas as contingências. Que mais leva aí dentro? Bolas de praia e bronzeador? Um traje de vestir?

Bom, vamos ver. No SUV levava o subfuzil MP-5 de 9 milímetros com seis antecâmaras de trinta disparos, o fuzil de precisão M24 e as munições, a pistola M9 com cinco antecâmaras, blindagem corporal com o capacete PSGT, suficiente comida pronta para consumir durante duas semanas, cinco galões de água, um receptor GPS, óculos de visão noturna e um computador portátil conectado a um transmissor por satélite.

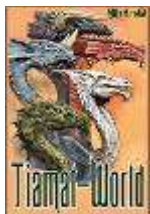
Levava cento e vinte e cinco gramas de explosivo C4, ilegal por certo, no duplo fundo da caixa de ferramentas. Se fosse necessário saberia como usá-lo. Estava de acordo com a filosofia dos Seals, não havia nenhum problema que não pudesse solucionar-se com o uso judicioso de um explosivo corretamente calculado, medido, cronometrado e detonado.

Também levava um estojo de primeiro socorros de emergência para feridas e lesões, luvas extrafinas de couro para disparar, material de sobrevivência para climas frios, um equipamento de alpinismo, o traje de mergulhador, um tanque de oxigênio e nadadeiras.

E quatro caixas de camisinhas.

—Não grande coisa. —disse ele. — Isso e aquilo. Alguns objetos. Nunca sabe o que pode necessitar e eu gosto de estar preparado. Bom, agora me escute. Isto é o que vamos fazer. Quando estiver perto de uma cerca ou um meio-fio esticarei um pouco o braço, assim, — Deu-lhe um breve apertão com o braço. — para que se prepare. E quando te disser que suba um degrau ou o desça, fará isso no mesmo momento em que disser.

Entre as sobrelhas de Allegra apareceu um pequeno cenho franzido. A mulher não tinha tido uma boa experiência com as pessoas que a avisava das distâncias e dos obstáculos.



Claro que não podia saber que ele era um perito em telemetria⁸. Usava telêmetros de laser no campo, para medir a distância dos disparos, mas poderia fazê-lo sem o equipamento, já que tinha muito bom olho para o terreno e a distância, e infinitas horas de treinamento. Talvez o tiro não fosse perfeito sem o telêmetro, mas seguro que poderia ajudá-la a franquear os obstáculos.

—Confia em mim, — disse ele. — não deixarei que você caia ou que tropece em algo. —Não. — Os lábios se curvaram para cima e o pequeno cenho franzido desapareceu. Viu no belo rosto uma completa confiança nele. — Não o fará. Já havia me dito isso, e acredito em você. Venha, vamos. —ficou a saltitar. — Agora. Agora mesmo.

—Bem. —Esticou o braço. — Três degraus para baixo... agora. Um, dois, três.

Allegra desceu as escadas com tanta facilidade como se estivesse olhando as botas. Um minuto mais tarde estavam fora, na calçada. Kowalski manteve o passo lento, amoldando seus passos longos aos muito mais curtos dela, deixando que começasse a sentir-se mais segura.

Allegra ia girando a cabeça de esquerda a direita, como um cachorrinho impaciente que tivessem soltado depois de tê-lo prendido na casa durante muito tempo. Não via, mas absorvia sensações por cada centímetro quadrado de pele exposta. Kowalski deixou que ela marcasse o passo.

Seu trabalho era assegurar-se que ela não se machucasse. O trabalho dela era desfrutar do passeio.

Logo encontraram um ritmo que permitiu a Allegra começar a mover-se mais rápido. Que estava claro que era o que queria. Devia ter passado os meses anteriores andando devagar, titubeando. Agora que não tinha medo de tropeçar ou se chocar contra uma luz, começou a andar com mais confiança, com a cabeça bem alta.

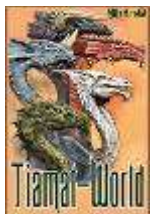
Aos dez minutos, tinha as bochechas rosadas pelo frio. Conversava excitada de algo com aquela voz musical. Kowalski dava as respostas apropriadas enquanto explorava o terreno procurando obstáculos. Entretanto, custava-lhe manter a atenção no caminho. Allegra estava criando vida, como uma flor abrindo-se, a coisa mais incrível que jamais tinha visto, e tudo graças a ele.

Ele tinha feito isto. Ele tinha dado a ela o presente da liberdade de movimentos. Era quase insuportável como o comovia vê-la saborear sua reencontrada liberdade.

Depois de tê-la salvado de vários meios-fios e degraus, Allegra se esqueceu por completo de arrastar os pés e começou a caminhar com normalidade. Sua excitação era enorme. Vibrava cheia de energia e vivacidade.

O tempo estava frio, mas seco e ensolarado, perfeito para dar um passeio. Havia a neve somente para que soasse ao pisá-la, mas sem que precisasse diminuir o passo.

⁸ Técnica de medir distâncias entre objetos distantes mediante um telêmetro (objeto óptico que permite calcular a distância que há entre objetos distantes).



—Já passamos na frente da casa azul? —perguntou Allegra. — Teria que estar à direita.

Sim, ali estava, Cape Cod, em vários tons de azul. Não havia nenhuma cortina aberta, nenhum carro na entrada, parecia deserta.

—Sim, passamos por ela agora. Embora pareça que está deserta.

—Não, não o está. É propriedade de um casal maravilhoso, Tom e Jerry. Pode acreditar que se chamem assim? Tom Edelman e Jerry Solarian. Jerry tirou as ações de sua empresa da bolsa e as vendeu por muitíssimo dinheiro, não terá que voltar a trabalhar nunca mais, tipo afortunado. Os dois estão dando a volta ao mundo durante um ano. Suponho que agora devem estar no Taiti. Vão sentir muito desgosto quando voltarem e encontrem essa horrível construção McMansion ao lado. O dono tem uma cadeia de restaurantes e organiza atividades para arrecadar recursos para os republicanos. É totalmente volúvel e sempre está se gabando do dinheiro que tem. Tom e Jerry vão odia-lo. Aposto com você qualquer coisa que colocarão a casa a venda quando chegarem e verem quem é seu vizinho e a monstruosidade que construiu ao lado. Não é horrível?

Sem dúvida, a casa ao lado da azul, parecia quase maior que o solar sobre o que estava. Tinha as mesmas linhas das outras casas da rua, mas multiplicado por dez. Um Cape Cod cheio de asteroides.

—Sim, é bastante horrível. —disse Kowalski com suavidade. — Mas não acredito que os republicanos tenham a exclusividade das casas feias.

Ela se pôs a rir.

—Talvez não, talvez só aparentemente. A casa ao lado da McMansion é de um casal muito agradável. Ele ensina história americana em Portland e ela é advogada. Ele toca bluegrass, uma variedade de música country, com o violão. Faz dois anos que está me chateando para que toque com ele. Imagina? Bluegrass com uma harpa celta.

Kowalski pensou nisso.

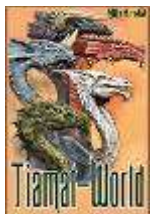
—Por que não? Você poderia passar por isso bem.

—Talvez. Pode ser que um destes dias aceite a oferta. Ainda estamos na esquina do McPherson? Porque quero girar à direita e ir para o Lawrence Square. Alguns domingos pela tarde há um grupo que canta madrigais.

—Chegamos à esquina... agora. —Kowalski deu um aperto com o braço. — Um degrau abaixo. —Cruzaram para a direita, andando por outra rua. Allegra também parecia conhecer todos os que viviam ali.

Como fazia? Como podia saber todas essas coisas? Embora ele vivesse vinte anos em seu apartamento novo, nunca chegaria a conhecer nada sobre as vidas privadas dos vizinhos.

Contou-lhe a história da rua, uma vez foi um caminho de terra com profundos sulcos feitos pelos carros de cavalos que transportavam madeira do bosque a um moinho que havia naquele tempo a uns três quilômetros dali. Tudo aquilo era fascinante para um homem que jamais tinha tido vizinhos e que nunca tinha vivido em um lugar o suficiente para conhecer a história local, a não ser que fosse a história de uma base militar.



Mas ainda mais fascinante era Allegra, com olhos brilhantes e vivazes. Foi todo um golpe descobrir que assim era Allegra. Uma mulher linda e risonha. Não tinha se dado conta da melancolia que a rodeava como um véu sombrio até que este desapareceu. Se antes pensava que era bonita, agora era impressionante, um ímã para os olhos.

E não era o único que acreditava. As poucas pessoas com as quais cruzaram pensavam o mesmo. Quase se ouviam as rodas de suas mentes girando quando fixavam os olhos nela, olhavam para ele, estremeciam, e voltavam a olhar para ela. Que fazia alguém como ela com alguém como ele? Kowalski punha sua cara de combate e se divertia muitíssimo quando lhes dirigia seu *Olhar Assassino*, vigiando-os até que se afastavam com os olhos baixos.

Tinham estado andando durante meia hora e se aproximavam de uma espécie de alameda pública que se prolongava até um longo edifício. A calçada estava abarrotada.

Todos ficavam olhando à Bela e a Besta que era o que pareciam. Kowalski supunha que se ambos estivessem caminhando um ao lado do outro, sem tocar-se, não teriam atraído toda aquela atenção. Ele poderia ser o chofer ou o mordomo ou o guarda-costas. Guarda-costas. Sim, alguém que agia nos palcos poderia ter um. Uma moça e linda com um valentão, tinha que ser o guarda-costas, verdade? Quem mais poderia ser?

Mas com o braço ao redor dela, e a cara de adoração com que o olhava a mulher, eram amantes. Não podiam passar despercebidos e isso incomodava a alguns. As pessoas reagiam como se ele fosse o irmão mais velho do Frankenstein e ela a princesa Leia.

Agora tinha o *Olhar Assassino* todo o tempo e as pessoas se afastavam temerosas. Não tinha sequestrado Allegra, não a obrigava a estar com ele, e era óbvio que ela desfrutava em sua companhia. Se alguém tinha um problema com isso, que se fodesse.

—Estamos perto da alameda?

Ao final da longa calçada se via uma praça ajardinada.

—Sim, chegaremos em seguida.

—Que horas são?

Jesus, a hora. Outra coisa em que pensar. Como os cegos sabiam a hora? Apostaria qualquer coisa que existia algum tipo de relógio ao que pudessem levantar a tampa, e poderia dar de presente a ela, se não estivesse tão condenadamente decidida em rechaçar a cegueira.

—As três.

Ela começou a ir mais devagar até deter-se. Kowalski também se deteve.

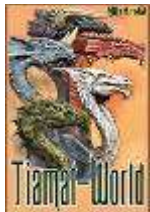
Allegra inclinou a cabeça para ele.

—Agora é tudo calçada, verdade? Não há meios fios nem degraus?

—Não há meios fios nem degraus. — confirmou ele. — Vai direto à praça.

—Então quero caminhar pelo braço com você como qualquer casal normal. Podemos? E se houver algo que precise saber me diga isso, de acordo?

Como um casal.



Merda, o que sabia ele sobre casais? E ainda por cima um casal normal? Nada de nada. De todos os modos valia a pena tentá-lo. Era um aprendiz rápido.

Allegra estava ali de pé, olhando em sua direção, a boca ligeiramente curvada para cima em um sorriso, a coisa mais linda que jamais tinha visto em sua vida e aquela expressão radiante estava dirigida a ele.

Kowalski dobrou o braço, pegou a mãozinha enluvada de Allegra, a pôs no cotovelo e se inclinou. Ela deve ter notado o movimento porque fechou os olhos quando se inclinou para ela. Beijou-a na boca. Tinha os lábios quentes e a ponta do nariz frio. Ela abriu a boca imediatamente, cálida e acolhedora. Kowalski não podia permitir-se beijá-la mais de um minuto. Se a beijava mais não seria capaz de parar.

Afastou a boca. Ela sorria para ele.

—Como um casal. — confirmou ele, com voz rouca. — Vamos.

Capítulo 12

Passear com o Douglas era como... como voar.

Allegra sempre tinha gostado dos longos passeios. Mas como todo o resto, parecia que esse prazer tão simples também lhe tinha sido arrebatado. Quem sairia a passear quando se arriscava a dar uma porrada na cara ou tropeçar com uma pedra em qualquer momento? As poucas vezes que tinha tentado ir passear com amigos, tinha sido um desastre. Diziam-lhe que girasse ou que subisse ou descesse um degrau muito cedo ou muito tarde. A última vez que tinha ido dar um passeio com uma das irmãs de Rosa, havia retornado cheia de hematomas.

Douglas havia devolvido isto a ela. Quando compreendeu que podia confiar que Douglas a advertisse dos meios fios e outros obstáculos, e que em todo caso a força de sua mão impediria que caísse, foi como se ele tivesse quebrado os grilhões das odiosas correntes que a imobilizavam.

Era tão maravilhoso sentir-se livre outra vez.

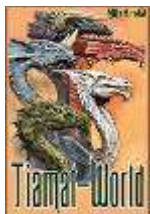
Se — quando! — recuperasse a visão, não ia dar nada por certo outra vez. Daria obrigado por tudo. Por poder dar um passeio pelo parque, por ler, por cozinhar — tinha sido muito orgulhosa ao dizer a Douglas já que tinha armado tal animação, mas a cozinha de gás a aterrorizava — por um arco íris ou um pôr do sol.

Pelo Douglas.

Agora mesmo agradecia por ele e por tudo o que tão generosamente lhe dava. Sem Douglas, teria passado uma noite atormentada pelos pesadelos, seguida de um dia vago e vazio.

Suzanne estava com seu marido e Claire no hospital com Bud.

Allegra tinha muitos amigos, mas nenhum deles tinha ligado nem tinha ido passar o dia com ela. E ninguém lhe teria feito a mesma companhia que Douglas.



Ruborizou-se ao recordar a noite febril entre seus braços. Nada de pesadelos, nada de quedas no buraco negro de terror, nada de solidão angustiosa, só sexo ardente e poderoso.

Isso também tinha sido como voar.

—Há muita gente. —disse ela. Não só ouvia às pessoas, mas também as sentia.

Havia vozes, muitas, risadas que se elevavam no ar frio, uma mãe brigando com seu filho, um casal discutindo, jogos infantis. Alguns se moviam com rapidez, sabia pelo deslocamento do ar quando passavam. Lawrence Square não era grande e os domingos estavam sempre abarrotados.

Mas ninguém a empurrava. Era como se caminhasse em uma borbulha protetora. Bom, e em realidade era assim. A borbulha se chamava Douglas.

—Sim. Todos parecem passar bem. É um lugar agradável.

Allegra sorriu.

—Sim, é. No verão também é fabuloso.

Douglas estaria com ela no próximo verão? Elevou o rosto e imediatamente foi recompensada por um beijo ardente.

Talvez sim.

Umas notas de prata soaram no ar e Allegra se girou ansiosa para o som.

—Estão aqui! —Saltou, se pendurando no braço de Douglas. — OH, temos que ir, o grupo está quase sempre na esquina diante da cafeteria. Eles vão encantá-lo!

Foram diretamente para a música, que se ouvia mais forte e mais pura com cada passo. Ninguém os incomodou, nem tiveram que se esquivar de nenhuma pessoa. Era como se estivessem completamente sozinhos na praça. Como conseguia Douglas? Nem sequer a roçaram.

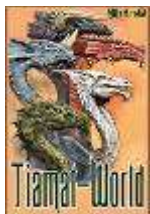
Douglas a deteve com gentileza. Pela qualidade do som, estavam diante dos cantores, em um assento de primeira fila, só que de pé.

Allegra, feliz, preparou-se para escutar o grupo. Eram tão bons. Recordou que todos eram jovens, três homens e quatro mulheres, com um som de uma pureza insólita. Cantavam Take Teme que While Teme Doth Last, etéreo e delicado, um de seus favoritos. Ela o tinha cantado uma vez com seus primos, embora eles tivessem estado bêbados. Entretanto isso não tinha afetado à harmonia, recordou com carinho. Não havia nada que um Ennis pudesse fazer sóbrio que não pudesse fazê-lo com uma taça na mão.

—Uma soprano maravilhosa, — retumbou Douglas. — com um grande controle da respiração.

Allegra assentiu. Recordava a mulher. Alta, com aspecto inteligente e um cabelo comprido e negro de cachos selvagens. Sim, era uma grande soprano e sim, controlava a respiração à perfeição. Que prazer era escutá-la, escutar a todos. E o prazer se multiplicava porque os escutava com Douglas, a quem também gostava da música.

Agora cantavam uma recopilação de A Rainha das Fadas, sua ópera favorita.



Douglas tinha se colocado detrás dela, rodeando sua cintura com os braços, um muro quente de força.

Allegra fechou os olhos, movendo-se com suavidade ao compasso da música, apoiando-se em Douglas, sentindo os braços fortes fechando-se a seu redor. Era tudo tão perfeito, o homem, a música e o dia. Se permanecesse com os olhos fechados quase poderia acreditar que sua vida voltava a estar intacta. Mais que intacta. Com um novo amor nela. Sorriu ao pensar na canção que tinha estado compondo, *Um novo amor*. Encaixava à perfeição com seus sentimentos. Com essa excitação deliciosa de formigamento quando havia alguém novo. Aquela sensação de conexão, o fogo da espera. O pressentimento de que possivelmente desta vez seria *ele*.

Mas em Douglas havia algo mais, também. Algo mais poderoso que a novidade. Tinha tido muitas paqueras, mas poucos amantes, e todos os homens tinham tido algo em comum, tinham sido divertidos e, agora se dava conta, superficiais. Tentou imaginar Billy Trudloe ou Davis Cleaver passando um dia com ela depois de ter ficado cega. Foi impossível.

Agora não era divertida, sabia. Precisava paciência e pôr atenção nos detalhes para estar com ela. Os homens que conhecia teriam fugido dela e seus problemas, escapando como os ratos do navio que se afundava, tal como dizia o refrão. Ela necessitava ajuda cada segundo de cada dia e isso não era fácil.

Não podia ir ao cinema nem ao balé nem ao teatro, ou ao menos não desfrutaria. Os restaurantes eram um pesadelo porque em qualquer momento poderia armar um desastre. Tal como estava agora, só iria a um restaurante com Claire ou Suzanne, que a amavam.

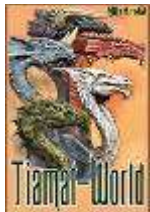
Por exemplo, hoje, dar um passeio pela neve era uma maravilha. Mas requeria planejamento, tempo e atenção. Que tipo de homem quereria esse problema?

Que tipo de homem queria começar uma relação com uma mulher deficiente, uma mulher que não via? Que tinha pesadelos de noite e demônios na cabeça. Que chorava mais frequentemente que ria.

Não, ela não era uma boa companheira. Era uma carga. Embora aparentemente —por algum milagre— Douglas não via assim.

Por alguma razão, Douglas não parecia dar-se conta daquele trato tão pouco equitativo. Nem uma vez tinha mostrado impaciência ou aborrecimento ou qualquer outra coisa, exceto um desejo abrasador junto ao instinto de ajudá-la. Havia algo parecido a aço nele, inclusive além de sua enorme força e tamanho. Algo imensamente reconfortante e tranquilizador. Confiável. Estava aqui, com ela, e aparentemente, tinha a intenção de ficar.

Músculos que tinham estado tensos durante meses começaram a relaxar pouco a pouco. Afastou a um lado a preocupação e deixou que fosse desaparecendo junto com o desespero e a tristeza. Foi como deixar que se fosse pela sarjeta uma água negra e pútrida. A alegria começou a infiltrar-se e a percorrer o caminho para a alma, e lhe deu a boa-vinda como a um amigo que volta depois de ter estado fora muito tempo. Isto era a felicidade, aqui mesmo, agora mesmo. Sentia a



luz do sol no rosto pela primeira vez em meses, escutava música bonita, e tinha Douglas para recostar-se.

De repente o futuro brilhou com uma luz nova. Tinha estado vivendo o dia a dia. Ao pensar que o futuro era muito doloroso, limitou-se a deixar passar com lentidão os dias. Um a um. Agora havia algo que esperar com ilusão. Talvez Douglas a levasse ao concerto de Bach na quinta-feira de noite. Talvez a acompanhasse para passear outra vez durante a semana se não nevava muito. Talvez no próximo domingo pudessem retornar ao Lawrence Square.—Se o amor for uma paixão doce, por que atormenta? —cantavam os músicos.

Allegra sorriu e, com os olhos ainda fechados, girou para beijar Douglas no ombro. Em vez de músculo duro e quente, beijou o nylon do agasalho impermeável. Já ia bem.

Os cantores estavam acabando. Quando a última nota gloriosa ficou presa no ar, as pessoas prorromperam em aplausos. Que classe de chapéu empregaria o grupo para pedir donativos? O verão passado tinha sido uma cartola.

Girou a cabeça elevando-a para cima.

—Não trouxe dinheiro, pode lhes dar algo? São estudantes e é muito provável que sejam pobres.

—Claro, querida. —respondeu ele. — Vinte dólares parece bem?

—Oh, sim. —Com vinte dólares teriam cachorros quentes e café para todos. — Obrigada, Douglas. É muito generoso.

—Volto em seguida. —A deixou um momento para ir pôr dinheiro no chapéu.

—Esse foi um concerto bastante ruim, querida, mas já sabemos que nunca saberia reconhecer a qualidade. —disse a depreciativa voz de tenor de Corey Sanderson, diretamente em seu ouvido. A mente ficou em branco pela comoção e lhe dobraram os joelhos.

Kowalski pôs uma nota de vinte dólares no chapéu de feltro situado aos pés dos cantores. Eles mereciam. Não estavam no mesmo nível que Allegra, mas poucos cantores o estavam. De todos os modos, se sentia bem animando os talentos jovens.

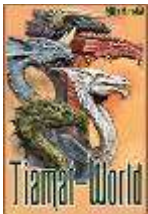
Com muita dificuldade acreditava que um pensamento assim saísse de sua cabeça, e, contudo parecia que este seria seu novo modo de agir na vida civil. Suspirou ante essa nova imagem de si mesmo, o major Kowalski, o mentor terno e sensível dos jovens.

O cantor principal o olhou nos olhos e com um gesto agradeceu a nota que caiu no chapéu. A versão nova e mais amável do major Kowalski assentiu com a cabeça devolvendo o gesto. Era uma sensação agradável, pensou enquanto se girava a tempo de ver como Allegra começava a cair.

Um passo longo e já estava junto a ela, segurando-a com força.

—Douglas! Oh meu Deus!

Ela estremecia, com o rosto completamente branco.



—Acalme-se, querida, tudo está bem, estou com você. O que aconteceu? Tropeçou?

—Eu... — ofegou ela, incapaz de continuar. Ia quebrar um osso se continuasse tremendo assim. Abraçou-a para consolá-la e tentar diminuir os tremores. Ela se apertou contra ele como se estivesse se ocultando de algo.

Allegra agarrou sua jaqueta e puxou para baixo, tentando falar em seu ouvido. Não lhe saíam as palavras e teve que engolir para falar.

—Douglas, rápido! Vê um homem elegante de meia idade, não muito alto, magro, com o cabelo loiro que lhe chega até o ombro?

Kowalski levantou a cabeça. Era mais alto que o resto das pessoas e via toda a praça e a todos os que estavam ali. Observou à multidão como o faria em uma área de combate, em quadrantes. Examinou atentamente um quadrante, completado, logo observou o seguinte. Era rápido, mas meticuloso. Se o tipo que Allegra havia descrito estava por ali, veria-o.

Primeiro quadrante. Casal com jeans e agasalhos impermeáveis com bebê no carrinho. Casal jovem com roupa de grife, discutindo. Ancião com bengala e casaco de caxemira. Homem ruivo alto, desajeitado, jaqueta de couro e sapatos esportivos tipo bota. Dois jovens punks, ambos com o cabelo verde e suficiente metal nas caras para fazer soar um detector de metais.

Seguinte quadrante. Duas famílias com umas doze crianças entre eles. Três janotas embonecados à espera de ligar-se a alguma mulher. Um casal negro vestido para um inverno de apocalipse. Três damas anciãs caminhando com cautela por uma área gelada. Completado. Terceiro quadrante. De todas as classes, raças e gêneros exceto um homem de altura mediana, meia idade, loiro e elegante. Quarto quadrante o mesmo.

Kowalski examinou toda a praça outra vez com rapidez. Nada. Zero.

A cabeça de Allegra estava elevada para ele, com o rosto ansioso e muito branco. Os tremores tinham diminuído um pouco, mas ainda tremia. Quem quer que ela pensasse que estava aqui a tinha deixado condenadamente assustada.

Kowalski estava acostumado a viver sua vida em Alerta Laranja. Estava preparado para o que fosse a qualquer momento. Mais de uma mulher o tinha chamado paranoico. Não era paranoico, só estava muito atento e preparado para os problemas. E o que estava acontecendo agora apertava todos e cada um dos botões de alarme. Allegra aterrorizada por alguém o levava diretamente ao Alerta Vermelho.

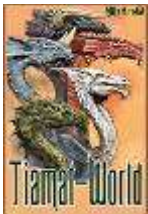
Quem quer que fosse o filho de puta, estaria morto se atrevia a tocar em Allegra.

—Vê-o? — perguntou com voz entrecortada pelo medo.

Ele apagou de seu tom toda emoção, exceto a suavidade. Não era necessário que ela ouvisse o alerta vermelho em sua voz. Já estava bastante assustada.

—Não, querida. Não vi ninguém com essa descrição. Quem é esse homem? — Quem quer que fosse Kowalski ia pendurar sua pele na parede.

Ela ficou ali de pé calada, com a respiração agitada.



Allegra estava aterrorizada. A não ser que você treinasse, e treinasse duro para isso, o medo podia paralisar a mente, atordoar. Os civis eram uma presa fácil para o medo. Kowalski deu uma breve sacudida em Allegra para tirá-la do estupor do terror.

—Querida? A quem procuro? Ameaçou você? Qual é seu nome?

—Seu nome? Oh, ah... — a cor havia retornado um pouco ao seu rosto, ao lhe dizer que na praça não havia ninguém que correspondesse à sua descrição. Ela negou com a cabeça bruscamente. — Oh, Douglas, sinto tanto. —Apoiou-se nele. — Acreditava que... — voltou a negar com a cabeça. — Não importa, não é possível que seja a pessoa que acreditava. Diga-me quem... — disse Kowalski, no mesmo momento em que ela disse:

—Quero...

—O que, querida? —Era uma sorte que ela não pudesse ver seu rosto. Continuava mantendo uma voz tranquila, mas levava posta sua Cara de Combate, e as pessoas se separavam deles. — O que quer?

Allegra elevou o rosto para ele, ainda pálida, com os olhos brilhantes por lágrimas não derramadas.

—Ir para casa. —murmurou. — Leve-me para casa, por favor, Douglas.

Capítulo 13

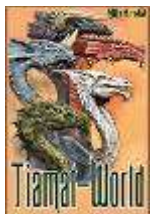
—Já estamos em casa. —Kowalski manteve a porta aberta para Allegra e a fez entrar com uma mão tranquila nas costas. Já estava escuro. Tinham demorado o dobro de tempo em voltar de Lawrence Square que o que lhes tinha levado chegar até ali. Ela tinha perdido esse passo confiante e rápido e tinha caminhado arrastando os pés com um andar inseguro e lento. Kowalski não a tinha apressado. Tinha ido ao mesmo passo dela, paciente e preocupado.

Allegra entrou na casa com a cabeça encurvada, silenciosa e pálida. A mulher risonha e confiante que tinha passeado até Lawrence Square a um ritmo quase normal tinha desaparecido, e este fantasma branco tinha ocupado seu lugar.

Quem quer que ela pense que tinha visto a tinha feito voltar a ser a mulher assustada e insegura de antes. Era a comoção. Kowalski não sabia o que o tinha causado, mas por Deus que o reconhecia. Seus sentidos estavam embotados. Custava-lhe vários segundos responder às perguntas, como se a pergunta primeiro tivesse que penetrar na mente. Comoção.

Clássico.

Aos recrutas novos tinha que ensinar a recuperar-se com rapidez. Um soldado tem que treinar-se para opor-se à paralisia da comoção e Kowalski era quem tinha que meter



isso como fosse às suas cabeças. Os métodos de Kowalski eram brutais, deliberadamente, e se o soldado não podia aguentá-lo, estava fora.

A ideia de intimidar Allegra fez que Kowalski se sentisse fisicamente doente. Mimaria-a e a amaria até que superasse a comoção, algo completamente novo para ele.

Kowalski lhe tirou as luvas, o capuz e o casaco de penugem. Allegra permaneceu quieta e silenciosa, como uma bonequinha, enquanto ele se desfazia de toda aquela roupa. Ela tremeu, abraçando a si mesma. Não era pelo frio de dentro da casa. Kowalski tinha deixado ligada a calefação. Allegra estava sentindo o frio do esgotamento — o primeiro passeio longo em meses a tinha esgotado — e a comoção.

—Sabe o que precisa, querida?

Era um sintoma de como se sentia que demorasse uns segundos em responder. Por fim levantou a cabeça.

—Não. O que preciso? —Sua voz era muito baixa, quase um sussurro. Parecia derrotada. Jesus, como doía vê-la assim.

—Tem que tomar um banho quente, e logo comer algo. — Calor e alimentação. Os remédios de sempre.

Ela continuou ali de pé na pequena salinha, sem mover-se.

—Sim?

—Isso mesmo. —Kowalski a meteu no banheiro. Começou abrindo o grifo de água quente da banheira, rebuscou entre os artigos de penteadeira até que os dedos toparam com um frasco de óleo de lavanda. Tinha lido em algum lugar que o óleo de lavanda era relaxante, assim verteu a metade na banheira. Logo o banheiro cheirava como um maldito campo de lavanda.

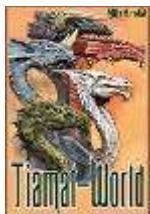
Quando o banheiro se encheu de vapor, começou a despi-la com cuidado. Se ela resistisse, deteria-se imediatamente, mas Allegra estava de pé completamente quieta, levantando, obediente, as mãos quando lhe tirou o suéter pela cabeça.

A semi-ereção que sempre tinha quando estava perto dela se converteu em uma ereção em todo seu apogeu quando lhe desabotoou o sutiã e deslizou as meias pelas longas pernas. Agachou-se e ela apoiou uma mão no homem para manter o equilíbrio, levantando primeiro um pé e logo o outro.

—Essa é minha garota. —murmurou ele.

Recordou vividamente percorrer cada centímetro de seu corpo. Recordou como ela estremecia de prazer ao lhe morder o pescoço com suavidade. Recordou o sabor de seus seios, cremosos e ao momento seguinte ardentes, divinos. Recordou como lhe esticavam os músculos do estômago ao chupar seus mamilos e como ofegava ao chupá-los com força. Recordou que quando a excitava, formavam-se gotinhas pequenas na nuvem de cachos vermelhos que lhe cobriam o monte de Vênus, e que pareciam pequenas pérolas.

Kowalski se endireitou, fazendo uma careta de dor ante a pressão das calças sobre a enorme ereção. Ela estava tão linda, nua, de pé ali no banheiro perfumado. Sua pele brilhava



como o alabastro, delicada e suave, com as únicas cores dos mamilos rosados e o cabelo vermelho ardente entre as coxas.

Desejava-a ainda mais que ontem à noite. Geralmente lhe bastava uma noite de foda para tirar uma mulher da cabeça, mas com Allegra a fome só crescia e crescia.

Se não estivesse tão transtornada, com um aspecto tão triste e perdido, a teria levado direto ao dormitório, teria-a colocado na cama, subiria em cima dela e a penetraria. Tal como se sentia agora nem sequer teria tido paciência para as preliminares.

Mas era quão último agora necessitava Allegra. Seu rosto tinha a expressão pálida e cansada que tanto lhe doía ver, seus olhos estavam cheios de medo e angústia. Ela não queria sexo agora, de nenhuma forma.

Assim Kowalski escondeu a luxúria na mente, pondo-a nesse lugar onde colocava o medo, a fome e a sede quando estava no campo de ação. Tudo bem. Estava acostumado a não fazer caso às demandas de seu corpo.

Fechou a água e a tocou. Estava bastante quente para esquentá-la, mas não para queimar essa pele delicada.

—A água está preparada, querida. —Franziu o cenho ao lhe afastar o cabelo dos ombros que se deslizou como seda entre seus dedos. — O que fazemos com o cabelo? Não quero que se molhe.

Allegra levantou a cabeça.

—Na prateleira sobre o lavabo há dois bicos. Um marfim e outro ébano.

Bicos? Por um instante, Kowalski se imaginou o bico de um mineiro. Queria cortar o cabelo a talhos? Girou a cabeça e olhou a prateleira que havia em cima do lavabo. Quão único havia eram dois paus bastante estranhos, um branco e um negro.

Oh.

Os paus eram bicos? Isso parecia. Embora não compreendia o que ela ia fazer com dois paus, os pôs na mão.

—Isso é o que dizia? O que vai fazer com eles?

Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto pela primeira vez desde que tinham saído do Lawrence Square.

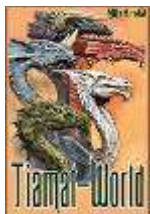
—Observa, Oh Grande Guerreiro, e aprende. —disse ela. Dois movimentos da mão e todo aquele cabelo, suficiente para oito mulheres, foi colocado e preso com algum tipo de nó elegante no alto da cabeça, com tanta elegância como se tivesse passado o dia em um salão de beleza.

Kowalski ficou com a boca aberta.

—Como fez isso?

—Prática. A água já está pronta? —deu a volta para a banheira, cheirando com delicadeza. — Acredito que jogou o frasco inteiro de óleo de lavanda. Somente umas gotas teriam bastado.

—Sinto muito. —retumbou Kowalski.



—Não, não, por favor, não se desculpe. — Allegra estendeu a mão, esperando até que ele a pôs no antebraço. Ela o agarrou. — Só estava fazendo uma brincadeira com você, Douglas. Não tenho palavras para lhe dizer o quão agradecida estou com você. Por me ajudar. Por estar aqui. Pode jogar uma tonelada de óleo de lavanda na banheira se quiser.

Jesus. Ela estava ali de pé com a pele nua, branca, suave e brilhante, no banheiro cheio de vapor. Em Douglas atravessou um raio de luxúria que quase o pôs de joelhos e uma descarga de eletricidade que foi direto ao seu pênis. Esperou um momento para guiá-la até a banheira porque lhe tremiam as mãos.

Ao ajudá-la a meter-se na água, viu-se um momento no espelho e quase deu um salto do susto.

Quem era aquele monstro do espelho?

Tinha esquecido quão feio era. Neste momento estava ainda mais feio que de costume com a cara distorcida pela luxúria, as bochechas amareladas e os lábios vermelhos pela excitação. Essa horrível cicatriz que o desfigurava ressaltava branca sobre a pele obscurecida pelo sol. O nariz destorcido, tão feio e brutal como o de um boxeador, o tinha quebrado tantas vezes que reunia as condições para o campeonato de peso pesado. As bochechas cheias de antigas cicatrizes de acne. Os olhos eram pequenas aberturas em meio de ossos grandes e pele castigada por sua vida ao ar livre.

Parecia-se com o pior pesadelo de qualquer pessoa.

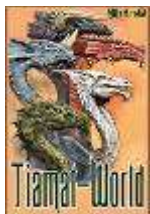
Este tempo com Allegra era como um presente que a vida lhe dava, a compensação por todos aqueles anos que tinha passado sozinho, lutando por seu país. Concediam-lhe um tempo com a mulher mais linda do mundo, mas só porque estava cega.

Era um tempo fora da realidade, ela o jogaria logo de seu lado. Diabos, qualquer mulher o faria, quanto mais uma tão desejável como Allegra. Mais valia que acumulasse todas as lembranças que pudesse.

—Vamos, à banheira. — Elevou Allegra, apertando os dentes ante a sensação de tê-la entre seus braços, e a meteu na água, que lhe chegou quase até os joelhos. Allegra se agarrou a ele enquanto foi metendo-se dentro. Kowalski rangeu os dentes ao pegar uma esponja e começar a ensaboar aquela pele macia e suave. Inclusive o puto sabão cheirava a flores. Deus, estava sofrendo uma descarga sensorial. Cada milímetro quadrado do banheiro cheirava a mulher e a sexo. Se ficasse um pouco mais, olhando-a, cheirando-a, sua cabeça explodiria.

Manteve a esponja entre a mão e a pele dela porque de outra maneira a tentação de tocá-la seria irresistível. Sabia com exatidão como gostava que a tocasse. E onde. Gostava quando lhe acariciava as coxas, devagar, deslizando as pontas ásperas dos dedos pela pele suave do interior da coxa. Gostava quando a penetrava com o dedo, roçando seu clitóris com o polegar. Gostava quando lhe rodeava o traseiro com ambas as mãos, levantando-a quando investia dentro dela.

Kowalski se sentou na beira da banheira, agarrando a esponja e deixando cair a cabeça para frente. Talvez Allegra se preocupasse ao ouvir que lhe custava respirar, porque disse titubeando:



—Douglas?

Seguro que perguntava se algo estava errado.

Bom, pois sim. Tocá-la era uma tortura.

—Douglas? —O tom de voz agora era mais tenso, e começou a endireitar-se na água. Muito bem, Kowalski!, preocupa-a e assusta-a porque tem uma ereção que não vai desaparecer.

—Recoste-se, querida. Deixa que o calor da água chegue até os músculos, tem-nos rígidos pelo frio.

—Oh. —Satisfeita ao ouvir o tom normal de sua voz, voltou a recostar-se.

Kowalski inspirou profunda e silenciosamente uma vez, logo outra, logo chegou à conclusão que acalmar-se era muito difícil. Nenhum problema. Tinha estado fazendo coisas difíceis toda a vida.

Ensaboou-a, depois a ajudou com gentileza a meter-se ainda mais na água. Só lhe sobressaía a cabeça, que descansava na beira da banheira.

—Fique assim. —disse ele em voz baixa. — Irei preparar uma xícara de chá para você.

Ela tinha a nuca apoiada e os olhos fechados. A pele tinha adquirido um ligeiro tom rosado.

—Eu gostaria muito. —disse ela inclinando a cabeça.

—Volto em seguida.

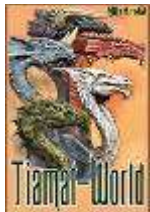
Kowalski encontrou um pacote com saquinhos Earl Grey, colocou-o em um xícara cheia de água e o meteu no micro-ondas. Logo acrescentou um cubo de gelo para esfriá-lo. Ela continuava na mesma posição em que a tinha deixado.

—Aqui está, querida. —segurou sua mão, fechando-a ao redor da xícara. Segurou-lhe a mão enquanto Allegra a levava aos lábios. Bebeu a pequenos goles, com cautela ao princípio. Quando compreendeu que não lhe tinha dado o chá fervendo e que não se queimaria, bebeu um bom gole.

—Mmm. — Acabou o chá e lhe devolveu a xícara. — Estava muito bom. Obrigada. Acredito que agora sairei. —A água formou pequenas ondas prateadas quando lhe agarrou as mãos para levantar-se.

Estava tão serena, com aquele sorriso triste e comovedor, tão valente e bela. Ela se agarrou a seus braços, com o lindo rosto levantado para ele. Apoiava as mãos nos braços, uma amostra de sua total confiança nele, e nesse momento soube, com cada pulso de seu coração, com cada célula de seu ser, que faria o que fosse necessário para manter esta mulher feliz e a salvo.

Kowalski pegou a enorme toalha de banho que tinha posto sobre o aquecedor para esquentá-la, deu a ela um breve beijo e a secou, vestindo-a logo com uma camisola quente. Ela ficou quieta, entregando-se a seus cuidados, assegurando-se de manter sempre de algum modo o contato.



Depois que Kowalski acabou de lhe passar a camisola pela cabeça, ela se moveu por fim, de improviso, para abraçá-lo com força.

—Obrigada. —A palavra ficou amortecida pelo peito do homem, mas ele a ouviu.

Ficaram quietos durante uns momentos, com a bochecha de Allegra apoiada em seu ombro e a mão sobre o coração. O coração que lhe pulsava a toda velocidade. Era um momento fora do tempo, diferente por completo a qualquer outro momento de sua vida. Era incapaz de pôr um nome ao que sentia dentro dele, quão único sabia era que não teria trocado este lugar nem este instante com ninguém, e que recordaria este momento durante o resto de sua vida.

Kowalski lhe deu um beijo na cabeça e logo a guiou até a porta e a acompanhou à cozinha. Queria saber o que ou quem a tinha assustado, mas primeiro a alimentaria.

O "Corno da Abundância"⁹ do congelador de Allegra lhes proporcionou sopa de lentilhas e umas fatias de focaccia com romeiro, perfeito. Enquanto as duas tigelas esquentavam no micro-ondas, pôs quatro fatias de focaccia na torradeira. Ele também tinha fome.

Comeram sem conversar na penumbra da cozinha. Teria estado bem se ela tivesse bebido mais vinho, mas tomou só um terço da taça. Ele encheu a sua três vezes. Também tinha tomado três tigelas de sopa por meio dela. Inclusive só isso tomou sem vontade. Engoliu a deliciosa e aromática sopa de lentilhas como se fosse uma purgação de óleo de rícino.

Ao final, Allegra deixou a colher na tigela e se apoiou no respaldo da cadeira, com o olhar inexpressivo fixo em um ponto indeterminável.

Kowalski estava intrigado. Algo revoou nas margens de sua consciência. Algo... familiar? Allegra parecia derrotada, com os sentidos embotados. Mas havia algo em sua reação...

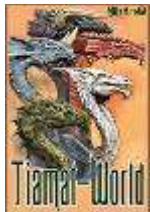
Deixou isso a um lado para reconsiderá-lo mais tarde. Agora sua primeira prioridade era averiguar o que tinha acontecido no Lawrence Square.

—E bem? —Agarrou-lhe a mão, maravilhando-se outra vez de quão delicada era, da fragilidade dos ossos e tendões, daqueles dedos longos e esbeltos que arrancavam magia das cordas da harpa. — Quer me dizer quem pensava que estava esta tarde na praça? Altura mediana, loiro, elegante, meia idade, isso foi o que disse. Quem é?

Kowalski manteve a voz em um tom suave e tranquilo. Como se não fosse nada importante. Só um homem fazendo a sua namorada algumas perguntas sem importância.

Sim, meu amor. Quem é esse safado que a assustou tanto que a deixou em um estado quase catatônico? Diga-me isso querida, porque vou arrancar desse fodido todos os membros, um por um. Arrancarei-lhe o maldito coração e comerei-o no café da manhã.

⁹ Mitologia. Quando Zeus era pequeno e era tratado por Amaltea, num ataque de ira, o deus menino agarrou com força o corno da cabra, puxou-o e arrancou-o, produzindo uma enorme dor à sua cuidadora. A medida que se foi fazendo adulto e lembrando-se do acidente, Zeus concedeu ao corno arrancado o dom da abundância; a partir desse momento o corno está sempre cheio de alimentos e bens que o seu dono possa desejar. Quando Amaltea morreu foi levada a Zeus que a transformou na constelação de Capricórnio. Este corno é chamado "a cornucópia" ou "o corno da abundância".



—N-não importa. —Pálida, exausta, a voz fraca de Allegra contrastava com a força com que lhe apertava a mão. — Não era a pessoa que acreditava. Não podia sê-lo. Ele não está aqui.

Paciência, disse-se Kowalski. A paciência era seu selo distintivo. Podia —e o tinha feito— estar à espreita durante dias, podia apontar a um objetivo durante horas. A paciência era uma velha amiga. Mas agora aquela velha amiga o tinha abandonado. A paciência lhe tinha escapado por entre os dedos. Consumia-o a vontade de sair, encontrar a esse tipo e lhe arrancar a puta cabeça.

Apertou-lhe as mãos com mais força.

—Bom, talvez fosse ele, talvez não. Mas a quem acreditava que tinha...? —Visto. Kowalski quase havia dito “visto”. Fechou a boca com um estalo audível. — A quem acreditava que o condenassem se aquele bonito queixo não se elevou um centímetro. Que o condenassem se aquilo não era a obstinação irlandesa.

—Ninguém. —apertou os dentes. — Ninguém... equivoquei-me.

Kowalski também apertou a mandíbula.

—Certo, você se equivocou. Mas quem acreditava que estava ali?

A obstinação caiu de seu rosto como um véu. Allegra parecia jovem, vulnerável e perdida quando afastou a mão. Deixou cair a cabeça para frente, franziu o cenho e esfregou a testa.

—Não sei, Douglas. Isto não tem nenhum sentido. Como é possível que estivesse ali? Eu não... Oh, Deus, como dói. —Pálida e angustiada, segurou a cabeça com as duas mãos. —Minha cabeça dói. Sinto muito... não posso pensar. Isto acontece comigo quando... Oh, Deus, dói-me tanto. —A voz se transformou em um gemido enquanto esfregava as têmporas. Piscou com força, mas uma lágrima se deslizou pela bochecha.

Jesus. O pelo da nuca se arrepiou.

Se chegasse ao seu próprio traseiro, daria-se um chute. Allegra tinha um trauma na cabeça, tinha estado em coma. Tinha um coágulo de sangue no cérebro, uma pequena bomba relógio que só esperava que algum estúpido a pressionasse e estressasse para arrebentar e... adeus Allegra.

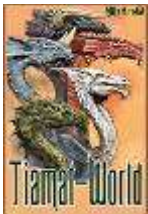
Tremiam-lhe as mãos. Ele tremia quase todo.

—De acordo, pequena, tudo está bem. —tentou que o tom de voz fosse calmo, mas saiu como um grasnido. — Está bem, não se preocupe por isso. Já se lembrará. — Deu-lhe um desajeitado tapinha na mão, apavorado se por acaso a deixava nervosa, se por acaso a machucava. — Podemos falar disto em outro momento.

Allegra lhe pôs as mãos nas bochechas e se inclinou para frente para beijá-lo. Falhou por uns centímetros e o beijou no canto dos lábios, mas quando separou a boca para beijá-lo outra vez, ele pegou o comando.

O beijo foi longo, delicioso, excitante e cheio de desejo, tão ardente como o sexo.

Ela se afastou para tomar ar e apoiou a testa na dele.



—Leve-me para a cama, Douglas. Leve-me para cama e faça amor comigo. —lhe suplicou.
— Faça que não pense no aqui e no agora. Não posso recordar e não posso esquecer.
Ele se levantou com ela entre seus braços.

Douglas a deixou em algum lugar do dormitório. Reconheceu-o pelo aroma. A mistura especial de flores secas de Florência, o suavizante, e agora o aroma entristecedor de óleo de lavanda do banheiro, criavam uma mistura inequívoca.

Sabia onde estava. Já não sabia quem era, mas sabia onde estava.

Não importava. Se havia algo na face da terra que pudesse fazê-la esquecer os problemas, era o sexo com Douglas. Ele a transportava longe do mundo e — mais importante — longe de si mesma.

Ele a tinha vestido, assim deixou que a despisse. Ficou de pé em silêncio enquanto lhe tirava a camisola pela cabeça. Não usava nada debaixo. Embora não tivesse ouvido o estalo das luzes, havia luz que entrava pela janela da luz da rua. Sentia-a.

O que era que ele via?

—É tão linda. —sussurrou com voz baixa e rouca enquanto se despia. Ouvia o barulho da roupa caindo ao chão.

Oh. É assim como a via? Ela era bonita, sabia. Tinha um corpo bastante agradável e saudável. Não estava gorda nem magra e não tinha um busto generoso.

Os homens com os quais tinha compartilhado a cama antes de Douglas, não tinham parecido afligidos absolutamente. Tinham estado tranquilos e relaxados, felizes de estar com ela na cama, mas perfeitamente capazes de seguir sua vida sem ela. Não lhes tremiam as mãos quando a tocavam, não estavam em um estado de semi-ereção, não podiam fazer amor toda a noite.

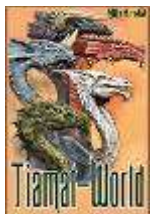
A Douglas parecia que era linda, assim que se sentia bonita.

Ele também o era. Allegra estendeu os braços até os ombros masculinos. O corpo dela não era nada espetacular, mas o dele estava mais que comprovado que sim.

Ainda a surpreendia o poder que desprendia Douglas. Nunca tinha conhecido alguém assim. Seu pai tinha sido baixinho e magro, com os bonitos traços dos irlandeses e uma voz leve. Todos seus primos tinham também o físico Ennis. Seus namorados e seus amantes tinham sido todos... bom, músicos. Bonitinhos, simpáticos e um pouco tolos na vida real, onde não havia capacidade para a música. Nada a ver com Douglas, poderoso e autoritário, e competente em tantas formas.

Este tempo com ele era especial. Quem sabia quando voltaria a ter a oportunidade de estar outra vez com alguém como Douglas?

—Você sim que é bonito. —murmurou ela, deslizando as mãos pelos contornos de seu corpo, pelos bíceps robustos e duros, descendo pelos enormes antebraços, enlaçando por um momento suas mãos com as dele, ásperas e cheias de calos. —Tocá-lo é tão maravilhoso.



Deslizou as mãos por seu estômago e sem intenção, se deparou com o pênis. Quase lhe chegava até o umbigo. Passou-lhe a mão por cima, como uma pluma, e o pênis respondeu com um batimento do coração. Allegra sorriu. Não havia nada falso ali, era impossível que Douglas estivesse fingindo por compaixão. Os homens estavam em desvantagem. Ela tinha feito acreditar que estava excitada e simulado orgasmos algumas vezes, e não era possível que eles o fizessem. Os homens eram tão... binários. Ligado ou desligado.

As mulheres tinham a opção de percorrer todo um espectro que ia do aborrecimento ao prazer, embora agora mesmo, naquele espectro, ela estava no lado do entusiasmo.

Beijou-o no peito enquanto o acariciava com a mão. Enquanto acariciava com o nariz o pelo do peito, notando os fortes peitorais nas bochechas, a mão subia e descia ao longo do amplo comprimento do pênis, que estava vivo em sua mão, com o sangue correndo em uma ardente lava sob a pele. Sentia cada pulsação do sangue, cada pulsado do coração, seu desejo.

Douglas respirava com dificuldade e ela sorriu sobre seu peito. Oh, caramba. Era tão delicioso ouvir o rugido da respiração ao entrar e sair, e saber que era ela a causadora. Sentia-se como uma pista de corridas de dez quilômetros.

Girando a cabeça, mordeu-lhe o mamilo direito, uma conta diminuta muito dura. Ele ficou sem fôlego.

—Você gosta disto. —Não era uma pergunta.

—Oh, sim. —ofegou ele. Allegra sentiu as vibrações da voz profunda sob sua boca. — Não pare, por favor. —Voltou a ofegar quando ela se inclinou para lambê-lo, com delicadeza, como um gato. — Por favor. —repetiu com a voz profunda convertida em um sussurro baixo, como se necessitasse algo com desespero que só ela pudesse lhe dar.

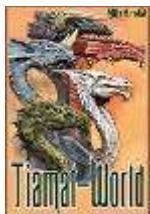
E talvez só ela pudesse.

Esse era o presente que lhe dava Douglas, o poder que exercia sobre ele.

Allegra se ajoelhou com lentidão, beijando-o no peito e no estômago enquanto baixava, notando como se contraíam os músculos onde ela colocava os lábios.

Tinha conhecido alguma outra vez um homem tão poderoso como Douglas? Não era só fisicamente esmagante, também lhe dava a impressão que tinha um caráter muito forte. Ela não era seu igual em nenhum aspecto, não só quanto ao físico, tampouco o era emocionalmente. E certamente estava em uma desvantagem enorme ao ser cega. Qualquer outro homem teria se aproveitado, mas Douglas não.

Em realidade, sentia-se incrivelmente poderosa em sua presença. O poder era todo seu em qualquer momento. Estavam ali os sinais, no modo como às vezes lhe tremiam as mãos ao tocá-la, a gentileza com que a segurava, a maneira em que parecia titubear antes de fazer um movimento, como se estivesse assegurando-se que ela gostava.



E o fazia. Gostava de tudo. Como agora, ao tocá-lo. Estava ajoelhada, mas ainda era onipotente. Sempre que o tocava com a boca, notava a reação de seu pênis, que se moveu com força em sua mão quando acariciou sua virilha com o nariz e logo o cabelo grosso, áspero e encaracolado dali.

Douglas tinha um aroma forte de almíscar e homem, um aroma que as curvas mais primitivas de sua mente associariam sempre com um sexo assombroso e, embora fosse uma incongruência, com seu sabão francês com perfume de rosas.

As mãos enormes de Douglas pousaram com suavidade em sua cabeça quando ela foi aproximando-se pouco a pouco do pênis.

—Por favor. —disse outra vez. — Por favor. —suplicava.

Allegra o rodeava com a mão e assim sabia em que ângulo tinha que pôr o rosto para lambê-lo embora não pudesse ver. Mas o notava, e isso era suficiente. Colocou uma mão na musculosa coxa e lhe rodeou os testículos passando a língua por toda a ereção. Devagar, tomando seu tempo. Quando chegou à ampla cabeça, lambeu a umidade densa que havia ali. Eram lágrimas de sêmen. Lambeu tudo, devagar.

Douglas fazia sons deliciosos ao gemer e por um momento apertou as mãos no cabelo, abrindo imediatamente os punhos ante o temor de machucá-la.

Allegra não precisava ver. Tinha todas as contribuições sensoriais que necessitava. A sensação do contato, seu sabor, seu aroma, os sons indefesos de prazer que fazia, todo estava se gravando na mente. E embora pudesse ver, teria os olhos fechados, concentrada no que saboreava, lambendo desde o começo até a grossa ponta do pênis. E logo ao princípio outra vez, devagar.

Não tentou metê-lo na boca. Era muito grande e a sufocaria. Isto era muito melhor, subir mordiscando a coluna do sexo masculino, sentir o curso do sangue justo sob a pele.

Sentou-se sobre os calcanhares durante um segundo, apertando uma mão ao redor da ereção, movendo-a de cima a baixo, e com a outra explorando a virilha, indo até os fortes músculos do traseiro. Cravou-lhe as unhas por um momento e lhe respondeu uma quebra de onda de sangue no pênis.

Era tão delicioso!

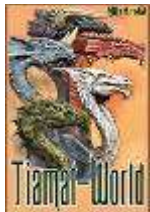
—Está me matando, sabe, não é? —retumbou por cima de sua cabeça.

—Sim? —A ideia era maravilhosa. Ela o debilitava. — Acreditava que era um homem duro. — Inclinou-se um pouco para frente e o mordeu com suavidade. Ele deu um salto.

—Basta. —A voz profunda parecia estrangulada quando a levantou e a colocou sobre a cama, com as pernas pendurando pela beira.

—Você...? Oh — Umas fortes mãos lhe abriram as pernas, uns beijos suaves percorreram suas coxas, abriu-a com os polegares e...— Oh!

Estava-a beijando ali da mesma forma em que a beijava na boca, com delicadeza, pondo a cabeça no ângulo que o permitisse o melhor ataque possível, penetrando-a até o fundo com a



língua, movendo-a com delicadeza. Em uns segundos já estava estremecendo e começando a queda livre...

—Douglas. —sussurrou ela. Ele se moveu, colocando a língua ainda mais dentro, movendo-a mais rápido...

—Oh, Deus. — Ela estremeceu, e quando ele lambeu seu clitóris, explodiu.

Ele a pôs no meio da cama e a penetrou enquanto ela gozava. Moveu-se com golpes duros e rápidos. Parecia saber exatamente como mover-se para que ela continuasse gozando. As contrações continuaram sem cessar, enquanto o coração martelava ao mesmo tempo em que lhe pulsava todo o corpo.

Douglas estava em cima dela, descansando todo o peso nos antebraços colocados ao lado da cabeça da Allegra. Ela se deu conta quando baixou a cabeça até seu ouvido.

—Isso, querida. Continue. —O peito do homem estava sobre seus seios e sentiu a vibração da voz profunda como um eco quando lhe sussurrava ao ouvido. As contrações foram desaparecendo, enquanto seguiam as investidas rápidas e duras. — Não, não pare. Quero que continue gozando para mim. — O ritmo dos golpes aumentou, entrando e saindo dela com rapidez e Allegra foi direto a outro orgasmo, a primeira vez que tinha dois seguidos. Ele estava sendo implacável, agarrando seus quadris para levantá-los para que de algum modo o pênis chegasse até o mais profundo, tocando-a... ali.

Desta vez todo o corpo arqueado de Allegra enlouqueceu. Um profundo gemido se repetiu como um eco no quarto e lhe levou uns segundos compreender que aquele som animal tinha saído dela.

—Mais. —A voz soou tão perto de seu ouvido que deixou a pele de seu pescoço arrepiada. — Mais, dê-me mais.

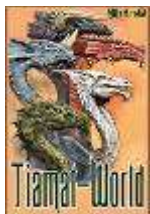
Já não havia nada mais que pudesse lhe dar, mas de algum modo ele conseguiu levá-la a outro clímax com investidas mais longas e ainda mais profundas. Todo o pelo de seu corpo se arrepiou enquanto o orgasmo continuava e continuava...

Mal podia respirar.

—Outra vez. —grunhiu ele, e foi como se o mero som de sua voz, mais que a rudeza dos movimentos entrando e saindo dela, fosse a causa de que voltasse a chegar ao clímax, repetidas vezes. Quem teria imaginado que ela pudesse ser assim, que tivesse essa resposta selvagem e apaixonada? A parte inferior de seu corpo se converteu nesta máquina sexual. Foram os braços e as pernas os que se renderam primeiro. Os braços caíram sobre o colchão e as pernas de seus quadris. Já não ficavam mais forças.

Douglas se deteve o perder a força do abraço com que a segurava e ficou quieto dentro dela, duro como o aço. Os dois esperaram, ofegando, enquanto as contrações da vagina foram desaparecendo.

—Foi assombroso. —Notou como lhe percorria a bochecha com o dedo. O que não daria para ver seu rosto agora? Tinha uma expressão terna? Os traços estavam deformados



pela luxúria? Talvez tivesse que tocar seu rosto para saber se sorria, mas o braço não a obedecia.

Douglas lhe deu um breve beijo.

—Verdadeiramente assombroso.

—Sim. —sussurrou ela. Ficou sem forças, sentia os músculos como se fossem água. —Foi maravilhoso... — saiu dela um enorme bocejo que foi impossível reprimir.

Douglas se inclinou para beijá-la, a fundo, profundamente. Enquanto o fazia, pouco a pouco foi saindo dela. Allegra quis protestar, mas não pôde. Um segundo mais tarde, estava adormecida.

Maldade, astúcia e um frio congelante, suspenso no ar. Reluzente sangue vermelho no chão branco de mármore, riachos vermelhos brilhantes unindo-se em um rio. O aroma acobreado do sangue lhe encheu as fossas nasais, deixando-a doente. Estavam no alto, flutuando sobre a cidade cujas luzes baixas se estendiam como um tapete adornado com diamantes brilhantes e sem alma. E ainda por cima estava a loucura e a morte, refletida nas janelas iluminadas, refletida centenas de vezes no aço e no vidro.

O rosto, quando girou para ela, era pura maldade, com olhos frios e calculistas. Não tinha nenhum lugar para onde correr, onde esconder-se. Uma maré de sangue subia dentro da elegante sala branca, cobrindo o tapete cor bege pálido, lambendo as pernas da mesa, manchando os sofás cor creme. O aroma era insuportável, o fedor pútrido da morte. Vermelho e branco, vermelho, vermelho, vermelho...

Ele se moveu pelo sangue, que não o tocou. Sempre elegante, usava um traje de grife cinza claro. Ao ir para ela, o movimento criou uma pequena onda no rio vermelho, mas o homem caminhou por ele como se o fizesse por uma sala vazia. Baixou o olhar e a aversão apareceu em sua cara ao ver o sangue.

Os olhos, de um frio azul claro, elevaram-se e se encontraram com os dela. Era como se não houvesse ninguém detrás daqueles olhos. Só maldade e astúcia.

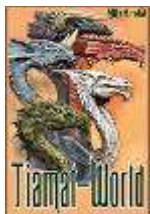
Tinha que fugir porque o sangue logo se uniria ao mar da sala. Sabia como sabia seu próprio nome, que sabia de música. Virou-se para escapar, mas o sangue se tornou viscoso como a lama. Não podia mover os pés. O coração pulsava enlouquecido, tinha que correr já! Mas não podia mover-se. Abriu a boca para pedir ajuda, mas não saiu nenhum som.

Mais perto, mais perto, com uma lasca de gelo na mão. Não, não era gelo, aço. Uma afiada adaga brilhando como a prata sob a luz, elevada para esfaqueá-la, aproximando... O grito aterrorizado que se retorcia em seu peito não encontrou o caminho para chegar à garganta. Tentou correr, mas não podia mover-se!

Oh Deus, estava tão perto, com os olhos tão frios como o gelo. A adaga tinha desaparecido e em seu lugar havia um pau, balançando-se enquanto baixava...

—Ei, ei, querida, acorde!

Allegra gritou e se revolveu para escapar, mas estava enredada em um pesadelo de suaves dobras de tecido. Estava envolta entre lençóis e mantas, não tinha nenhuma defesa contra o pau



que se balançava. A cegadora luz branca desapareceu. Estava em meio de uma escuridão sufocante, indefesa ante o assassino.

Não me mate, por favor! As palavras estavam em sua cabeça, mas não podiam passar pela garganta fechada, estavam presas. Desesperada, inclinou-se para trás apertando-se contra a cabeceira da cama, envolta em um sufocante casulo de larva de lençóis e mantas que impediam seus movimentos. Não havia nenhum lugar para onde correr. Estava presa na escuridão e voltou a gritar, lutando com desespero, em vão.

—Quieta! Irá se machucar.

Foi atraída para um corpo, um muito grande. Uns braços fortes a rodearam sem esmagá-la, só abraçando-a.

Não conseguiu nada brigando com ele. Esgotou-se com rapidez lutando contra a força que a segurava. Era como lutar contra a parede. Lutou, retorceu-se e se revolveu. Golpeou-lhe o peito com os punhos, mas ele não se moveu. Não fez nem um som. Ao final se deteve, ofegando.

Não se deteve porque estivesse cansada. Lutaria por sua vida até com o último fôlego se tinha que fazê-lo. Deteve-se porque a intensa sensação de uma ameaça espantosa — algo perverso que se aproximava e vinha atrás dela — tinha desaparecido. Quão único sentia agora era... uma força tranquila, protegendo-a na escuridão.

—Está bem, querida. Teve um pesadelo. —Palavras sossegadas, voz profunda.

Douglas.

Segurança.

Começou a soluçar, sem mal poder respirar. Tentou controlar a respiração para dominar o pânico e por fim pôde respirar profundamente, uma vez, logo duas. O intenso pânico desapareceu, substituído pela confusão, uma sinistra sensação de ansiedade e a desolação.

E escuridão. Odiava a escuridão, sempre a tinha odiado, inclusive quando criança.

Um beijo no cabelo e logo aquela voz profunda e reconfortante.

—Teve que ser terrível. Quer um copo de água?

Allegra apoiou a testa em seu peito durante um segundo, ofegando, tentando tranquilizar-se.

Água? Negou com a cabeça. Não, o que queria agora mesmo era luz.

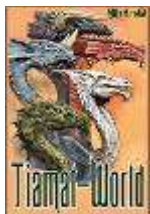
Levantou a cabeça. Estava tão condenadamente escuro. Isso fazia que as piores imagens do pesadelo demorassem mais em desvanecer-se. Ninguém se desfazia dos pesadelos com a luz. Todo mundo sabia.

—Acende a luz, Douglas. —Esfregou os olhos. Estavam molhados, embora não recordava ter chorado. —Deus. —ofegou. —Foi horrível. Preciso um pouco de luz.

Os braços dele a rodearam com mais força.

A escuridão, o silêncio.

Por que não a escutava? Elevou a voz.



—Douglas, por favor, acende a luz. Odeio estar às escuras.

—Allegra...

A escuridão estava aterrorizando-a. Lutou em vão contra a suavidade da manta e a força de seus braços. Maldição, não via nada!

—Douglas, o que acontece com você? Acende a maldita luz!

Luz... luz... luz...

A palavra soou como um eco no pequeno quarto. Allegra deixou de respirar.

Dois segundos depois ouviu Douglas.

—A luz está acesa, querida.

A luz está acesa.

Estava cega.

O recordar disso foi tão horrível como a primeira vez que despertou na cama do hospital com aqueles aromas tão fortes e nauseabundos, presa ao gotejar intravenoso. Então tinha gritado pedindo ajuda. Agora teve que levar as mãos à boca para evitar ficar a gritar outra vez. Estava cega e os gritos não a ajudariam.

Fez-se um silêncio absoluto. As lágrimas começaram a surgir desse profundo poço inesgotável que tinha descoberto em si mesma fazia cinco meses. A primeira lágrima escorregou pela bochecha e pelo dorso da mão caindo sobre a cama. Depois a segunda lágrima, e a terceira.

Tinha um grito silencioso na garganta que não ia permitir que saísse. Não podia. Se começava a gritar, não pararia nunca.

Era difícil respirar, pensar.

Douglas a soltou e se foi. Quis chamá-lo, mas a garganta não funcionava. Sentia-se vazia e perdida sem aquela força e calor rodeando-a. O frio se infiltrou nos ossos imediatamente. Tinha-a deixado. Onde tinha...?

A revelação foi como um murro no estômago, claro. Claro que tinha saído da cama. Fazia algo mais que sair da cama, saía de sua vida.

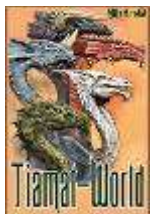
Imaginava vestindo-se, guardando de novo suas coisas na bolsa. Claro que se ia. Quem queria ficar com uma louca com a cabeça cheia de monstros que surgiam de noite, famintos, para devorá-la?

Reuniu forças para ouvir a desculpa forçada, para a incômoda despedida. Para o frio e o silencioso vazio uma vez que ele se foi.

Não ia chorar, não ia chorar, não ia chorar. Não lhe pediria que ficasse. Era muito lógico que Douglas se fosse. Teria que estar louco para ficar, e lhe tinha parecido um homem muito sensato e equilibrado.

Allegra elevou a cabeça, girando-a, tentando localizá-lo pelo som. Movia-se com muito silêncio para ser um homem tão grande. Talvez estivesse se vestindo no outro quarto. Esperava que ao menos lhe dissesse adeus antes de...

—Toma. — A cama baixou e se encontrou com um copo de água gelada na mão. Douglas segurou sua mão fazendo que a levantasse para a boca. — Bebe.



A mão de Allegra tremeu. Como ia beber quando tinha a garganta tão fechada que mal podia respirar?

—Vamos, querida. Bebe, precisa disso.

Era uma voz que obrigava a obedecer. Bebeu, e para sua surpresa, a água gelada lhe desceu pela garganta.

—Até o final, boa garota.

Acabou o copo. De algum modo se encontrou recostada sobre uma parede de homem peludo. Os braços de Douglas a rodeavam, cruzando-se na cintura. Jogou a cabeça para trás apoiando-a em seu ombro e fechou os olhos.

—Acreditava que você tinha partido. —disse ela, cansada.

—E por que eu iria partir? —Ele parecia perplexo.

Porque estou cega. Porque acredito que estou ficando louca. Porque em muito contadas ocasiões durmo sem despertar, gritando pelos pesadelos que nunca posso recordar. Porque minha vida se acabou.

—Acreditava que o tinha assustado. —resmungou ela.

Seus braços a apertaram um breve momento.

—Pode falar disso? Sobre o que era o pesadelo?

Boa pergunta. Nunca os recordava. Imediatamente eram arrastados por uma opressora onda gigantesca de imagens confusas, deixando vestígios de horror. Despertava ensopada de suor e aterrorizada, com a sensação de uma ameaça iminente e com o coração pulsando desesperado, e um segundo depois de despertar, nunca recordava do que tratava o pesadelo.

Isso acrescentava um pouco mais de horror. Se ao menos pudesse recordar o que tinha sonhado, poderia racionalizar esses pesadelos que tanto a aterrorizavam. Mas não havia nada que fazer, o pesadelo desaparecia como fumaça no vento. Quanto mais tentava entender o significado, pior era a dor de cabeça.

—Não posso recordá-lo. —disse ela com tristeza. Nunca. — Eu... — Deu de ombros, os fragmentos de imagens estremecedoras se misturaram e desapareceram. — Se foi.

—Sua cabeça dói?

Como sabia?

—Sim. —sussurrou.

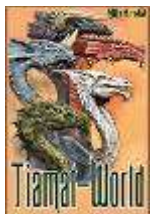
—Não pense em nada, em nada absolutamente. Deixa a mente em branco.

Tentou-o. Algumas imagens e palavras que lhe davam voltas na cabeça foram diminuindo até desaparecer.

—Agora pensa em algo tranquilo. O oceano, pensa no oceano. Em ondas que chegam uma atrás de outra, na espuma que se eleva, como uma renda.

—O mar no Dingle. —suspirou ela.

—Sim, estive ali, conheço a praia. Longa e branca, com grandes escarpados ao fundo, verdade?



—Oh, sim. — Quando criança tinha brincado muitíssimas vezes naquela praia com todos os primos Ennis. Tranquilizou-se só de pensar na praia.

—Sempre faz frio na praia, mas o ar é limpo e puro e tem uma luz especial. Pode andar horas e horas e quão único vê é o mar, o céu e as gaivotas. É como viver no princípio dos tempos, não é, querida?

Sim, era isso exatamente.

Um estalo. A luz se apagou.

Douglas deslizou na cama, levando-a com ele. Ela estava de lado, e Douglas a abraçava pelas costas. Envolvia-a de propósito com o calor e o contato humano.

Era tão maravilhoso como tinha sido antes o sexo.

A velocidade do pulso ia diminuindo. Sentia o batimento do coração dele nas costas, lento e constante. Tentou respirar com calma e reordenar seus pensamentos.

Foi difícil porque lhe ocorreu algo arrepiante. Acreditava que o pior que podia lhe ocorrer na vida era perder a visão.

Tinha estado equivocada.

Sem dúvida alguma, perder a cabeça era pior que perder a visão.

Capítulo 14

—Querida, acorde. Venha, Allegra, abre esses lindos olhos que tem. — Kowalski a sacudia com suavidade pelo ombro. Não queria ir embora enquanto ainda estivesse dormindo.

Allegra se aconchegou mais entre as mantas. Uma mão esbelta saiu de debaixo da manta e um dedo indicador se moveu da direita para a esquerda. Não.

Kowalski agarrou a mão e a beijou.

—É hora de levantar-se.

—O que me dará se eu fizer isso? —A voz estava amortecida pelo travesseiro.

Ele sorriu.

—Bom, café e algo que parece o croissant mais saboroso do mundo.

Ela girou a cabeça em cima do travesseiro, mas não abriu os olhos.

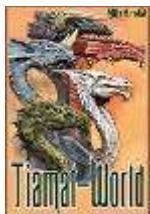
—Os Mancinos o chamam “corneti”. Certo, cornetti. Está bom, mas não o suficiente bom. Que mais?

—Pão integral, manteiga e geleia caseira. Não sei de que tipo é, mas cheira muito bem.

—Cor?

—Ahh... — Kowalski estava perplexo. — Púrpura?

—Arándano — Por fim Allegra abriu os olhos. — Sabe negociar, major, a geleia de arándano vale a pena.



—Tudo bem, um tipo duro, isso é o que sou. —Kowalski se agachou para lhe dar um beijo na ponta do nariz. Manteve o tom de voz despreocupado, mas a observou com atenção.

Ela tinha dormido o resto da noite depois do pesadelo, graças a Deus. Merda, mas o tinha assustado. Os gemidos aterrorizados que lhe escapavam enquanto estava imersa no pesadelo o deixou de cabelo arrepiado. Ela estava ensopada em suor e tremendo quando a tinha despertado tirando-a de qualquer horror que estivesse em sua cabeça.

Assegurou-se que dormisse bem colada a ele durante o resto da noite. Ia cortar pela raiz qualquer outro pesadelo. Por sorte, parecia que tinha dormido bem o resto da noite.

Ele não. Tinha dormido em um estado de alarme de combate. Era uma técnica de sono pouco profundo que usavam os soldados para dar a seus corpos o repouso necessário, mas que os permitiam estar preparados para lutar em uma fração de segundo.

Ele não tinha que lutar, mas estava preocupado.

Entretanto, esta manhã Allegra estava deliciosa, pensou, enquanto a acompanhava ao banheiro. Rosada e descansada.

Seguiram o ritmo que já tinham estabelecido. Ela estendeu a mão, esperando seu braço. Uma vez que o tinha segurado, relaxou-se e o seguiu. Deixou-a no banheiro e terminou de preparar o café da manhã.

Ia ter um dia muito ocupado, assim que preparou para ele um enorme café da manhã. Hoje tinha muito que fazer e queria voltar para Allegra o quanto antes, o que significava que pularia o almoço.

O pão saltou da torradeira quando ela entrou na cozinha. Deteve-se na porta, esperando, com a esbelta mão estendida. Agradou-o de uma maneira exagerada que o buscasse, que o necessitasse. Allegra sorriu ao encontrar seu braço.

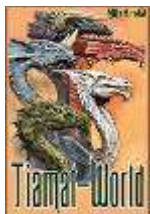
—Caramba, que aromas mais apetitosos. —disse ela depois de sentar-se.

—Sabe? Poderia ganhar uma fortuna vendendo o que tem no congelador aos restaurantes. Manteiga? —Ela assentiu. Kowalski lhe serviu o café e untou a torrada. — Que Deus abençoe aos Mancinos, quaisquer pessoas que sejam. Isto está muito bom.

—Oh, sim. —sorriu Allegra.

—O que vai fazer hoje? —perguntou-lhe Kowalski, acabando a terceira torrada e pegando outra.

—Bom, a cunhada de Rosa, Francesca, deve limpar a casa, assim haverá uma nova contribuição de comida, no caso de interessá-lo. A especialidade de Rosa é a massa caseira, assim pode esperar panelas e panelas de lasanha e rigatoni, e essa massa tão graciosa em forma de orelha chamada orecchiette. Normalmente pratico com a harpa enquanto ela limpa. Diz que gosta de me ouvir tocar e cantar, assim que as duas nos agradamos mutuamente. De todas as maneiras, tenho que praticar para o batismo de seu filho. Prometi-lhe que tocaria o mês que vem na festa. Assim praticarei toda a manhã. Depois me encontrarei com Suzanne para almoçar no The Garden. Combinamos semana passada. Não



ligou para cancelá-lo, assim suponho que continua em pé. Neste sentido, Suzanne é completamente de confiança. Supunha-se que Claire ia vir também, mas o mais provável é que que ainda esteja no hospital com Bud.

Kowalski deixou a quarta torrada com o cenho franzido. Almoço... diabos, ia ser difícil e muito justo. Tinha que ir ao centro, ao quartel geral da polícia de Portland para uma declaração, e logo tinha um encontro com um antigo membro do FBI, da equipe de resgate de Reféns, Jack Thompson. Thompson tinha um currículo muito bom, e tanto Midnight como Kowalski acreditavam que seria uma magnífica incorporação à empresa. Mas o encontro levaria seu tempo. Merda.

—A que hora combinaram?

—Ao meio dia. —Allegra acabou a torrada com tranquilidade. — Onde está o leite?

—Bravo, vermelho, dois. — O encontrou imediatamente e sorriu, satisfeita. — Escuta, querida, não sei se poderei vir a tempo. Tenho uma manhã muito apertada.

—A tempo para que? —perguntou ela franzindo o cenho e girando a cabeça para ele.

—Para levá-la ao The Garden. Acha que poderia ligar para Suzanne e lhe perguntar se pode adiar o almoço até a uma?

—Não tem que me acompanhar a todas as partes, Douglas. Suzanne virá me buscar e de todos os modos, se não puder, chamarei um táxi. Sei de cor o número da companhia de táxis.

—Não. —Kowalski manteve o mesmo tom de voz, embora só de pensar que Allegra chamasse um táxi, que estivesse sozinha em um táxi com um estranho, lhe dava vontade de furar a parede de um muro. — Não chame um táxi. Ligue para mim se Suzanne não pode vir. Se não estiver livre, enviarei a um de meus homens.

Jacko estaria livre esta manhã, já se ocuparia Kowalski disso.

Jacko tinha um aspecto ainda mais terrível que ele. Ao menos Kowalski usava roupa normal. Jacko se vestia com moletoms velhos com as mangas cortadas, jeans rasgados e muito usados, e botas cheias de arranhões. Nunca usava casaco, fizesse o tempo que fizesse, embora nevasse. Assustava as pessoas quase tanto como a uma víbora dando o bote com aquela cabeça raspada e piercings nas sobrancelhas e no nariz.

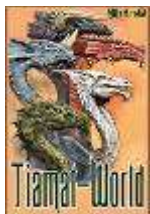
Os civis olhavam para outro lado quando Kowalski entrava em uma sala, e cruzavam ao outro lado da rua quando Jacko caminhava pela calçada.

Não importava. Jacko poderia parecer o protagonista de um filme de terror, mas Kowalski confiaria sua vida a ele. De fato, a tinha confiado várias vezes. E ainda mais importante, confiaria a Jacko a vida de Allegra.

Allegra franzia o cenho enquanto bebia o café.

—Prometa-me que me chamará. —Kowalski lhe cobriu a mão com a sua e esperou. Quão último queria era que esse lindo queixo se elevasse, e que Allegra começasse uma discussão com ele.

Já sabia que era fraco no que concernia a Allegra. Nunca nada nem ninguém em sua vida tinha conseguido que retrocedesse, exceto ela. Não importava o tempo que ela queria ficar com



ele, fariam o que ela quisesse. Comeriam o que ela queria comer, iriam onde ela queria ir, fariam o que ela queria fazer. Em poucas palavras, dirigia-o a seu desejo. Era assim e assim seguiria sendo. Já tinha aceitado isso.

Exceto em uma coisa. Em sua segurança pessoal. E nisso Kowalski se manteria firme, não cederia nem um centímetro. Não ia pegar um táxi e isso era tudo.

—Prometa-me isso. — ele disse e a observou com atenção.

Aquele queixo começou a elevar-se quando ela considerou rebelar-se como uma boa irlandesa, logo tremeu. Era óbvio que sabia que ele tinha razão. Inclusive talvez tivesse tido alguma má experiência em um táxi.

—Promete. —insistiu lhe apertando um pouco mais a mão.

—De acordo. Prometo-lhe isso.

Não era demais especificar, pensou ele.

—Promete-me o que?

Ela soltou um suspiro.

—Prometo, juro a você, que não chamarei um táxi.

—Nem hoje, nem nunca.

—Nem hoje, nem nunca. —repetiu ela, obedientemente, e piscou. — Caramba, vai fazer isso tudo mais difícil.

—Não, é o mais fácil do mundo. Precisa sair, me chame. Simples assim. Aprenda de cor meu número de celular. —O disse e a fez repetir até que ficou convencido de que o recordaria. — Se eu não posso levá-la, fará-o um de meus homens, encarregarei-me disso. —Kowalski ia contratar um homem de confiança, um policial afastado, disse a si mesmo, e o pagaria para que estivesse a disposição de Allegra como chofer. Só assim não acabaria tornando-se louco.

—E você? —A pequena mão de Allegra se fechou sob a sua. — Você... você voltará esta noite

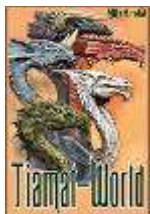
Seus olhos eram enormes quando girou para ele. Não o via, mas cada célula de seu corpo estava ligada a ele.

Duvidava dele? Duvidava que voltasse para seu lado? Que loucura. Andaria descalço sobre carvões acesos para estar com ela.

—Oh, é claro que sim. —sussurrou, e o tom da voz deve tê-la tranquilizado, porque relaxou ligeiramente. — Voltarei, pode estar segura. Tentarei estar... — Em casa. Quase havia dito “em casa”— Acredito que estarei aqui ao redor das cinco.

—Eu também terei retornado. Poderá investigar o que tenha trazido Francesca e se entreter rebuscando nos tachos. É uma cozinheira fabulosa. —lhe informou ela sorrindo. — E bem, o que vai fazer hoje? Vai estar muito ocupado?

—Sim. Tenho que ir a PDHQ de Portland. A chefia de polícia. —acrescentou ao ver a expressão perplexa dela. — Me interrogarão sobre o que aconteceu na sábado de noite. — Jesus, parecia que fazia um século. Uma vida, quando seu coração estava completo,



quando sua vida tinha sido sua para decidir. A.A. Antes de Allegra. — Embora tenha que estar de volta no escritório às onze e meia para entrevistar a um tipo para um cargo executivo na empresa. Tem muito bons créditos, em teoria é perfeito, um antigo TSH.

—Parece apropriado. —disse Allegra, distraída, e pegou com delicadeza uma torrada. Ficou imóvel, com a torrada a um centímetro da boca. Deixou a torrada pouco a pouco e se girou para ele com o cenho franzido e expressão confusa.

—Douglas?

Kowalski acabou a xícara e ficou em pé. Deslizou-lhe um dedo pela curva suave da bochecha.

—Para que demônios precisa de um homem que estava na Terapia de Substituição Hormonal?

Hoje a putinha ia ficar louca. Estaria fraca, vulnerável. Preparada para a fase final. Era óbvio que não estava feita para a fama. Era fraca e fácil de assustar. Precisava uns bons ovos para ser uma estrela.

Ontem a tinha assustado. Ele viu como ficava branca e desabava ao lhe mostrar gravação do senhor Sanderson. Veio abaixo. Estava com aquele enorme valentão tão feio que a tinha segurado antes que caísse ao chão. Alvin não se preocupava com o valentão. Não podia saber quem era Alvin e a próxima vez que Alvin se aproximasse da putinha, estaria sozinha. Asseguraria-se disso.

A puta era perigosa para o senhor Sanderson. Poderia fazer que o prendessem para sempre, e o que se supunha que tinha que fazer Alvin?

O senhor Sanderson a queria morta e queria que parecesse um suicídio. Muito fácil. A convencia que ouvia fantasmas, que estava se tornando louca, logo entraria em sua casa quando o enorme tipo se foi e colocaria sua cabeça no forno.

A cozinha dela era de gás. Alvin sabia por que tinha entrado na casa enquanto ela estava fora. Ia estar no papo.

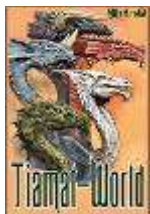
Deixá-la louca, esperar que o namorado se fosse, entrar. Agarrá-la pelo cabelo para que não se vissem contusões, colocar sua cabeça no forno.

E logo ele seria o novo Eminem¹⁰, o cantor moderno mais famoso. Não mais trocar urinol nem lavar drogados. Não mais trabalho de merda. Só música, garotas boas e cocaína. Somente havia uma coisa entre ele e seu destino, Allegra Ennis.

Tinha que desaparecer.

—Oh, céu — disse Suzanne—, está bem? Estava tão preocupada com você. Tentei ligar para o seu telefone, mas sempre dava ocupado.

¹⁰ Cantor de rap



Allegra tentou não ruborizar-se. Douglas tinha tirado o telefone do gancho para que ninguém os incomodasse.

Estavam no The Garden, esperando que lhes trouxessem o que tinham pedido. Claire tinha telefonado para lhes dizer que chegaria tarde, que não a esperassem para começar e que pedissem para ela o que tomava normalmente. A sopa do dia e um pouco de salada. Allegra conhecia tão bem Suzanne, que era como se pudesse vê-la. Teria posto algo elegante e que realçasse sua figura, de algum desenhista muito bom, de um tom pastel pálido, que nunca, jamais, deixaria ver um pouco de suor, ou sujeira, ou nem sequer ruga. Suzanne parecia ter uma variedade infinita deles, comprados em algum lugar exclusivo. O cabelo de um loiro escuro estaria perfeitamente penteado e joias caras e discretas brilhariam nas orelhas e nas mãos. O único nada discreto era a descomunal aliança de casamento no dedo anelar da mão esquerda. Allegra o havia tocado uma vez e lhe pareceu que tinha o aspecto do ovo de uma pomba. A Suzanne não incomodava em nada, mas bom, seu marido tampouco incomodava nada. Entretanto, parecia feliz com ele, e isso era a única coisa importante.

Agora estaria inclinada para frente, colocando um brilhante cacho rebelde detrás da orelha. Quando estava com alguém, prestava-lhe toda sua atenção e escutava. Isso era algo que Allegra gostava muito.

—Estou bem. — sorriu Allegra para apagar a preocupação na voz de Suzanne. A propósito incluiu um leve acento irlandês na sua própria. — Que momentos passamos na Fundação, não foi? Nada como uma pequena baderna para manter a coisa animada.

—Foi horrível. —disse Suzanne com voz baixa. — Quem ia dizer que algo tão violento pudesse acontecer no Parks Foundation. A próxima exposição de joias estará cheia de guardas armados e isso será cair um pouco mais na barbárie. —Allegra notou o movimento do ar quando Suzanne estremeceu de indignação. A mão de Suzanne cobriu a sua durante um breve momento. — Deve ter sido horrível para você. Queria esperá-la, mas Douglas insistiu em que a levaria para casa. Acompanhou você sem problemas até a porta?

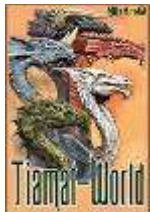
—Ah, sim, sim. —E mais à frente.

Allegra ficou vermelha como um tomate. Notava, notava o ardor do sangue no rosto e no pescoço, e maldita seja sua pálida pele irlandesa.

—Oh—Suzanne piscou ao ficar surpreendida ou atônita, o que não acontecia muito frequentemente. Mantinha-se sempre tão serena. Mas era muito possível que agora mesmo estivesse piscando com frenesi. — Oh! —Uma rápida inspiração. — Quer dizer que você e... você e Douglas...? Nuca teria... Oh meu Deus.

Allegra já sabia o que estava pensando Suzanne.

Depois do acidente, quando saiu do coma, cega, foi como se tivesse entrado em uma área de não-sexo, não-prazer. Já não era uma mulher atrativa que pudesse esperar certo grau de interesse masculino, uma mulher que gostasse de ser jovem, bonita e feminina. Não, agora estava danificada e... um pouco mutilada. Tinha sido privada de sua



feminilidade. A roupa bonita, a maquiagem atrevida, o ligeiro flerte de qualquer jovem com os homens que conhece, tudo lhe tinha sido roubado. Vivia em um mundo escuro, sombrio onde esgotava todas suas energias em passar o dia limpando-se, alimentando-se e evitando golpear-se. Os namorados, os amantes, os flertes, o sexo... tudo estava fora de seu alcance, desaparecidos no enorme abismo de escuridão que tinha devorado sua vida.

Mas agora tinha alguém em sua vida, e estava maravilhada. Não tinha tido intenção de falar disso, por medo de ter azar. Queria esperar e ver se Douglas ficava um pouco mais com ela antes de contar a Suzanne ou a Claire. Maldita fosse sua pele e sua tendência a ruborizar-se. Bom, agora que o segredo tinha saído à luz, não tinha sentido negá-lo.

—Sim, uh, Douglas ficou. E, uh, voltará esta noite. —Franziu o cenho. — Ou ao menos isso é o que disse. Espero que seja um homem de palavra.

—Oh, é um homem de palavra. —Suzanne estava se calando sobre. O que? Havia ali uma inflexão estranha, como se tentasse dizer algo a Allegra sem pronunciar as palavras. — Sem dúvida nenhuma. Douglas é um homem de palavra cem por cento. Se disse a você que voltará, conta com isso, voltará. Não acredito que pudessem detê-lo nem granadas, nem metralhadoras, nem nada. É só que...

—O que? —Allegra se inclinou para frente, preocupada e assustada de repente. Tinha passado algo por alto? Não tinha reconhecido algo? E se Douglas não era tão maravilhoso como acreditava? E se ocultava algo, como...?

—Céus! Não estará casado? Disse-me que não estava. Ou, mas bem — franziu o cenho—, deu a entender que estava sozinho. Seria horrível que estivesse casado com uma dúzia de pirralhos. —Levou as mãos às bochechas ainda vermelhas, horrorizada. Oh, Deus, não poderia suportar se esse tempo com o Douglas tivesse sido uma mentira. Ele parecia tão formal e...

—Não, querida, Douglas não está casado, não esteve nunca. Não há pirralhos por nenhuma parte, isso posso assegurar.

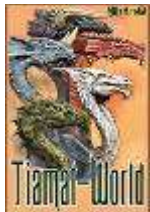
Allegra se apoiou no respaldo da cadeira, aliviada. Caramba. Talvez tivesse que deixar de pensar todo o tempo em uns termos tão catastróficos. Não tinha que temer sempre o pior. Talvez.

—Bom, isso foi uma verdadeira surpresa. —Suzanne lhe tocou o dorso da mão ligeiramente, dando a entender que ela estava ali, escutando-a. — Quero que me conte isso tudo. O que aconteceu? Acompanhou-a para casa e logo sem mais entrou?

—Mmm, não exatamente. Tivemos um pequeno... interlúdio na Fundação.

—O que? —Isto começava a ser divertido. Allegra estava desfrutando da surpresa e o assombro na voz de Suzanne. Não havia muitas coisas que pudessem surpreender Suzanne. — Na Fundação? Entre o concerto e os ladrões? Não, espera, você cantava quando nos assaltaram! Quando teve tempo de ter um romance? É incrível.

Era tão romântico que Allegra queria contar. Por um segundo, permitiu-se esboçar uma muito breve imagem do futuro. E já que não havia ninguém mais além dela em sua cabeça, podia imaginar o que quisesse. Imaginou como contava a história a seus netos. Já que era sua cabeça e sua fantasia, havia crianças escutando.



Ah, queridos meus, venham aqui junto a mim e escutem como seu avô começou a seduzir a sua avó sob um palco enquanto uns homens maus disparavam com suas armas.

—Bom, nem Claire nem você estavam por ali perto, assim Douglas me acompanhou ao palco. —Fez calar Suzanne, que gemeu. — E não se atreva a pedir perdão por não estar ali, porque se tivesse estado, eu não teria tido nenhuma possibilidade de me relacionar com Douglas. O caso é que me acompanhou até onde estava Dagda e me disse que ficaria ali até que acabasse, assim que ficou perto. Estava na metade da atuação quando ouvi ruídos que vinham do auditório. Foi mais tarde que me inteirei que se apagaram as luzes. E então houve uma explosão enorme. Justo depois de que o ruído da explosão me alcançasse, algo mais me alcançou, Douglas, que me agarrou nos braços e saiu voando do palco. Foi assombroso. Meteu-se comigo sob o palco. Estava em cima de mim. E, uh, ficamos ali... durante um momento.

O bastante longo como para quase ter um orgasmo, pensou, e outra vez ficou vermelha como o tomate.

—Foi tão maravilhoso, Suzanne. —disse sonhadora. — Não posso expressar em palavras o maravilhoso, apaixonante e emocionante que é. Só posso me assombrar. Quero dizer que sei perfeitamente que há diferenças enormes entre nós. Não ache que não o compreendo.

—Bem —disse Suzanne com voz carinhosa. — O que importa isso? Depois de tudo, o aspecto não é...

—Quero dizer — a interrompeu Allegra—, que apostaria qualquer coisa que é republicano.

Suzanne se pôs a rir.

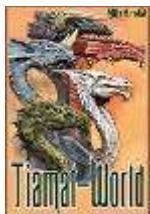
—O que? —perguntou Allegra.

—Oh, sim, acredito que podemos dizer com toda segurança que Douglas é republicano. E certamente John também, e é muito provável que também o seja Bud. Bom, é igual, seu voto anula o seu. A quem importa a política? Há coisas mais importantes. É feliz com ele?

—Totalmente. —Apesar de todas as dúvidas sobre si mesma e sobre o que poderia oferecer, essa era uma pergunta que Allegra podia responder sem titubear. — Foi maravilhoso, ao menos até agora. É incrível o a salvo que me sinto com ele, entende?

—Sim. —disse Suzanne com suavidade, pondo a mão sobre a de Allegra e apertando-a com delicadeza. — A entendo. Sei como me sinto com John, como se não pudesse acontecer nada errado quando está comigo. Mas lamento ter insistido no sábado de noite em que Douglas e ele fossem desarmados. Equivoquei-me. Foi um enorme equívoco, uf — a voz de Suzanne adquiriu um tom sardônico —, como me indicaram com muita energia durante todo o dia de ontem.

—Exato. —Havia algo em Douglas que fazia que se sentisse a salvo, só o tendo na mesma sala já a fazia sentir-se melhor. Nunca tinha visto John, o marido de Suzanne. Só



tinha jantado uma vez com ambos, e tinham falado somente um momento na Fundação, mas algo lhe dizia que em muitos aspectos se parecia com o Douglas. Alto e com uma voz profunda, embora não tão profunda como a de Douglas, sério e tranquilo.

Quase se podia sentir a incandescência que fluía de Suzanne em qualquer ocasião que falasse de seu marido.

—Assim é como me sinto com o Douglas. Como se soubesse exatamente o que está fazendo. E como sabe. —O sangue voltou com rapidez para seu rosto. Parecia a luz do freio. — Caramba, soou muito mal.

Suzanne se pôs a rir outra vez.

—Tudo bem. Se parecer em algo com John, uh, na intimidade, aposto que sabe o que faz.

—Quem sabe o que faz quem? Olá Allegra, olá Suzanne. —antes que Allegra pudesse responder, houve uma rajada de ar, uns lábios suaves beijaram sua bochecha e a voz de Claire continuou—: Eu consegui! Deixei ao senhor Incrivelmente Resmungão durante duas horas inteiras e vim! É maravilhoso estar fora do hospital e — Claire inspirou profundamente—, cheirar algo que não seja álcool e metanol! Não seria tão mau se Bud não tentasse levantar-se da cama, embora esteja preso a maquinaria por mil tubos. Se não o tivesse detido, teria arrancado os intravenosos esta manhã. Juro a vocês, esse homem sobreviveu a uma intervenção cirúrgica só para ser assassinado pelas enfermeiras.

—Olá Claire. —sorriu Allegra. Claire era tão doce. Já a imaginava com o Bud, uma mulher paciente e serena com um macho resmungão. Os homens chegavam a ser tão impossíveis. Recordou a seu pai, quando tiveram que operá-lo de cálculos biliares e se transformou em um velho urso resmungão que...

Uma dor aguda lhe atravessou a cabeça como um raio de fogo, estendendo-se, palpitando. Allegra gemeu e agarrou a cabeça.

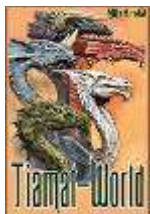
—Ei! Céu. —A mão fria de Suzanne lhe tocou a testa. — O que ocorre? Precisa de algo?

Outra cabeça. Isso é o que necessitava. E já que estava, outra vida. Isto lhe ocorria frequentemente quando pensava em seu pai, outro golpe cruel do destino.

—Não, não, estou bem. —mentiu Allegra. Obrigou-se a baixar as mãos e a colocar um sorriso na boca. — Estou bem. Sinto muito. Assim Bud está se recuperando? Douglas e eu estávamos tão preocupados. Mas Douglas me disse que se um disparo não te matar imediatamente, há muitas possibilidades de sobreviver e recuperar-se. E suponho que ele deve saber disso.

—Sim, ficará bem. Acredito que é um sinal de recuperação que ameace aos médicos em atirar neles, se não lhe derem alta. Preferivelmente ontem, segundo seu modo de pensar. Porque em seguida depois da operação... — A voz de Claire foi desvanecendo-se e Allegra teria jurado que ouvia como se giravam as engrenagens da sua cabeça. — Douglas? Mencionou um Douglas? Quem é Dou...? Céus! Não será o companheiro de seu marido? —perguntou girando para Suzanne. Parecia impressionada.

—O mesmo. —A voz do Suzanne foi bastante seca. — O major Douglas Kowalski.



Silêncio. Mais silêncio.

—Caramba. —disse Claire por fim.

—Sim. —disse Allegra, notando como voltava a ruborizar-se. — Caramba. Pode dizê-lo outra vez. Foi maravilhoso. Mais que maravilhoso. Nunca antes tinha tido uma relação tão apaixonante com um homem. Quero dizer... Oh, Deus — Tinha soado muito mal, outra vez. Com tanto rubor devia irradiar calor por todos os poros.

Suzanne e Claire puseram-se a rir.

—Senhoras, serviremos a comida em um momento. Sabem o que vão beber? — Allegra se perguntou se era o garçom alto que parecia o diretor de umas pompas fúnebres ou o pequeno e peludo que se parecia com o Robin Williams. Pediram uma taça de Merlot para ela, de Riesling para Claire e do Zinfandel para Suzanne. O garçom desapareceu em uma nuvem de aroma. Aparentemente, aquela manhã tinha saído da cama para meter-se em uma banheira cheia de loção pós-barba.

—Nossa. —disseram ao mesmo tempo e puseram-se a rir.

—Bem. —Allegra se girou para Claire. — Quero que me conte tudo sobre o Bud.

—Eu não. —disse Suzanne em seguida.

—Eu tampouco. —Claire deu um tapinha em Allegra na mão. — Estou farta de pensar em Bud. Não tenho feito nada mais que cuidar dele durante as últimas trinta e seis horas e tenho que voltar quando acabar de almoçar, assim agora quero me esquecer dele. Quero que me conte o... sobre Douglas — Outra vez esse tom. Suzanne também o tinha ao pronunciar seu nome. Do que ia tudo isto?— Venha, Allegra. Conte tudo. E quero dizer tudo. Cada pequeno detalhe.

Ouviu-se um chiado quando aquelas duas atrevidas aproximaram mais as cadeiras para não perder nada.

—Não vou mexericar. — disse Allegra, muito afetada, fazendo o gesto de fechar a boca com zíper. Claire soltou um som de indignação.

—Nada? —Os dedos de Suzanne repicaram impacientes sobre a mesa.

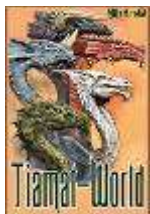
Allegra negou com a cabeça. Nem um pio.

—Nada de nada? Nem o menor detalhe? Ah, venha. —choramingou Claire— Eu lhes contei tudo de Bud e de quando nos conhecemos.

Allegra moveu a cabeça, com energia, desfrutando da incerteza. Claire certamente tinha falado, as deixando impressionadas, com detalhes em vermelho vivo. Bom, ela tinha sua própria história em vermelho vivo para contar. Com um sorriso satisfeito, esperou. Que sofressem um pouco se queriam uma isca.

—Talvez pudessemos suborná-la. —disse Claire a Suzanne. — Mas com o que? Mousse de chocolate?

Allegra teve um momento de dúvida ante a menção do mousse de chocolate, mas logo negou com a cabeça. Tinha mousse de chocolate, o tiramisú de Francesca e bolo vienense no congelador. Teriam que esforçar-se um pouco mais.



—Sei o que conseguirá que fale. —disse Suzanne com astúcia— Um segredo. Um grande, grande segredo. Um segredo enorme, gordo e suculento.

—Qual? —disseram Allegra e Claire ao mesmo tempo.

—Não seria um segredo se o contasse, verdade? —Suzanne parecia muito satisfeita consigo mesma. — Mas estou disposta a falar se Allegra também o faz.

Ouviu-se o som do carrinho de servir, logo os sons do garçom colocando os pratos na mesa. Allegra se inclinou para frente para cheirar o que tinha pedido, pudim de carne com molho gorgonzola, uma especialidade da casa. Seu prato favorito no The Garden era a sopa de cebola, mas tomar sopa era muito complicado para que o fizesse em público, embora fosse diante de amigas tão pormenorizadas como Claire e Suzanne.

Claire deu uma batidinha na taça de água com a colher.

—Certo, chegamos a um acordo. Quem primeira fala? Eu voto pela Allegra.

—Não. —Allegra levou um pedaço de pudim à boca e o saboreou. O cozinheiro do The Garden era fabuloso. — Não falarei até que saiba se as notícias de Suzanne são dignas de minhas notícias. Em uma escala do um a dez, a minhas chegam a cem. —Tinha a faca e o queijo na mão e sabia. Os amores novos eram mais do mais em questão de intrigas. Faziam com que todo o resto fosse insustancial.

—Como sabemos que não nos enganará? Que depois de que Suzanne nos diga seu segredo não voltará a fechar a boca com zíper?

Allegra bebeu um gole de seu Merlot.

—Terá que fazer um ato de fé. —Sorriu e bebeu outro gole, esperando. — Peguem ou deixem.

—Pegamos. —disse Claire.

—É obvio.

—Você primeiro, Suzanne. —Allegra sorriu. Adorava superar Suzanne em uma negociação. Suzanne devia ter trabalhado em uma vida anterior no Casbah¹¹ de Casablanca, comprando e vendendo tapetes. Com a vantagem acrescentada de sua grande classe algum dia ganharia o Prêmio Pulitzer.

—De acordo. Bem, estas são minhas notícias. —Suzanne respirou profundamente e disse com voz tremente. — Estou... grávida.

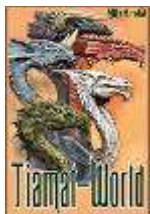
Claire e Allegra ficaram a gritar de uma vez, enquanto soltavam de repente os talheres sobre a mesa com um grande estrondo. Allegra se estirou até encontrar a mão de Suzanne.

—Oh meu Deus! Oh meu Deus! Oh meu Deus!

—É genial! OH, caramba, morro de vontade de contar-lhe ao Bud! —Claire riu. — Morrerá do susto. Oh, meu Deus, é tudo tão inesperado.

As três amigas se abraçaram e Allegra ouviu como Suzanne fungava pelo nariz. Bom, para isso levava ela lenços na bolsa, para as amigas. Suzanne agarrou o lenço que lhe oferecia com um

¹¹ o bairro árabe, misterioso e perigoso do Marrocos (pais onde foi filmado Casablanca)



rouco “Obrigada” e assoou o nariz. Hormônios, pensou Allegra. Tinham que ser os hormônios. Suzanne nunca chorava.

—Caramba, sinto muito, não sei por que choro. Acredito que é porque sou feliz e tudo isso. É que... — Suzanne voltou a soar com uma buzina imprópria de uma dama, e muito impróprio de Suzanne. — É tudo tão angustiante. Aconteceu tudo tão rápido.

E tinha razão. Suzanne tinha conhecido seu marido fazia menos de um mês. Tinha tido sexo selvagem com ele a tarde que se conheceram, Allegra e Claire o tinham surrupiado, e ao dia seguinte fugia para salvar a vida, depois que John disparou e matou dois pistoleiros que foram atrás dela.

Logo John e Suzanne se esconderam em uma cabana nas montanhas, que segundo ela não podia estar mais mal mobiliada. Um homem e uma mulher, sozinhos em uma velha cabana de montanha, eram os ingredientes apropriados para fazer um bebê.

Logo o FBI a tinha escondido durante quatro dias até que, providencialmente, o canalha que a perseguia acabou morto. Ao dia seguinte John e ela estavam casados.

E agora ela estava grávida. Isso era uma boa amostra do ritmo da vida moderna.

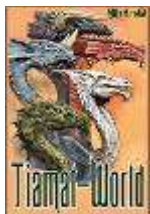
—Estava tomando a pílula. —disse Suzanne e outra vez se soou com aquela buzina. — Sei como me proteger. Mas as coisas se enrolaram tanto. Devo ter pulado um ou dois dias. E além disso John e eu... —Calou-se de repente e Allegra teria dado qualquer coisa por vê-la, para saber se Suzanne podia ruborizar-se. Se fazia uma ideia bastante boa do que John e ela estiveram fazendo. — Ainda é um pouco cedo, só tenho uns dias de atraso, mas de algum modo sabia que estava grávida. Assim que esta manhã comprei o teste. Estou um pouco traumatizada. Ainda não disse a John.

—Quer ter um filho? —Perguntou-lhe Claire com suavidade.

—Sim. —a resposta foi contundente. Sua voz soou como a de antes. Houve um sussurro de roupa, por isso Allegra supôs que se endireita na cadeira. — Sem dúvida nenhuma. Não tinha planejado me casar e ficar grávida tão cedo, mas é o que há. Agora só tenho que reunir a coragem necessária para dizer ao John.

—Acha que não quererá ter um filho? —perguntou Allegra. Que triste. Isso tinha acontecido a algumas amigas. Os maridos ou os namorados não queriam ter filhos, não queriam a carga ou a distração. Era uma lástima porque Allegra não podia imaginar algo mais maravilhoso que ter um filho ao que amar. Ela mesma queria ter uma grande família. Sempre tinha lamentado ser filha única.

—Não, ele quer sim. De fato o outro dia me dizia que deveríamos começar a formar uma família. Só que não tinha pensado que seria tão... cedo. —A voz tremeu ao final. Respirou profundamente e voltou a falar com firmeza. — A verdade é que antes de ter um filho queria encontrar a estratégia para lidar com John. Ainda não sei como manter John ao outro lado da linha no que se refere a organizar minha vida, e isto o vai tirar do sério. John tende a exagerar um pouco no que se refere a proteção.



—Nem me diga! —disseram Allegra e Claire ao mesmo tempo, logo se puseram a rir.

—Bom, então entendem. Possivelmente os três estudaram no mesmo Colégio do Homem Superprotetor. Juro-lhes que foi toda uma luta poder vir até aqui com meu carro. Quero dizer que mal há neve nas calçadas, e as ruas estão limpas, mas John não deixava de insistir em que um de seus homens me traria até aqui. E seus homens não são o que poderia dizer uma grande companhia. Sentam-se atrás do volante como enormes massas de protoplasma olhando com o cenho franzido cada carro ou pedestre que passa como se fossem terroristas a ponto de tirar uma arma ou atirar uma bomba. É muito aborrecido. E, além disso, supõe-se que seus homens têm trabalho e não quero afastá-los muito tempo dele, o que quer dizer que tenho que calcular a que hora sairei de casa e quando retornarei. Isso também é muito incômodo. Hoje ganhei porque consegui me impor, mas assim que John saiba que estou grávida, já posso estar dizendo adeus a meu carro.

Em Allegra veio de repente à cabeça uma imagem do Alpha Security International, a companhia do John e Douglas, convertida em um sofisticado serviço de choferes.

—Vou ter que começar agora a brigar para ir a Exposição de Decoração do Lar que se celebra em Savannah no mês de março. Cada ano a espero com expectativa. Eu adoro me encontrar com colegas de todas as partes, me colocar em dia com as novas tendências, e aposto o que for que John vai insistir em vir comigo. Grudará em mim. Imaginam falar com Willard Sykes de Têxteis Ink sobre os novos damascos da China com o John ali, fulminando-o com o olhar?

Caramba. Allegra tentou imaginar Suzanne e um colega falando sobre tecidos com um homem muito grande, armado e os brocando com o olhar, colado a eles. O ambiente seria algo desalentador, isso seguro. E tampouco seria muito bom para o negócio.

—E, além disso — seguiu Suzanne, e Allegra quase pôde ver como levantava os olhos ao teto—, imaginam quão protetor vai ser com uma criança? E estou esperando uma menina, sei, sinto-o nos ossos. A pobre terá sorte se a deixa sair de casa antes que comece o colégio.

As três ficaram em silêncio imaginando à filhinha de Suzanne tentando ter algum encontro ao chegar à adolescência, com o John sempre se intrometendo.

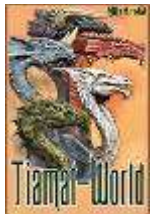
—Bom. —aventurou Allegra com suavidade— A amaré, isso com certeza. Como ama a você. E ao fim das contas é o que importa.

Suzanne soltou um enorme suspiro.

—Sei. Sei a afortunada que sou. John é um marido maravilhoso e será um pai carinhoso. Estou encantada com a gravidez. É só que estou um pouco... desfocada e insegura.

—Dê-se uma pausa, Suzanne. —disse Claire— É normal que esteja desfocada. No sábado estiveram a ponto de meterem um tiro na sua cabeça. Isso faria que qualquer um estivesse um pouco inseguro, inclusive Suzanne, a Serena.

—O que? —Allegra se endireitou como se lhe tivesse dado uma cáibra. — O que é isso de um tiro à cabeça de Suzanne? Do que estão falando?



—Oh — Allegra quase ouvia as engrenagens rodando na cabeça de Claire. Era óbvio que se arrependia de haver dito aquilo, mas já estava dito. — Bom, na Fundação, no sábado... um, um dos ladrões pegou Suzanne como refém.

—Junto com algumas mulheres mais. — interveio Suzanne a toda pressa, como se assim não tivesse tanta importância.

—Sim, mas o resto não teve esse canhão tão grande da metralhadora lhe apontando à cabeça. —objetou Claire com veemência— Só você.

—E Douglas não me disse nada, o grande rato. —Allegra ia estrangulá-lo assim que chegasse em casa. Se tivesse sabido que a vida de Suzanne tinha estado em perigo, que tinha tido uma experiência tão traumática, mais traumática que o resto, teria ligado para ela no dia anterior para saber como estava.

—Não quis preocupá-la. — Claire pôs uma mão sobre a sua. — Suponho que nossos três homens foram à mesma escola. Suponho que é como se quisessem protegê-la da vida.

—Bom, já basta de falar de mim. —disse Suzanne com novos brios, como a Suzanne de antes. Tinha sido estranho ouvi-la com aquele tom de voz confuso e inseguro. Era tão oposto de Suzanne. — Eu cumpri, agora é você, Allegra, e será melhor que valha a pena. Queremos saber de tudo.

—Oh, sim. —Claire se aproximou ainda mais. — Já é hora de que o solte.

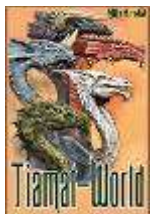
Claire tinha sido muito aberta ao contar o ardente fim de semana que teve com Bud, quando perdeu a virgindade com um homem que ela acreditava que era um lenhador, mas que em realidade era um detetive de homicídios. Mas Claire era nova no sexo e ficou afligida por seu poder. Allegra não era nova no sexo, embora certamente fosse nova no tipo de sexo que tinha tido com o Douglas. De todos os modos, parecia-lhe que tudo era ainda muito... frágil para contar os detalhes. Entretanto, sim, podia explicar a parte mais importante.

—Bom... — Allegra sentia as ondas de profunda atenção que vinham de suas melhores amigas. — Sabem como é a primeira vez que conhece um homem e se comporta o melhor possível e quer que tudo seja perfeito e em certa forma nenhuma vez é? Não importa o quanto se esforce? Bom, não me esforcei nada com Douglas. Nosso primeiro beijo foi sob o palco da Fundação, enquanto me encolhia de medo pelo som dos disparos. É o primeiro homem com o qual estive desde... — sua voz se quebrou e os dedos de Suzanne acariciaram seu rosto, afastando uma mecha de cabelo.

—Sabemos, céu. —A voz era suave, aceitando e entendendo. Era outra das coisas que gostava de Suzanne, e também de Claire. Sempre entendiam.

—O caso — continuou Allegra quando pôde voltar a falar. — é que foi incrível porque em todo momento me comporto tal como sou. Sinto-me livre. Nem uma vez me preocupou o efeito que possa ter nele ou que aspecto tenho ou... ou qualquer coisa.

Retorceu a toalha de linho, procurando as palavras para contar às suas amigas os segredos mais profundos de seu coração.



—Acreditava que minha vida tinha acabado quando despertei estando cega. —disse ao final com voz baixa. — A verdade é que pensei que estaria melhor morta. Não imaginava que pudesse me apaixonar outra vez. E ainda mais, não imaginava que ninguém pudesse se apaixonar por mim. Quem iria me querer? Não posso fazer nada por mim mesma, não sou nada divertida. — Allegra pensou por um momento em contar às suas duas melhores amigas os pesadelos que tinha, tanto acordada quando adormecida, mas seria muito forte, muito horripilante. — Assim já podem imaginar minha surpresa quando esse homem grande e forte, que pode fazer qualquer coisa ou ter qualquer coisa que quiser, aparentemente me quer. Não parece que veja nenhuma carência em mim. —enxugou uma lágrima. — Ainda me parece um milagre, e estou esperando que a qualquer momento me diga que sou um problema muito grande, mas até agora... — Tocou a madeira. —, até agora parece aguentar bastante bem. É único. Posso ser eu mesma com ele. Acreditava que nunca voltaria a ser feliz, mas Douglas me devolveu a felicidade. Para mim, abrir meu coração para ele é um risco tão grande que me assusta, mas me sinto a salvo com meu coração em suas mãos. —Se girou para a esquerda. — Entende isso, Suzanne? Não é assim como você se sente com o John?

Fez-se um completo silêncio.

—Sim, entendo. —Suzanne voltou a soltar uma buzinada ao assoar o nariz. Allegra se perguntou se ficaria um pouco de rímel.

À direita, Claire fungou pelo nariz.

—É maravilhoso! —disse com voz chorosa, logo exclamou. — Oh, meu Deus! Olhe que hora é! Tenho que estar no hospital antes que passem as consultas da tarde. Se não estiver lá, Bud é capaz de arrancar todos os tubos e ir embora cambaleando, ou lançar contra a parede as lanternas dos médicos. Suzanne, pode pagar minha conta e eu lhe devolverei isso depois? Allegra, estou tão contente por você... Oh, Deus, tenho que ir correndo!

Com um torvelinho de beijos, Claire partiu.

Suzanne pagou a conta, rechaçando o cartão de crédito de Allegra.

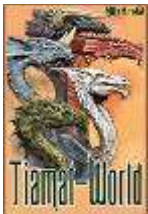
—Guarde isso, céu. E tampouco vou aceitar o dinheiro de Claire. Convido as duas para celebrar minha gravidez. Venha, vamos, está escurecendo. Quero levá-la para casa e voltar para o John antes que envie à marinha, ou aos Seals, para me buscar.

Allegra esperou tremendo na rua, ao lado da porta do The Garden, que Suzanne trouxesse o carro. Um diminuto floco de neve lhe caiu na bochecha e levantou o rosto para sentir o ar frio, respirando profundamente, com o coração cheio de paz.

Tinha tanta sorte de que Suzanne e Claire formassem parte de sua vida. Nem todo mundo tinha tão bons amigos.

Nem todo mundo tinha Douglas.

Envergonhada, agradeceu pela primeira vez desde que tinha perdido a visão. Algo que teria que ter feito antes. Tinha tanto que agradecer. Não tinha problemas de dinheiro, gozava de uma



muito boa saúde. As pessoas se preocupavam com ela. Tudo isto bem merecia uma oração de agradecimento.

Durante a primeira horrível e sombria semana no hospital, Allegra tinha pensado muito seriamente no suicídio. Acabar com tudo como pudesse. Sentia muita saudade de seu pai e não se via capaz de suportar uma vida em um abismo negro interminável. Mas tinha estado equivocada. Havia coisas que esperava com expectativa. Seguro que Bud e Claire se casariam e quereriam que cantasse em suas bodas. Uma parte de seu cérebro, o da música, já estava organizando a seleção de canções, no caso que conseguisse evitar chorar de felicidade. E o bebê de Suzanne. Se fosse menina, as três a inundariam de vestidos enquanto John deixaria loucos a todos vigiando todos e cada um de seus movimentos. Uma pequenina para amar. Douglas em sua vida, em sua cama. Talvez, só talvez, Allegra merecesse de tudo, valesse à pena.

—Putá. Vai ter o que você merece. Vou matá-la e depois arderá no inferno. — A voz de Corey Sanderson estava ao lado de sua orelha e sua mão a agarrou pelo braço com tanta força que a machucou.

Allegra começou a gritar.

Capítulo 15

Terapia de Substituição Hormonal.

Kowalski, no escritório, ainda ria entre dentes ao recordá-lo. Jack Thompson media um e setenta e oito e pesava 95 quilogramas, um verdadeiro ás do rifle, peludo como um urso e parecido a um campeão de luta livre.

De momento não era um candidato provável para a TSH.

—Temos que falar do cliente Robertson. —Midnight entrou, franzindo o cenho a um peso de papéis. — Merda, quer dois guarda-costas o antes possível. Assim suponho que... — elevou o olhar, ficou quieto olhando-o fixamente, com a boca aberta.

Kowalski já tinha enviado a dois homens para proteger o editor que tinha publicado umas memórias reveladoras sobre um líder da supremacia ária e tinha recebido ameaças de morte de pelo menos três grupos diferentes de militantes.

Midnight ainda seguia ali de pé, caçando moscas com a boca.

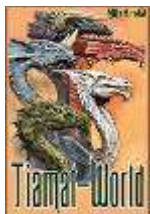
—Que diabos está olhando? —Kowalski moveu a caneta com impaciência.

—Está... sorrindo. — John apoiou um quadril no canto da escrivaninha. — Desconcertou-me.

Kowalski franziu o cenho imediatamente.

—Não é verdade. —grunhiu.

—É sim.



—É não. —Kowalski apertou os dentes ante quão infantis pareciam os dois.

Um sorriso zombador apareceu no rosto de Midnight.

—Estou condenadamente com certeza que sim que estava. Não o via sorrir desde 1999, e foi só porque aquele safado sádico quebrou a perna ao abrir o paraquedas muito por debaixo do limite recomendado para evitar ser detectado pelas linhas inimigas. —Midnight negou com a cabeça. — Eu mesmo sorria. —Olhou para Kowalski com os olhos entrecerrados. — Mas nunca tinha visto essa expressão em sua cara, meu amigo. De embevecido. Como um peixe com o anzol na boca e feliz de que o tenham pescado.

John esquivou com facilidade o livro que lhe lançou Kowalski e soltou uma gargalhada. Continuou olhando-o com a cabeça inclinada para um lado.

—Embora o anzol o favoreça, major. Pergunto-me se terá algo a ver com certa ruiva bonita com uma voz magnífica.

Kowalski inclinou a cabeça sobre o relatório, fingindo estar absorto lendo uma supressão de custos de um sistema informático novo, decidido a não dizer nenhuma palavra. Queria que Midnight deixasse de apoiar-se na escrivania e fosse embora, mas Midnight era tão obstinado como ele, e poderia ficar ali durante dias.

Era completamente novo para Kowalski brincar sobre sua vida amorosa. Embora claro, nunca antes tinha tido uma vida amorosa, só sexo sobre o qual ninguém fazia brincadeiras pela simples razão de que não era público. Nunca tinha ido a uma festa com uma mulher de braços dados, nunca tinha apresentado uma mulher a seus companheiros de equipe. Nunca tinha formado parte de um casal.

Pela primeira vez lhe ocorreu que agora sim. Havia se sentido tão afligido por tudo que não tinha tido tempo de que entrasse em sua cabeça dura, mas de repente ali estava, Douglas Kowalski tinha uma companheira. Alguém com quem compartilhar coisas, alguém a quem cuidar, alguém por quem preocupar-se.

Era tão estranha essa ideia. Não deixava de lhe dar voltas na cabeça.

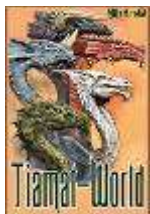
Um casal. Era parte de um casal. Talvez inclusive... um casal comprometido. Oh sim, gostava, tinha que pensar mais nisso.

—Vamos Kowalski. Sei pelo que está passando. Eu também tenho esse anzol na boca. Jogaram-me o laço e perdi a cabeça, e ainda não a recuperei. Alegro-me muito por você, major. Allegra parece uma jovem muito agradável. Suzanne a ama muito, e desde meu ponto de vista, isso é uma recomendação magnífica. Lástima que esse safado que bateu nela saiu livre. Matou a seu pai e a deixou cega. Pessoalmente, eu teria talhado seus ovos, mas o que sei eu. Sou só um marinheiro.

Kowalski deixou a caneta com lentidão. Tinha um terrível zumbido nos ouvidos.

—O que disse? —pronunciou cada palavra com cuidado. Notava a língua grande e torpe. Alguém tinha dado uma surra em Allegra? Tinham-lhe dado uma surra? Não podia se mover, mal podia respirar.

Os olhos de Midnight não se separaram dele.



—Merda. —disse em voz baixa. — Não sabia. Ninguém havia dito a você.

—Diga-me. O que. Aconteceu. —Kowalski não gritava. De fato acreditava que estava mostrando um enorme autocontrole. Midnight elevou as mãos, com as palmas para fora, em um gesto que pedia calma. Kowalski se perguntou se o que podia ler em seus olhos tinha assustado Midnight.

—De acordo, isto é o que sei, e sei tudo por Suzanne, entende que quero dizer, não?

Kowalski assentiu, com a garganta muito tensa para falar. Cada célula de seu corpo exigia ir e matar a quem quer que fosse o filho da puta que tinha feito mal a Allegra, mas era um soldado. Tinha disciplina. A disciplina era o que o tinha feito ser tal como era.

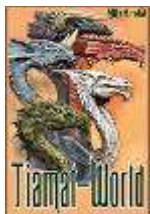
Kowalski o olhou preocupado.

—A história é esta. Allegra estava subindo em disparada até o mais alto de sua carreira, uma espécie de Norah Jones irlandesa, estas são palavras de Suzanne, porque que merda sei eu de música? Bem, o caso é que Allegra tinha muito êxito e esse tipo, esse... manager ou produtor ou o que seja, era o melhor dos anos 80. O cara se chamava Corey Sanderson, já ouviu falar dele?

Sim, tinha ouvido falar dele. Qualquer um que entendesse um pouco de música tinha ouvido falar dele. Sanderson era um produtor convertido em manager muito importante, tinha ajudado a lançar a um bom número de vozes entre os anos 80 e 90 e dirigiu o mundo da música no noroeste do pacífico. O hip-hop, o scat, o grunge, podia-se mencionar qualquer tipo de música famosa que alguém pensasse, que Corey Sanderson, de uma maneira ou outra, estava por trás, ou perto, ou dirigindo-a ou ganhando dinheiro com ela. Corey Sanderson era o Homem.

Kowalski assentiu e Midnight continuou falando.

—Em qualquer caso, Allegra assinou com esse tipo, que se supunha que a ajudaria a dar o salto ao super estrelato, mas o cara tinha ficado louco, tinha perdido a magia. Assim que esse tal Sanderson começou a pressionar Allegra para que tomasse direções musicais nas quais não se encontrava cômoda. Isto são palavras de Suzanne, eu não saberia nada de direções musicais nem que me batessem com elas na cabeça. Allegra se sentia cada vez mais infeliz, sua carreira estava estancada porque esse tipo a obrigava a cantar e tocar coisas que não eram de seu estilo. O verão passado, Allegra tinha uma excursão muito importante, mas cada vez se vendiam menos entradas e havia muitas devoluções, e todo o alpendre estava desmoronando. Allegra confessou a Suzanne quão infeliz era e Suzanne jogou uma olhada no contrato. E tenho que dizer que como empresária, Suzanne é mais esperta que o homem. Deu-me uns conselhos muito bons em questão de negócios. É muito melhor ter a minha garota de seu lado, e não como inimizada. Sanderson era seu inimigo, o odiava mortalmente, assim encontrou a forma para que Allegra rescindisse o contrato com ele.



Kowalski estava com a pele arrepiada. Uma repentina premonição do que ia ouvir foi arrastando-se sob a pele.

—Ao final da excursão do verão, Suzanne marcou um encontro com Sanderson para falar da finalização da relação comercial. Allegra foi com seu pai. Segundo Suzanne, o pai de Allegra era um professor de música muito agradável, mas não o homem mais forte do mundo, entende o que quero dizer?

Kowalski olhou furioso para Midnight.

—Vá ao ponto.

Midnight elevou os olhos ao teto.

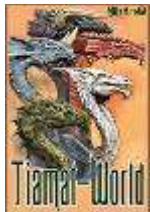
—Certo, o essencial. Uma semana depois de acabar aquela excursão desastrosa, em 9 de setembro, Allegra e seu pai foram ver Sanderson com uma carta preparada por Suzanne dando por finalizado o contrato. A meia-noite, a polícia chamou Suzanne porque encontraram seu número na bolsa de Allegra. O pai estava morto por um tremendo golpe na cabeça, e Allegra estava em coma. Tinham-lhe dado uma surra, sobretudo na cabeça e quebraram sua mandíbula. Sente-se e escuta o resto. — Midnight lhe pôs uma mão no ombro. Kowalski tinha se levantado com uma expressão assassina no rosto. — O safado do Sanderson se livrou. Contratou aos melhores advogados que havia. Allegra esteve em coma durante seis semanas, e quando ao final saiu dele estava cega, com a mandíbula quebrada e amnésica. Não havia nenhuma possibilidade de que pudesse depor. O advogado de Sanderson insistiu em um julgamento rápido, a história que contaram é que tiveram um desacordo e o pai de Allegra e a própria Allegra ficaram violentos e ele se defendeu.

—Babaquices. —Todos os músculos de Kowalski estavam tensos, preparados para a luta. Via tudo vermelho, notava as veias dos olhos a ponto de explodir de raiva. Foi vagamente consciente de ouvir um rangido e olhou para baixo, à caneta que tinha no punho e que tinha quebrado, desejando que fosse o pescoço do safado do Sanderson.

—Sim. Você sabe, eu sei, Suzanne sabia e seguro que o juiz e os advogados também sabiam. O filho da puta conseguiu uma sentença reduzida por homicídio involuntário por matar o pai, e por dar uma surra em Allegra em defesa própria. Nem sequer está no cárcere, o sacana, está em alguma instituição psiquiátrica de luxo para aprender um pouco do chamado “controle dos impulsos” — Midnight suspirou indignado. — O imbecil conseguiu sair muito bem de um assassinato e um assalto brutal. Mas as únicas testemunhas oculares eram um morto e uma mulher em coma com a mandíbula imobilizada com arames e, logo, uma mulher com uma amnésia total em todo o referente ao processo. Aparentemente, Allegra não recorda nada de uma semana antes do ataque, justo quando retornou da excursão. Nem sequer recorda ter querido rescindir o contrato. Os médicos dizem que com os golpes que recebeu na cabeça, não é incomum a amnésia sobre o acontecido. E ninguém pode dizer quando recuperará a memória.

—Logo. Recuperará logo. —Kowalski levantou os olhos e olhou para Midnight. — Está tendo cenas retrospectivas.

—Que tem o que?



—Cenas retrospectivas. Está voltando a recordar, cada vez com mais frequência, diria eu. E está padecendo o TEPT, o transtorno por estresse pós-traumático. — Isso era o que tinha visto nela, embora naquele momento não o tivesse reconhecido. Tinha presenciado outros casos de TEPT em soldados, talvez por isso não o tivesse reconhecido em Allegra.

Um de seus homens que tinha sofrido um trauma na cabeça durante um ataque tinha tido amnésia parcial. Dois meses de vida em branco, começando por um mês antes do ataque. As lembranças do tiroteio lhe tinham chegado a pequenas rajadas ferozes — como imagens repentinas do inferno, havia dito — que o tinha feito cagar de susto. Era o que acontecia com Allegra.

—Que aspecto tem esse Sanderson?

—Não o conheço, só o vi nas fotos dos jornais. Altura mediana, cabelo comprido loiro, muito elegante. Sempre andava com roupa de grife.

—Certo. —O mesmo que Allegra acreditava ter visto no Lawrence Square. — Sim, não há dúvida que tem cenas retrospectivas, está recuperando a memória. Ontem...

Soou o celular de Midnight e ele elevou uma mão, jogando uma olhada à tela com o cenho franzido.

—É Suzanne, deve ter algum problema. —abriu o celular— Sim, querida, está bem? Tudo certo. O que? —Olhou em seguida para Kowalski. — Allegra? Está ferida? Certo. Vou para lá.

Midnight estava mais perto da porta, mas Kowalski chegou antes.

Kowalski conduziu. A Midnight nem ocorreu discutir com ele e não disse nenhuma palavra quando Kowalski infringiu três leis estaduais e um par de federais durante o trajeto ao The Garden.

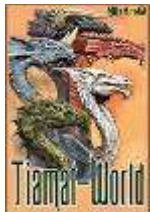
Kowalski chegou tão rápido quanto pudesse fazer um veículo terrestre e estava fora do SUV quando este ainda se balançava pela fredda. Enquanto voavam para o restaurante, Midnight o tinha deixado a par das notícias de Suzanne. Allegra tinha ouvido a voz de Corey Sanderson, que a havia tocado com a mão, e estava aterrorizada.

Kowalski irrompeu no The Garden. Enfocou com a visão de túnel, igual a durante o combate, e o único que via era a ela, Allegra, sentada em uma cadeira, angustiada e tremendo, balançando-se para frente e para trás com os braços cruzados ao redor da cintura tentando consolar a si mesma. Seu rosto estava branco como o papel. Suzanne estava sentada a seu lado, com uma mão sobre seu ombro.

—Allegra? —chamou-a ele com voz rouca, e ela elevou o olhar, movendo a cabeça, com aqueles lindos olhos cegos cheios de angústia.

—Douglas? —Parecia perdida e indefesa. — Oh Deus, Douglas você veio!

Levantou-se e pôs-se a correr para seus braços. Ele se reuniu com ela na metade do caminho, abraçando-a com força, ficando os dois ali, abraçados. Não sabia quem se agarrava com mais força ou quem necessitava mais o consolo. Ele estava condenadamente



seguro que necessitava o contato para assegurar-se que ela estava fisicamente bem, a salvo.

Ao ouvir sua voz, o rosto de Allegra tinha mudado. Até o dia de sua morte recordaria a expressão de seu rosto quando se deu conta que ele tinha vindo por ela. No meio do medo e o desespero, tinha havido uma quebra de onda repentina de esperança e alegria, e, sim, amor. Por ele. Nunca esqueceria aquele momento enquanto vivesse.

E em meio de seu próprio terror e pânico, o amor e a alegria que sentia por ela alagou seu coração. Aquela era sua mulher. Pagaria o que fosse por mantê-la a salvo e feliz.

Mas primeiro tinha que acalmá-la.

Allegra estremecia entre seus braços, aterrorizada e em pânico. Balbuciava algo com um profundo lamento, gemendo. Custou-lhe um minuto decifrar as palavras, sua mulher estremecia com tanta força que lhe tremia a voz.

—Estava aqui, Douglas, estava aqui, estava aqui. —repetia sem cessar, estremecendo com violência—Oh Deus, ele me tocou! Estava aqui! Mantenha-o afastado de mim!

Estava falando do Sanderson. De algum modo Corey Sanderson escapou do cárcere e tinha ido atrás dela. O sacana a havia tocado, tinha-a aterrorizado. E se ia atrás dela, era para terminar o trabalho que tinha começado cinco meses antes. Corey Sanderson era homem morto.

—Estava aqui, ouvi-o, aqui mesmo. —A voz de Allegra estava começando a soar histérica. Rodeava-o com força com os braços, desesperada, procurando refúgio. — Mantenha-o afastado de mim! Oh, meu Deus, estou tão assustada.

Detrás dela, Suzanne os observava com expressão sombria. Quando Kowalski a olhou, negou lentamente com a cabeça.

—Corey Sanderson não estava aqui. —manteve um tom de voz baixo, mas Allegra a ouviu.

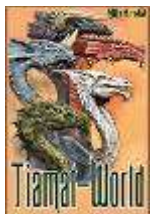
—Era ele, era ele! Por que ninguém acredita em mim?

Allegra agora estava já de todo histérica, uma estranha mistura de medo do presente e cena retrospectiva. Kowalski lhe rodeou a cintura com um braço e pôs a outra mão na parte posterior da cabeça. De maneira simbólica, Kowalski lhe oferecia o amparo com a que seus homens entravam em combate, o colete antibalas e o capacete. As vísceras e a cabeça eram os pontos mais vulneráveis do corpo humano. A parte animal do homem sabe de forma instintiva. Está no DNA. Segurando-a assim, lhe protegendo os órgãos vitais e a cabeça era o único que podia apaziguá-la, quão único penetraria na névoa de histeria.

Estava tão assustada que não podia nem pensar. Agora mesmo seria inútil tentar tirá-la com palavras da beira do precipício de absoluto terror no qual se balançava.

Em um nível mais profundo que as palavras, mais profundo inclusive que o pensamento racional, seu corpo dizia ao dela que não sofreria nenhum dano enquanto ele estivesse vivo e abraçando-a.

Kowalski também teve que dominar seu próprio pânico, por muito estranho que parecesse. Ele era conhecido por sua calma no combate. Mas nestes momentos, abraçado a Allegra, o coração pulsava a toda velocidade e sua mente tinha ficado em branco pelo pânico. Sob a roupa



de inverno, estava suando como um porco, o suor fétido do medo. Um terror depressivo e escorregadio que nunca antes havia sentido.

Por fim, ambos começaram a acalmar-se. A litania lúgubre de Allegra cessou. A força com que o agarrava diminuiu. O batimento desmedido do coração, visível nas têmporas se fez mais lento, igual ao seu próprio. A visão de túnel desapareceu e pôde jogar uma olhada ao redor. Levantando a cabeça olhou a seu redor e viu Midnight com um braço ao redor de Allegra e Suzanne e pela primeira vez, Kowalski se deu conta que Allegra levava outro casaco em cima do dela, que devia ser o de Suzanne. Inteligente Suzanne que instintivamente tinha sabido que o primeiro tratamento para a comoção é o calor.

Vendo que Allegra estava mais tranquila, Suzanne se aproximou junto com John que lhe tinha passado o braço pelos ombros.

—O que aconteceu? —perguntou Kowalski com voz baixa.

Suzanne parecia preocupada e pálida.

—Estávamos fora. Deixei Allegra na entrada do restaurante e fui procurar o carro. Retornei e a encontrei... — mordeu o lábio para não dizer “histérica”—... muito transtornada. Dizia que Corey Sanderson tinha falado com ela e...

—Tinha me tocado. —Kowalski baixou os olhos para Allegra, sua posição era um reflexo da de Midnight e Suzanne, juntos e com o braço lhe rodeando os ombros. Ela estava completamente apoiada nele. A voz se tranquilizou, soando sem expressão e sem vida. Os olhos estavam secos, mas as bochechas ainda estavam molhadas pelas lágrimas de medo. — Sei que não acredita em mim, Suzanne, mas ouvi Corey. Tem uma voz inconfundível. E me tocou. — Se estremeceu, envolvendo-se ainda mais com o casaco de Suzanne.

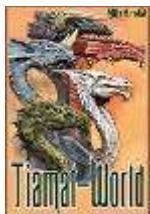
Suzanne estendeu a mão com gentileza e lhe tocou o ombro, parecia preocupada.

—Oh, querida. Não sei o que aconteceu passou, mas não teve nada a ver com o Corey. Não estava ali. O teria visto. Pode ser que alguém a tenha agarrado por equívoco. Mas lhe juro isso, não foi Corey Sanderson o que a tocou. Eu teria visto. —Os olhos de Suzanne se alagaram de lágrimas ao flutuar no ar as palavras não ditas, as palavras duras e cruéis. Allegra era a que estava equivocada porque não podia ver, e Suzanne sim.

Suzanne elevou os olhos para olhar para Kowalski.

—Corey Sanderson está em uma instituição psiquiátrica para criminosos. Não foi posto em liberdade. Sei com certeza. Fiz que um dos policiais do caso me promettesse que me ligaria no mesmo momento em que houvesse alguma mudança. — Apertou os dentes com força. Nela pareceu bonito. — Esse homem não conseguirá estar a menos de um quilômetro de distância de Allegra nunca mais. Assegurar-me-ei disso.

Naquele momento, Kowalski amou Suzanne e se Midnight não tivesse estado ali, lhe teria plantado um bom beijo na boca, um enorme e sonoro beijo de agradecimento. Ela se preocupava muitíssimo por Allegra, e estava disposta a tomar medidas necessárias para protegê-la. Kowalski amou Suzanne por isso.



Kowalski assentiu. Allegra se endireitou sob seu braço.

—Sei que pensam que estou louca, — disse com aquela encantadora voz tão clara e especial. — mas sei o que ouvi, e o que ouvi é a voz de Corey Sanderson dizendo: “Putá, vai ter o que você merece. Vou matá-la e depois arderá no inferno”.

A voz dela mudou de tom. Kowalski supôs que imitava a esse Sanderson. Foi estranho e horripilante, como se ela servisse de conduto a alguém mais. Por um segundo acreditou, logo olhou para Suzanne. Com lágrimas nos olhos, ela movia a cabeça dizendo que não.

—Allegra ficou fora de minha vista somente um momento. O carro estava à volta da esquina. Havia pessoas na calçada, entrando e saindo do The Garden, mas não muitas e nenhuma delas era Corey Sanderson. Acredite, o teria reconhecido. Corey Sanderson não estava aqui. Posso assegurá-lo.

Cenas retrospectivas. Era a única explicação. Ainda assim, Kowalski não ia correr nenhum risco. Sabia o que tinha que fazer.

—Vamos, querida. —Kowalski apertou o braço ao redor dos ombros de Allegra. — Acredito que sei o que é que acontece. Quero levá-la para casa. Suzanne, Midnight, ligaremos mais tarde, de acordo?

Suzanne abriu a boca, e logo a fechou ao ver a cara e a expressão severa de Midnight. Suspirou, inclinando-se para frente para dar em Allegra um beijo terno na bochecha.

—Falaremos mais tarde, céu, de acordo?

—Era ele. Era Corey. Sei que não acredita em mim, mas era ele. Reconheceria sua voz em qualquer lugar. —O tom de voz de Allegra era baixo e triste. Não protestou quando Kowalski a agarrou pelo braço para levá-la para fora, movendo-se devagar, arrastando os pés, com passo derrotado.

Midnight abriu a porta do passageiro do carro de Suzanne, ajudando a sua esposa a entrar. Kowalski se encontrou com seus olhos por cima do capô. Midnight parecia tão preocupado como Suzanne quando entrou no assento do condutor.

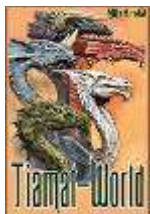
Kowalski ajudou a sua própria mulher a entrar no SUV. Como tinha feito sábado de noite, cobriu Allegra com a manta que levava no assento de trás.

—Já está. Em seguida liguei a calefação. —Ligou para o Jacko com o celular enquanto rodeava o SUV, e se metia dentro.

Kowalski conduziu em silêncio durante dez minutos. Allegra tinha a cabeça um pouco girada. Parecia cheia de sombras pela tristeza e o sofrimento. O coração de Kowalski chorou por ela. Já era o bastante duro ter cenas retrospectivas sensoriais que pareciam reais, para acrescentar a terrível sensação de que ninguém acreditava nela.

Kowalski não era nada hábil para andar dando voltas a um assunto, assim foi diretamente ao ponto.

—Hoje fiquei sabendo como você perdeu a visão. Não foi um acidente, como você me disse. Esse sacana do Sanderson a espancou e matou seu pai. Por que não me disse isso? Por que me deixou pensar que tinha perdido a visão em um acidente?



Allegra seguiu ali sentada em silêncio sem responder.

—Querida?

Allegra tinha o olhar cego fixo nas mãos, que retorcia e girava no colo, uma manifestação física do sofrimento e de sua infelicidade. Quando falou o fez com uma voz monótona, sem inflexão.

—Não lhe disse isso porque não recordo nada. De algum jeito não é algo real para mim. Quão último recordo é o dia seguinte de ter terminado a excursão do verão. A excursão durou dez semanas, toquei em vinte e cinco cidades, e foi espantoso. Estava tão esgotada e deprimida. Toda a excursão foi angustiosa, a música que Corey decidiu que tocasse, as entrevistas que tive que dar, as salas de concerto cada vez mais vazias. E além de tudo isso, também me dei conta que odiava viajar. Odiava ir de cidade em cidade, de um quarto de hotel a outro, odiava a tensão e a falta de privacidade. Odiava os enormes estádios e as salas de concerto, que não são apropriadas para minha voz ou minha música. Aconteça o que acontecer no futuro com minha carreira musical, sei que não quero viajar. Quero fazer alguma gravação de estúdio e tocar em pequenos acontecimentos na área de Portland e... e ter uma vida. Corey já planejava outra excursão interminável para a primavera e eu sabia que a odiaria. Continuamente discutia de tudo com Corey, sobre o tipo de música que programava, sobre as sessões de fotos que tinha organizado, a verdade é que ele tinha prometido a uma revista de fofoca uma série de minhas fotografias em topless com a Dagda, imagina? Tivemos uma briga muito forte sobre isto quando lhe disse que não, porque ele já tinha contratado um fotógrafo famoso e muito caro para a sessão. Foi em Chicago, justo ao final da excursão.

As mãos de Kowalski se esticaram sobre o volante. Menos mal que naquele tempo naquele tempo não conhecia Allegra. Teria quebrado a cara de Sanderson só por sugerir isso.

—Que tipo de brigas tinham? Golpes, empurrões?

—Não, não, nada disso. Eram só diferenças fortes de opinião. Acredito que ele não tinha muita força legal para me obrigar a posar nua, verdade?

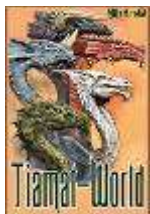
Não e continuar vivo, pensou Kowalski.

—O que aconteceu ao final da excursão?

Allegra levantou as mãos do colo em um gesto de impotência e as deixou cair de novo.

—Não tenho nem a mais mínima ideia. Não recordo absolutamente nada. Do último que me lembro é de estar desfazendo as malas a tarde que voltei do último concerto. Era 2 de setembro. Quão seguinte recordo é que despertei no hospital quase dois meses depois, em 24 de outubro. Meu pai fazia tempo que estava morto e enterrado. Eu estava cega, não podia falar e tinha uma dor constante.

Oh, querida, pensou Kowalski. Ele mal podia imaginar o que tinha sido despertar na escuridão e na dor.



—Sabe o que aconteceu na noite que foi rescindir o contrato com Sanderson? —perguntou Kowalski, com voz áspera.

—Sim, claro. —Ela franziu o cenho. — Quero dizer que me disseram o que aconteceu, primeiro as enfermeiras, e logo Suzanne e Claire. Mas tudo é teoria. Não recordo nada. É como se me contassem a trama de um filme ou de uma novela. Suzanne me disse que eu queria romper o contrato e ela encontrou uma cláusula que podia usar, mas nem sequer isso lembro. Nem sequer uma sensação, entende o que quero dizer? Quão único sei é que despertei e meu pai estava morto e eu cega e com a mandíbula quebrada. — girou para ele com uma expressão muito séria em seu lindo rosto. — Sabe, Douglas? Ainda me custa acreditar nisso. Bom, quero dizer que Corey é um pouco megalomaniaco e um monstro do controle, mas violento? É tão... janota, afetado sabe? Nem sequer vai a filmes de terror porque a violência o incomoda. Suzanne está convencida que ele matou a meu pai e me deu uma surra, mas não sei, não é... não é lógico. Acredito com a cabeça porque ocorreu, mas não com o coração.

A Kowalski não custava nada acreditá-lo. Agora que pensava nisso, Corey Sanderson não saía nas notícias desde... quando? 1998? Assim que esse cara estava acostumado a que o tratassem como o Rei Sol, a dirigir milhões de dólares, a fãs e a um poder absoluto no concernente ao mundo da música, estava no terreno escorregadio do esquecimento que o levava a ser um homem do passado. O negócio da música era brutal, cheio de tubarões que podiam cheirar o sangue a dez quilômetros de distância. Estava claro que esse sacana do Sanderson havia se agarrado em Allegra para fazer seu reaparecimento, mas ela não cooperava e ele a tinha espancado. Allegra podia acreditar que era um almofadinha, um tipo frágil que não era propenso à violência, mas para chegar até onde tinha chegado no competitivo mundo da música popular, Sanderson tinha que ter um coração de ferro.

Kowalski sabia que era o que tinha desencadeado tudo, Allegra e seu pai tinham querido romper o contrato com Sanderson, um contrato que o homem via como a corda de resgate para seu reaparecimento, e tinha perdido o controle.

As cenas retrospectivas que tinha Allegra eram do verdadeiro Corey Sanderson, cruel e violento. Aterrorizou-se ao acreditar que tinha ouvido sua voz. Seu corpo sabia com exatidão quão perigoso era Sanderson, embora sua mente tivesse esquecido aquele dado.

Bom, Sanderson não ia voltar a tocar em Allegra nunca mais, isso seguro.

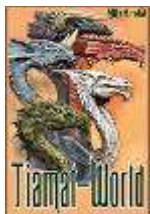
—Ontem, no Lawrence Square, também achou que tinha ouvido Sanderson, verdade?

Allegra assentiu.

—Sim. Estava tão segura... mas você não viu ninguém que coincidissem com a descrição.

Kowalski não respondeu. A verdade estava ali, entre eles, dura e dolorosa. Ele não tinha visto Sanderson nem a ninguém que se parecesse remotamente a ele, a não ser que esse tal Sanderson fosse um gênio do disfarce. Girou na Rua de Allegra.

—Já chegamos, querida. —Kowalski parou o carro justo frente à casa de Allegra. Jacko já tinha estacionado ao outro lado da rua, e estava fora do carro e cruzando a rua quando Kowalski abriu a porta do condutor.



O homem apropriado.

Pela primeira vez, Kowalski se alegrou de que Allegra fosse cega. Teria começado a correr ao ver Jacko. Parecia um delinquente de ruas dos piores, com a cabeça raspada, a roupa andrajosa e os piercings. Ao menos pôs um agasalho impermeável em cima da camiseta rasgada, embora Kowalski sabia que não era pelo frio. Jacko nunca tinha frio. O tinha posto para ocultar o coldre do ombro e seu carregamento mortal.

Kowalski ajudou Allegra a descer, e a fez girar um pouco.

—Querida, quero que conheça... —por um momento, Kowalski ficou em branco. Como diabos se chamava Jacko de verdade? Sabia que era um nome bastante incongruente. Jacko tinha brigado uma vez com um marinheiro que o tinha chamado por seu nome real.

—Morton. —disse Jacko, com uma voz profunda, arrastando as palavras. Tinha viajado muito, mas quando jovem viveu em um camping no Texas Panhandle, e o sotaque texano nunca tinha desaparecido de sua voz. — Morton Jackman. Encantado de conhecê-la, senhora.

Allegra parecia perplexa, mas estendeu a mão. Kowalski se perguntou o que teria pensado ela ao ver sua mão engolida pela garra de Jacko, com as tatuagens de arame de pontas e um enorme anel de prata com uma caveira. Jacko lhe agarrou a mão durante um segundo e logo a soltou.

—Muito prazer em conhecê-lo, senhor Jackman. —disse ela estremecendo de frio. — Ahm, se nos perdoar, temos que entrar em casa.

—Ele vem conosco, querida. —Kowalski lhe passou um braço pela cintura e subiu com ela os degraus do alpendre da casa. Jacko os seguiu.

Se Jacko sentiu curiosidade pelo fato de que Kowalski tinha a chave da porta, ou pela casa de Allegra com a harpa no canto da sala de estar, não demonstrou. Simplesmente ficou ali de pé, em posição de descanso, e esperou ordens. O homem apropriado, pensou outra vez.

Kowalski ajudou Allegra a tirar o casaco, logo a fez sentar-se no sofá e ele se sentou a seu lado, segurando sua a mão.

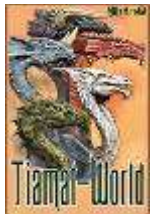
—Escuta, querida. Vou sair umas duas horas. Tenho que averiguar onde está esse Sanderson.

A mão dela o apertou com força.

—Oh meu Deus, Douglas! —gemeu ela angustiada. — Tenha muito cuidado!

Não era violento, uma ova!, pensou ele. O instinto de Allegra sabia que Sanderson era perigoso. Mas nem a metade do que era Kowalski, que ia liquidar aquele fodido doente.

—Tomarei cuidado, não se preocupe por isso. Sei me cuidar. Agora me escute. —Ela estava concentrada nele, apertando com força sua mão. — Se esta tarde você ouviu Sanderson, quer dizer que de algum modo saiu da prisão. Tenho que localizá-lo, mas não



posso fazer nada se estou preocupado por sua segurança. Assim Morton, a quem chamamos Jacko, ficará com você até que eu retorne. Estará a salvo com ele, querida.

Kowalski dirigiu a Jacko um olhar severo. Jacko entendeu à perfeição que se algo acontecia com Allegra enquanto ele vigiava, era homem morto.

O que traz com você?, articulou Kowalski com os lábios, só para assegurar-se. O que você acha?, respondeu-lhe Jacko com o olhar e abriu o agasalho impermeável até que Kowalski viu o extremo de uma arma bastante grande. Também levaria uma pistola de reposto na capa do tornozelo e sua enorme faca dobradiça no bolso dos jeans.

Sim, Allegra estaria bem. Jacko era tão cuidadoso quanto ele. Ninguém o surpreenderia.

—Não sei... — Allegra parecia preocupada.

Jacko se aproximou em silêncio até que esteve diante dela. Ficou de cócoras para que ela não ouvisse sua voz por cima da cabeça.

—Não se preocupe comigo, senhora. —falou arrastando as palavras. — Continue e faça o que faria normalmente, e finja que não estou aqui. Eu me sentarei aqui mesmo até que o major retorne. Não a incomodarei em nada.

—De acordo, senhor Jackman.

—Me de chame Jacko, senhora.

—De acordo... Jacko. Importar-se-ia se eu tocar a harpa? Isso sempre me tranquiliza.

—Não senhora, será maravilhoso.

Jacko, cuja ideia de música clássica era o grupo de rock ZZ Top, piscou. Kowalski sorriu amplamente e ao sair deu a Jacko uma palmada nas costas.

Capítulo 16

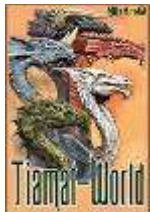
—O que sabe sobre Corey Sanderson, e onde está o sacana agora mesmo? —Kowalski agarrou a única cadeira do quarto de hospital, deu-lhe a volta e se sentou escarranchado.

Encontrou-se com Claire justo na porta e a tinha enviado para buscar café. Parecia agoniada e agradecida de deixar Bud com algum outro. Bud tinha tubos com líquidos entrando e saindo de seu corpo, usava uma dessas horríveis batas de hospital e tinha o cenho franzido.

Kowalski não queria nem imaginar para que eram os tubos e até onde chegavam. Os médicos e os hospitais o faziam sentir-se mal.

Embora Bud estivesse pálido sob a pele morena e tinha profundos sulcos lhe percorrendo as bochechas, parecia vigilante, e isso era bom. Kowalski necessitava a informação de Bud, e a necessitava ontem.

—Olá, major, estou bem, obrigado por perguntar. É agradável saber que há pessoas que se preocupam com a gente. —A voz de Bud era fraca e áspera, mas conseguiu injetar um tom sarcástico.



Kowalski moveu a mão, impaciente. Bud estava vivo. Era tudo o que necessitava.

—Vamos ao que importa, homem. Você ouviu o que aconteceu esta tarde? Allegra ouviu a voz de Corey Sanderson. E também a ouviu ontem. —Franziu o cenho. — Pessoalmente acredito que tem cenas retrospectivas, mas preciso estar seguro de que Sanderson está encerrado sob chave, assim fala. Sabe onde está?

Bud tossiu, uma tosse seca e profunda que o fez estremecer de dor. Com certeza tinham acabado de tirar o tubo do esôfago. Bud reclinou a cabeça, visivelmente esgotado.

—Deus, Kowalski, segue meu conselho e não deixe que atirem em você.

Muito tarde. Em Kowalski tinham disparado quatro vezes.

Aproximou a cadeira um pouco mais, assegurando-se de manter-se afastado do suporte para soros.

—Sanderson. —Lhe recordou ele.

Os olhos de Bud se enfocaram de repente.

—É sobre a Allegra, verdade?

Kowalski assentiu.

—Preciso saber se esse filho da puta está fora. Ouviu sua voz duas vezes em dois dias. Onde diabos está?

Bud suspirou.

—Escuta, quando Claire me contou a história investiguei o tipo. Deixou-me tão furioso como a você que se livrasse do assassinato e da brutal agressão a Allegra. Foi muito má sorte que ela não estivesse em condições de depor. Acredite, se eu tivesse levado a investigação, não teria me rendido com tanta facilidade. Mas me inteirei de tudo isto faz só um par de semanas. —Fechou os olhos por um momento, logo os abriu, com um olhar fixo e feroz. — Pode me acreditar. De verdade, de verdade odeio quando os maus são os que ganham.

Kowalski se sentia exatamente igual, e isso sem falar do fato que Sanderson tinha atacado Allegra. Em sua opinião, só isto já era motivo suficiente para procurá-lo e fazê-lo em pedacinhos.

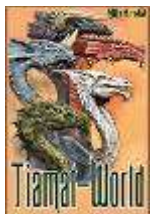
—Sim. — Apertou a mandíbula com força. — Onde está agora esse sacana?

—Sanderson? Está no... — Bud se engasgou e começou a tossir com espasmos, logo gemeu. Seguro que os pontos lhe estiravam.

—Toma. — Na mesinha de noite, havia um copo de água com um canudo. Kowalski o aproximou da mão de Bud, ajudando-o a levá-lo à boca, enquanto Bud se apoiava no travesseiro com a outra mão. O ferido bebeu a metade do copo, logo voltou a reclinar a cabeça. Kowalski se sentou pacientemente na cadeira, com os olhos cravados na cara de Bud. — Quando quiser pode continuar falando. —Lhe indicou.

Bud assentiu.

—De acordo, de acordo. O que aconteceu? Allegra ouviu a voz de Sanderson?



—Duas vezes em dois dias. Tenho que saber se na verdade o ouviu, ela diz que falou com ela e que estava bastante perto para tocá-la, ou se teve cenas retrospectivas.

Bud ficou imóvel.

—Cenas retrospectivas. —Assentiu com lentidão. — Então é que está recuperando a memória. Começa a recordar como o safado matou a seu pai e deu a ela uma surra. Essas não são boas notícias para Sanderson, embora por desgraça não pode ser julgado duas vezes pelo mesmo delito. Teve uma defesa muito boa. Não posso acreditar que se livrasse com uma condenação tão leve. Para resumir, condenaram-lhe à mínima pena por homicídio sem premeditação, três anos. E como o advogado argumentou que o filho da puta tinha sofrido “um impulso incontrolado”, agora está em uma dessas prisões para sacanas ricos que acreditam que podem livrar-se de pagar por um assassinato, em vez de um cárcere de máxima segurança com um motorista de cento e cinquenta quilos que o quer como namorada. Ou seja, que o muito imbecil se livrou de uma condenação por um assassinato do qual nunca poderão voltar para julgá-lo porque Allegra não pôde depor.

—Nem sequer agora, se sua memória voltar? Depois de tudo, ela é uma testemunha ocular... — Kowalski deixou de falar de repente.

—Uma testemunha ocular cega. —disse Bud com voz seca. — Que teve amnésia. Qualquer advogado decente a comeria inteira em acareação e Sanderson tinha os melhores advogados que o dinheiro podia comprar. O fiscal do distrito decidiu tentar conseguir uma condenação por homicídio involuntário e não por assassinato porque Allegra não podia declarar e inclusive se tivesse podido, seu testemunho não se considerou bastante válido para condenar um homem por assassinato. Para que entenda, não importa o que acontecer a Allegra, embora recupere a memória e a visão, Sanderson já foi julgado por esse delito e não pode julgá-lo outra vez.

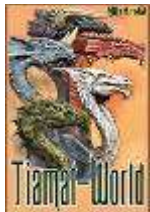
—Não pode ser julgado duas vezes pelo mesmo delito. —Os punhos do Kowalski se fecharam com força.

—Entendeu, grandalhão.

—Então ela não representa nenhuma ameaça para ele. Esse tipo não teria motivos para ir atrás dela.

Bud ficou em silêncio durante um momento, seu rosto parecia ainda mais tenso enquanto o observava com atenção, com as maçãs do rosto se sobressaindo rudes e marcadas.

—Bom — disse por fim—, isso não é de tudo certo. Se Allegra quiser, e tem tempo e dinheiro de sobra, pode processar Sanderson no tribunal civil por morte por negligência. Levá-lo a julgamento por danos e prejuízos. Oh, sim, poderia fazê-lo. — Bud estava entusiasmado com a ideia. — Um jurado civil não estaria preso às regras de procedimento e prova que se aplicam no tribunal penal. Uma jovem e linda cantora de grande talento privada de seu pai, da visão e de sua carreira. Cara, condenariam esse safado em um abrir e fechar de olhos, fariam-no pagar danos e prejuízos até deixá-lo com o traseiro ao ar. Seria um bom golpe para o bastardo. Não só o despojaria de seus milhões, mas também de todo o resto. A Allegra não devolverá seu pai nem a visão, mas por Deus que lhe doeria. —Sorriu feliz ante a ideia. — Mas voltando para a Allegra, não



pode ter ouvido a voz do Sanderson. Está em uma instituição psiquiátrica para criminosos, onde a cada ano revisam as medidas de segurança. Não se pode sair dali. Sanderson com certeza não. Meu companheiro veio para ver-me faz só uma hora para me colocar em dia. Ele teria me dito se Sanderson escapou. Sabe que estou interessado no caso. Assim Sanderson ainda continua lá.

Kowalski não estava tão seguro. Havia poucos edifícios no mundo de onde ele ou Midnight ou qualquer outro Seal não pudesse sair. Embora também fosse certo que, pelo geral, os produtores de música não tinham o treinamento de um Seal. De todos os modos, não ia correr riscos.

—Onde está esse LUGAR? Como se chama?

—Instituto Psiquiátrico e Correcional de Spring Harbor. Conseguem subvenções enormes para investigação. Está a uns sessenta e cinco quilômetros fora da cidade, direção MT. Hood.

Kowalski fez alguns cálculos. Com o tráfego, demoraria quase uma hora em ir e voltar, e outra em averiguar o que queria. Dava igual, não ia retornar para Allegra sem algumas respostas confiáveis. Jacko esperaria e a protegeria o tempo que precisasse.

—Bem, vou verificar isso e ver se Sanderson poderia sair o tempo necessário para aterrorizar Allegra e voltar. —Bud negava com a cabeça. — O que?

—Vejo que não me ouviu no princípio. —Bud elevou a mão esquerda, elevando com ela o tubo intravenoso, para ir marcando cada ponto. Primeiro: está em uma instituição psiquiátrica. Não “deixam” entrar e sair com tanta facilidade aos tipos que há ali, se não perderiam o contrato com o governo e teriam que prestar contas ante o Comitê da Junta das Prisões. Segundo: Seja o que for ou quem é que entre ou saia, não dirão isso a você, um civil. Necessitaria uma autorização, ou ao menos ir com um policial, e eu de momento não vou a nenhuma parte. Terceiro:... que merda faz?

A voz fraca de Bud soou sobressaltada quando Kowalski, com calma, colocou a mão na gaveta superior da mesinha de noite e tirou a insígnia da polícia. A pendurou no cinturão enquanto Bud se esforçava por sentar-se na cama.

—Ouça, nem pense nisso. —disse Bud, respirando com dificuldade quando conseguiu colocar-se meio sentado e estremecendo ao apoiar-se em um cotovelo.

Os dois ficaram olhando-se como dois velhos alces incitando-se com as galhadas. Mas a galhada de Bud tinha sido cortada. Rendeu-se.

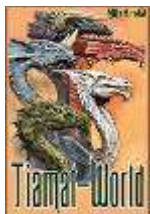
—Ah, merda. —a cabeça voltou a apoiar-se no travesseiro. — Não mate a ninguém enquanto mostra meu distintivo.

—Tentarei. —Kowalski se dirigiu com rapidez para a porta.

Bud elevou a voz.

—E quero recuperar esse distintivo amanhã! Ouviu-me?

Kowalski fechou a porta com suavidade detrás dele e foi para as escadas com movimentos velozes.



Era um lugar para ricos. Para ricos loucos, pensou Kowalski, enquanto caminhava pelo perímetro do Instituto de Spring Harbor. Tinha estacionado o SUV ao meio quilômetro, em um caminho que dava à estrada. Tinha sujado de barro os para-choques e as laterais para que não se destacasse. Ninguém registraria seu veículo entre os outros trinta estacionados ali fora, ante o desproporcionado edifício de onde saía uma música estridente por cada uma das juntas.

Kowalski caminhou com rapidez para o Instituto, deteve-se a um lado da estrada de via dupla, mais ou menos a três metros de um bosque, preparado para meter-se dentro ao primeiro sinal de um carro, mas não havia nenhum em toda a estrada. Só o sol que ia se pondo, árvores altas e antigas que pareciam ainda mais fantasmagóricas sob a luz do crepúsculo, e silêncio.

Percorreu o perímetro amuralhado de uns seis quilômetros até os portões, visíveis à esquerda. Em lugar de ir para ali, deu a volta a todo o muro em sentido contrário às agulhas do relógio, comprovando as medidas de segurança.

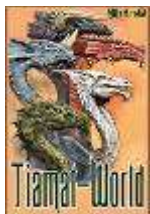
Não eram das melhores, mas não estavam mau. Midnight e ele poderiam ter alguns pequenos problemas para entrar e sair. Não muitos, mas alguns. Havia câmaras de segurança discretamente colocadas em uns postes colocados na parede de pedra a cada seis metros. Cada cinco minutos, as câmaras faziam um percurso completo. Kowalski reconheceu a marca, que tinha um sério defeito de segurança. O ângulo de visão era muito estreito, o que significava que se cronometrasse bem, alguém podia se mover sem problemas pelos pontos mortos. E agora nem sequer tinha que cronometrá-lo porque as câmaras não estavam equipadas com detectores infravermelhos, por isso o único que tinha que fazer era ficar na penumbra das árvores e observar.

Ao final acabou o círculo nos portões, observando-os com a luneta. A placa muito discreta com as palavras Instituto Psiquiátrico e Correcional de Spring Harbor gravadas com letras elegantes. As câmaras de segurança colocadas na entrada eram grandes e muito visíveis. Os portões também eram grandes com a fechadura a dois metros e meio de altura. Uma chapa de aço ampla na estrada que se fecharia ou abriria apertando um botão cada vez que um veículo entrasse ou saísse. Em geral um sistema de aspecto impressionante, e totalmente inútil. Aparentemente à administração não tinha ocorrido que alguém que queria entrar sem permissão ou fugir não usaria as portas da frente.

Entretanto, seguro que impressionava aos médicos que passavam a consulta e aos políticos.

Os muros de seis metros estavam completamente limpos, assim as câmaras poderiam ver qualquer um que tentasse escalá-los. Sem dúvida pelo outro lado estavam igualmente limpos. Uma estupidez. Se Kowalski desenhasse um lugar seguro, não haveria vegetação de nenhum tipo em ao menos nove quilômetros ao redor do perímetro, e no chão só terra limpa com um rastelo que deixasse ao descoberto qualquer rastro, não mato.

Kowalski subiu em uma árvore que estava perto e encontrou o lugar perfeito para colocar-se. De lá de cima viu uma enorme mansão de três andares de finais de século que tinha sido



adaptada ao século vinte e um. Grades em umas lindas janelas com cornija, às quais tinham colocado vidros antibalas. Uma porta de segurança, que tinha substituído o que sem sido uma porta de madeira esculpida em um enorme alpendre branco. Grama clara sem nem árvores. Câmaras de segurança colocadas sob o beiral.

Fechou a luneta. Tinha visto tudo o que tinha que ver.

Meia hora mais tarde, chegava à enorme porta de segurança e apertou o botão de cobre.

—Sim. —disse uma voz.

—Eu gostaria de falar com o diretor. —Câmara movendo-se para baixo, lente que pisca.

—Posso perguntar para que?

—Sim, pode. —Mostrou o distintivo de Bud.

Silêncio, logo um forte estalo e os enormes portões começaram a abrir-se.

Kowalski conduziu pelo caminho de cascalho. Sim, sua primeira impressão tinha sido acertada. Este lugar era para os fodidos loucos ricos. Nunca na vida poderia entrar ali algum pobre ignorante que tivesse matado o pai de alguém e dado uma surra em uma mulher, com a grama bem podada, as discretas barras nas janelas e —ele ouviu ao aproximar-se dos degraus de mármore branco — música de Mozart pelos alto-falantes. A “Sonata nº 4 em Mi bemol maior”. Boa escolha.

Não, certamente que um imbecil comum com problemas para “controlar os impulsos” não estaria aqui. Mas Corey Sanderson tinha muito dinheiro para gastar e nenhuma testemunha ocular.

Kowalski elevou o olhar sem alterar-se por volta das duas câmaras de segurança que havia por trás de uns enormes candelabros e esperou. Um homem gorducho vestido de um branco imaculado abriu a porta. Kowalski decidiu que era um zelador. Sem uma palavra, o homem acompanhou Kowalski por um longo corredor com o chão de madeira reluzente até um escritório que mais parecia de uma multinacional. Havia nele um sofá de um branco impoluto, um tapete branco, paredes brancas, prateleiras brancas, uma secretaria loira platinada com um traje branco escrevendo com o teclado de um computador branco.

A mulher elevou o olhar.

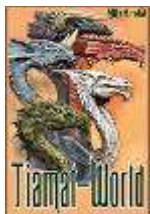
—Sim? —Nenhum sorriso, nenhum cenho franzido, só um educado desinteresse.

—Como se chama o diretor?

—Childers.

—Tenho que falar com ele. Agora.

—Ela. — A temperatura do quarto baixou vários graus. — E lamento, mas temo que no momento não possa falar com a doutora Childers. Está ocupada. —A senhora Recepcionista Glacial fingiu folhear uma agenda de couro branca. — Se quiser um encontro, a doutora Childers estará livre na próxima terça-feira às dez da manhã.



—Será melhor que a doutora Childers deixe de estar ocupada imediatamente. —Kowalski abriu o paletó o suficiente para mostrar o distintivo e o coldre do ombro. Sabia como olhar de forma ameaçadora e mostrar os dentes em algo parecido a um sorriso, que só era uma ampliação da ameaça.

Uns dedos de unhas rosadas se meteram sob a escrivaninha e dois minutos mais tarde outra loira fria com uma bata branca entrou na sala. A doutora Childers, supôs ele.

—Amanda, acreditava que havia dito que só usasse essa campainha em casos de urgência. — disse com voz irritada.

Os olhos de Amanda se desviaram para Kowalski. Ele mostrou os dentes, o distintivo e a arma uma vez mais.

A loira fria apertou os lábios.

—Siga-me.

Levou-o a uma sala grande, arejada, ao lado da sala de espera. Branca, fria e ordenada. Ela se sentou atrás da elegante escrivaninha de carvalho e cruzou as mãos.

—No que posso ajudá-lo, senhor...? — a voz se deteve, convidando o outro a continuar.

—Tenente — disse Kowalski. — Tenente Tyler Morrison do departamento de homicídios da polícia de Portland.

A doutora abriu ligeiramente os olhos, mas se manteve fria.

—Bem, tenente. No que posso ajudá-lo?

—Há um detento aqui, Corey Sanderson. Golpeou um homem até matá-lo e aleijou a uma jovem.

A doutora Childers apertou os lábios.

—Temos um paciente com este nome, sim. O senhor Sanderson. Está respondendo muito bem ao tratamento. É um homem muito culto e um grande entendido em música. Um pianista dotado. Precisamente a outra tarde tocou para uma delegação que veio nos visitar. — Um tênue sorriso apareceu em seu rosto. — Mozart e Schuman. Foi lindo.

O sacana sabia tocar algo mais que as teclas do piano, pensou Kowalski. Havia tocado muito bem as teclas da doutora Childers.

—Sim, senhora. —replicou ele. — Nos perguntávamos se além de tocar o piano, pode escalar paredes.

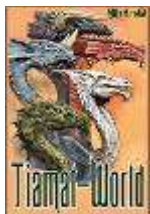
Ela ficou imóvel.

—Perdão?

—Temos uma testemunha ocular de confiança que situa Corey Sanderson no Lawrence Square ontem às dezesseis horas. —mentiu Kowalski sem nenhum remorso. — E hoje fora do The Garden, um restaurante no Stillwell. Por volta das treze horas e trinta minutos.

A doutora Childers cravou nele um olhar inexpressivo, logo voltou a frieza a seus olhos.

—Temo que sua testemunha ocular se confunda, tenente. O senhor Sanderson não abandonou este estabelecimento há três meses. Para ser exato, desde o julgamento.



—E condenação. — indicou Kowalski, e viu que um leve rubor cobria aqueles traços pálidos e severos. — Pode ser que seja como você diz, doutora, mas eu gostaria de ver por mim mesmo o senhor Sanderson.

—Temo que não seja possível. — respondeu a boa da doutora, não sem satisfação. — Há normas. Você precisaria de uma autorização.

Ele tirou o celular.

—Bem, doutora, isso não é nenhum problema. Tenho o juiz na discagem rápida. — Kowalski a olhou diretamente nos olhos. Ele era capaz de fazer chorar ao recrutar mais resistente só através do contato visual. Apostaria qualquer coisa que a mulher não suportaria mais de dez segundos. Um, dois, três...

—Oh, de acordo. — Irritada, a doutora Childers se levantou, estirando com meticulosidade a bata branca. — Siga-me. Verá por você mesmo por que ao senhor Sanderson seria impossível deixar o estabelecimento.

A segurança era melhor do que tinha imaginado. Não enorme, não impossível de contorná-la, mas certamente não estava no papo. A voz brusca e aborrecida da doutora Childers ecoou no amplo corredor.

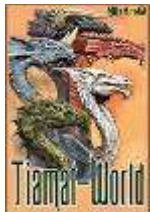
—Embora me pareça excessivo, segundo minha opinião profissional, o senhor Sanderson foi confinado na ala C. Os pacientes desta ala se mantêm isolados. Isto quer dizer...

—Sei o que quer dizer isolados, doutora. Só quero saber quão eficaz é esse isolamento. — dirigiu-lhe um olhar que era puro veneno no momento em que chegaram ao final do corredor. Em um princípio, a porta devia ter sido de uma elegante madeira artesanal, como as outras que havia ali, mas tinha sido substituída por uma prancha branca de aço. A doutora Childers pôs o indicador ante uma tela verde e esperou enquanto a tela ia enchendo-se de brilhos de luz verde, comparando as bordas com as impressões digitais da base de dados do pessoal.

Tinham segurança biométrica. Era condenadamente difícil burlar a segurança biométrica. Possível, mas condenadamente difícil. O mais provável é que tivesse que cortar o dedo de alguém para passar.

A porta abriu silenciosamente e entraram. Ali havia mais medidas de isolamento. Nesta seção não havia nem um ruído, embora houvesse enfermeiras e zeladores entrando e saindo, empurrando carrinhos e suportes de intravenosos, e empurrando doentes em cadeiras de rodas.

Kowalski olhou a seu redor com curiosidade. A decoração era espartana, mas elegante, e as medidas de segurança discretas. Parecia-se muito mais a uma mistura de clínica particular e hotel elegante que a uma prisão. Nada mais que o melhor para o homem que tinha matado o pai de Allegra e a havia agredido, deixando-a em coma e cega.



A doutora se deteve na terceira porta, examinando com rapidez a janela com malha de arame incrustada na parte superior da porta. Na parede, ao lado da porta, havia um pequeno teclado alfanumérico.

A doutora Childers fez um gesto a uma enfermeira que passava, pediu-lhe em voz baixa o gráfico do paciente do quarto três e se afastou a um lado para que Kowalski pudesse olhar o interior.

O quarto estava bastante bem equipado, com uma cama alta de hospital, um sofá, uma mesa de madeira de design com duas cadeiras, uma prateleira cheia de livros, um pequeno equipamento de alta fidelidade de última tecnologia de uma marca sueca muito cara, e uma extensa coleção de CDs. Na parede da esquerda havia uma porta que supôs que conduzia ao banheiro. Nenhum espelho nem nenhum quadro.

Aos assassinos loucos e ricos tratavam muito bem aqui.

Um homem jazia de costas na cama conectado a um tubo intravenoso. Cortou o cabelo loiro que antes chegava até os ombros, não ia vestido com elegância e era difícil calcular a altura estando deitado, mas era ele, o homem que Allegra havia descrito. Corey Sanderson.

Kowalski olhou com severidade ao homem que tinha dado uma surra em Allegra, sentindo como o sangue lhe queimava nas veias. Matar o safado não solucionaria nada, mas de todos os modos, ansiava fazê-lo. Obrigou-se a mostrar uma expressão impassível antes de virar-se de volta.

—Suponho que estaria disposta a jurar que ele não saiu deste edifício, e que não o fez nem ontem nem hoje.

A voz da doutora foi fria e tranquila.

—Estaria disposta a jurar não só que o senhor Sanderson não saiu do edifício, mas também não abandonou este quarto. Teve — por um momento pareceu aflita. — um... um episódio na sábado pela tarde. Um episódio psicótico. Quebrou todos os móveis de seu quarto. Tive que substituir quase tudo. E ele tinha estado fazendo tão bem, seus parâmetros... bom, não importa. O caso é que nos obrigaram a lhe subministrar um sedativo na sábado, ontem e outra vez esta manhã. Acredite-me, embora as portas do edifício tivessem estado totalmente abertas, o senhor Sanderson teria sido incapaz de sair daqui. Em realidade é incapaz de andar. Tivemos que sedá-lo com uma dose bastante grande.

—Certo. —Kowalski observou o homem imóvel da cama, odiando cada célula, cada molécula dele. — Que dose e que sedativo?

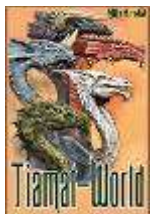
Ele girou a cabeça ante o silêncio da mulher. Ao final a doutora Childers disse:

—É necessária esta informação?

Kowalski meteu a mão no bolso, deixando ver de propósito o distintivo de Bud.

—Sim, doutora, é.

—Oh, está bem. — A contra gosto, a doutora verificou a pastas que lhe tinha dado uma enfermeira. Percorreu o papel com os olhos. — Vejamos... ao paciente se administrou 120 mg de Thorazine na sábado de noite às nove e meia, como consequência de um violento ataque psicótico. A dose habitual é de 100 mg, mas o senhor Sanderson estava muito... agitado. E



continua estando agitado logo que passam os efeitos da dose. Depois do sábado lhe injetaram duas dose de 120 mg. Em termos técnicos, tenente Morrison, essa dose é suficiente para derrubar um cavalo.

Kowalski pensou atentamente. Meticulosidade. Não deixar nenhum cabo solto.

—Como sei que de verdade lhe administrou o sedativo?

Uma cor rosada apareceu nas bochechas da doutora Childers. Golpeou a pastas com uma unha de uma manicura perfeita.

—Porque eu estou dizendo!

—Tudo bem. —O olhar do Kowalski era firme. Repetiu com um tom impassível— Como sei que de verdade lhe administrou o sedativo? Como sei que não se limitaram a colocá-lo nessa folha de papel? Como sei que Corey Sanderson não saiu daqui, sentindo-se seguro ao saber que tem um álibi porque alguém rabiscou algo em uma folha de papel?

Agora as bochechas da doutora Childers estavam vermelhas.

—Nunca ouvi algo tão impertinente! Você está sugerindo que nossos registros estão falsificados?

—Não sugiro nada. Quão único digo é que temos motivos para acreditar que Coery Sanderson estava fora da instituição ontem e hoje e só tenho sua palavra de que ele não estava.

—Minha palavra e o registro médico.

—Tubo bem. — Kowalski cravou os olhos na doutora durante um par de minutos. Manteve o olhar. Sem dúvida pensava que podia intimidá-lo. Bom, a mulher não sabia a quem tentava intimidar. Era condenadamente seguro que não ia voltar atrás porque uma doutora esnobe deslumbrada por um assassino o olhasse com os olhos entreabertos. — Juraria isso ante um tribunal?

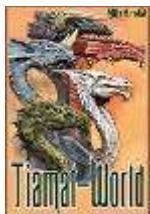
Ela continuou olhando-o fixamente, muito segura de si mesma.

—Sim, tenente.

Kowalski tomou uma decisão em um milésimo de segundo. Poderia obrigá-la a que tomasse uma amostra de sangue e analisá-la, mas era ilegal e sabia. Ainda mais importante, ela sabia. E isso colocaria Bud em um sem-fim de problemas, porque a doutora Childers apresentaria uma queixa ao departamento de polícia de Portland no mesmo instante em que a porta da clínica se fechasse detrás dele. Kowalski substituíria um oficial de polícia e não tinha nenhum direito a estar ali.

Se a segurança de Allegra dependesse disso, ele mesmo entraria e tomaria uma amostra de sangue, e certamente não se esmeraria muito na hora de lhe cravar a seringa de injeção. Mas em geral, sopesando os prós e os contras, Kowalski perderia mais que ganharia se o fizesse.

—Quero uma cópia do histórico clínico do senhor Sanderson. — Aí pisava em um terreno mais seguro. A doutora Childers se oporia ao princípio, mas ele tinha direito a solicitá-lo.



—O que? —Por um segundo, a máscara de arrogância profissional da doutora Childers desapareceu. Ficou com a boca aberta, assombrada. Inspirou uma baforada de ar. —Quer o que?

—Já me ouviu. —O olhar do Kowalski era duro e imperturbável. — Quero uma cópia dos registros dos três últimos dias.

—Isso está fora de toda questão, tenente. —A doutora Childers o olhou irada. — Seria uma violação excessiva da privacidade do senhor Sanderson. A única forma de que aceitasse isso seria com uma autorização, assim você vá ver seu juiz, traga uma e depois falaremos. —Para maior ênfase, a mulher cruzou os braços sobre o peito fraco e ossudo.

Kowalski se moveu cortando a distância, invadindo seu espaço privado, tocando-a com a ponta do pé. Alarmada, a doutora Childers deu um passo atrás, logo se deteve antes de dar outro. Era psiquiatra, conhecia a linguagem corporal. A retirada física era o eco da retirada psicológica.

Kowalski manteve o tom de voz baixo e letal.

—Consegurei a autorização, não duvide, doutora. O que acontece é que me levará um pouco de tempo fazê-lo e tudo o que você diz que colocou nas veias desse saf... tipo, poderia ser que o sistema já o tivesse absorvido, assim nenhuma vez poderei estar seguro, verdade? E se isso ocorre se tiver que esperar os resultados para que ao final estes sejam pouco concludentes, — Se aproximou um pouco mais com expressão dura e decidida. — zangarei-me muito. Conforme eu entendo, doutora, isso seria obstrução à justiça, e é algo que não tomo levemente. Meus companheiros tampouco tomam levemente a obstrução à justiça. Assim poderíamos supor que você está escondendo algo, hmmm? E nos veríamos forçados a aprofundar a investigação para averiguar se esconde algo. E posso lhe garantir doutora, — deu outro passo para diante, satisfeito ao ver que ela retrocedia sem querer. — que viraremos esta instituição ao avesso. Estaremos aqui dia e noite, muitos dias e muitas noites, repassando cada papel que tenha arquivado, e se encontrarmos algo, qualquer coisa, e falo de uma aspirina mal receita, doutora, você vai pagar.

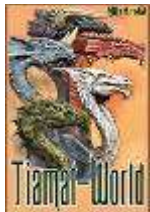
Era uma bravata. As drogas já teriam desaparecido quando se emitisse uma autorização. Mas Kowalski sabia como injetar a ameaça na voz e na expressão. Com dissimulação deu outro passo para frente, endireitando os ombros, apresentando um contorno maior. Psicologia básica. Ele era uma ameaça iminente e quão único queria agora a mulher era desfazer-se dele.

A doutora Childers ficou branca. Kowalski se perguntou do que ela tinha medo, embora em realidade lhe importava uma merda. Estava enfocado em uma missão. A missão agora mesmo era averiguar se esse safado do Sanderson havia ou não reatado suas atividades normais nos dois últimos dias e tinha aterrorizado Allegra.

Kowalski e a doutora Childers ficaram ali um diante do outro, em um combate de olhares, e ele ganhou. Branca como o papel, a mulher foi ao posto das enfermeiras e voltou com uma pasta. A estendeu com dois dedos para evitar tocá-lo, como se ele fosse um leproso.

—Espero que agora esteja satisfeito, tenente. —disse ela com muita frieza.

—Depende. —respondeu ele e se afastou.



Era bastante tarde quando Kowalski chegou à casa de Allegra. Deteve-se em um laboratório que sua empresa tinha utilizado algumas vezes, e conseguiu que um técnico de lá avaliasse a informação médica. O rato de laboratório tinha usado mais ou menos a mesma linguagem que a doutora Childers.

—O cara é, para todos os efeitos, um defunto desde sábado. — Havia dito alegremente. Sanderson não tinha estado em nenhuma outra parte que deitado de costas na cama.

O que significava que Allegra tinha cenas retrospectivas da noite em que Sanderson tinha matado a seu pai e a havia agredido. Embora Kowalski duvidasse que corresse algum perigo real, tinha tomado precauções, incluindo a gargantilha que manuseava nesse momento no bolso.

Allegra estava tocando e cantando com brio, e as notas ficavam flutuando no ar da noite enquanto ele se aproximava do alpendre.

Tinha ligado antes para Jacko para lhe dizer a hora aproximada em que chegaria. As pessoas não entram sem avisar onde há um homem armado e alerta, trabalhando de guarda-costas, sobretudo se esse homem é um excelente atirador e com reflexos rápidos.

Deu uma batida na porta, gritou “Eoo”, colocou a chave, abriu e entrou. Allegra estava com a harpa e Jacko em uma poltrona giratória de maneira que podia olhar a ela e à porta, com a arma sobre o joelho e o dedo no gatilho.

A música se deteve.

—Douglas? —Allegra ficou em pé e se separou da harpa. Kowalski atravessou a sala com rapidez e a estreitou entre seus braços. — Alegro-me que tenha retornado. — resmungou contra o casaco.

—Sim. —Kowalski apoiou a bochecha na cabeça dela durante um momento, logo a beijou, e a acompanhou à cozinha. — Farei para você um pouco de chá dentro de um momento.

Ela compreendeu que tinha que falar com Jacko.

—Certo. —disse com voz baixa enquanto se sentava, cruzando as mãos sobre o colo.

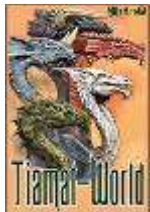
Jacko ainda estava sentado na poltrona. Quando Kowalski se aproximou, ele elevou os olhos com um olhar ausente. Oh, Deus. Tanto tinha se aborrecido?

—Obrigado, homem. — Kowalski deixou cair a mão sobre o ombro de Jacko. — De verdade lhe agradeço isso. Pode ser que não fosse necessário, mas me fez me sentir melhor.

Jacko piscou e pareceu voltar a si.

—Essa música. — o via aturdido.

—Sim. É um hábito que se aprende. E não está a cem decibéis, como seus grupos de rock favoritos. Alguns de nós gostamos da música que está escrita com suas notas correspondentes.



O gosto musical de Jacko era legendário. Kowalski o tinha acompanhado uma vez a um concerto de seu grupo favorito, e tinha demorado três dias para recuperar a audição.

—Linda. —murmurou Jacko. — Tão linda.

Kowalski o olhou com severidade e o cheirou. Não, Jacko não tinha estado bebendo o excelente uísque de Allegra. Sentiu-se envergonhado. Jacko nunca beberia enquanto estivesse trabalhando.

—Tudo bem. — Estendeu ao Jacko seu agasalho impermeável, ansioso por livrar-se dele e voltar para Allegra. — Muito obrigado. Você foi de grande ajuda. Devo uma a você. Conta comigo quando necessitar um favor, de acordo?

Jacko girou a cabeça pouco a pouco para olhar Kowalski e piscou. Maldição! Tinha estado bebendo?

—Essa música. —sussurrou Jacko. — Tão triste. Tão linda. Ela é tão linda.

Oh, Jacko tinha caído sob o feitiço de Allegra.

—Pois sim, é. Uma moça bonita e uma música bonita. Poderia escolher algo assim a próxima vez. — Geralmente, as companheiras sexuais de Jacko tinham mais tatuagens e piercings que ele.

Kowalski deslizou a pistola de Jacko em seu coldre e elevou o agasalho impermeável para que ele pudesse passar os braços. Quando Jacko ficou ali parado, Kowalski o conduziu até a porta da rua, deu-lhe uma palmada nas costas com a qual o fez sair fora e disse:

—Obrigado outra vez. — E fechou a porta.

A próxima vez, encontraria um guarda-costas gay para Allegra. Uma pena que não pudesse ser um Seal. Não havia gays entre os Seals.

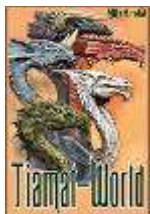
Allegra estava onde ele a tinha deixado, sentada em uma cadeira da cozinha, triste e decaída. Tocou-lhe um ombro, inclinando-se para beijar sua cabeça. Três minutos mais tarde, o chá de baunilha, seu preferido tal como ele tinha descoberto, fumegava diante dela. Allegra rodeou a xícara com as mãos como se necessitasse o calor, mas não bebeu.

—E bem? O que averiguou? —Perguntou ela por fim.

Kowalski se sentou a seu lado, pondo uma mão no seu joelho para que pudesse sentir sua presença. Agarrou a mão de Allegra e a manteve com firmeza entre as suas.

—Bom, fui ao instituto psiquiátrico onde está detido Corey Sanderson. O Psiquiátrico de Spring Harbor. —Ela deu um salto ao ouvir o nome de Sanderson. — Verifiquei tudo atentamente, querida. O tipo está isolado, o que significa que não pode entrar nem sair de onde está. O lugar é tão seguro como uma prisão. É uma prisão. E não só isto, aparentemente Sanderson teve uma espécie de episódio psicótico na sábado de noite e o empanturraram de psicotrópicos. Sanderson esteve em uma camisa de força química desde sábado. É impossível para ele ir a algum lugar cheio de drogas até o pescoço, assim hoje não pôde ser ele. E tampouco pôde ser ele ontem.

Ela escutava com a cabeça um pouco girada para um lado, sem tentar em nenhum momento expressar o que pensava. Estava sentada muito quieta. Tinha entendido o que lhe havia dito?



—Querida? —Estava muito pálida e com a pele gelada. Kowalski franziu o cenho, levantando sua mão e levando-a aos lábios. — Entende isso? Não corre nenhum perigo. Corey Sanderson não está em liberdade. Está preso. Não pode machucá-la, não. Não está em perigo. Ela não reagia e ele começava a assustar-se.

—Allegra?

—Suponho que isto quer dizer que estou ficando louca. —sussurrou por fim com voz rouca. Girou a cabeça para ele com expressão assustada. — Douglas juro a você que ouvi a voz de Corey. Juro-lhe isso. Ninguém acredita em mim. Por que ninguém acredita em mim?

Kowalski tinha o coração em um punho ante o sofrimento do rosto de Allegra.

—Sim, você ouviu sua voz, só que não era uma voz de hoje ou de ontem. Ouviu-a faz cinco meses. É um fenômeno perfeitamente normal. —Fechou os olhos. Grande idiotice acabara de dizer. Ser cega e ter amnésia era tudo menos normal. — O que quero dizer é que tem amnésia temporária devido a uma severa concussão cerebral. Está recuperando a memória. Seu cérebro te envia mensagens há cinco meses, isso é tudo, como... como um correio eletrônico sem receber que por fim está chegando. O que ouviu ocorreu, mas não agora. De maneira nenhuma você está ficando louca.

Estava escutando-o? Ainda tinha o rosto pálido, distante.

—Deveria ir agora. — Seus lábios tremiam. Era como se lhe arrancassem as palavras. — Vá.

O que?

Ela se inclinou para trás, afastando a mão, rompendo a conexão física entre eles.

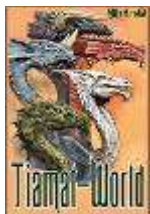
—Vá, Douglas. Vá agora, saia daqui. O que faz aqui comigo? O que pode esperar de mim? Só sou um problema para você. Vá enquanto pode.

—Está dizendo tolices, Allegra.

—Não, não é verdade. —sussurrou ela com olhos frágeis. — Por fim eu enfrento à realidade. Oh Deus, Douglas, estou... cega. Digo a mim mesma que melhorarei, que me submeterei a essa operação, mas... é muito possível que fique cega para o resto de minha vida. E ouço... — a voz tremia. —... ouço vozes. Tenho pesadelos. Minha cabeça dói sempre que me esforço muito em pensar não sei o quê. Sou como um navio que está afundando. Deveria fugir enquanto pode, não sou mais que uma carga para você.

O coração de Kowalski deu um tombo no peito. Oh querida, pensou ele. Não ia suportar escutá-la falar assim nem um segundo mais.

—Não, não. Escute-me. — Manteve a voz tranquila e lhe agarrou as mãos. Ela tentou retirá-las, mas ele as segurou com mais força. — Escute-me bem. Não posso acreditar que esteja dizendo isto. Não é uma carga, é uma alegria. É linda, com talento, e inteligente. Nunca teria imaginado que estaria com uma mulher como você. É o melhor que me ocorreu na vida, sem exceção. Nunca me senti assim antes, Allegra. Eu...



Engoliu com dificuldade, consciente que estava a ponto de dizer palavras que jamais havia dito a alguém. Consciente que estava a ponto de cruzar uma linha. Consciente que sua vida não voltaria nunca mais a ser a mesma.

—Amo você. —disse com voz baixa. — Tanto que me assusta. Só faz alguns dias que a conheço e ainda assim é como se a tivesse amado toda a vida. E sei que a amarei durante o resto de minha vida.

Era um discurso desvairado e ao mesmo tempo muito verdadeiro. Nada do que sentia por ela tinha algum precedente em sua vida. Tinha tido sexo a intervalos durante dois anos com uma secretária da base e mal recordava seu rosto. Tudo sobre Allegra estava gravado em seus neurônios. Juraria que seu último pensamento nesta vida seria para ela.

—Oh, Douglas. —Uma solitária lágrima deslizou por aquela bochecha de pele de marfim. Ela se inclinou para frente, lhe rodeando o rosto com as mãos e imobilizando sua cabeça, com a palma diretamente sobre essa cicatriz tão feia, para saber onde estava sua boca e beijá-lo.

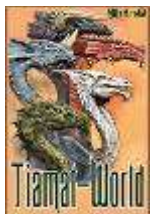
Ao princípio o beijo foi tentativo. Era um beijo estranho, dava medo e ao mesmo tempo era estimulante. O primeiro beijo de amor de Kowalski. Um leve roçar dos lábios, suave e quente. Um agitar de asas, provando, como se fossem dois adolescentes que beijassem pela primeira vez. Explorando. Ele pousou os lábios na curva de sua mandíbula, subindo para a maçã do rosto alta e delicada. Estendeu os dedos sobre o cabelo, lhe rodeando a cabeça, segurando-a para explorar seu rosto com a boca. Foi depositando suaves beijos nas pálpebras fechadas, nas têmporas, ao longo da mandíbula, enterrando o rosto em seu pescoço. Lambeu-lhe a pele do pescoço, passando a língua pelos tendões. Ela inclinou a cabeça a um lado para lhe dar um melhor acesso. Ele abriu as pesadas pálpebras o tempo suficiente para ver que Allegra tinha um tênue sorriso em seu rosto, logo os fechou outra vez. Não necessitava a visão. Bastava cheirando-a, sentindo-a, saboreando-a. Estava no céu.

Poderia ficar neste lugar para sempre, neste mundo especial que cheirava a primavera, feito de toque ternos e suspiros suaves. Os lábios foram sem rumo até encontrar os dela. Aqui, neste lugar encantado, não existia o tempo. Esqueceu onde estavam, todo seu mundo se reduzia à boca e às mãos daquela mulher que lhe rodeavam a cara.

Kowalski nunca tinha dado muita importância aos beijos. Mas como as mulheres gostavam, ele aprendeu a beijar bem ao longo dos anos. Com seu aspecto, precisava usar todas as municações possíveis para não ir sozinho para cama. Assim podia beijar como o melhor enquanto calculava quanto tempo necessitaria para ficar nu e em posição horizontal com a mulher a quem estivesse beijando.

O de agora era algo completamente diferente. O de agora era aprender a forma da boca de Allegra, o rosto, outra vez, averiguando o que gostava ela pela pequena mudança de respiração. Quando lhe tocou a língua, a descarga foi tão elétrica que viu luzes detrás dos olhos. Foi tão intenso que voltou para os beijos suaves e tentativos de antes, leves e breves.

Era algo completamente novo para ele. Quando os beijos se tornavam ardentes, o que queria Kowalski era ir direto ao sexo, era em quão único podia pensar. Frequentemente beijava



acariciando a mulher, deslizando a mão pelos seios e o sexo. Tinha aprendido a beijar enquanto com a mão a tocava até que estava o bastante molhada para fodê-la. E no momento em que comprovava que sua companheira de cama estava o bastante molhada para o pênis era quando deixava de beijá-la.

Agora estava duro, preparado para o sexo, mas embora o desejo apaixonado estivesse ali, era algo remoto e distante. Neste momento poderia prescindir do sexo sempre que pudesse ficar para sempre onde estava, na gloriosa Terra de Allegra, com os lábios unindo-se e separando-se e unindo-se outra vez.

Era a mesma Allegra quem o estava transportando ao seguinte nível. Gemia e se apertava contra ele, abrindo a boca, ansiosa por um maior contato. Ela inclinou a cabeça, inspirou profundamente e começou um beijo longo, úmido, infinito e abrasador, rebolando para aproximar-se tanto como pudesse a ele, lhe enroscando os braços pelo pescoço.

Kowalski a elevou e a colocou no colo e ela se apertou contra ele, tensa e excitada, começando a respirar com dificuldade. Aderia-se a ele como se Kowalski estivesse a ponto de partir e tentasse com desespero fazer com que ficasse.

Tinha as bochechas molhadas.

—Ei, ei. —murmurou ele, levantando a cabeça. Ela enterrou o rosto em seu pescoço, agarrando-se a ele, desesperada. Beijou-a na cabeça para reconfortá-la, e nos lábios por prazer. — Não vou a nenhuma parte, já sabe. Estou aqui, o tempo que você quiser.

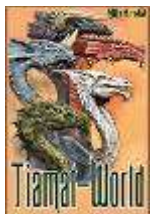
Moveu-se inquieto, consciente que o quadril de Allegra estava a meio centímetro de sua ereção. Tentou que não houvesse nada sexual na maneira como a tocava, perguntando-se como fazê-lo tendo entre seus braços a mulher mais desejável do universo. O abundante cabelo lhe acariciou os braços, o delicado aroma flutuou até as janelas do nariz. Estava tão quente que pensou que se consumiria em chamas.

Devia esfriar um pouco as coisas, pelo bem dela. Talvez Allegra não quisesse sexo agora, talvez só quisesse que a reconfortasse. Com toda a força de vontade que pôde reunir, tentou arrancar da mente o pênis ereto, esquecer que os pequenos seios lhe estavam pressionando o tórax, não pensar em que aqueles lábios estavam tão perto de seu pescoço que notava os pequenos sopros de seu fôlego.

Ela estava traumatizada. Não era um bom momento para o sexo.

Allegra soltou um pequeno e sensual suspiro e girou a cabeça para morder seu pescoço com delicadeza. Moveu os quadris, meneando-se sobre a ereção, mordendo-o mais forte ao notar que inchava ainda mais. A sensação dos dentes pequenos no tendão do pescoço ao mesmo tempo em que esfregava seu pênis, eletrificou-o.

Bom, talvez sim fosse um bom momento para sexo. Levantou-se com ela entre seus braços. Discutiu consigo mesmo enquanto ia ao quarto e se rendeu ao chegar a ele. Estava levando muito tempo, pensou. Necessitava que os dois estivessem no dormitório, nus, na cama, já.



Moveu-se tão rápido como pôde, funcionando apenas por instinto, e em um momento estava ao lado dela da cama, e sem deixar de abraçá-la foi descendo para o chão. Ela manteve os braços ao redor de seu pescoço, beijando-o freneticamente e esfregando-se contra o pênis, rindo quando sentiu inclusive através das roupas de ambos, como se inchava ainda mais.

—Agora, agora, agora! —cantarolou enquanto o beijava, tirando uma das mãos que tinha ao redor de seu pescoço para colocá-la no peito, e logo deslizá-la para baixo, até o pênis. O agarrou por cima das calças, meneando-o em um movimento longo até a ponta, e logo para trás.

Kowalski tinha que penetrá-la ou morreria. Nem sequer podia esperar até despir-se.

Beijando-a profundamente, passou a mão por debaixo da saia para lhe tirar as calcinhas, logo com uma mão desabotoou as calças e as baixou junto com a cueca somente o suficiente para que o pênis saltasse de alegria ao ver-se livre, e com o outro braço a deitou. Allegra estava preparada? Deslizou os dedos pelo sexo, acariciando os lábios inferiores e sim, estava molhada, mas não o suficiente, nem muito menos.

Introduziu-lhe um dedo. Ela era tão sensível ali como era na boca. Notava como seus músculos respondiam aos ataques de sua língua e quando começou a devorá-la com a boca, seus músculos internos se contraíram ao redor do dedo. Allegra já estava se aproximando do clímax, quase antes de estar bastante excitada para poder tomá-lo.

Isso foi muito para ele. A fez estender-se subiu em cima, colocou-se e começou a penetrá-la.

Os beijos agora eram selvagens, devorando os lábios, chocando-se com os dentes, enredando as línguas. A cada segundo que passava ela estava mais molhada, assim empurrou com firmeza até que se deteve, meio dentro dela, respirando com dificuldade. A mente se fundiu ao sentir o fogo da vagina, apertada e suave. Allegra levantou os joelhos permitindo a ele um maior acesso, abrindo-se e ele pôde deslizar-se até o fundo, totalmente dentro dela.

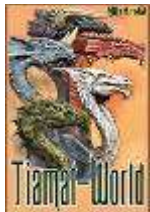
Os dois ficaram quietos, ofegando. Kowalski elevou a cabeça para olhá-la. Allegra não tinha querido luz naquela primeira noite de fazia um milhão de anos, mas de fora entrava a suficiente para ver seus traços. A pele era tão pálida, era como ter sua própria lua debaixo dele, junto a ele, para seu uso pessoal. Os lábios dela estavam inchados e molhados como a vagina. Molhados para ele. Por ele.

Aqueles gloriosos olhos verdes estavam fechados com os longos e lindos cílios escuros criando uma sombra na palidez das bochechas.

Tinham as roupas enroladas. Ele queria sentir aquela suave pele nua em sua própria pele ao começar a foder, não!, corrigiu-se mentalmente, ao fazer amor. Kowalski tentava averiguar como conseguir despir a ambos, planejando os movimentos, começando a tirar os sapatos com a ponta do pé antes de descer as calças, quando ela o surpreendeu.

Ele estava lutando com os sapatos quando Allegra lhe rodeou o rosto com as mãos, girou-lhe a cabeça com delicadeza e pôs os lábios no seu ouvido. O beijou com suavidade e sussurrou.

—Eu também o amo, Douglas.



Kowalski explodiu. Não havia outra palavra para definir. Empurrou uma vez, com força, sentindo correr a eletricidade ao longo da espinha dorsal e gozou com jorros intermináveis, fincando os sapatos no colchão para penetrá-la, empurrando o mais forte que podia. Rompeu a suor e começaram a lhe brotar lágrimas dos olhos. Estava indefeso e incapaz de deter as reações, só podia agarrar-se a Allegra com desespero enquanto subia em um estalo de chamas, com cada célula de seu corpo consumindo-se em uma bola de fogo.

O major Kowalski, o guerreiro duro e solitário, morto em uma explosão cegadora de fogo e luz e substituído depois, muito depois, pelo Douglas, o homem amado.

Allegra despertou com Douglas apoiado em suas costas, cobrindo-a. Ontem à noite tinham feito amor e logo ela caiu adormecida em um sonho sem sonhos, como uma pedra afundando-se no mais profundo do oceano. Recordou vagamente ter dormido com ele em cima dela, dentro dela.

Agora os dois estavam nus. De algum jeito, durante a noite, Douglas tinha tirado a roupa ambos sem despertá-la.

Sentia cada centímetro glorioso, nu e peludo da parte da frente dele ao longo das costas. Estava muito excitado. Notava o pênis ereto lhe pressionando o traseiro. Algo — alguma parte de sua memória — lhe dizia que tinha estado assim durante muito tempo.

Humf! Doía nos homens quando estavam eretos e não faziam amor?

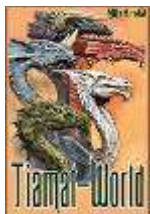
Rebolou um pouco e ele a abraçou com mais força.

—Bom dia, amor. —retumbou ele em sua orelha e a acariciou com o nariz. A pele de Allegra arrepiou. Como podia despertar preparada para o sexo depois de ontem à noite? E ainda assim estava não havia nenhuma dúvida. A enorme mão de Douglas deslizou por seu estômago, apoiando a palma no púbis, e ela sabia o que encontraria se continuasse baixando a mão. Já estava molhada. Ou era ainda? Talvez ela mesma tivesse tido toda a noite o equivalente a um pênis ereto ao ter o corpo preparado para o sexo com Douglas. Talvez inclusive, na inconsciência do sonho, quão único precisava era a presença de Douglas, que ela registrava em um nível primitivo, no nível do aroma e o contato, e seu corpo se preparava para ele.

Inclusive antes que a mão cheia de calos acariciasse seu seio, os mamilos estavam duros, e tão sensíveis que quase —só quase— lhe doeram quando rodeou o seio, fazendo círculos sobre o mamilo com um dedo.

Estava preparada, totalmente preparada para ele.

Nunca lhe tinha acontecido isto. Com outros amantes, sempre tinha sido lenta para excitar-se, tão lenta que alguns homens se queixaram. Inclusive tinha se resignado a acreditar que era uma amante fria. Frígida não, tinha tido sua parte de orgasmos, mas sim fria.



Agora não, com Douglas não. Era como se consumisse em chamas, quão único precisava era a presença dele.

Allegra abriu a boca para lhe desejar também bom dia, mas o único que saiu foi um gemido. Tinha-lhe levantado a perna com uma coxa musculosa, abrindo-a para suas carícias e deslizando um longo dedo em seu interior.

Ficou rígido.

—Está molhada. —grunhiu em seu ouvido. — Está preparada.

Ela não podia falar, não podia respirar. Oh, Deus, como podia saber com tanta exatidão como tocá-la? Onde tocá-la?

Rebolou ao redor do dedo, tentando conseguir que pusesse a mão... ali. Ficou imóvel quando a mente começou aquela queda livre e selvagem de antes do orgasmo.

—Vire-se. —A voz do Douglas era baixa e gutural.

—Que... —Allegra estava aturdida, incapaz de assimilar as palavras.

Douglas agarrou dois travesseiros e os colocou debaixo do ventre dela.

—Fique de bruços. —Sem esperar que o obedecesse, ele mesmo a trocou de posição até que ficou com a barriga sobre os travesseiros, o que fez que o traseiro ficasse levantado no ar. — Segure-se ao colchão. — Colocou-lhe as mãos na beira do colchão e as cobriu com as suas bem maiores. — Segure-se forte.

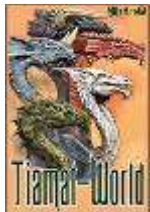
A voz de Douglas tinha um tom completamente novo, um que não tinha ouvido antes. Pela diferença com o tom gutural de agora, compreendeu que sempre lhe tinha falado com ternura, com suavidade. Agora não. Agora a voz era áspera, autoritária, como se não houvesse dúvida que ele tivesse um poder absoluto sobre ela.

Era pura dominação masculina e impossível de resistir, embora aquela voz anulasse por completo sua própria personalidade, geralmente bastante forte. Aquele absoluto domínio masculino fazia florescer algo selvagem e puramente feminino que havia nela, dois animais que obedeciam a seus instintos mais básicos.

Contrastando com aquela atitude, Allegra se deu conta como controlava Douglas as carícias, como suas mãos eram ternas em todo momento. Agora, inclusive a tocava com mais suavidade e delicadeza. Estava usando a força das mãos para lhe agarrar os quadris, colocá-la, como um garanhão que põe a ponto a sua égua.

Cada célula de seu corpo se excitou e se abriu para ele. Era como se estivesse no fundo de algum oceano profundo, longe da terra. O ar era denso e quente, e pesava.

Montou-a. Não havia outra palavra que expressasse a forma em que a cobria. As mãos fortes e ásperas lhe elevaram mais os quadris, as coxas poderosas e peludas separaram suas pernas, penetrou-a com uma investida que a geralmente media antes de penetrá-la, comprovando se estava preparada. Era um homem muito grande e ela tinha agradecido àquela prudência, consciente em todo momento que ele a tratava com delicadeza e ternura. Sempre a penetrava pouco a pouco e geralmente deixava passar um momento depois de ter entrado totalmente para lhe dar tempo a que se adaptasse. Sempre era o cavalheiro perfeito.



Agora não.

Estava claro que Douglas não pensava em seu tamanho nem em se estava preparada. Agora era um macho no cio, as investidas eram tão fortes que a levantaram e a lançaram para frente. Teve que fazer força com as mãos estendidas para manter-se na cama. Uns sons roucos e ásperos saíam da garganta de Douglas, do mais profundo de seu peito, ao mesmo tempo em que o chiar do colchão de mola, enquanto a investia sem piedade. Não lhe dava tempo sequer um pouco. A transformação de Douglas de amante terno a macho fora de controle a excitou até um nível profundo, de um modo que nunca antes havia sentido. Não tinha nem ideia do que estava acontecendo, esta excitação tão intensa ao ser... possuída. Era puro desejo animal, Douglas grunhindo em cima dela, investindo-a descontrolado uma e outra vez, com força, e o aroma de suor e sexo que os envolvia como uma névoa.

Pontadas de fogo lhe percorriam a coluna vertebral, o rosto ardia, gotinhas de suor começaram a cair do rosto ao travesseiro. Os dedos de Douglas pressionaram mais e a colocou ainda mais acima, movendo-se tão perto que notava o pelo púbico, curto e rígido, lhe arranhando o interior das coxas. Ele começou uma série de movimentos curtos, dentro e fora, empurrando com tanta força que estirou ao máximo sua vagina, enchendo-a por completo, tocando-a... ali.

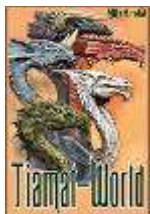
Oh, Deus!

Com um grito selvagem, Allegra estalou, todo seu corpo explodiu em uma chama de calor. Começou a estremecer pela intensidade das contrações, sentindo como se apertava ao redor do pênis de Douglas com tanta força que era um milagre que ele pudesse mover-se. As investidas se fizeram mais rápidas, mais selvagens, quase descontroladas, demonstrando com gemidos roucos e dilaceradores o muito que lhe agradava aquele orgasmo. E o seguinte. Embora parecesse impossível, assim que as contrações começaram a diminuir, Douglas fez algo, trocou o ângulo de entrada e ela chegou ao orgasmo outra vez, com pulsações intensas, quase dolorosas, na vagina.

Isso o fez enlouquecer, começou a empurrar ainda mais forte, ainda mais rápido, grunhindo como um animal enquanto gozava. Ela sentiu como se inchava em seu interior até que, com um grito muito forte, explodiu, expulsando jorros de sêmen com tanta força que notou dentro dela cada pulsação. Ele já não se movia, mas pressionava enterrado tão dentro dela como era possível. Ficaram quietos durante um momento, Douglas dentro dela até o fundo, enquanto ela perdia o contato dos sentidos, cada um deles sobrecarregado.

Com um gemido, Douglas se deixou cair para frente, esmagando-a com seu peso. Ficaram ali ofegando durante uns longos minutos.

Allegra recuperou pouco a pouco os sentidos. Douglas era tão pesado que teve que esforçar-se para expandir os pulmões o suficiente para respirar. Não podia pedir que se inclinasse a um lado porque ainda o sentia estremecer em cima dela, respirando com dificuldade. Os potentes músculos do peito rugiam ao pegar ar. Se ele sentia um pouco



parecido ao que sentia ela, devia ter os músculos derretidos. Continuava dentro dela com o pênis ainda duro, embora não era de aço como antes, com as mãos cobrindo as dela, e com a cabeça junto à sua.

Estavam cobertos do suor dos dois, colando um ao outro. Toda a área da virilha estava molhada pelo sêmen, como o lençol.

E embora parecesse uma loucura, não era desagradável. Agora compreendia que o sexo também era um prazer animal. Gostava da ternura, mas havia algo selvagem, real e primitivo no tipo de sexo que acabavam de ter.

A respiração foi tranquilizando-se e começou a ficar adormecida...

—Oh, Meu Deus, acredito que morri.

Teria dito a ele que ainda estava muito, mas que muito vivo, mas quem tinha suficiente energia?

Douglas gemeu com força e se inclinou a um lado, permitindo a ela uma profunda inspiração agora que os pulmões podiam dilatar-se. Tocou-lhe o traseiro com a mão, uma carícia que voltava a ser terna, quase tentativa.

O Douglas de antes havia retornado.

—Está bem?

Ela não conseguiu reunir bastante energia para responder.

—Allegra. —a voz profunda soava preocupada. Sacudiu-a com gentileza. — Allegra, eu a machuquei? Está bem?

Ela moveu as pontas dos dedos do pé. Funcionavam assim o mais seguro é que estivesse viva. Falar requeria muita energia, assim assentiu uma vez e murmurou.

—Mmm-hmm. —Dizer que se encontrava bem teria sido muito esforço.

—Nossa! Foi intenso. Acreditava que ia ter um enfarte.

—Mmm-pphhh. — Agora que era mais fácil respirar, respirou um par de vezes antes de começar a ficar adormecida...

—Nossa! —Douglas se sentou na cama, fazendo que as molas protestassem, despertando-a com o estalo continuado. — Sinto-me em plena forma. Uf, estou faminto. Acredito que comeremos um pouco mais desses cornetti dos Mancinos. E esse pão integral. E talvez faça panquecas.

Comida? Estava pensando em comida? Allegra acreditava que respirar era o quão máximo podia aspirar.

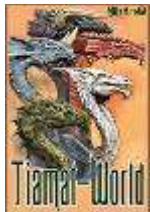
—Mmm.

Deu-lhe um tapinha no traseiro.

—Levante-se preguiçosa. Vou tomar uma ducha rápida agora e prepararei o café da manhã enquanto você toma banho. Venha, vamos tenho que ir trabalhar.

Douglas queria que se levantasse? Nem pensar. Negou com a cabeça enterrada no travesseiro, esgotando as últimas reservas de energia.

Beijou-lhe o ombro.



—Quero tomar o café da manhã com você e quero te contar o que vou fazer durante o dia e quero que me acompanhe à porta e quero me despedir com um beijo.

Bem, então estava claro. Sem mover a cabeça sobre o travesseiro, disse:

—Farei tudo isso se gritar “querida, já estou em casa” quando voltar.

—Pois trato feito.

Allegra sorriu e não se moveu.

—Vamos, querida. —A besta a levantou até sentá-la com as costas apoiada na cabeceira, obrigando-a a despertar por completo, e logo lhe agarrou a mão e a levou aos lábios. — Quero que tomemos o café da manhã juntos. Não me faça comer sozinho, de acordo?

Isso era injusto. Ela suspirou e abriu os olhos.

— Você cozinha?

— Certamente. —Ele parecia muito contente. — Estará tudo preparado quando sair da ducha.

E assim foi.

Allegra se deteve na entrada da cozinha com a mão estendida, e sorriu ao lhe tocar o braço. Os aromas eram deliciosos e de repente esteve faminta. Sexo como estimulante do apetite. Era um conceito novo.

—Tudo cheira maravilhoso.

—Pois espera para provar.

—Começou sem mim?

—Não podia esperar. —Parecia envergonhado. — Eu estava morrendo de fome. Vai ter que se esforçar para me alcançar.

Douglas a acompanhou à mesa e a ajudou a sentar-se. Ela ouviu como lhe servia o café.

—Café onze bravo vermelho.

Encontrou-o imediatamente e bebeu a pequenos goles. Maravilhoso.

Douglas lhe tocou o joelho e ela girou para ele.

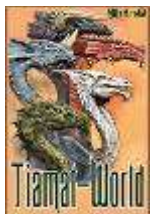
—Vou procurar voltar logo para casa. Talvez possamos ir dar outro passeio esta tarde se não fizer muito frio, o que acha?

Oh sim. O que poderia ser melhor que esperar com ânsia um passeio?

—Eu gostaria muito. Obrigada.

Ele segurou a mão dela.

—E, além disso... pensei que poderia comprar entradas para o concerto de Bach da quinta-feira, quer? Dizem que o pianista novo, como se chama? Orloff, é muito bom. E logo talvez poderíamos ir comer algo. Há um restaurante francês novo perto da sala de concertos, você gostaria de ir?



—Acredito que preferiria um italiano. E eu gostaria de ir ao concerto. Desejei ir desde que soube se realizava.

—Então um italiano. Perguntarei se há algum perto e hoje mesmo comprarei entradas para o concerto. — O ouviu aproximar-se e a beijou na bochecha. — Vê quão agradável é tomar o café da manhã juntos? Não queria perder isso.

De repente, Allegra viu muito claro por que ele tinha insistido tanto em tomar o café da manhã juntos. Estavam estabelecendo uma rotina para eles, uns hábitos que podiam forjar os dois. Estava criando uma vida para ambos. Bom, sexo do mais selvagem seguido de um maravilhoso café da manhã e planos para passear e ir a um concerto era certamente uma rotina a que poderia acostumar-se.

Inspirou profundamente. Era tão maravilhoso. Antes de Douglas, as manhãs tinham sido tristes e difíceis. Geralmente dormia mal e despertava cansada, sentindo-se embotada e sozinha. Quando por fim preparava o café da manhã, o café da manhã caía mal no estômago e não a estimulava. Sabia que tinha todo o dia por diante, na escuridão e no silêncio, até que chegasse à hora de deitar-se, com apenas outra noite agitada em perspectiva.

Nada a ver com o de agora, com a perspectiva de ir passear com Douglas pela tarde, de dormir com ele, de despertar com ele. Sabia que hoje acabaria de compor a canção “Um novo amor” e que teria algumas sessões de práticas muito boas. Esperava com ansiedade o dia de hoje.

Estendeu a mão e sorriu quando ele a pôs no braço.

—Obrigada. —disse ela com suavidade.

—Por quê? —Ele parecia de verdade desconcertado.

—Por... pelo café da manhã. Por querer me levar a passear e a um concerto. Por estar aqui. — Inclinou-se para frente esperando acertar e chegar ao rosto dele, e lhe plantou um beijo suave na mandíbula, justo em cima da cicatriz. — Por ser você.

Ele pigarreou.

—É um prazer para mim, querida, acredite. — Levou sua mão aos lábios e suspirou. — Tenho que ir já se quero chegar... Oh!

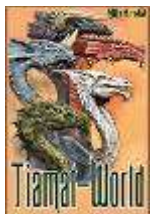
—O que?

—Quase me esqueço. — A soltou e voltou em seguida.

Passou-lhe algo pela cabeça, levantando seu cabelo para que ficasse ao redor do pescoço. Ela o tocou. Uma gargantilha com um pingente longo, cilíndrico, que parecia diferente da maior parte das gargantilhas.

—O que é?

—Comprei-o ontem. É um emissor de sinais. Olhe. —Douglas lhe levou a mão ao extremo do pendente. Era côncavo e quente ao tato. — Está conectado a um dispositivo receptor. Se apertar aqui, — a fez pressionar com o dedo e lhe colocou a outra mão em algo que parecia um celular ou um controle remoto. — este vibra. Ou emite um assobio, segundo o ajuste. É o que recebe o sinal. Está conectado a uma unidade de GPS para saber sempre de onde provém o sinal.



Parecia entusiasmado, e Allegra aprendeu uma coisa mais de Douglas. Gostava dos aparelhos. Era como um... um homem.

Allegra tocou o aparelho, perguntando-se a que se parecia.

—É... bonito. Obrigada.

Douglas riu entre dentes.

—Bom, não é um colar de ouro ou uma peça de joalheria. Comprarei algo assim para você em outro momento. Isto é diferente. Tem que me chamar se necessitar ajuda. Dê-me a mão, ensinarei-lhe isso. Aperta aqui... — agarrou-lhe a mão, colocando a ponta do seu dedo na ponta do pingente. Apertou-lhe com força o dedo até que ela sentiu um estalo, e deu um salto quando um assobio agudo encheu o ar. — Soa assim quando estou no carro. Se estiver no trabalho ou em uma reunião, faz isto. —o dispositivo que parecia um controle remoto zumbiu e vibrou. — Se necessitar algo, qualquer coisa, se ouvir algo que a assuste, se me necessitar de algum modo, quero que aperte este pingente e me chame. Allegra acariciou a gargantilha com os dedos, emocionada de que ele tivesse pensado nisto.

—Querida. —ela girou para Douglas. — Entende-me? Quero que use isto se me necessitar de qualquer forma. Promete-me isso?

Os olhos dela se encheram de lágrimas e teve que morder o lábio.

—Fale comigo. —a sacudiu pelos ombros com suavidade. — Não irei até que me prometa que apertará esse botão se precisar de mim. Virei tão rápido como puder. Prometa-me isso.

—Prometo. —disse isso ela, engolindo saliva.

—Boa garota. —a beijou rapidamente, um beijinho quente na bochecha. — Tenho que ir correndo. E o que acha que tem que fazer?

Allegra sorriu.

—Acompanhá-lo até a porta e te dizer que tenha um bom dia e que volte logo para casa.

—Essa é minha garota. E o que fará se precisar de mim?

—Apertar o botão.

—Muito bem.

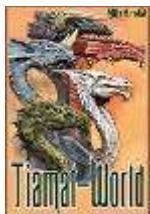
Já estavam ao lado da porta. Ela ouviu o sussurro da roupa quando Douglas vestiu o casaco. Instintivamente estendeu a mão que ele agarrou entre as suas, levando os dedos aos lábios.

Allegra lamentou deixá-lo partir. Mas ele estaria de volta pela tarde. Sabia como sabia que o sol saía pelo leste a cada manhã.

—Que tenha um bom dia. —disse ela com suavidade.

—Isso espero. — disse Douglas com entusiasmo. — Virei para casa assim que puder e iremos dar esse passeio se o tempo permitir, certo?

Allegra sorriu.



—Certo.

Outro beijo e ele foi, assobiando de forma bastante desafinada.

Allegra fechou a porta, sorrindo.

Douglas deixou atrás dele sua presença. A casa não parecia tão vazia ou tão fria como as outras manhãs. Talvez tivesse algo que ver com fato que ela soubesse que voltaria pela tarde. E à tarde seguinte. E a seguinte.

Haveria longos passeios, e jantares, e concertos, e... bom, e sexo fantástico.

Oh, sim.

Cantarolando, foi para onde estava Dagda.

Que maravilhoso era um novo amor, pensou. Essa emoção secreta, essa luminosa espera. Isso era o que faltava à canção nova! Aquela emoção e luminosidade. “Um novo amor” era muito lento. Faria que o ritmo fosse mais rápido, adicionaria alguns compassos ao estribilho, talvez os compassos do final pudessem simular os batimentos de um coração...

O que tinha sido isso?

Parecia como se a porta da cozinha tivesse se fechado sozinha. Mas ela não a tinha aberto. Douglas tinha deixado a porta aberta? Isso não era próprio dele. Voltou-se para a cozinha e ficou gelada ao ouvir a voz de um homem.

—Uma puta como você merece ser castigada. Encarregarei-me disso.

Era a voz de Corey Sanderson. Mas Corey estava detido. Tinha que compreender o que era que acontecia.

—Não é real, Corey. —murmurou Allegra enquanto dava uma volta completa com o coração pulsando com força. — Não está aqui. Não é nada. É um invento de minha imaginação.

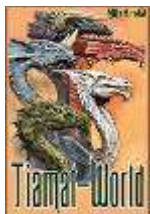
Ofegou e logo gritou quando uma mão a agarrou pelo cabelo e puxou com tanta força que lhe saltaram as lágrimas.

—Tem razão, bonita, Corey não está aqui, —grunhiu uma voz masculina que nunca tinha ouvido. — mas eu sim. E vou matá-la.

Kowalski estava planejando o dia mentalmente enquanto conduzia para o escritório. Se pulasse o almoço e acabava o trabalho administrativo por volta das duas, poderia dedicar duas horas ao contrato de McBain e chegar em casa por volta das quatro e meia. Com bastante tempo para...

O coração de Kowalski quase parou ante o som agudo que saía do bolso do casaco. Não era do celular. Era um assobio estridente que vinha do emissor de Allegra, e isso só podia significar uma coisa: Allegra tinha problemas.

Kowalski tinha comprado o sistema em uma loja de fornecimentos médicos e estava dirigido a inválidos e pessoas idosas. Estava desenhado de tal maneira que não podia disparar por equívoco. Se soava é que Allegra pedia ajuda. E se não telefonava, mas pressionava o emissor, significava que era uma emergência.



Havia muitos casos de emergência para uma cega. Alguns horríveis. Podia estar queimando-se, sangrando, morrendo...

Kowalski perdeu o controle, por completo.

Era um homem duro treinado para enfrentar situações difíceis. Nunca se deixava dominar pelo pânico e sempre estudava as situações atentamente. Mas agora perdeu o controle. Todo treinamento, toda experiência foi totalmente esquecida quando forçou uma viagem ilegal na metade de uma estrada com carros e transgrediu todos os limites de velocidade ao sair voando para a casa de Allegra.

Mal via para conduzir. Imagens de Allegra envolta em chamas, de Allegra atirando-se em cima água fervendo, da Allegra caindo sobre a mesinha de vidro, com um pedaço de vidro enfiado em uma artéria, sangrando... aquelas imagens e outras ainda mais espantosas lhe enchiam a cabeça, cegavam-no de pânico, até que ao final ia curvado sobre o volante, como se assim conseguisse fazer com que o carro fosse mais rápido. Ultrapassava os cem quilômetros por hora, deixando atrás dele uma esteira de veículos furiosos e apitadas de buzina.

E nem sequer se deu conta.

Não fez caso de nada, nem dos semáforos, nem da camada de gelo das ruas. Usou cada grama da experiência de condutor que possuía para manter o veículo estabilizado, jogando com os freios e o acelerador, indo à máxima velocidade.

E quando freou diante da casa de Allegra, Kowalski, cego pelo terror e o pânico, esqueceu vinte anos de treinamento. Tinha brocado nas cabeças de seus homens uma e outra vez que teria que explorar o terreno antes de fazer qualquer movimento, mas ele esqueceu.

Correndo pela estreita calçada, subiu os degraus do alpendre de um salto e fez uma entrada vertiginosa, freando em seco. Teria chutado o traseiro do mais novato dos recrutas que tivesse feito tamanha estupidez, mas Kowalski não pensava, agia por puro terror.

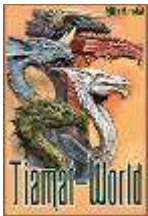
Allegra queimando-se, Allegra sangrando, Allegra morrendo era impossível sobrepor-se àquelas imagens quando atravessou a porta sem incomodar-se em usar as chaves e encontrou Allegra agarrada com brutalidade por um homem alto e ruivo com uma arma que apontava diretamente à cabeça dela. Um brilho repentino de claridade o limpou por completo e compreendeu que acabava de sacrificar sua vida e a da Allegra ao deixar-se levar pelo pânico.

Mil pensamentos lhe passaram pela mente naqueles segundos eternos que tinha um homem antes de morrer.

Pensou...

Merda! Allegra tinha razão, alguém a espreitava, embora não Corey Sanderson, mas sim este tipo.

O tipo que vi no Laurence Square. Se tivesse acreditado nela...



O sacana tem uma 38. Não pode falhar em uma distância tão curta. Vai me tirar do caminho e depois matará Allegra. Ela não pode defender-se.

Grande maneira estúpida de morrer.

Não manteve a salvo Allegra.

Observou como o homem elevava o canhão chato do revólver, dirigindo-o a ele, e teve tempo para recriminar uma última vez por ter-se deixado levar pelo pânico e ter esquecido sua própria arma, uma Beretta que teria ganhado do revólver. Merda, se tivesse a arma, poderia derrubar sem problemas a esse tipo, oh sim, uma só rajada de três disparos. Mas não, a Beretta estava no SUV, muito cômoda e muito inútil dentro do coldre, atirada no assento traseiro do veículo.

Sentia tanto.

O homem deixou Allegra ir. Estava elevando o revólver agarrando-o com as duas mãos, e imitando a um pistoleiro profissional, encurvou-se apertando o gatilho. Quão único podia fazer Kowalski era fintar à direita na última fração de segundo para que a bala o acertasse acima do peito em vez de no coração.

Estava tão cheio de adrenalina que não ouviu o disparo, mas o sentiu, um impacto tão forte que o atirou contra a parede. Foi caindo, as pernas já não eram capazes de sustentá-lo, e o ombro era uma massa ardente de dor. A bala não tinha penetrado o pulmão, o que eram boas notícias. As más notícias era que estava perdendo sangue com muita rapidez e lhe turvava a visão.

O homem deu um passo adiante com a arma ainda apontando seu peito. Procurava um lugar para executá-lo. Kowalski sabia que ele dispararia na cabeça. Os tiros na cabeça durante a batalha eram difíceis, assim sempre se apontava no torso. Mas Kowalski era um alvo fácil a tão curta distância, e se o tipo era preparado e sabia o que fazia, dispararia o tiro mortal apontando à ponte do seu nariz e lhe destruindo o córtex cerebral.

Kowalski lutou inutilmente para endireitar-se. Embora tivesse as pernas intumescidas pela perda de sangue apoiou as costas na parede preparando-se...

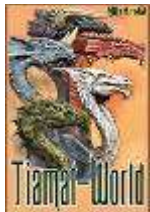
Jesus, o que estava fazendo Allegra?

Kowalski olhou ao tipo diretamente nos olhos, mantendo os olhos fixos nele, rezando para que o sacana não deixasse de olhá-lo. Não se atrevia a afastar o olhar nem um centímetro.

Allegra procurou Tateando até que sua mão encontrou o abajur de ferro que estava ao lado do sofá. Em silêncio o desligou e o levantou, esperando que o homem fizesse ruído. Ia tentar derrubar o homem com a base de um abajur! Kowalski gemeu ante sua coragem. Se falhasse, o tipo simplesmente giraria, daria-lhe uma bofetada e logo se voltaria para Kowalski.

Kowalski se deu conta que tinham uma oportunidade de deixar fora de combate ao intruso. Talvez ele não sobrevivesse à ferida, mas Allegra sim. Ela tinha que viver.

Faria o que pudesse para ajudá-la. Olhou furioso ao homem, sustentando seu olhar, e vendo Allegra com a visão periférica. Ela levantou o abajur, deslizando para frente.



Houve um silêncio absoluto quando o homem levantou a pistola. Era impossível que Allegra pudesse ouvir onde estava, ia bater com o abajur e falhar. Levou os braços para trás... Kowalski afastou o olhar do canhão do revólver quando o dedo do homem começava a apertar o gatilho...

—Charlie, verde, três! —gritou.

Allegra girou, oscilou e golpeou, acertando o homem em cheio na cabeça. Ele caiu como uma pedra, jorrando sangue.

—Douglas! —Allegra ficou engatinhando e foi para ele, chorando e tremendo. — Douglas, Oh, meu Deus. Oh querido meu, diga-me que está vivo. —Com as mãos estendidas o buscou, chorando ainda mais quando com a mão direita tocou o sangue.

Kowalski acariciou seu rosto, manchando-o de sangue, memorizando aqueles traços tão lindos. Ia caindo na escuridão pouco a pouco. Queria que seu rosto fosse à última coisa que visse nesta vida.

—Allegra. —disse com voz áspera, logo tossiu. — Deus, a-amo você.

—Sim, querido meu. — respondeu ela sussurrando, com o sotaque da Irlanda em sua voz. — Eu também o amo. Assim não se atreva a morrer, Douglas Kowalski, ou juro que o atormentarei na tumba! Se morrer, eu o mato! Ouve-me? Vai viver, está sabendo? Vive para mim!

Ele sorriu e tossiu. Como podia lhe negar algo?

—Sim, senhora. Farei todo o possível.

Epílogo

Seis meses mais tarde

Clínica Oftalmológica de Boston

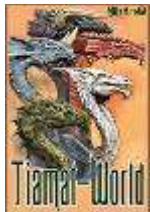
Estava tão quieta, com o rosto tão branco como os lençóis do hospital, a cabeça raspada envolta em ataduras, e uma máscara de oxigênio na boca e no nariz.

Respirando. Viva.

Allegra estava viva e isso era o único que importava para Kowalski. Tinha sobrevivido à operação. Agora ele desejava com todas suas forças, pelo bem dela, que tivesse sido um êxito. Allegra desejava tanto voltar a ver.

Não lhe entrava na cabeça que Kowalski não se importava que fosse cega, que não se importava em cuidar dela. Como ia importar a ele? Amava-a. Cuidar dela, assegurar-se que tinha tudo o que necessitava, era um privilégio.

Com ternura passou um dedo pela pele suave da bochecha, observando como se moviam as pálpebras. Logo despertaria da anestesia.



O anel de casamento, grosso e amplo, absorveu e refletiu a desagradável luz de néon do hospital. Tirou do bolso o anel de casamento de Allegra e o pôs no dedo anelar da mão esquerda.

Ela não havia dito nenhuma palavra quando cortaram aquele cabelo glorioso e raspavam a cabeça, mas se negou a tirar o anel. Todo seu temperamento irlandês tinha saído à luz quando Allegra e os médicos teimaram cada um no seu. Não se permitia nada de joias na sala de cirurgia. E Allegra tinha jurado solenemente que nunca tiraria anel.

Kowalski teve que jogar mão de todas suas habilidades diplomáticas para evitar o desastre. Tinha prometido a Allegra que quando despertasse, teria o anel na mão.

As pálpebras de Allegra se moveram outra vez e suspirou com suavidade dentro da máscara.

Kowalski no final tinha cedido aceitando a operação, e não é que tivesse tido alguma outra opção. Allegra tinha se empenhado. Ela queria ter filhos, e se negava a ser uma mãe cega, incapaz de ver o rosto de seu bebê. Kowalski não tinha admitido ante ninguém, mas isso era o que o tinha convencido. Um filho. Um filho dele e de Allegra. Uma vez que teve a imagem na cabeça de uma pequenina, uma diminuta cópia ruiva de Allegra, foi impossível apagá-la. Assim, a contra gosto, tinha aceitado a atravessar o país de costa a costa até a clínica que tinha sido a precursora da operação que a liberaria do coágulo de sangue e lhe devolveria a visão. Havia custado bastante convencê-lo, mas até agora a operação tinha tido êxito em cem por cento dos casos e além disso tinha investigado a fundo a equipe cirúrgica. Sabiam o que faziam.

Allegra gemeu e abriu os olhos um momento, e logo voltou a fechá-los.

Kowalski se inclinou para ela, estremecendo ante a repentina pontada de dor. O ombro ainda não tinha curado de tudo. Ignorou a dor e observou o rosto amado de Allegra.

Quase a tinha perdido fazia seis meses e cada segundo com ela era um pequeno milagre.

Tinha sido bastante fácil juntar todas as peças da história. O nome do homem ruivo era Alvin Mitchell, um aspirante a estrela do rock que tinha caído sob o feitiço de Corey Sanderson. Sanderson lhe tinha prometido riqueza e fama se deixasse Allegra louca e logo a matasse fazendo com que parecesse um suicídio.

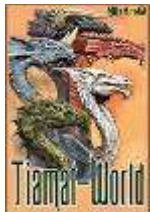
Kowalski tinha ido falar com Mitchell na prisão e havia dito a ele que se alguma vez voltasse a aproximar-se menos de cem quilômetros de Allegra, lamentaria. As advertências também eram efetivas. Corey Sanderson não tinha vivido o tempo suficiente para outro julgamento de conspiração por assassinato. Tinha sido transferido a um cárcere, e dois dias mais tarde, um criminoso o matou de uma punhalada com uma faca feita de uma colher afiada.

Kowalski sorriu com frieza. Tinham sido os cinquenta mil dólares melhor gastos de sua vida. Ninguém, nunca, voltaria a ameaçar Allegra.

Ela se revolveu outra vez, agitada, movendo as pernas, saindo da anestesia.

Kowalski se inclinou para ela, segurando a mão que não estava conectada ao tubo intravenoso.

Os próximos minutos eram cruciais. Se a operação não tinha tido êxito, se ela não podia ver, ficaria aflita. Acontecesse o que acontecesse, Kowalski estaria ali para reconfortá-la.



Se tinha sido um êxito, Allegra o veria.

O que veria?

Ele tinha se observado bem no espelho ao barbear-se pela manhã e tinha soltado um gemido. Era ainda mais feio que antes. A ferida e a preocupação por Allegra tinham aprofundado ainda mais as linhas do rosto. Nada tinha mudado exceto para pior. Ainda parecia um valentão, um valentão muito feio com traços disformes.

—Doug... —sussurrou Allegra com voz rouca, amortecida pela máscara de oxigênio. Lambeu os lábios secos, respirando com dificuldade.

—Estou aqui, querida. —disse ele, aproximando-se ainda mais dela.

—Douglas. — A palavra saiu com mais clareza.

—Sim.

A respiração de Allegra normalizou. Ele estava se perguntando quanto tempo demoraria em recuperar totalmente a consciência, quando ela, de repente, abriu muito os olhos.

Tinha uns olhos tão lindos. Luminosos, com os cílios muito longos. Uns lindos olhos de um verde irlandês.

Olhos que enfocavam.

Allegra podia ver.

Oh, Deus.

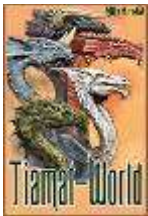
Kowalski não teve tempo de aterrorizar-se. Allegra estendeu a mão e lhe rodeou o rosto com amor. Os dedos femininos acariciaram sua pele deteriorada, percorreram a cicatriz, delinearam os lábios, tocaram o nariz quebrado. Os olhos examinaram cada centímetro do rosto dele com expressão séria.

De repente, Allegra sorriu.

—Oh, Douglas. —murmurou. — Sabia. Sabia que seria assim. É tão bonito.

Fim





Tiamat World

**Lisa Marie Rice
Midnight 3**

Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>